

**Casa de Oswaldo Cruz — FIOCRUZ**  
**Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde**

**ALINE DE SÁ COTRIM**

**IMIGRAÇÃO E ASSIMILAÇÃO NOS ESTUDOS SOCIOLOGICOS  
DE HIROSHI SAITO (1947-1964)**

**Rio de Janeiro**  
**2016**

**ALINE DE SÁ COTRIM**

**IMIGRAÇÃO E ASSIMILAÇÃO NOS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS  
DE HIROSHI SAITO (1947-1964)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Chor Maio

Rio de Janeiro

2016

**ALINE DE SÁ COTRIM**

**IMIGRAÇÃO E ASSIMILAÇÃO NOS ESTUDOS SOCIOLÓGICOS DE  
HIROSHI SAITO (1947-1964)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em  
História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz- Fiocruz  
como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.Dr. Marcos Chor Maio (PPGHCS/COC/Fiocruz) — Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (PPGSA/UFRJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Kaori Kodama (PPGHCS/COC/Fiocruz)

Suplentes

---

Prof. Dr. Antônio da Silveira Brasil Júnior (PPGSA/UFRJ)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Alejandra Judith Josiowicz (PPGHCS/COC/Fiocruz)

Rio de Janeiro

2016

C845i Cotrim, Aline de Sá.  
Imigração e assimilação nos estudos sociológicos de Hiroshi Saito (1947-1964) / Aline de Sá Cotrim. — Rio de Janeiro: s.n., 2016.

189 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2016.  
Bibliografia: 160-175 f.

1. Ciências Sociais - História. 2. Emigrantes e Imigrantes.  
3. Unesco. 4. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. 5. Saito, Hiroshi (1919-1983).

CDD 301

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, o professor Marcos Chor Maio, que me propôs uma nova pesquisa no primeiro ano de mestrado e me ajudou a explorar territórios das Ciências Sociais até então desconhecidos por mim. A sua orientação paciente, com leituras atentas, tornou esse trabalho possível.

Às professoras Kaori Kodama e Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, que participaram da minha banca de qualificação com observações essenciais. Seu auxílio durante a pesquisa me permitiu vislumbrar novos rumos, além da importância que o meu trabalho poderia ter.

À professora Célia Sakurai, que me recebeu em sua casa com muita simpatia e atenção para conversarmos sobre a pesquisa. Sua ajuda com textos e ideias foi imprescindível.

Aos professores Carmen de Alvarenga Junqueira e João Baptista Borges Pereira pelas entrevistas colhidas, documentos que me ajudaram a conhecer melhor Hiroshi Saito e a ELSP.

Agradeço também à Andréa Moraes Alves por me apresentar com o livro *As ciências sociais em revista*, e a Gustavo Takeshi Taniguti, que me indicou o acervo do *Jornal Paulista* no Museu da Imigração Japonesa, em São Paulo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação que compartilharam experiências e conhecimentos, especialmente Gilberto Hochman, Dilene Nascimento, Lolerai Kury e Tamara Rangel, com quem tive contato nas aulas do curso.

Aos professores João Marcelo Maia, Helena Bomeny, Helena Giolito e Luciana Heymann, docentes da graduação no CPDOC, que me ajudaram antes e durante o período de mestrado.

Aos funcionários da Casa de Oswaldo Cruz, em particular àqueles do Programa de Pós-Graduação — Paulo, Maria Cláudia, Deivison (Cris) e Sandro —, pelo apoio e pela ajuda em todos os momentos em que precisei. Da mesma forma, agradeço aos funcionários do Departamento de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde (DEPES) e da Biblioteca de História das Ciências e da Saúde, particularmente ao Manoel Barata, que conseguiu todos os livros e artigos requeridos.

Aos funcionários do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, do Museu da Imigração Japonesa, do Centro de Documentação e Memória (FESPSP) e do Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz, que me ajudaram a ter acesso a documentos sem os quais essa pesquisa estaria incompleta.

Agradeço aos meus companheiros de mestrado: Daniel, Cecília, Anderson, Luiz, Josie, Mariana, Leandro, Larissa, Otto, Rodrigo, Renilson, Giselle, Pedro, Lisandra, Fernanda e Rachel. Com alegria e descontração, vocês tornaram os momentos de escrita mais leves.

Aos meus amigos Danielle Rocha e Willian Schumaedeke, que compreenderam as ausências e os cancelamentos em cima da hora. Aos amigos de graduação e Rio de Janeiro, em especial a Victor Piaia e aos membros do Etics, pela companhia nas bibliotecas, risadas e encontros. À Gabriela Mayall e à Laura Naves: a amizade de vocês tornou os meus dias menos solitários; obrigada pelo apoio e pela atenção dos últimos anos.

À toda minha família, que aproveitou ao máximo os raros momentos juntos, com festas e muita comida. À minha avó, inspiração dentro de sala de aula e também nos bordados, obrigada pelas lições de vida. À família Clark, que, mesmo passados dez anos, ainda se fazem presentes, me atentando com carinho para as diferenças culturais do mundo.

A Felipe Macedo: sem você esse mestrado não teria nem mesmo seu início. Você esteve do meu lado em todos os momentos, discutindo textos, lidando com crises de mau humor e falta de confiança, dividindo expectativas e sonhos. Obrigada pelo amor, carinho e paciência; espero conseguir te apoiar da mesma forma sempre que precisar. Agradeço ainda à Jacyara e à família Macedo, que me acolheram no Rio de Janeiro.

Aos meus pais Vilma e Cotrim, pelo eterno apoio — sem vocês nada teria sido possível. Com tantas ausências e visitas breves, vocês sempre estiveram presentes e entenderam que os momentos perdidos eram necessários para os meus objetivos. Não há palavras que descrevam a minha gratidão. À minha irmã Camila, que enfrentou muitos dos momentos de estresse deste processo e da moradia compartilhada. Obrigada pela paciência, séries, bordados, roupas e conversas, além da inspiração de seguir seu coração e buscar os seus sonhos (mesmo que eles estejam literalmente do outro lado do mundo) e de salvar golfinhos.

À Celina, pelo amor incondicional: mesmo sem entender tantas chegadas e partidas (muitas vezes rápidas demais), sempre me recebeu com o mesmo amor e entusiasmo, tornando meus dias em Petrópolis sempre especiais e recheados de biscoitos.

Finalmente, meus sinceros agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS/COC/FIOCRUZ) pela concessão de Bolsa de Estudos ao longo de dois anos em que cursei o mestrado.



## RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar parte da produção sociológica de Hiroshi Saito (1919-1983), publicada entre 1947 e 1964, período em que o estudioso manteve vínculo com a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP) e se ocupou da imigração japonesa no Brasil. A instituição, à época, contava com professores estrangeiros que faziam pesquisas empíricas com métodos e conceitos importados durante o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, como Donald Pierson, orientador de Saito, e Emilio Willems. Este último realizou pesquisas sobre imigrantes, inclusive japoneses, utilizando, entre outros, o conceito de assimilação, que traduz o processo de inserção do imigrante na sociedade local. A partir do contato com Willems, Saito passa a encarar a assimilação como princípio basilar dos seus principais estudos, entendendo que o resultado deste processo seria a adoção de características tanto da cultura de origem como da brasileira. Parte dos seus estudos foi financiada pela UNESCO, ao longo da década de 1950, quando se objetivava identificar possíveis situações de conflito étnico-raciais no processo de assimilação, a fim de evitar que eles tomassem proporções como os da Segunda Guerra Mundial. Neste momento, os imigrantes japoneses no Brasil se destacam por conta dos conflitos internos na comunidade, que ainda tinham repercussão mesmo após a derrota do Japão na guerra. São estes enfrentamentos, inclusive, foco das pesquisas de cientistas sociais importantes, tais como o também japonês Seiichi Izumi, de quem Saito foi assistente de pesquisa. A análise da produção intelectual de Saito, que compreende livros e artigos, bem como a consideração de suas correspondências pessoais, entre outras fontes, mostra que a influência dos professores da ELSP, das pesquisas da UNESCO e de Izumi condiciona a sua produção sociológica. Através dela acompanhamos tanto o crescimento acadêmico de Saito como as mudanças relacionadas aos imigrantes japoneses no país, havendo uma preocupação constante em mostrar os processos de interação com a sociedade local, os conflitos e os benefícios da sua presença para o desenvolvimento do Brasil.

Palavras-chave: Hiroshi Saito; História das Ciências Sociais; Escola Livre de Sociologia e Política; UNESCO.

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to analyze the sociological production of Hiroshi Saito (1919-1983) on Japanese immigration in Brazil published between 1947 and 1964, a period in which he sustained a connection with the Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP). The institution, at the time, had foreign teachers who did empirical research with methods and concepts imported during the process of institutionalization of social sciences in Brazil, such as Donald Pierson, Saito's advisor, and Emilio Willems. The latter carried out research on immigrants, including Japanese, applying, among others, the concept of assimilation, which translates the process of insertion of the immigrant into local society. From the contact with Willems, Saito begins to see assimilation as the basic principle of his main studies, understanding that the final result of this process would be the adoption of characteristics of both the culture of origin and the Brazilian culture. Some of his studies were sponsored by UNESCO in the 1950s, which aimed to identify possible situations of ethnic-racial conflict in the process of assimilation in order to prevent them from taking on such proportions as the World War II. At that moment, the Japanese immigrants in Brazil stand out because of the internal conflicts in the community that still reverberated even after the defeat of Japan. These conflicts are the focus of researches by important social scientists, such as the Japanese Seiichi Izumi, of whom Saito was a research assistant. The analysis of Saito's intellectual production, which includes books and articles, as well as the consideration of his personal correspondences, among other sources, shows that the influence of the teachers of the ELSP, the UNESCO and Izumi research conditioned his sociological production. Through it we follow both Saito's academic growth and the changes related to Japanese immigrants in the country, with a constant concern of exposing the processes of interaction with the local society, the conflicts and the benefits of its presence for the development of Brazil

Keywords: Hiroshi Saito; History of Social Sciences; Escola Livre de Sociologia e Política; UNESCO.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Motivos identificados para os casos de suicídio entre os imigrantes japoneses no Brasil.....	58
Tabela 2 - Preferência de cozinha.....	126
Tabela 3 - Localização de japoneses ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil nos anos de 1930-35 e 1940 .....	131
Tabela 4 - Distribuição de população de origem japonesa, segundo as unidades federadas (1923-1958) .....	133

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
<b>Capítulo 1 - Anos de formação na Escola Livre de Sociologia e Política e as primeiras pesquisas sobre imigração</b> .....	24
1.1. Hiroshi Saito e o interesse pelas pesquisas sobre japoneses.....	25
1.2. A experiência da ELSP: professores estrangeiros e pesquisa empírica.....	27
1.2.1. A relação entre Donald Pierson e Hiroshi Saito .....	33
1.2.2. Emilio Willems e a influência nas pesquisas sobre imigrantes .....	37
1.3. Pesquisas sobre imigrantes japoneses na ELSP.....	41
1.3.1. Japoneses em São Paulo: disputas geracionais e linguísticas.....	44
1.3.2. Entre “derrotistas” e “vitoristas”: o caso da Shindô-Renmei .....	48
1.3.3. O suicídio como consequência da não assimilação .....	55
1.4. A formação de Saito enquanto cientista social .....	60
<b>Capítulo 2 - Entre o local e o internacional: uma agenda de pesquisa</b> .....	62
2.1. As pesquisas da UNESCO na década de 1950 .....	64
2.2. Seiichi Izumi e suas pesquisas no Brasil .....	67
2.2.1. A pesquisa de Saito e Izumi: o imigrante marginal.....	71
2.2.2. Destaque de Saito nas pesquisas sobre japoneses na década de 1950.....	75
2.3. I Painel Nipo-Brasileiro: cientistas sociais japoneses e brasileiros na ELSP .....	79
2.4. A experiência de intercâmbio de Saito no país natal .....	87
2.4.1. O destaque do Brasil na universidade japonesa e a segunda viagem .....	90
2.5. Os estudos japoneses na década de 1950.....	95
<b>Capítulo 3 - Assimilação, conflito e engajamento na sociologia de Hiroshi Saito</b> .....	97
3.1. O japonês em Cotia: mudança social e integração.....	98
3.1.1. O sistema cooperativista no Japão e a imigração para o Brasil.....	101
3.1.2. Cooperativa Agrícola de Cotia: organização, transplantação e assimilação ....	112

3.2.	O Japonês no Brasil: incorporação e mobilidade.....	120
3.2.1.	A inserção do imigrante.....	123
3.2.2.	A ascensão do japonês na sociedade brasileira .....	128
3.2.3.	De imigrante a trabalhador .....	137
3.3.	Poloneses em Contenda: Igreja, civilização e assimilação .....	140
3.4.	Três estudos: diferenças e semelhanças .....	151
	<b>Considerações finais</b> .....	153
	<b>Referências bibliográficas</b> .....	160
	Arquivos.....	160
	Entrevistas.....	161
	Trabalhos de Hiroshi Saito .....	161
	Bibliografia .....	163
	<b>Anexo 1 – Principais marcos da História da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b> .....	176
	<b>Anexo 2 – Foto de Hiroshi Saito</b> .....	189

## Introdução

O objetivo desta dissertação é analisar a produção sociológica de Hiroshi Saito (1919-1983)<sup>1</sup> sobre imigração no Brasil. Ele fez parte do quadro de alunos e professores da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), onde teve contato com intelectuais como Donald Pierson (1900-1995), Emilio Willems (1905-1997) e Seiichi Izumi (1915-1970). Durante a experiência, aprendeu a fazer pesquisas de campo, os principais conceitos para lidar com os estudos sobre imigrantes e o seu processo de assimilação, além de participar de eventos e viagens acadêmicas. Saito dedicou boa parte de sua vida acadêmica ao estudo dos imigrantes japoneses e os seus processos de inserção na sociedade brasileira, considerando as mudanças que foram necessárias tanto para os imigrantes como para os locais onde se estabeleceram.

O tema desta dissertação são os estudos de relações étnico-raciais, e, mais especificamente, os estudos de assimilação relacionados à imigração. Nessa esteira, a pesquisa também se associa à história das Ciências Sociais, à institucionalização da sociologia e dos estudos étnicos e aos estudos sobre pensamento social no Brasil. Isso porque, ao analisarmos a produção de Saito, não deixamos de considerar o seu contexto acadêmico, o qual revela um período em que as pesquisas das Ciências Sociais no país estavam ganhando espaço e legitimidade ao fazerem uso cada vez mais de métodos e teorias. De acordo com Oliveira (1995b, p. 238), pesquisadores como “Emilio Willems, Donald Pierson, Roger Bastide, [...] entre outros, fazem parte desta galeria de especialistas estrangeiros que ajudaram a Sociologia a alcançar no Brasil o estatuto de uma disciplina científica”. É nesse sentido que instituições como a ELSP, a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade do Distrito Federal (UDF) são criadas em meados da década de 1930, abrindo espaço para que campos de pesquisas específicos ganhassem relevância. A institucionalização dos estudos sobre os japoneses, por exemplo, se deu principalmente na década de 1950, com a realização de pesquisas empíricas com observações, entrevistas, conceitos baseados em teorias, entre outras características, chegando a conclusões com comprovações científicas.

A presente dissertação tem como recorte temporal o período entre 1947 e 1964<sup>2</sup>, quando Saito produziu seus principais estudos sociológicos<sup>3</sup>. É justamente no contexto do

---

<sup>1</sup> Saito nasceu em dois de janeiro de 1919, em Uriuno, no extremo sul do Japão, e faleceu em 31 de outubro de 1983, em São Paulo (CASTRO, 1994).

<sup>2</sup> Durante o período foram publicados, de autoria de Saito, os seguintes trabalhos: *O Cooperativismo na Região de Cotia: estudo de transplantação cultural* (1956), *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação* (1961),

pós-Segunda Guerra Mundial que, após sofrerem com a repressão e com o preconceito durante o conflito, os imigrantes japoneses buscam o seu espaço no interior da sociedade brasileira. Além disso, eles ainda lidam com tensões internas na comunidade, dividida entre aqueles que aceitam a derrota do país na guerra e os que, ao contrário, recusam-se a aceitá-la, proclamando a sua vitória e mesmo praticando assassinatos ou punições contra seus opositores.<sup>4</sup> Estas tensões chamam a atenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura (UNESCO), que estava preocupada em evitar novos conflitos étnico-raciais ao redor do mundo e, para tanto, financia pesquisas sobre o tema. A década de 1960 é o momento da chamada era do desenvolvimento no país, em que se busca entender, por exemplo, como se dá a inserção dos imigrantes na economia nacional, já que muitos deles começam a ascender socialmente; é também neste momento em que processos como a urbanização e a industrialização são o foco de muitos dos estudos das Ciências Sociais.

Saito nasceu no Japão e imigra para o Brasil com a sua família em 1933<sup>5</sup> (CASTRO, 1994). A imigração japonesa no país tinha começado em 1908; até a interrupção deste fluxo migratório em 1941, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, desembarcaram aproximadamente 190 mil japoneses (SAITO, 1961; COMISSÃO 1992). No ano em que Saito chega ao país, foi registrada a maior quantidade de imigrantes japoneses: 24.484, de

---

*Contenda — assimilação de poloneses no Paraná* (1963) e *O Cooperativismo e a Comunidade — caso da Cooperativa Agrícola de Cotia* (1964) (sendo este último a 2ª edição da obra originalmente publicada em 1956). O período em questão foi qualificado por Manoel Berlinck (1983) como “fase mais produtiva de Saito”, que corresponde à época em que era aluno e depois professor da ELSP.

<sup>3</sup> Destacamos ainda dois livros de Saito, mas que fogem ao nosso recorte temporal: *Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil* (1973), organizado junto com Takashi Mayeama e que contempla artigos de cientistas sociais como Arlinda Rocha Nogueira, Tomoo Handa, Zempati Andô, Teiiti Suzuki, Ruth Corrêa L. Cardoso, Seiichi Izumi e Egon Schaden. Os textos se dedicam a temas que circundam a imigração japonesa no Brasil (como a sua história, o seu desenvolvimento econômico, sua religião e adaptação, etc.), além de artigos que comparam a aculturação de alemães e japoneses no Brasil e a presença do segundo grupo no Peru. A outra obra organizada por Saito denomina-se *A presença japonesa no Brasil* (1980), que teve origem num simpósio organizado pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, realizado em outubro de 1978 para comemorar o 70º aniversário da imigração japonesa no país. O livro traz as palestras proferidas no evento, que tinham como objetivo avaliar o desempenho dos imigrantes japoneses e seus descendentes no processo de adaptação cultural e a sua participação na sociedade brasileira.

<sup>4</sup> Esta questão será mais bem explorada quando tratarmos, no primeiro capítulo, da associação Shindô-Renmei, que defendia que o Japão havia sido vitorioso da Segunda Guerra Mundial e é tema do artigo de Emilio Willems e Hiroshi Saito (1947).

<sup>5</sup> No Japão, Saito fez o curso primário e parte do ensino médio. Planejava entrar para a carreira militar quando sua família decidiu mudar-se para o Brasil em busca de melhores oportunidades de vida. O avô de Saito possuía terras e o seu pai era funcionário público. No entanto, a família sofreu com os efeitos da crise econômica de 1929, perdendo boa parte das propriedades. Finalmente, chegam ao porto de Santos (SP), no dia 11 de janeiro de 1933, a bordo do navio *Afrika Maru*, a mãe, o pai, Saito, duas irmãs e um irmão. No Brasil, se estabeleceram na Fazenda Fonseca, no município de Serra Azul (SP), próximo a Ribeirão Preto (CASTRO, 1994, pp. 50).

acordo com os dados do Departamento de Imigração, do Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria do Brasil (COMISÃO, 1992, p. 138). Em 1947, torna-se aluno ouvinte na ELSP, a partir do contato que tem com Emílio Willems em uma das pesquisas do sociólogo alemão. Segundo Saito, naquele momento ele já manifestara interesse pelos estudos sobre a imigração japonesa no Brasil e estava à frente de uma “campanha visando neutralizar os maléficos efeitos” da sociedade secreta Shindô-Renmei<sup>6</sup>, tema do seu primeiro artigo acadêmico em 1947. Entre 1954 e 1956, completa o mestrado em Ciências Sociais sob a orientação de Donald Pierson, na própria ELSP, seguido do doutorado em Economia no final da década de 1950, na Universidade de Kobe, no Japão. Saito inicia sua carreira docente de forma oficial na ELSP em 1960, atividade mantida até 1970, quando se torna professor da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) (CASTRO, 1994)<sup>7</sup>.

Cabe neste momento analisar brevemente o que a bibliografia fala de Saito e de sua produção. Um trabalho importante para traçarmos um perfil da trajetória pessoal e intelectual de Saito é a dissertação de mestrado de Marco Luiz de Castro, *Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória de vida de Hiroshi Saito*, defendida em 1994. Castro sustenta a ideia de uma “dupla identidade” do intelectual, sendo ele, ao mesmo tempo, japonês e brasileiro. Constantemente guardava a sensação de que não pertencia nem ao Brasil nem ao Japão, o que seria uma dúvida comum para os imigrantes e seus descendentes, especialmente aqueles que mudaram muito jovens para o país adotivo. O estudo de Castro é uma boa fonte para entendermos a trajetória de vida de Saito. Há ainda informações relevantes sobre a entrada da Saito na ELSP, o primeiro trabalho com Emilio Willems, o contato com Pierson, embora o trabalho não se ocupe da análise dos estudos produzidos por Saito, tal como pretendemos fazer.

Outros dois trabalhos constantemente utilizados nesta dissertação são os de Gustavo Taniguti, que escreveu um artigo com Mateus de Jesus sobre Saito e o seu papel na institucionalização dos estudos sobre imigrantes japoneses no Brasil, e que também produziu uma tese de doutorado defendida na USP, em 2015, sobre a Cooperativa Agrícola de Cotia,

---

<sup>6</sup> Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. Fundo Donald Pierson/Arquivo Edgard Leuenroth/Unicamp.

<sup>7</sup> Saito ministrou no curso de pós-graduação da ELSP as disciplinas “Estudos de aculturação no Brasil” e “Sociedade e cultura dos povos asiáticos”, e na graduação “Desorganização social”, “Comportamento coletivo” e “Ecologia Humana” (FESPSP, 1962). Saito já ministrava desde 1968, na ECA, as disciplinas “Comunicação rural”, “Comunicação e transferência de tecnologia”, “Fundamentos sociológicos da comunicação” e “Comunicação de inovações”. Fonte: *Curriculum Vitae* de Saito encontrado no arquivo pessoal do sociólogo no Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB).

tema de um dos livros do sociólogo. O artigo busca mostrar como a trajetória de vida de Saito definiu o tema principal de seus estudos: a imigração japonesa no Brasil. Os autores apontam o estudioso como o primeiro imigrante japonês a ter uma publicação em uma revista especializada em Ciências Sociais (em artigo escrito em conjunto com Willems, em 1947, na revista *Sociologia*), numa época em que o grupo era muito pouco representado na academia. O artigo marca o início da pesquisa no meio universitário sobre o processo de assimilação dos imigrantes japoneses, iniciada por Willems, nos primeiros anos da Segunda Guerra Mundial (TANIGUTI & JESUS, 2012), como mostraremos no capítulo inaugural da dissertação.

Tais pesquisas se opunham a discursos preconceituosos sobre os japoneses no Brasil, visto que eles chegaram a ser acusados de “inassimiláveis” (WILLEMS, 1946). Além disso, a entrada destes imigrantes gerou debates intensos no país, principalmente entre aqueles preocupados com a “qualidade racial” da população brasileira e com a segurança nacional. Estes dois pontos merecem atenção para compreender o estatuto de recepção de determinados grupos de imigrantes no Brasil. Por um lado, muitos intelectuais, como Miguel Couto (1942), temiam que a vinda dos imigrantes japoneses fizesse parte de algum plano de governo daquele país para controlar o território brasileiro e, conseqüentemente, expandir os seus domínios. Por outro, a preocupação racial se dava por conta da miscigenação, um dos grandes temores de parte de uma elite que flertava com as teorias eugênicas e que sonhava com uma população brasileira que se enquadrasse nelas, mesmo que os métodos para se atingir tal objetivo estivessem longe do consenso (SAKURAI, 2000; LESSER, 2001; NUCCI, 2005). Nesse contexto, pesquisas como a de Willems, e posteriormente as de Saito, militavam em defesa da presença dos japoneses, buscando mostrar que eles eram assimiláveis e que ajudavam no desenvolvimento do país.

O outro trabalho de Taniguti é sua tese de doutorado, intitulada *Cotia: imigração, política e cultura* (2015), que tem por objetivo principal examinar o universo das motivações dos agentes que ocuparam os principais cargos da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC). Para isso, ele considera que a compreensão das decisões tomadas deve levar em conta os contextos histórico-sociais e assumir que elas são mediadas por fatores de ordem cultural e política, que, por sua vez, dependem do grau de regulação estatal exercido sobre as atividades econômicas. Ao analisar o trabalho de Saito sobre a CAC, Taniguti destaca alguns pontos, como a junção da trajetória pessoal de Saito enquanto imigrante e da interpretação da instituição mais difundida na sociedade japonesa no Brasil. A publicação de um trabalho acadêmico sobre uma cooperativa agrícola de imigrantes japoneses pode nos revelar três aspectos relativos à

construção do campo de estudos sobre o tema: (i) “a institucionalização de um tema de pesquisas sobre japoneses no Brasil nas ciências sociais brasileiras”<sup>8</sup>; (ii) “a existência de uma narrativa sobre a imigração japonesa no Brasil em que a CAC foi protagonista central”; e (iii) “uma orientação de pesquisa que argumentou em favor da relevância de fatores culturais para a compreensão da realidade social dos imigrantes japoneses” (TANIGUTI, 2015, p.42). Este último ponto está diretamente relacionado ao tipo de orientação que Saito recebeu na ELSP, principalmente de Pierson, cuja metodologia preponderante vinha da Escola de Chicago, com uma leitura culturalista dos fatos.

O trabalho de Taniguti se diferencia dos demais ao procurar entender, em primeiro lugar, as influências sobre a produção intelectual de Saito para então analisá-la. Com efeito, as teorias adotadas constituem o padrão das Ciências Sociais que eram ensinadas na ELSP ao longo das décadas de 1940 e 1950, além, é claro, dos estudos étnico-raciais promovidos pela UNESCO na década de 1950. Ou seja, partimos do pressuposto que as pesquisas de Saito acontecem, por um lado, pela sua presença na ELSP, uma instituição que guardava em seu quadro docente pesquisadores estrangeiros e se inspirada na sociologia da Escola de Chicago; por outro lado, elas também devem a sua existência pelo contexto das pesquisas financiadas pela UNESCO, que acabou tendo um papel importante na institucionalização dos estudos étnicos no Brasil — no caso, dos estudos japoneses. A partir dessa dupla influência sobre Saito, propomos que haveria uma singularidade de seus estudos, especialmente quando comparamos os três livros citados e encontramos como foco central a preocupação com o processo de assimilação dos imigrantes e as questões rurais presentes neles.

O processo de assimilação, conforme percebido nos trabalhos de Saito, segue o modelo concebido pelos professores de Chicago, dividido em quatro etapas: competição, conflito, acomodação e assimilação. A *competição* é a “luta pela existência” (PIERSON, 1964) e passa despercebida na maior parte do tempo. Em momentos de crise, quando os indivíduos estão conscientes da busca pelo controle das condições de sua vida, há o *conflito* (PARK & BURGESS, 2014). A mudança da *competição* para o *conflito* pode ser descrita como um *processo político*, que pode levar a momentos de mudança, como guerras ou eleições, em que são tomadas decisões e, se aceitas, é encerrado o conflito chegando-se à *acomodação*. Esta etapa “é o processo através do qual os indivíduos e grupos fazem os ajustes

---

<sup>8</sup> É importante destacar que os estudos sobre japoneses não começam com o trabalho de Saito sobre Cotia, mas são, por assim dizer, reforçados pelo intelectual, uma vez que o processo de institucionalização do tema ocorre desde a década de 1940, como mostramos ao longo deste trabalho.

internos necessários para as situações sociais que foram criadas pela competição e conflito” (PARK & BURGESS, 2014, p. 131), estabelecendo um novo *modus vivendi* (PIERSON, 1964). A *assimilação*, último nível do processo, implica em mudanças mais profundas na sociedade, levando à transformação gradual das personalidades sob o contato mais íntimo e concreto (PIERSON, 1964; PARK & BURGESS, 2014).

O processo de assimilação, conforme percebido nos trabalhos de Saito, segue o modelo concebido pelos sociólogos de Chicago em quatro etapas: competição, conflito, acomodação e assimilação. A *competição* é a “luta pela existência” e passa despercebida na maior parte do tempo. Em momentos de crise, quando os indivíduos estão conscientes da busca pelo controle das condições de sua vida, há o *conflito* (PARK & BURGESS, 2014). A mudança da *competição* para o *conflito* pode ser descrita como um processo político, que pode levar a momentos de mudança, como guerras ou eleições, em que são tomadas decisões e, se aceitas, é encerrado o conflito chegando-se à *acomodação*. Esta etapa “é o processo através do qual os indivíduos e grupos fazem os ajustes internos necessários para as situações sociais que foram criadas pela competição e conflito” (PARK & BURGESS, 2014, p. 131), estabelecendo um novo *modus vivendi* (PIERSON, 1964). A *assimilação*, último nível do processo, implica em mudanças mais profundas na sociedade, levando à transformação gradual das personalidades sob o contato mais íntimo e concreto (PIERSON, 1964; PARK & BURGESS, 2014).

A partir da década de 1960, esta interpretação do conceito de assimilação passou a ser criticado por conta do entendimento de que ela teria um viés culturalista, isto é, ele só consideraria fatores culturais quando analisando a incorporação ou não do imigrante à sociedade local. Além disso, criticava-se por eles não considerarem os grupos sociais com os quais o imigrante tinha contato e as condições que a sociedade local tinha de recebê-lo (TRUZZI, 2012, p. 526), como estruturas para moradias e pessoas locais que falassem a língua de origem. O trabalho de Saito de 1956 sobre a Cooperativa Agrícola de Cotia, considera estas condições, mas não tanto o papel que os moradores locais tem sobre o processo de adaptação dos imigrantes japoneses. A partir da década de 1970, estas críticas passam a incluir também a discussão sobre o uso do conceito de assimilação apresentada por Park. Estudos como o de Saito e Willems entendiam que o processo de assimilação era inescapável e que se houvesse algum aspecto da cultura de origem presente no imigrante, significava que o processo não estava completo. Ou seja, não se considerava que a cultura de origem poderia ser modificada ao longo da história e negociada para que certos aspectos

permanecessem. Por conta destas críticas, estudos que lidavam com imigrantes e as suas relações com a sociedade local a partir da década de 1970, principalmente, passam a utilizar conceitos como “identidade étnica” ou “etnicidade”, no lugar de “assimilação” (TRUZZI, 2012).

Saito (1961) entende que, ao final do processo de assimilação, o indivíduo teria adquirido características das culturas com as quais teve contato, gerando assim uma nova cultura. Desse modo, o estudioso defende que, apesar de o imigrante japonês não abandonar todas as características de sua cultura e de adquirir algumas da brasileira<sup>9</sup>, ele permanece em processo de assimilação. O resultado final não seria o imigrante se tornar brasileiro, mas sim mudar suas tradições e adquirir novos hábitos na medida necessária para a sua inserção na sociedade local. Isto é, o imigrante japonês poderia aprender a língua portuguesa sem deixar de ter contato com a japonesa, e isto ainda configuraria os hábitos necessários para a sua assimilação, o que não importa o cancelamento de sua identidade étnica.

O desenvolvimento desta dissertação se deu a partir da apresentação dos trabalhos de Hiroshi Saito pelas mãos de meu orientador, o professor Marcos Chor Maio<sup>10</sup>, ao perceber meu interesse sobre a temática da imigração japonesa. Ao entrarmos em contato com os seus livros, artigos e, sobretudo com as suas correspondências trocadas com o sociólogo norte-americano Donald Pierson<sup>11</sup>, percebemos a importância que a ELSP teve sobre a sua formação, especialmente no que toca as metodologias e os conceitos presentes em suas pesquisas. Assim, buscamos os anuários da Instituição, guardados no acervo do Centro de Documentação e Memória (CEDOC) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP), além de outras fontes históricas, para entender a singularidade das Ciências Sociais ensinadas ali. No Centro de Estudos Nipo-Brasileiros (CENB), em São Paulo, por exemplo, encontramos parte do acervo pessoal e intelectual de Saito, com livros, cartas e palestras proferidas por ele.

As correspondências trocadas entre Saito e o seu orientador Donald Pierson compõem o Fundo Donald Pierson, que faz parte do arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp/SP. Ao

---

<sup>9</sup> De acordo com Truzzi (2012), alguns trabalhos criticam a interpretação de assimilação de autores como Willems, pois entendem que ele estaria sugerindo que os imigrantes (e/ou os grupos minoritários) escondessem ou abandonassem suas culturas de origem a fim de sua inserção nas sociedades hegemônicas.

<sup>10</sup> Esta dissertação é um dos desdobramentos do projeto “Quais Estudos de Comunidade? Ciências Sociais, mudança social e saúde no Brasil (1940-1960)”, sob a coordenação de Marcos Chor Maio.

<sup>11</sup> O Professor Marcos Chor Maio já tinha acesso ao material e o cedeu para que esta pesquisa pudesse ser realizada.

todo são 139 cartas, enviadas entre 1953 e 1983, não só entre Saito e Pierson, mas também entre Saito, Anísio Teixeira (1900-1971)<sup>12</sup> e Cyro Berlinck<sup>13</sup>. As correspondências se referem a questões profissionais de Saito e Pierson, com alguns breves comentários sobre as respectivas famílias, isto é, no geral, eles tratam de trabalho, das pesquisas que realizam e das suas vidas acadêmicas. Através desses documentos, observamos algumas das experiências de trabalho de campo de Saito e dúvidas pontuais relacionadas às suas pesquisas, tais como uma consulta a Pierson em relação à inclusão ou não de um subtítulo em seu trabalho “O Cooperativismo na Região de Cotia — Estudo de uma Comunidade Imigrantes Japoneses”<sup>14</sup>. Além disso, acompanhamos o tempo em que ele passou no Japão e percebermos a sua constante defesa da importância dos estudos japoneses no Brasil a fim de que se conhecesse melhor este grupo.

O material coletado no CENB<sup>15</sup> foi útil para conhecermos melhor o personagem central deste trabalho e a sua produção. Boa parte de sua documentação pessoal e acadêmica se encontra no CENB<sup>16</sup>, como o currículo de Saito, transcrições de palestras, algumas correspondências, projetos de pesquisas, rascunhos, textos, livros, entre outros materiais.<sup>17</sup> No Museu da Imigração Japonesa (MIJ), em São Paulo, do qual Saito teria participado ativamente da criação (BERLINCK, 1983), localizamos em seu acervo exemplares do *Jornal Paulista*, para o qual Saito escreveu recorrentemente colunas e textos em meados da década de 1940. No acervo de Oracy Nogueira, sob os cuidados da Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ),

---

<sup>12</sup> Anísio Teixeira (1900-1970) foi um jurista e educador brasileiro, Secretário-Geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (atual CAPES), durante a década de 1950.

<sup>13</sup> Cyro Berlinck foi diretor da ELSP na década de 1950. Não foi possível precisar a data de nascimento e morte de Berlinck.

<sup>14</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 30 de dezembro de 1954. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>15</sup> Saito foi um dos fundadores do CENB e, quando faleceu, estava ocupando uma das cadeiras de liderança da Instituição

<sup>16</sup> O CENB, criado em 1965, teria se originado da Sociedade de Estudos Nipo-Brasileiros de São Paulo, que, por sua vez, foi criada pelos membros do grupo “Doyokai” (grupo de sábado), que reunia intelectuais de origem japonesa para discutir o lugar dos imigrantes nipônicos na sociedade brasileira. De acordo com relatos, toda reunião tinha uma palestra de algum membro (sorteado), que falava do tema que lhe interessasse e depois ocorriam debates. Os membros do “Doyokai” foram: “Kenkiti Simomoto (ex-presidente da Cooperativa Agrícola de Cotia), Senichi Hachiya (presidente da Câmara de Comércio Brasil-Japão, e teria financiado os estudos de Saito na ELSP), Hiroshi Saito (estudante de sociologia na época), Tomoo Handa (pintor), Takashi Maeyama (antropólogo), Geni Wakisaka (linguista), Katsunori Wakisaka (filósofo), Zempati Ando (sociólogo), entre outros”. (SAITO, 1973, pp. 9; CASTRO, 1994, pp. 118-119; TANIGUTI, & JESUS, 2012; TANIGUTI, 2015).

<sup>17</sup> Além disso, por meio do CENB, Saito realizou pesquisas, debates e publicou livros e artigos, conseguindo ainda apoio para criar, em 1976, a Associação de Intercâmbio Brasil-Japão (AIJB), por meio da qual idealizava construir uma ponte entre os dois países. O intercâmbio valeria tanto para jovens japoneses no Brasil quanto o oposto, e estes trabalhariam durante o dia e estudariam à noite a fim de ter um maior contato com a cultura local (CASTRO, 1994).

encontramos o convite e a programação do I Paine! Nipo-Brasileiro, realizado em 1956 na ELSP, sob a organizaç!o de Saito, e do qual Nogueira tamb!m participou.

No acervo do CEDOC (FESPSP) encontramos alguns trabalhos acad!micos de Saito, fotografias e pedidos de viagem. Contudo, o material de maior destaque na instituiç!o s!o os anu!rios das aulas da ELSP das d!cadas de 1940 e 1960. Neles encontramos os programas de algumas disciplinas, tais como as ministradas por Donald Pierson, Emilio Willems e Herbert Baldus (1899-1970). Por meio destes anu!rios entendemos melhor o projeto pedag!gico-institucional da ELSP na sua primeira d!cada e meia de exist!ncia<sup>18</sup>, um pouco do que era ensinado ali, al!m de ficar evidente o foco nas pesquisas emp!ricas dentro de sala de aula. Foi ainda encontrado um anu!rio de 1962, quando Saito era professor e diretor da Escola P!s-Graduada em Ci!ncias Sociais e ministrava ainda algumas disciplinas.

Outra fonte valiosa para identificarmos a produç!o e o conhecimento que circulavam na ELSP s!o as publicaç!es na revista *Sociologia*, que esteve em circulaç!o entre 1939 e 1966 e acompanhou a institucionalizaç!o dos cursos de sociologia no Brasil, principalmente os cursos superiores de Ci!ncias Sociais da ELSP e da USP. Nos seus nove primeiros anos de exist!ncia (1939-1948), Pierson, Baldus e Willems lideraram a publicaç!o como os intelectuais mais presentes na revista. Num segundo momento, este posto ! assumido por Hiroshi Saito, Oracy Nogueira (1917-1996) e Ant!nio Rubbo Muller (1911-1987). Apesar de n!o publicarem tanto quanto os tr!s primeiros, eles se destacam em relaç!o !s demais publicaç!es da revista. Limongi (2015) aponta que Rubbo Muller teria assumido os trabalhos de etnologia e Saito, os trabalhos de aculturaç!o e assimilaç!o. A publicaç!o traz resenhas e artigos essenciais para a nossa pesquisa, como o caso do trabalho sobre o movimento Shind!-Renmei, publicado por Willems e Saito em 1947, o estudo sobre o suic!dio entre os imigrantes japoneses, pesquisado por Saito e publicado em 1953, e a resenha de Pierson sobre o livro *O Japon!s no Brasil*, de Saito, publicada no in!cio dos anos de 1960.

Para esta pesquisa de dissertaç!o, al!m da an!lise das fontes citadas, foram realizadas entrevistas com os professores Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira e Jo!o Baptista Borges Pereira. Ambos s!o citados por Saito no agradecimento do livro *Contenda*, por terem tornado poss!vel a sua publicaç!o. Junqueira ! professora do Departamento de Antropologia da PUC-SP e pesquisou quest!es relacionadas !s populaç!es ind!genas no Brasil ao longo de sua carreira. Pereira ! professor do Departamento de Antropologia da USP e tem trabalhos sobre

---

<sup>18</sup> Os anu!rios aos quais tivemos acesso s!o os de 1940, 1942, 1946, 1948, 1949 e 1962.

imigrantes no Brasil. O docente teve contato com Saito enquanto trabalhava na ELSP no início da década de 1960, auxiliando-o na publicação do livro *O Japonês no Brasil*, em 1961. As entrevistas abordaram as relações dos docentes com Hiroshi Saito, a experiência de ser aluno da ELSP e as suas próprias experiências acadêmicas no Brasil. O intuito dessa etapa foi traçar um perfil mais seguro do intelectual que é objeto do presente trabalho, bem como delinear a atmosfera de formação intelectual que ocupou o ensino das Ciências Sociais na ELSP das décadas de 1950 e 1960.

A presente pesquisa está estruturada em três capítulos. No primeiro, introduziremos um pouco da trajetória acadêmica de Saito e o seu posicionamento quanto à importância das pesquisas com foco nos imigrantes japoneses no Brasil. Procuraremos entender o contexto de formação das Ciências Sociais na ELSP, como dito, influência presente em seus trabalhos. Terão destaque os dois professores mais importantes para Saito neste momento: Donald Pierson e Emilio Willems. Por fim, destacamos três estudos sobre o tema dos imigrantes japoneses realizados na ELSP no final da década de 1940 e início de 1950: o primeiro (1948) e o segundo escritos por Willems, sendo o último em coautoria com Saito (1947), e o terceiro escrito apenas por Saito, o seu primeiro artigo publicado individual na revista *Sociologia* (1953). Desse modo, objetivamos identificar as influências das Ciências Sociais da ELSP sobre os estudos iniciais realizados pelo intelectual japonês e, posteriormente, sobre outros trabalhos.

No segundo capítulo, exploramos o contexto da década de 1950, quando os estudos japoneses ganham destaque tanto na academia brasileira, em especial pelas pesquisas de Saito, como no exterior, com as preocupações do pós-guerra. Por essa razão, analisamos o momento em que as pesquisas financiadas pela UNESCO sobre questões raciais e étnicas no Brasil enriquecem o conhecimento sobre as populações nacional e estrangeira. Além disso, a preocupação de organizações como a UNESCO em identificar e solucionar possíveis situações de conflito estava em concordância com as de Saito, que participa de boa parte destas pesquisas como assistente de Seiichi Izumi, com quem inclusive publica textos e livros. Ainda nessa esteira, por conta da presença de pesquisadores japoneses na ELSP, Saito organiza o evento I Painel Nipo-Brasileiro, em 1956. Esse contato com Izumi nos leva a tratar, ainda no mesmo capítulo, da experiência de Saito no Japão, no final da década de 1950: desde as suas pesquisas e aulas ministradas no país natal a um texto publicado a partir da experiência de contato com a academia japonesa.

No terceiro e último capítulo desta dissertação faremos a análise das três obras de maior destaque publicadas por Saito em português, enquanto estava ainda na ELSP. Como já citadas, são elas: *O cooperativismo na região de Cotia: Estudo de transplantação cultural* (1956), *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação* (1961) e *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná* (1963). O primeiro traz a análise da implantação do sistema cooperativista na colônia japonesa de Cotia (SP). No segundo, Saito discute o caminho feito pelo imigrante japonês no processo de mobilidade social. Finalmente, no terceiro, ele apresenta os dados de uma comunidade de imigrantes poloneses em Contenda (PR). Nos três livros Saito analisa o processo de assimilação (ou não) de imigrantes na sociedade brasileira, mostrando que este processo era bem-sucedido, ou seja, contradizendo os discursos que apontavam que os japoneses não deveriam estar no Brasil. Concluiremos assim que, a partir da formação universitária, de pesquisas e da sua própria experiência pessoal, Saito buscou constantemente mostrar as vantagens da presença de imigrantes no território nacional, bem como a sua capacidade de integração à sociedade brasileira. Dessa forma, ele utiliza os seus textos para militar pelo direito de os japoneses permanecerem no Brasil, visto que eles estavam em pleno processo de assimilação e também ajudavam a desenvolver a sociedade e a economia brasileira.

## **Capítulo 1 - Anos de formação na Escola Livre de Sociologia e Política e as primeiras pesquisas sobre imigração**

O objetivo deste capítulo é analisar a influência da sociologia desenvolvida na ELSP em meados da década de 1940 e início de 1950 sobre os trabalhos de Hiroshi Saito. Quando ele passa a assistir as aulas da instituição, as discussões sobre os processos de interação social entre seres humanos era constante, inclusive no que se tratava da relação com os imigrantes. Por isso, apreender este contexto é fundamental para compreendermos as bases sociológicas das pesquisas de Saito, principalmente o destaque que ele tem durante a década de 1950 em relação aos estudos japoneses no país. É, em parte, por conta de sua formação acadêmica que ele ganha espaço entre cientistas sociais brasileiros e japoneses quando se tratava da temática da imigração.

Na ELSP, Saito tem contato com professores marcantes para as Ciências Sociais brasileiras, como Donald Pierson e Emilio Willems, e com a sociologia que era feita ali, baseada principalmente em pesquisas empíricas, com conceito e métodos específicos. Assim, ele aprende sobre o processo de assimilação, mobilidade social, aculturação, e como tais conceitos estavam relacionados à urbanização e à industrialização, por exemplo. Além disso, Willems publicava textos se colocando em oposição ao discurso racista contra os japoneses e discutindo o papel que as Ciências Sociais deveriam ter no processo de imigração no país, dando fôlego para a militância de Saito em relação aos temas de sua predileção.

Este primeiro capítulo se propõe à análise do posicionamento de Saito no que diz respeito aos estudos que tratavam dos imigrantes japoneses e da função das Ciências Sociais na sociedade. Introduziremos também a história da ELSP, os motivos de sua criação, o que se pensava ser o papel do cientista social e da sociologia que se fazia na instituição quando Saito começa a frequentá-la. Nesse ambiente, ele tem contato com dois dos professores que mais o influenciaram durante o período: Donald Pierson e Emilio Willems. Por isso apresentaremos os seus principais trabalhos e as suas relações acadêmicas com Saito. Por fim, trataremos de alguns trabalhos produzidos na instituição que tiveram como foco os imigrantes japoneses, procurando mostrar como Saito começa a assumir um papel militante de destaque neste tipo de produção, que, até então, era feita principalmente por Willems.

### 1.1. Hiroshi Saito e o interesse pelas pesquisas sobre japoneses

No obituário de Hiroshi Saito, publicado na Revista *Antropologia*, em 1984, Oracy Nogueira escreve que a “formação especializada em Ciências Sociais transformou Saito de participante-observador em observador-participante do ambiente nipo-brasileiro, que se tornou seu principal campo de investigação” (NOGUEIRA, 1984, p. 448). Isto é, o imigrante japonês e sociólogo brasileiro encontrou nas Ciências Sociais e nas pesquisas de campo explicações para problemas que ele (e também seus familiares e amigos) enfrentava desde que tinha imigrado para o Brasil. A tensão cultural e o processo de assimilação o moveram, pessoal e academicamente, desde a sua entrada na ELSP até meados de 1983, ano que vem a falecer, e influenciaram seus trabalhos sobre os imigrantes japoneses no Brasil.

O interesse de pesquisa de Saito pelos imigrantes japoneses no Brasil tinha um lado pessoal e está presente desde o seu ingresso na ELSP, tendo prosseguimento quando da sua pesquisa do mestrado, em 1953. A esta altura, ele busca apoio para produzir seus trabalhos. Em pedido de financiamento de pesquisa enviado a Cyro Berlinck<sup>19</sup>, então diretor da ELSP, ele relata as pesquisas que teria realizado com Emilio Willems, de quem foi informante, e com Seiichi Izumi, de quem foi assistente, e afirma que não haveria mais estudos sobre os imigrantes japoneses sendo realizados no Brasil. Segundo Saito, uma das principais barreiras seria a questão linguística, pois não seria fácil encontrar intelectuais bilíngues, mas a pesquisa de Izumi teria aberto novos horizontes para o estudo do imigrante japonês no Brasil. Ele reforça a questão fazendo suas as palavras de Tavares de Almeida<sup>20</sup> e Arthur Ramos<sup>21</sup>:

“A colonização japonesa no Brasil é ainda um assunto inédito” — e “nada se apurou das condições culturais e econômicas dos que aqui chegaram. Nem sequer os costumes, depois de fixados entre nós, foram estudados. Os debates que se travaram sobre o caso japonês, na discussão do dispositivo constitucional de 1934, que limitou a entrada de imigrantes, não saíram do campo político”. (ALMEIDA, Tavares de] *Oeste Paulista*, [Rio de Janeiro: Alba, 1943] p.156).

“O estudo do Japonês no Brasil oferece muitos outros ângulos (além dos já estudados) principalmente no vasto capítulo da sua assimilação social e

---

<sup>19</sup> Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>20</sup> Tavares de Almeida (1894-1974) foi delegado de polícia e escritor. Viajou o interior do estado de São Paulo para analisar as ocupações do seu território e, em tom ufanista, coloca o estado como superior aos demais (CAMPOS, 2010, pp. 159). É autor do livro *Oeste Paulista — uma experiência etnográfica e cultural* (1943).

<sup>21</sup> Artur Ramos (1903-1949) foi médico e pela psiquiatria entra em contato com a antropologia e a questão racial. Foi professor da Faculdade Nacional de Filosofia (FNF) no Rio de Janeiro e diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO (MAIO, 2015). É autor de *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise* (1934) e *Introdução à Antropologia Brasileira* (1943/1947).

política”. ([RAMOS, Arthur] *Introdução à Antropologia Brasileira*, [Rio de Janeiro: CEB, 1947] 2<sup>o</sup> vol., p. 330).<sup>22</sup>

Ambos os autores citados por Saito apontam o pouco conhecimento que havia sobre a presença dos imigrantes japoneses no território nacional. Tavares de Almeida, ao viajar pelo interior do estado de São Paulo, certamente encontrou inúmeros imigrantes sobre os quais nada se sabia além do suposto perigo que representavam e da lei de cotas que evitou a entrada de mais japoneses no país. Arthur Ramos (1947, pp. 330-331), ao falar do processo migratório que trouxe este grupo para o Brasil aponta que o pouco que se sabia, em geral, versava sobre alguns aspectos culturais relacionados à religião e sobre aspectos físicos das pessoas de origem japonesa. Ele ainda critica que o preconceito em relação a estes imigrantes está relacionado a uma questão racial, por serem considerados “amarelos”, e de aversão política, pelo fato de o Japão estar do lado contrário do Brasil na Segunda Guerra Mundial (RAMOS, 1947, p. 331). Saito utiliza os trabalhos desses autores para buscar legitimar a importância dos estudos por ele propostos, até então ausentes no Brasil.

A partir daí, Saito pede ajuda e apoio moral e material da ELSP para prosseguir com as pesquisas iniciadas por Willems e Izumi, solicitando a criação de um programa de pesquisa voltado para a aculturação de japoneses e seus descendentes no Brasil. Ele propõe três tipos de pesquisas: estudos de comunidades japonesas, estudos de caso e estudos ecológicos dos imigrantes. O primeiro projeto estaria voltado para as pesquisas feitas com famílias de imigrantes japoneses estabelecidas no Pará, onde elas produziam pimenta do reino, abastecendo a quase totalidade do consumo no país. Era um estudo intensivo realizado a partir de *surveys*, de longa duração (Saito sugere pesquisas consecutivas com intervalos de três a cinco anos), que elucidaria aspectos sociológicos de comunidades isoladas. Os estudos ecológicos dos imigrantes, por sua vez, tratavam de pesquisas que continuariam o trabalho que ele tinha iniciado com Izumi junto a lavradores japoneses em contato com vizinhos brasileiros. O estudo de caso, por fim, se basearia principalmente em entrevistas de histórias de vida, pois, segundo Saito:

Os velhos imigrantes, aqueles que vieram nos primórdios da imigração japonesa ao Brasil, vão envelhecendo ou desaparecendo rapidamente, sendo cada ano mais diminuto o número dos “sobreviventes”. Pois urge coligir e organizar uma série de life-history desses elementos preciosos enquanto é possível. Uma vez organizada essa série de life-history mediante a adoção de uma metodologia apropriada, poderia ser feita sua análise em função da comparação com life-histories de seus filhos e netos. Um tipo de estudo que ainda não foi tentado com outros imigrantes, e que talvez poderia

---

<sup>22</sup> Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

proporcionar a nós muitos ensinamentos acerca do complicado mecanismo de aculturação.<sup>23</sup>

As pesquisas propostas a Berlinck mostram tanto o entendimento de Saito em relação ao funcionamento do meio universitário e às formas de se conseguir recursos para pesquisas como um entendimento do modo como deveria ser realizada uma pesquisa sociológica. Ele aprendeu a lidar com estas questões quando ainda frequentava a ELSP, circulando entre professores, pesquisadores e alunos e discutindo temas e pesquisas pertinentes às Ciências Sociais no Brasil. No relatório de atividades de 1954, enviado a Anísio Teixeira, Saito resume as suas funções como assistente de pesquisa de Pierson:

Devo declarar que todos esses estudos se referem ao problema da assimilação dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, sendo um dos campos menos conhecidos até agora, do ponto de vista sociológico. Estou cada vez mais convencido de que uma série de estudos nesse setor traria uma valiosa contribuição não só para o maior conhecimento dos problemas de assimilação no Brasil, mas também para a maior compreensão de outros grupos humanos.<sup>24</sup>

Saito se mostra em plena concordância com os objetivos da ELSP de contribuir com a sociedade e com o meio social brasileiro. A constante busca do sociólogo por apoio financeiro para as suas pesquisas reflete tanto uma agenda pessoal como intelectual ao longo da década de 1950 — pessoal por se tratar de estudos sobre o seu próprio cotidiano e história, pois ele mesmo era um imigrante japonês; intelectual por insistir na importância do maior conhecimento não só sobre o grupo de imigrantes japoneses, mas de outros grupos, para assim contribuir com o desenvolvimento humano e social do brasileiro e daqueles que viviam no território nacional.

## **1.2. A experiência da ELSP: professores estrangeiros e pesquisa empírica**

O objetivo de desenvolver uma sociologia que auxiliasse a sociedade estava presente desde a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP)<sup>25</sup>, em 1933. Para isso, ela contou com o apoio de diversos intelectuais e empresários em um contexto que se buscava a realização de pesquisas que resultassem em sugestões para superar os problemas

---

<sup>23</sup> Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>24</sup> Carta de Hiroshi Saito a Anísio Teixeira. 10 de setembro de 1954. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>25</sup> A Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP) passa a se chamar Escola de Sociologia e Política a partir do ano de 1958. Atualmente é mantida pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) (ALMEIDA, 2015, pp. 99). Na presente dissertação, faremos uso do primeiro nome da instituição, visto que era a denominação utilizada durante o período estudado da atuação de Saito.

sociais, para se alcançar a modernização do aparato estatal e para encontrar alternativas econômica, social e política. De acordo com Ângelo Del Vecchio (2009, p. 13), a fundação da ELSP se destaca por “constituir-se no primeiro centro de formação sistemática de sociólogos no país” e, “sobretudo, por conceber e desenvolver essa formação através da forte associação desse mesmo ensino à pesquisa aplicada”.

Logo nos primeiros anos, foi contratado o professor norte-americano Horace B. Davis, especializado em problemas trabalhistas, para compor o quadro docente da instituição. Ele introduziu imediatamente a orientação complementar às aulas teóricas com trabalhos práticos (*field work*) e começou uma pesquisa por amostragem sobre o padrão de vida dos trabalhadores operários da cidade de São Paulo. Nos anos seguintes, foram realizadas outras pesquisas sobre este tema, uma pelo professor Samuel H. Lowrie e outra pelo professor Oscar Egydio de Araújo. Em 1938, Bruno Rudolfer utilizou os resultados destas pesquisas para organizar o primeiro índice de custo de vida de trabalhadores da cidade de São Paulo (BERLINCK, 1961, pp. 371-372; DEL VECCHIO & DIEGUEZ, 2008, p. 24; DEL VECCHIO, 2009, p. 15).

Quando foi criada, a ELSP concebia a sociologia de forma pragmática, formando quadros técnicos para o estudo e intervenção política na comunidade analisada. O foco da instituição pairava justamente sobre a pesquisa empírica e seguia um modelo norte-americano, principalmente no que concernia às contratações de professores estrangeiros. Não havia necessariamente a intenção de gerar políticas públicas, mas sim de gerar dados sobre determinada localidade e de produzir instrumentos que permitissem a sua elaboração mais eficiente, por fornecer a base empírica necessária (LIMONGI, 1989, pp. 222-223)<sup>26</sup>. No anuário de 1940 da ELSP, encontramos o seguinte texto:

Os fundadores, elementos do escol intelectual paulista, impressionados com o malogro de todas as tentativas de reorganização da vida econômica e política do país, examinaram os vários fatores determinantes dessas decepções repetidas e funestas e chegaram, assim, à conclusão de que, em parte, os insucessos resultavam do desequilíbrio entre o ritmo acelerado do nosso progresso material, gerador de múltiplos e complexos problemas, e o nosso incompleto aparelhamento de ensino ao qual faltava uma escola que

---

<sup>26</sup> Esta forma de conceber a pesquisa sociológica não era consenso entre os cientistas sociais daquele momento no Brasil. A ELSP e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), da Universidade São Paulo (USP), criada em 1934, disputavam entre si diferentes concepções em relação à função do cientista social, impactando diretamente em suas formações. A USP se preocupava com uma formação mais “filosófica”, voltada para reflexões teóricas e gerais, e tinha uma forte influência do modelo francês de ensino. Ela tinha por objetivo principal formar uma elite de professores para a educação básica e acadêmicos que pensassem a sociedade brasileira (LIMONGI, 1989, pp. 220-222).

disseminasse os conhecimentos indispensáveis aos elementos que pretendessem cooperar com os órgãos da administração pública no estudo e solução dos problemas nacionais.

Desse exame de consciência é que nasceu a ideia de fundar um centro de estudos e pesquisa organizado nos moldes dos institutos congêneres europeus e americanos e destinado a:

- 1) Proporcionar conhecimentos objetivos sobre a origem, funções e necessidades do meio social;
- 2) Formar assim um grupo numeroso de indivíduos que pudesse não só colaborar eficaz e conscientemente na solução dos problemas da administração pública e particular como também eventualmente orientar o povo e a nação no reajustamento indispensável ao moderno equilíbrio social.

<sup>27</sup>

A ELSP, desde a sua fundação, já objetivava “solucionar” problemas sociais e pensar novas formas de desenvolver o país, tudo isso com o apoio de uma parcela importante da sociedade paulista. Para alcançar estes objetivos, ela organizou cursos letivos, conferências em séries ou avulsas sobre assuntos da atualidade, aulas práticas nas disciplinas ensinadas, publicações impressas para divulgação dos trabalhos científicos realizados por seus professores e alunos, uma biblioteca e um arquivo especializados em Ciências Sociais, um movimento permanente de intercâmbio cultural com instituições estrangeiras e, por fim, bolsas de estudo e estágios para os seus alunos (FESPSP, 1940, p.6).

A tradição sociológica da Escola de Chicago<sup>28</sup> “parecia fornecer a melhor orientação para formar especialistas em pesquisa social voltados aos chamados ‘problemas práticos’ de planejamento e intervenção socioeconômica” (SIMÕES, 2009, p. 37). Em 1892, quando foi criada a Universidade de Chicago, tinha-se o objetivo de desenvolver pesquisas e de formar estudantes de doutorado, uma iniciativa inovadora na época. As grandes universidades americanas privilegiavam o ensino em detrimento da pesquisa. Consequentemente, as poucas pesquisas que tinham lugar não eram valorizadas e a Universidade se encontrava fechada à sociedade. Procurando mudar este quadro, desde a sua criação e a do programa de Pós-Graduação, na mesma época, a Universidade de Chicago procurava combinar uma vida profissional com uma vida de pesquisador (COULON, 1992, pp. 6-7).

---

<sup>27</sup> FESPSP. *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo — sétimo ano letivo - 1940*. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1940, pp.5-6.

<sup>28</sup> A “Escola de Chicago” costuma ser o termo utilizado para se referir a trabalhos de Sociologia que tenham sido publicados entre 1915 e 1940 por professores e alunos da Universidade de Chicago. Estes trabalhos tem em comum a pesquisa empírica e marcam um momento de virada em relação aos trabalhos que tinham por objetivo observar a sociedade. Além da pesquisa empírica, estes trabalhos se caracterizavam pelo uso científico de documentos pessoais, pelo trabalho sobre um terreno sistemático e pela exploração de diferentes tipos de documentação (COULON, 1992, pp. 3).

O contexto de modernização, mudanças sociais, conflitos raciais, imigração e outras questões, que incendiavam a cidade de Chicago neste momento, alimentaram as inúmeras pesquisas realizadas na instituição, com ênfase no empirismo (OLIVEIRA, 1995a, p. 72; NOVA, 1998, p. 67; VELHO, 2005, p. 62). Os trabalhos da Escola de Chicago, no geral, eram trabalhos de sociologia urbana que procuravam confrontar os problemas encontrados em sua cidade de origem. Contudo, eles puderam ter os seus modelos de pesquisa transferidos para outras grandes cidades do mundo, que enfrentavam, da forma análoga, o problema da presença de imigrantes em seus territórios e a questão da sua assimilação ou não em função da sociedade local<sup>29</sup> (COULON, 1992, p. 4).

Este tipo de estudo chega ao Brasil entre as décadas de 1930 e 1940, sobretudo quando Pierson começa a lecionar na ELSP, em 1939, após ter sido orientado por Park em Chicago. Logo após a sua chegada, o intelectual sugere a necessidade de se iniciar estudos pós-graduados na instituição, novidade no Brasil até então, onde as universidades se mantinham apenas com cursos de Bacharelado. A especialização era feita com estágios no exterior ou na pesquisa de campo. Para se criar um curso de pós-graduação, os professores da Escola concordaram que era preciso ter pelo menos três professores doutores, condição cumprida pela contratação de Pierson, de Herbert Baldus<sup>30</sup> e de Emilio Willems (ambos originários de Berlim). Na mesma época, a Escola contratou o professor Radcliffe-Brown, da Universidade de Oxford, que colaborou com a Divisão de Estudos Pós-Graduados por três anos (FESPSP, 1942, p. 14; BERLINCK, 1961, p. 373).

Pierson traz as ideias da Escola de Chicago para São Paulo, além de algumas novidades para a instituição: pesquisas de campo em grupo, possibilidade de pós-graduações fora do país, de publicações de livros e revistas, financiamentos e recursos. Insistindo na importância de treinar e formar sociólogos profissionais, Pierson incentivava pesquisas empíricas (PIERSON, 1987, pp. 80-81; LIMONGI, 1989, p. 223) e tinha como preocupação

---

<sup>29</sup> Por conta desta preocupação, os principais conceitos presentes nestes estudos, de acordo com Alain Coulon, seriam “assimilação”, “marginalização” e “aculturação”, além de “atitude” e de “valores sociais”. Este último conceito se referia aos “elementos culturais objetivos da vida social”, enquanto “atitude” se ligaria mais às “características subjetivas de indivíduos do grupo social considerado”. Assim, completa Coulon, “a atitude é um conjunto de ideias e emoções que se tornam um dispositivo permanente de um indivíduo e lhe permite agir de maneira estereotipada” (COULON, 1992, pp.23).

<sup>30</sup> Herbert Baldus nasceu na Alemanha, em 1889. Ele chegou ao Brasil em 1923 e participou de uma expedição cinematográfica visitando algumas populações indígenas no Paraguai. A partir deste primeiro contato, Baldus passou a se interessar e pesquisar sobre povos indígenas, se tornando um dos maiores especialistas no tema no Brasil. Ele foi responsável pela cadeira de Etnologia ELSP a partir de 1939 e pela *Seção Etnológica* da revista *Sociologia*. Em 1946, ele se tornou responsável também pela organização das coleções do Museu Paulista, do qual foi diretor entre 1953 e 1960 (SAMPAIO, 2000).

fundamental “a fidelidade máxima à realidade empírica, à precisão e ao rigor na observação e descrição de fenômenos” (MASSI, 1989, p. 449). Segundo Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti (1999):

O lugar ocupado pela Escola Livre de Sociologia e Política na tradição das ciências sociais no Brasil deve ser redimensionado. Muito frequentemente essa importância, quando reconhecida, é associada ao “empirismo” ou (o que dá quase no mesmo) ao vasto arsenal de métodos e técnicas desenvolvido nesse pendor pelo conhecimento do “mundo real”. É pouco. Essa formação expressou uma rica tradição intelectual que aqui chegou tendo como um de seus mais ativos portadores Pierson. Aliás, não se trata de uma tradição, mas de diversas tradições que encontraram na Divisão de Estudos Pós-graduados aquele imponderável tão decisivo para a atividade de pesquisa: um ambiente propício.<sup>31</sup>

Pierson não introduziu nas Ciências Sociais brasileiras apenas métodos e técnicas de pesquisa empírica, mas também a teoria, ou melhor, as várias teorias presentes em Chicago. Isso mostra que ele mostrou preocupação com o lugar que o cientista social deveria ocupar dentro do processo de mudança social, e não apenas com a prática de pesquisa sociológica, buscando os melhores métodos para cada tipo de estudo. Um dos meios de divulgação destes métodos e teorias para alunos e professores de Ciências Sociais no Brasil era a revista *Sociologia*, na qual Pierson publicava ativamente, principalmente na primeira década de existência da publicação. Ao analisar a publicação, Alves (2015, pp. 203-207) identifica que um dos temas constantemente tratados por Pierson e Willems eram os estudos de assimilação. Eles entendiam que os processos “assimilação” e “aculturação” permitiam compreender a formação de uma organização social coesa e estruturada. O processo de assimilação, por exemplo, era a forma pela qual os valores e as atitudes de uma comunidade eram adotados por outra comunidade, e, em geral, estava relacionado aos estudos sobre imigrantes, que valorizavam a sua contribuição cultural para a emergência de um novo Estado. Desse modo, a assimilação, em geral, estaria associada a algo positivo e à construção de algo diferente do existente<sup>32</sup>.

Entre os métodos de pesquisa apresentados por Pierson na revista e na ELSP estão os Estudos de Comunidade (EC), que tinham uma dimensão empírica e objetiva, com coleta de

---

<sup>31</sup> CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. O aspecto humano de nossos dados: a relação Pierson-Nogueira, a etnografia e o estudo das relações raciais. In: MAIO, Marcos Chor; BÔAS, Glaucia Kruse Villas (Orgs.). *Ideais de Modernidade e Sociologia no Brasil: ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 1999, pp. 193.

<sup>32</sup> Alves (2015, pp. 207) conclui esta discussão apontando que o foco dos estudos de assimilação do Brasil está: nos negros, pelo contato social; nos sertanejos, pela passagem do rural para o urbano; e nos imigrantes, pelo contato cultural.

dados e entrevistas. Nos EC, “a vida social de uma determinada comunidade, social e espacialmente localizada, era objeto de investigação minuciosa e detalhada” (OLIVEIRA & MAIO, 2011, p. 522). Acreditava-se na necessidade de cooperação entre os cientistas sociais e o poder público, buscando a melhor forma de intervir na sociedade e colaborar com o desenvolvimento de uma determinada região (NOGUEIRA, 1955, pp. 98-99). Ao fazer um balanço desses estudos no Brasil entre 1948 e 1960, Guidi (1962) lista entre os métodos presentes nestas pesquisas a aplicação de questionários, histórias de vida, amostragem, coleta de dados quantitativos, entrevistas e levantamento histórico. A pesquisadora, no entanto, não inclui o trabalho de Saito no balanço, apesar das semelhanças metodológicas e de objetivos, mostrando que não há consenso no que exatamente caracterizaria tais produções.

De acordo com Oliveira & Maio (2011), os EC que prevaleceram no Brasil entre as décadas de 1940 e 1960 tinham um caráter descritivo e abrangente coleta de dados. Entre os cientistas sociais no Brasil naquele momento, os EC chamavam a atenção, por um lado, pela sua dimensão empírica e objetiva, o que indicaria um caráter científico da pesquisa. Por outro lado, outros estudiosos da área defendiam que os EC não tinham validade e o alcance dos resultados de suas pesquisas era limitado para compreender as transformações pelas quais o país passava naquele momento<sup>33</sup>. Os autores ainda definem as influências da Antropologia e da Sociologia nos EC: da primeira viria “a observação direta dos fenômenos pesquisados”; da segunda, principalmente os temas abordados, como “mudança social, industrialização e desenvolvimento”, e, no que concerne o meio rural, “condições e relações de trabalho, relações políticas, movimentos conflitos religiosos e tradições populares”. A Sociologia traz ainda a preocupação em compreender as resistências aos processos de mudança (OLIVEIRA & MAIO, 2011, p. 528).

No relato de Esdras Borges Costa<sup>34</sup> (2009), orientado por Pierson, é perceptível a presença constante de pesquisas de campo e de metodologias, como os EC, na formação dos alunos da ESLP nas primeiras décadas, principalmente com a chegada de Pierson e Willems. Vários alunos eram selecionados para coletar dados, serem tradutores de seus professores estrangeiros, estabelecerem-se por algum tempo nas comunidades estudadas para fazer

---

<sup>33</sup> Sobre as críticas aos Estudos de Comunidade, ver: Caio Padro Jr., 1948; Sérgio Buarque de Holanda, 1979[1948]; Maria Sylvia Franco Moreira, 1963; Klass Wortmann, 1972.

<sup>34</sup> Esdras Borges Costa foi aluno e professor da ELSP entre as décadas de 1940 e 1950.

observação e ajudarem na realização das pesquisas<sup>35</sup> (PIERSON, 1987). Octávio da Costa Eduardo<sup>36</sup> (2009) também destaca a ajuda destes professores estrangeiros para que eles pudessem passar algum tempo estudando no exterior e adquirirem formação complementar. No que concerne Saito, o contato com Pierson e Willems foi certamente fundamental para a sua experiência acadêmica.

### 1.2.1. A relação entre Donald Pierson e Hiroshi Saito

A relação de Saito com Donald Pierson<sup>37</sup> começa quando o jovem estudante japonês passa a frequentar a ELSP como aluno ouvinte<sup>38</sup>. Pierson havia chegado à instituição dez anos antes, após defender seu doutorado na Universidade de Chicago sobre as relações entre negros e brancos no Brasil, baseado numa pesquisa de campo realizada na Bahia entre 1935 e 1937<sup>39</sup>. Em Chicago, onde começou a estudar em 1927, no Departamento de Sociologia e Antropologia, teve contato com professores como Herbert Blumer, Robert Redfield, Alfred Radcliffe-Brown, Louis Wirth e Robert Park (seu orientador). Ele ministra aulas na ELSP até meados da década de 1950, quando retorna para os Estados Unidos para tratar de uma doença e volta ao Brasil apenas esporadicamente (NOVA, 1998; CAVALCANTI, 1999).

A relação entre Saito e Pierson ficou registrada na correspondência trocada entre os dois durante pelo menos trinta anos (1953-1983). Nelas encontramos orientações sobre textos a serem lidos, os melhores encaminhamentos para os seus trabalhos e algumas das pesquisas que o aluno estava realizando ou tinha interesse em realizar. O interesse de Pierson pela assimilação dos imigrantes japoneses, no entanto, não começa quando ele conhece Saito. Já em 1945, ele escrevia que a “oposição feita alguns anos atrás à imigração japonesa para São

---

<sup>35</sup> Em relação à vinda de professores estrangeiros para a ELSP e à participação dos alunos em suas pesquisas, essa tendência continua nas décadas de 1950 e 1960. Carmen Junqueira compartilhou, em entrevista, que ela mesma chegou a participar de pesquisas deste tipo, sendo a mais marcante a de Harry Hutchinson, que pesquisou a imigração na cidade de São Paulo. Segundo ela, era comum professores estrangeiros contratarem os alunos da ELSP para aplicarem questionários ou serem tradutores. Assim, eles ganhavam experiência de pesquisa sendo também remunerados. Ela ainda lembra que esses professores, além das pesquisas de campo, aproveitavam para dar cursos e aulas em algumas instituições brasileiras.

<sup>36</sup> Octávio da Costa Eduardo foi aluno e professor da ELSP entre os anos de 1940 e 1972.

<sup>37</sup> Pierson nasceu em oito de setembro de 1900, em Indianápolis (Indiana, EUA) e faleceu em 13 de outubro de 1995, em Leesburg (Flórida, Estados Unidos) (NOVA, 1998, pp. 195-197).

<sup>38</sup> Embora a documentação aponte este primeiro contato somente em 1949 (CASTRO, 1994, pp. 127), é improvável que eles não tivessem se conhecido antes na ELSP.

<sup>39</sup> A pesquisa resulta no livro *Negroes in Brazil: A Study of Race Contact at Bahia* (1942), e a sua edição brasileira foi intitulada *Branços e Negros na Bahia* (1945).

Paulo parece que foi motivada, em grande parte, pela apreensão de que os japoneses constituíssem um grupo de difícil assimilação” (PIERSON, 1945, p. 416) <sup>40</sup>. Segundo ele, o problema racial no Brasil não se dava porque os imigrantes japoneses nas primeiras décadas do século XX resistiam a sua própria assimilação, mas sim porque havia resistência e segregação da população local ao receber estas pessoas — segregação esta que poderia se dar através do medo, do desconhecimento ou do preconceito. Ou seja, Pierson estava atento aos problemas que atingiam os japoneses no país e provavelmente por isso se interessou pelas pesquisas de Saito, inclusive por sua dissertação de mestrado.

Algumas vezes citado em suas cartas, este trabalho foi orientado por Pierson e publicado primeiramente em formato de cinco artigos na revista *Sociologia*, entre os anos 1954 e 1955, que revelam também um pouco da relação que havia entre o aluno e o professor. O primeiro artigo possui uma apresentação do então orientador, que comenta as pesquisas por ele auxiliadas. Na apresentação, Pierson afirma que:

O estudo da assimilação é tanto de valor prático, para o país em questão, como de proveito para o desenvolvimento da teoria sociológica. Quanto a esta, o estudo da assimilação (e da migração e acomodação que lhe são associadas) nos oferece meios de compreender melhor a integração e desintegração grupal, ocasionadas pela migração de indivíduos que, desligando-se dos seus grupos originais, vem a incorporar-se a grupos novos no país adotivo. Ao mesmo tempo, os migrantes levam consigo aquilo que podemos chamar de “bagagem cultural”, de modo que se processa, mui naturalmente, e transplantação de traços e complexos que, de acordo com as circunstâncias, ou desaparecem mais cedo ou mais tarde, ou passam a substituir fenômenos equivalentes no novo país, ou ainda podem ser incorporados à cultura deste, sofrendo no processo, modificações mais ou menos profundas. <sup>41</sup>

Pierson aponta, portanto, a importância do estudo da assimilação, que nos permite conhecer aquele que está entrando no país e as suas possibilidades de integração à sociedade local, depois de perder parte do contato com a cultura de origem. Ele destaca ainda a influência da “bagagem cultural” do imigrante no seu processo de assimilação, termo também utilizado por Saito (1956; 1961). A expressão se refere às características da cultura de origem que influenciam a personalidade do indivíduo e que podem determinar a sua adaptação ao novo contexto social. Os traços da cultura japonesa identificados por Saito entre os imigrantes da Cooperativa Agrícola de Cotia, por exemplo, definem como eles se organizam

---

<sup>40</sup> Pierson completa: “tentando refutar esta acusação, a Embaixada Japonesa no Rio de Janeiro publicou em 1935 um panfleto intitulado: ‘O Cruzamento da Etnia Japonesa, Hipótese de que o Japonês não se cruza com outra Etnia’, ilustrada com várias fotografias de casais mistos de japonês e brasileiro” (PIERSON, 1945, pp. 146).

<sup>41</sup> PIERSON, Donald. Apresentação. In SAITO, Hiroshi. O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural I. *Sociologia*, v. 16, n. 3, p. 248 - 283, 1954, pp. 248.

economicamente perante a sociedade brasileira, mas podem impedir que traços culturais brasileiros específicos sejam adotados, a fim de conseguirem conviver com a população local.

No segundo parágrafo da apresentação do artigo, Pierson comenta a importância de se pesquisar os imigrantes japoneses, que, até então, tinham sido estudados, principalmente, por Willems, Izumi e Saito. Este último, que era assistente de pesquisa de Pierson, estava realizando, sob sua coordenação, três estudos de assimilação e acomodação sobre o mesmo objeto<sup>42</sup>. De acordo com um relatório de atividades de Saito, uma destas pesquisas seria o seu tema de pesquisa de mestrado, cuja denominação é “estudo de transplantação cultural”, e que se referia à transplantação de um complexo cultural (o cooperativismo) para o meio rural brasileiro pelos imigrantes japoneses<sup>43</sup>. Saito afirma que a pesquisa começou em 1953 e que possuiria três fases: trabalho de campo (com a realização de um grande número de entrevistas individuais e coleta de dados); registro dos dados em fichários; elaboração dos dados (análise e escrita do texto). Ele ainda completa que planejava a conclusão do estudo para o semestre seguinte, de modo a “esclarecer muitos aspectos sobre a introdução de novos padrões culturais e consequente modificação do nosso meio rural”.

A segunda pesquisa que ele estava fazendo com Pierson era denominada “Experiências do Imigrante”. Com a colaboração do *Jornal Paulista*, promoveu-se um concurso com trabalhos que se detinham à experiência de imigrantes japoneses. Saito estava traduzindo os textos recebidos, que, junto com histórias de vida já coletadas por ele, constituiria uma “fonte de informações para elucidar o problema de assimilação de japoneses e seus descendentes.”.

Por fim, a terceira pesquisa era sobre a “mobilidade social de imigrantes japoneses” e estaria ainda em sua fase inicial. Ela teria como referência a “distribuição ecológica e mobilidade social dos tintureiros japoneses em São Paulo”, isto é, havia-se a pretensão de estudar os imigrantes no mundo urbano. A pesquisa estava sendo realizada, por ora, com a aplicação de um *survey* para a coleta de dados e planejamento da pesquisa<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> Pierson também comenta estas pesquisas no Relatório de Pesquisa enviado a Anísio Teixeira em 31 de março de 1955. O professor destaca que estaria preparando seus três assistentes de pesquisa, Saito, Alfonso Trujillo Ferrari e Esdras Borges Costa, para se tornarem professores e diretores de pesquisas. Fonte: Carta de Donald Pierson a Anísio Teixeira, pp. 1-3. Data: 31 de Março de 1955. Disponível em: <http://www.museuafrodigital.ufba.br/donald-pierson-e-anisio-teixeira-19551963-e-1967>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.

<sup>43</sup> Carta de Hiroshi Saito a Anísio Teixeira. 10 de setembro de 1954. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>44</sup> No mesmo relatório enviado a Anísio Teixeira, Saito ainda aponta outras atividades que estaria exercendo enquanto assistente de pesquisa de Pierson, entre março e agosto de 1954. Dentre elas, destacam-se a

Além das pesquisas, a orientação de Pierson também se dava por meio de sugestões de leituras, como os cinco volumes do livro *The Polish Peasant in Europe and America*, de Florian Znaniecki and William I. Thomas (da Universidade Chicago), publicados entre 1918 e 1920<sup>45</sup>. A coleção traz uma pesquisa que durou mais de dez anos sobre a vida do imigrante polonês nos Estados Unidos. A obra tem como novidade a utilização de histórias de vida através da análise de documentos pessoais (como correspondências) destes imigrantes. Segundo Nova (1998, p. 74), o trabalho “inaugura o emprego desse tipo de fonte na pesquisa sócio-antropológica”. Para os autores da obra, a assimilação seria um processo psicológico, que teria os seus aspectos político e econômico negligenciados e que ocorreria quando o imigrante tivesse o mesmo interesse pelas mesmas coisas e ideias que o nativo. Um dos principais aspectos a serem observados em relação à assimilação está ligado à linguagem utilizada pelo imigrante, pois fazer uso da língua nativa seria essencial para que este processo ocorra; não obstante, também seria importante que o imigrante continue a falar e a ler em sua língua materna para favorecer a transição da “assimilação” com intensidade menor de choque cultural (COULON, 1992, p. 32).

Saito era também a pessoa com quem Pierson contava quando precisava de algum livro do Brasil, mesmo que estes fossem de sua própria autoria. É o que ocorre em um pedido que faz a Saito para que ele lhe envie dez exemplares da 8ª edição do seu livro *Teoria e Pesquisa em Sociologia*<sup>46</sup>, além de outros exemplares dos livros *O Japonês no Brasil e Contenda*. Pierson ainda indica a leitura de textos, como os livros de La Viollette, *The Japanese Canadian and World War II*, e Ralph Linton, *The Cultural Background of Personality*, entre outros. O primeiro livro, de acordo com Saito, seria útil para a descrição dos conflitos entre gerações nas comunidades japonesas no Canadá, enquanto o segundo, para os conceitos “real culture” e “culture constructo”, apesar de não serem definidos por ele nas cartas<sup>47</sup>.

As correspondências entre Pierson e Saito, trazidas em diversos momentos deste trabalho, mostram a relação entre orientando e orientador, além de ser uma forma de acompanhar o desenvolvimento intelectual de Saito. Sempre elogioso em relação ao ex-

---

participação de algumas aulas ministradas pelo professor na ELSP e a aplicação e tabulação de questionários para a pesquisa “Estudo da Organização Social do Brasil”.

<sup>45</sup> Carta de Donald Pierson a Hiroshi Saito. 16 de dezembro de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>46</sup> Carta de Donald Pierson a Hiroshi Saito. 16 de novembro de 1963. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>47</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 08 de dezembro de 1954. FDP/AEL/Unicamp.

aluno, Pierson foi uma das grandes influências, ao lado de Willems e Izumi, dos trabalhos de Saito, principalmente na sua dissertação de mestrado<sup>48</sup>. Além disso, a sociologia de Chicago, muito presente na ELSP por conta de Pierson, influenciou os trabalhos de Saito durante toda a sua carreira. O sociólogo japonês sempre demonstrou ter como prioridade em suas pesquisas a empiria e o compromisso social de que seus trabalhos contribuíssem com a sociedade ao seu redor, principalmente para a comunidade imigrante japonesa. Nas cartas há informações ainda sobre as disciplinas assistidas por Saito no período em que foi aluno na ELSP, nas quais ele buscava entender como a academia poderia auxiliar nas mudanças passadas pelos imigrantes.

### **1.2.2. Emilio Willems e a influência nas pesquisas sobre imigrantes**

O contato com Emilio Willems começa quando Saito trabalha como seu tradutor e informante em algumas pesquisas iniciadas ainda na década de 1940 (CASTRO, 1994, p. 123). Junto a Baldus, Willems publicou alguns trabalhos sobre imigrantes japoneses no Brasil<sup>49</sup>. Diante do acirramento das relações sociais e diplomáticas entre brasileiros e japoneses, Willems se coloca como um defensor da imigração, procurando estudar as características deste grupo e a sua assimilação à sociedade brasileira. Ele estuda também os imigrantes alemães e as comunidades tradicionais do interior do Brasil. Diferentemente de Saito, o intelectual tem a sua formação sociológica no exterior e introduz novos conceitos e métodos no meio universitário brasileiro, sendo um dos principais cientistas sociais no que se trata de estudos de assimilação nos anos de 1940 e 1950 (DIEGUEZ, 1956, pp. 15-16).

Willems<sup>50</sup> nasceu na Alemanha, em 1905, e estudou na Universidade de Colônia, localizada em sua cidade natal, e, posteriormente, na de Berlim. Em 1931 muda-se para o Brasil para ministrar cursos num seminário de padres em Brusque, Santa Catarina. Muda-se para São Paulo mais tarde, em 1936, onde leciona tanto na ELSP como na USP. Em 1949, deixa o Brasil e vai para a Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos (BÔAS, 2000). Na década de 1960, volta ao Brasil brevemente para coordenar uma pesquisa em toda a

---

<sup>48</sup> Na última carta que escreve a Saito, Pierson afirma ser sempre um bom dia quando recebe notícias do ex-aluno e lamenta ter mais de 25 anos que não se encontravam. Ele se diz satisfeito em saber que, mesmo doente, Saito ainda estava trabalhando, pois, segundo ele, “O mundo necessita muito de pesquisadores e autores de sua dedicação e competência”. Fonte: Carta de Donald Pierson a Hiroshi Saito. 26 de novembro de 1983. FDP/AEL/Unicamp. Vale destacar que Saito não teve a oportunidade de ler esta carta, visto que ele tinha morrido em 31 de outubro do mesmo ano.

<sup>49</sup> Destacamos o trabalho *Mudança cultural entre imigrantes japoneses no Brasil, no Vale do Ribeiro de São Paulo*, de 1942.

<sup>50</sup> Willems falece em 19 de novembro de 1997 na cidade de Nashville (Tennessee, EUA).

América Latina, principalmente no Chile, a respeito da chegada dos protestantes nessa área. Neste momento volta a lecionar brevemente Antropologia Social na ELSP<sup>51</sup> (WILLEMS, 1987, p. 121).

Entre suas publicações de destaque, figuram os trabalhos *Assimilação e Populações marginais no Brasil — Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes* (1940) e *Cunha — Tradição e transição em uma cultura rural do Brasil* (1947<sup>52</sup>)<sup>53</sup>. O primeiro livro trata dos imigrantes alemães; o segundo se atém à comunidade de Cunha, no interior de São Paulo, e é considerado um dos primeiros trabalhos de EC publicados no Brasil (GUIDI, 1962). O escrito sobre Cunha<sup>54</sup> tinha por objetivo entender as mudanças sociais e culturais que haviam ocorrido no local após a abertura de uma estrada que acabou com o “isolamento” de longa data do município. Willems descreve o que observou na comunidade, os dados coletados, a natureza, o funcionamento político, os costumes culturais e religiosos, entre outros elementos, em busca de registrar vários aspectos da vida dos moradores locais. O estudioso estava interessado em estudar pequenas comunidades “não-primitivas”, conforme sua delimitação, e entender o processo de mudança que ocorre com a abertura da estrada entre Cunha e Guaratinguetá, em 1932, quando a comunidade deixa de ficar isolada<sup>55</sup> (WILLEMS, 1961; BOAS, 2000).

Publicado em 1940, *Assimilação e Populações Marginais no Brasil — estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*, por sua vez, serve de base para compreendermos alguns conceitos-chaves utilizados por Willems e, posteriormente, por Saito. Conceitos como “assimilação” e “aculturação” são densamente discutidos ao longo da obra, sendo o primeiro definido em função das mudanças na esfera social de um indivíduo e o segundo, na esfera cultural. Ele acrescenta que “não pode haver assimilação sem haver, ao mesmo tempo, aculturação ou vice-versa” (WILLEMS, 1940, p. 17). O professor ainda critica a ideia de haver “representantes da espécie humana inassimiláveis”, visto que, por existir o

---

<sup>51</sup> João Baptista Pereira (28 de janeiro de 2016) confirmou esta informação em entrevista, apontando que além das aulas, Willems usou a ELSP como base da sua pesquisa sobre os protestantes.

<sup>52</sup> O livro em questão possui uma segunda edição sob o título *Uma vila brasileira — Tradição e transição*, de 1961, a qual é a utilizada no presente estudo.

<sup>53</sup> Entre outras publicações de destaque de Willems, temos o livro *A Aculturação dos Alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil* (1946).

<sup>54</sup> Na segunda edição, Willems utiliza o nome fictício de Itaipava para se referir à comunidade estudada.

<sup>55</sup> A cidade estava na rota entre Parati, Minas Gerais e o Vale do Paraíba (SP) e tinha a economia movimentada pelos viajantes e comerciantes que por ali passavam. Contudo, com a inauguração da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1860, a cidade perde a sua função e permanece praticamente “isolada” do restante do país, até 1932 (WILLEMS, 1961; BOAS, 2000).

caráter social, toda cultura implica na possibilidade de assimilação. Estas e outras preocupações estão presentes no estudo de Willems, que buscava investigar a “assimilação” de alemães no Brasil a partir da análise da história da imigração germânica para o país, os principais motivos da vinda, as dificuldades iniciais, as adaptações, entre outros aspectos.

Este último trabalho se assemelha aos produzidos por Saito no que concerne à análise das experiências imigratórias de grupos estrangeiros no Brasil. Ambos os sociólogos abordam o processo de assimilação buscando identificar as maiores dificuldades, destacando-se, no geral, os conflitos geracionais, as diferenças linguísticas e as adaptações biológicas (alimentação e doenças, principalmente). Willems (1940, p. 204) destaca, por exemplo, que a língua portuguesa seria um símbolo da cultura urbana entre os imigrantes no Brasil, pois somente quando se mudavam para as cidades é que tinham mais contato com brasileiros e outros imigrantes que dominavam o idioma local. Além disso, a mudança para o meio urbano alterava hábitos relacionados a vestimentas (adoção de vestidos, meias calças, salto alto, pó de arroz) e comportamentos (passava-se a frequentar bailes e cinemas), por exemplo. Assim, o estudo de Willems nos mostra, tal como os que Saito produzirá posteriormente, como os hábitos culturais dos imigrantes se alteram com o tempo, especialmente os dos jovens, que teriam mais vontade e necessidade de se assimilar ao Brasil.

Willems escreveu também alguns artigos para o jornal *O Estado de São Paulo* e para a *Revista de Imigração e Colonização* sobre o tema da imigração no Brasil. Na revista, ele discorre, entre outras questões, sobre “O Problema da Imigração Japonesa”, expondo a necessidade de se levar em conta pesquisas científicas, principalmente antropológicas, quando se trata de problemas imigratórios. Segundo ele, os discursos nacionalistas preconceituosos contra os japoneses eram racistas, e, não sem ironia, assegurou que os defensores de discursos discriminatórios não faziam ciência— apenas passavam um ou dois dias numa comunidade próxima a uma linha férrea, a fim de investigar a assimilação ou não destes grupos. Para ele, este período seria muito curto para qualquer tipo de pesquisa sociológica, além de ser preciso investigar também os processos de assimilação em comunidades mais isoladas. Além disso, diferenças biológicas não poderiam ser utilizadas como determinantes sociais, ou seja, “o indivíduo ter os olhos amendoados, a tez morena e o nariz chato nada, mas absolutamente nada tem a ver com as possibilidades de assimilá-lo a uma sociedade culturalmente diferente daquela de que proveio” (WILLEMS, 1946, p. 277). Sendo assim, para Willems, as acusações contra os imigrantes japoneses seriam inadmissíveis e toda pesquisa que tratasse do assunto deveria levar em consideração estudos e opiniões de cientistas como ele.

Entre as publicações no *O Estado de São Paulo*, destacamos um texto publicado em outubro de 1947, intitulado “Problemas de Imigração III — A contribuição das Ciências Sociais”<sup>56</sup>. No artigo, Willems reforça o ponto apresentado na *Revista de Imigração e Colonização* e ainda amplia a discussão em relação à imigração ao âmbito nacional. Segundo o autor, as “transplantações de homens” não devem ser realizadas sem a consulta e pesquisa de cientistas sociais sobre os impactos que as mesmas podem gerar em determinado ambiente. Esta seria uma forma de prever e impedir futuros conflitos entre os grupos imigrantes e nativos, assim como de diminuir os casos de preconceitos raciais contra estas pessoas. Segundo Willems:

[...] as Ciências Sociais formam atualmente uma espécie de frente única contra semelhantes preconceitos e a elas se deve a existência de um número recente de intelectuais que adquiriram uma visão bem diferente da do povo propenso a insistir na validade dos preconceitos tradicionais.<sup>57</sup>

Dessa forma, somente por conta das Ciências Sociais haveria uma visão positiva das mudanças que estes imigrantes poderiam trazer para a sociedade brasileira. Outra questão iluminada pelos estudos da área se referia à noção de assimilação não relacionada à biologia, como demonstramos acima. Willems insiste neste ponto em artigo publicado também em 1947, nos mesmos periódicos<sup>58</sup>. Neste novo artigo, ele argumenta que a assimilação não é biológica e que todos os traços nacionais de um indivíduo são adquiridos. Segundo a sua visão (1947b, p. 2), “ninguém nasce cantando a Marselhesa, falando francês e amando a França. Cada qual dessas características é adquirida por meio de um longo processo de aprendizagem”. Assim como o local de nascimento de um indivíduo não determina os seus traços culturais, as suas características biológicas também não. Willems está mais uma vez buscando mostrar que a identificação cultural e a personalidade são construídas socialmente, e por isso poderiam ser alteradas, adaptadas de acordo com as necessidades. Este também é o posicionamento presente nos textos de Saito, que nunca trata o japonês, ou qualquer outro imigrante, como inassimilável. Ele afirma que a assimilação, assim como a mudança social, seria um longo e inevitável processo para as pessoas envolvidas (SAITO, 1961; SAITO,

---

<sup>56</sup> Outros artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo* são: “Política Restritiva de Imigração” (31/11/1944); “Nacionalismo e Assimilação” (14/12/1944); “Sobre colonização, quistos e coisas congêneres” (23/07/1947); “Problemas de Imigração - VII - Assimilação e Educação” (29/11/1947); “A Declaração dos Direitos do Homem sob o ponto de vista antropológico” (04/05/1948).

<sup>57</sup> WILLEMS, Emilio. Problemas de imigração III — A contribuição das Ciências Sociais. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 out. 1947a, p. 8.

<sup>58</sup> O artigo “Problemas de Imigração VI — aspectos básicos da assimilação” foi publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em oito de novembro de 1947; e na *Revista de Imigração e Colonização* em dezembro de 1947 (vol.VIII, n.4).

1963). Dessa forma, perceberemos ao longo desta dissertação os trabalhos de professores da ELSP, como Willems e Pierson, sendo utilizados para iluminar as análises dos trabalhos de Saito, vista a influência que eles têm sobre a sua produção acadêmica.

### 1.3. Pesquisas sobre imigrantes japoneses na ELSP

Além do contato com técnicas e conceitos da pesquisa sociológica, na ELSP, Saito trava relações ainda mais intensas com aqueles dentro da instituição que se posicionavam contra os discursos racistas em relação aos imigrantes japoneses no Brasil. Segundo Nucci (2010), haveria duas posturas intelectuais que tratariam os japoneses de formas diferentes até meados da década de 1940. De um lado, aquela alinhada ao racismo, liderada por uma intelectualidade formada por médicos, jornalistas, advogados, entre outros. Estes estariam preocupados com a formação racial da nação, com os problemas da unidade e da segurança nacional. Intelectuais como Xavier de Oliveira<sup>59</sup>, Miguel Couto<sup>60</sup>, Arthur Neiva<sup>61</sup>, Vivaldo Coaracy<sup>62</sup>, Oliveira Vianna<sup>63</sup> se posicionaram, nos mais diversos meios sociais, contra a presença japonesa no Brasil, embasando seus argumentos frequentemente com ideais eugênicos amplamente difundidos até a década de 1940.

As recentes vitórias do Japão em guerras, como contra o Império Russo, em 1905, por exemplo, e o incentivo do próprio governo para a emigração de sua população aumentaram o medo do possível imperialismo japonês em alguns países (COUTO, 1942). Sendo assim, estes imigrantes sofreram preconceitos e foram atingidos por leis que dificultavam o seu estabelecimento em determinados lugares e até mesmo barravam a sua entrada em certos países (como aconteceu nos Estados Unidos com a proibição da entrada de imigrantes japoneses no país a partir de 1925). Para Sakurai (2000), a eugenia foi um dos pilares centrais para embasar este preconceito. Tanto por uma questão racial como pela preocupação com a

---

<sup>59</sup> Antônio Xavier de Oliveira (1892-1953) foi médico e político. Foi deputado da Constituinte de 1933, além de deputado federal pela Ceará entre 1935 e 1937.

<sup>60</sup> Miguel Couto (1865-1934) foi médico e, entre 1914 e 1934, presidiu Academia Nacional de Medicina. Foi ainda membro da Academia Brasileira de Letras e deputado da Constituinte de 1933.

<sup>61</sup> Arthur Neiva (1880-1943) foi médico, responsável pela direção do Serviço de Saúde de São Paulo, do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista, entre outras instituições, e deputado da Constituinte de 1933.

<sup>62</sup> Vivaldo Coaracy (1882-1967) foi jornalista e escreveu para jornais como *O Estado de São Paulo*, *Jornal do Commercio* e *Folha da manhã*.

<sup>63</sup> Francisco José de Oliveira Vianna (1883-1951) foi jurista e professor de Direito. Autor de diversos livros como *Populações Meridionais do Brasil* (1920) e *Raça e Assimilação* (1932).

formação da identidade nacional, a oposição à entrada dos japoneses no Brasil foi forte, principalmente nas décadas de 1920 e 1930.

Do lado oposto, temos intelectuais, principalmente de São Paulo, que demonstravam preocupação em mostrar como estes imigrantes conseguiam se adaptar ao ambiente social brasileiro sem grandes problemas. Os trabalhos de Hiroshi Saito, Emilio Willems e Egon Schaden (1913-1991) foram baseados em pesquisas de campo, com observação, entrevistas e coletas de dados. Estes estudos nos auxiliam a entender como houve um esforço para que se percebesse e se aceitasse que os japoneses não são inassimiláveis, além de mostrarem que a sua permanência não era prejudicial para o Brasil. Segundo Nucci:

Os intelectuais da USP e da ELSP [como Emilio Willems e Egon Schaden] tratariam o tema da presença japonesa no Brasil por meio de uma escala de discussão supostamente mais circunscrita à ciência do que à política, o que derivava na proposta de uma análise científica de dados recolhidos a partir de populações de origem japonesa no Brasil para se determinar o grau de aculturação e assimilação dessas à sociedade brasileira. Embora eles não defendessem diretamente a presença japonesa no Brasil, contrapuseram-se à tendência antinipônica e às suas afirmativas quanto à inassimilação das populações de origem japonesa, e tentaram demonstrar o contrário através de instrumentais científicos afirmados como mais verdadeiros do que o de seus opositores, ou seja, por meio da sociologia e da antropologia elaboradas nas suas instituições.<sup>64</sup>

Esta interpretação do contexto condiz com os escritos de Willems no jornal *O Estado de São Paulo* e na *Revista de Imigração e Colonização*, nos quais defendia que as Ciências Sociais deveriam andar lado a lado com a política imigratória do país justamente por ter instrumentos científicos para avaliar os processos de assimilação de cada grupo imigrante. Assim, considerando o contexto de debates sobre as vantagens e desvantagens da presença dos imigrantes japoneses no Brasil da década de 1940, não só Willems como também Baldus e Schaden procuram contribuir para o conhecimento em relação a este grupo, estudando como eles estariam se adaptando à sociedade local. Egon Schaden (1956) faz uma rápida comparação entre a aculturação de alemães e japoneses no país e conclui que há conflitos entre o segundo grupo e brasileiros por conta de grandes diferenças de valores, língua, costumes. No entanto, ele não entra em detalhes e afirma que faltam estudos sobre assimilação e aculturação dos japoneses no Brasil.

---

<sup>64</sup> NUCCI, Priscila. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil — textos e silêncios*. São Paulo: Annablume, 2010, pp. 27.

Willems também comparou os alemães com os japoneses no artigo “Recreação e Assimilação” (1941)<sup>65</sup>, publicado na revista *Sociologia*. Nele, após observar os dois grupos imigrantes, afirma que a conservação de traços recreativos trazidos dos países de origem pode agir como um fator de segregação. Os alemães tinham interesse pelo futebol, que agia como um fator de assimilação, porque associava pessoas de todas as origens e classes. De modo distinto, os japoneses preferiam o beisebol, o que causava o isolamento deste grupo nos momentos de recreação. Contudo, Willems chama a atenção para o fato de outros traços culturais terem sido perdidos, tanto por parte dos alemães como dos japoneses — por exemplo, no que se referia à alimentação.

Em conjunto, Willems e Baldus escreveram um artigo (1942) em que analisam as mudanças culturais que ocorreram entre os imigrantes japoneses do Vale do Ribeira (SP). No artigo, os autores descrevem algumas adaptações ocorridas, particularmente as que tocam a alimentação, o clima e as doenças. Além disso, eles apontam o controle do governo japonês no processo de escolha do imigrante que viria ao Brasil: somente aquele que abrisse mão de tradições religiosas, promettesse usar vestimentas ocidentais e tivesse ou aprendesse algum conhecimento agrícola poderia emigrar. O governo, representado pelo consulado no Brasil, também incentivava a adoção de hábitos brasileiros, sobretudo os alimentares, e a troca de conhecimentos com a população local sobre formas e técnicas de cultivo. Essa presença das autoridades japonesas se dava a fim de evitar conflitos e problemas com a população nativa, como havia sido registrado nos primeiros anos da imigração para o país (WILLEMS & BALDUS, 2012[1942]).

Além desses trabalhos, destacamos a seguir outros três, de Willems e de Saito, que dialogam com o contexto de defesa da permanência dos imigrantes japoneses, especialmente após o fim de Segunda Guerra Mundial, e também trazem fortes marcas da sociologia da ELSP. Willems publica, em 1948, uma pesquisa, realizada, no início da década de 1940, sobre a assimilação de imigrantes japoneses no estado de São Paulo; também é publicado, em coautoria com Saito, um artigo seu que trata da associação secreta Shindô-Renmei. Finalmente, Saito publica em 1953 o trabalho sobre os casos de suicídio entre os japoneses no Brasil. Ademais, esta última seção dialoga diretamente com o capítulo seguinte desta dissertação, que reflete sobre o contexto de produção dos estudos japoneses na década de 1950, que, além do apoio da academia brasileira, tinha também o apoio de organizações

---

<sup>65</sup> Willems possui ainda pesquisas sobre outros grupos étnicos no Brasil, como os judeus (1945).

internacionais que buscavam identificar e solucionar possíveis situações de conflitos sociais e raciais no mundo<sup>66</sup>.

### **1.3.1. Japoneses em São Paulo: disputas geracionais e linguísticas**

O trabalho de maior destaque de Willems sobre imigrantes japoneses foi um livro publicado em 1948, que se valeu de dados coletados de pesquisas de campo realizadas em 1941 no estado de São Paulo. No livro *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo*, a pesquisa de campo se deu por meio do preenchimento de questionários e de anotações de observações consideradas relevantes pelos professores de escolas que possuísem 20% ou mais alunos japoneses ou descendentes. A pesquisa deveria ser mais ampla (isto é, duraria um tempo maior e deveria se estender a outros estados), mas foi interrompida depois da entrada do Japão na Segunda Guerra Mundial e o acirramento das relações com o Brasil. No trabalho, Willems defende que a escola seria o local em que se daria o maior contato da criança imigrante e, conseqüentemente, da sua família com a cultura local, levando à assimilação. A escola teria importância também no conhecimento que a criança adquiriria sobre as condutas e regras sociais e a língua portuguesa, deixando o idioma materno em segundo plano.

A assimilação é um dos conceitos mais importantes para entendermos os trabalhos da década de 1940 e 1950 sobre imigrantes, pois é a partir dele que o autor percebe as mudanças que ocorrem entre os imigrantes japoneses e a sua adaptação à sociedade brasileira. O conceito é pensado, por exemplo, por Baldus e Willems, ao lado da “aculturação”, cuja função se refere “àqueles fenômenos resultantes do contato, direto e contínuo, dos grupos de indivíduos de culturas diferentes, com as mudanças conseqüentes nos padrões originais culturais de um ou ambos os grupos” (BALDUS & WILLEMS, 1939, p. 18)<sup>67</sup>. E, por seu turno, “assimilação” tem a ver com um “processo de interpenetração e fusão de culturas, isto é, de tradições, sentimentos, atitudes de pessoas e de grupos que, partilhando da mesma

---

<sup>66</sup> Adiantamos aqui que optamos por inserir o artigo de Saito de 1953 no contexto das pesquisas da ELSP, em vez de relacioná-lo às pesquisas apoiadas por instituições internacionais como a UNESCO, já o estudo sobre o suicídio não foi financiado ou encomendado dentro do contexto dos estudos japoneses de 1950, apesar da proximidade dos escritos.

<sup>67</sup> Redfield, Linton e Herskovits (1936, pp. 149) definem “aculturação” como “aqueles fenômenos que resultam quando grupos de indivíduos com diferenças culturais entram em contato direto e contínuo, com subsequentes mudanças nos padrões culturais originais de um dos ou de ambos os grupos”. Eles ainda diferenciam “aculturação” de “assimilação”, afirmando que este último pode ser muitas vezes uma fase da “aculturação”.

experiência e história, se incorporam numa vida cultural comum” (BALDUS & WILLEMS, 1939, pp. 26-27).

Para Pierson, a assimilação seria a “transformação gradual da personalidade sob a influência dos contatos mais íntimos e concretos, até se identificar com uma nova configuração de atitudes e sentimentos” (FESPSP, 1942, p. 37). A “cultura” traria a ideia de que ela é um complexo de práticas e concepções de mundo, com um conjunto de características comparáveis e intercambiáveis; são, afinal, coisas que podem se fundir e mesclar, de acordo com a interpretação de Baldus e Willems. Cada grupo imigrante passaria pelo seu próprio processo de assimilação, que poderia levar mais ou menos tempo.

Em seu livro, Willems distingue a imigração japonesa da alemã, pois a segunda teria ocupado locais até então inabitados no território brasileiro, tendo uma maior distância dos moradores locais. Não existiria nessas regiões uma população e uma cultura nacional, ao contrário dos locais onde os japoneses se instalaram, isto é, os japoneses não colonizaram espaços vazios, como os alemães. (WILLEMS, 1948, p.27). Oliveira (2009) reforça que essa era justamente uma das diferenças entre os imigrantes nos estados do sul do Brasil (principalmente, alemães e poloneses) e aqueles que foram para São Paulo (principalmente, italianos e japoneses): os primeiros se estabeleceram em locais até então pouco explorados, colonizando-os; e os segundos se estabeleceram, principalmente, em fazendas de café já exploradas previamente. Assim, os japoneses ficaram menos isolados da sociedade local, o que aceleraria o seu processo de assimilação em comparação aos alemães em Santa Catarina, por exemplo.

Além disso, os japoneses faziam uso da mão de obra local. Apesar de os adultos fazerem distinção de classe social (os brasileiros seriam, segundo sua visão, de classes inferiores), dificultando o contato e a assimilação, as crianças não conservavam este comportamento, misturando-se às crianças nativas. Destaca-se ainda que as crianças que chegaram ao Brasil bastante jovens não tinham diferença de assimilação e de falta de vínculo (com exceção do ambiente doméstico) com o Japão se comparadas àquelas que já nasceram aqui. Ainda assim, perante a lei e a opinião pública, elas seriam “estrangeiras”. (WILLEMS, 1948, pp. 28-29). Por isso, a escola serviria como uma transmissora da aculturação linguística (WILLEMS, 1948, p. 30). Com a pesquisa, observou-se, então, que muitas crianças falavam português entre si e não sabiam escrever em japonês (WILLEMS, 1948, p. 32).

O principal objetivo do livro de Willems seria entender melhor a relação entre a miscigenação e a organização familiar japonesa. O autor diferencia “miscigenação” de “assimilação” afirmando que a primeira seria um processo biológico e a segunda um processo social. A miscigenação (por exemplo, o casamento interétnico) influenciaria a assimilação, mas esta não dependeria necessariamente daquela para acontecer, uma vez que a assimilação depende fundamentalmente dos contatos primários do indivíduo (da família à vizinhança, escola, clube, oficina, etc.). A miscigenação dependeria, então, de três fatores: diferenças raciais, diferenças culturais e diferenças de classe social. (WILLEMS, 1948, pp. 104-105). Nesse sentido, a diferença racial poderia

adquirir um significado social e cultural para os grupos em contato. É que frequentemente, diferenças culturais porventura existentes são postas em relação casual com certas diferenças físicas. Sobretudo no modo de pensar do grupo dominante, uma suposta inferioridade cultural dos representantes de outras raças, tem raízes biológicas.<sup>68</sup>

As diferenças culturais, por seu turno, abrangeriam o “campo da língua, da organização econômica e familiar, do credo religioso, dos princípios educacionais, da tecnologia e ergologia<sup>69</sup>”. A resistência à perda dos traços culturais seria normal e necessária em qualquer sociedade integrada, e isso não seria exceção quando se trata dos imigrantes japoneses no Brasil. (WILLEMS, 1948, p. 105). Eles teriam desenvolvido padrões de defesa cultural, e um deles seria a sua organização familiar, de cunho patriarcal. Isso envolveria, por exemplo, os jovens não escolherem os seus cônjuges, eleitos pelos pais ou responsáveis, que, por sua vez, só escolhiam jovens japoneses. Devido à autoridade que os pais concentravam, os jovens não costumavam discordar das suas escolhas. Ou seja, “um aumento da miscibilidade dos japoneses depende, em primeiro lugar, da desintegração da família nipônica no meio brasileiro.” (WILLEMS, 1948, pp. 106-107). No entanto, a situação seria diferente nos centros urbanos, onde as famílias se encontrariam menos integradas e os jovens circulavam pelos ambientes sociais nativos. No meio rural,

a quebra da organização familiar não seria suficiente para os velhos continuarem exercendo sua influência através de todas as instituições locais. De mais a mais, mesmo se a ascendência moral da geração mais velha enfraquecesse, os jovens teriam que aprender os padrões brasileiros relacionados com a aproximação dos sexos, o namoro e o noivado,

---

<sup>68</sup> WILLEMS, Emílio. *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: USP, 1948, pp. 105.

<sup>69</sup> A ergologia é referente à cultura material, como mesas, camas, cadeiras, etc.

provavelmente, essas mudanças exigem um lapso de tempo maior do que decorreu desde o início da imigração japonesa em grande escala.<sup>70</sup>

Uma das explicações encontradas por Willems para a rara aprovação dos casamentos mistos seria a diferença de classes sociais entre os japoneses e os brasileiros. Os moradores locais com os quais os imigrantes tinham contato trabalhavam para eles, ou seja, seriam de classes sociais inferiores, o que tornaria os brasileiros menos “cotados” para o casamento. (WILLEMS, 1948, p. 108). No entanto, o autor destaca que também seria importante saber se os brasileiros tinham interesse em casar com os japoneses, e usando dados de outra pesquisa, o autor descobre que apenas 5,62% dos brasileiros entrevistados (em sua maioria mulheres) aceitariam que alguém de sua família se casasse com um japonês ou japonesa, mesmo se eles pertencessem à classe social semelhante. (WILLEMS, 1948, p. 110)<sup>71</sup>. A partir disso, Willems conclui que

O inquérito não nos dá elementos para qualificar a prevenção contra os japoneses como preconceito racial genuíno. Não é impossível que apenas diferenças culturais tenham determinado essa atitude. Em ambas as hipóteses, a miscibilidade dos japoneses e nipo-brasileiros somente poderá aumentar à medida que as diferenças culturais se reduzirem. Será inútil esperar a assimilação pela miscigenação. Muito pelo contrário, a aculturação terá que prosseguir por tempo indefinido, reduzindo gradativamente as dissimilaridades culturais e determinando assim, pela mudança das atitudes recíprocas, um aumento da miscibilidade.<sup>72</sup>

Apesar de o livro de Willems ter sido publicado depois do artigo em parceria com Saito na revista *Sociologia* — objeto do qual nos ocuparemos a seguir —, a pesquisa já havia sido realizada e o autor já teria chegado às conclusões apresentadas antes da publicação do artigo. Sendo assim, podemos perceber o ambiente intelectual com o qual Saito entrou em contato, no qual havia a preocupação de entender como os imigrantes estavam se adaptando ao Brasil, considerando diversos aspectos, sobretudo o ambiente familiar e escolar. Ao entender que a baixa miscigenação dos japoneses estava relacionada a determinados traços culturais destes do grupo, Willems colocou a cultura como questão determinante para o comportamento. A família seria o núcleo de convivência do imigrante que lutaria para conservar a cultura japonesa, e a escola o núcleo que traria o seu contato com a cultura brasileira, hegemônica no local onde ele se encontrava.

---

<sup>70</sup> WILLEMS, Emílio. Op. cit., pp. 107.

<sup>71</sup> Nesta mesma pesquisa, obteve-se o dado de que apenas 4,27% das pessoas que responderam os questionários aceitariam casamentos com mulatos em sua família, 3,56% com judeus e 2,49% com negros (WILLEMS, 1948, pp. 110).

<sup>72</sup> WILLEMS, Emílio. Op. cit., pp. 111.

Além disso, Willems mostra entendimento e preocupação em relação à criança imigrante com pais imigrantes, pois seria ela uma evidência que confirmaria ou não a acomodação e a assimilação à sociedade brasileira. Entre os imigrantes, a criança geralmente constitui o grupo que mantém maior contato com os nativos, circulando na localidade onde vive. Por isso, o foco na escola, local onde a criança tem esse contato mais intenso com a cultura brasileira, com a língua portuguesa, com regras de comportamento e com hábitos sociais. Ainda em fase de crescimento e de aprendizado, a criança teria mais facilidade para aceitar abrir mão de determinados traços culturais japoneses a fim de conseguir se encaixar e socializar com outras crianças ao seu redor, em sua grande maioria brasileiras.

Tanto a pesquisa de campo como a aplicação de questionários e a observação estão presentes no trabalho de Willems e vão aparecer posteriormente nos trabalhos de Saito. Aparecerá também a sua preocupação em entender como se dá a formação da família japonesa imigrante, as diferenças geracionais no processo de adaptação, a importância da escola para o aprendizado da cultura brasileira e a luta de alguns japoneses pela manutenção da cultura de origem no dia a dia dos imigrantes, principalmente entre as crianças. Este último ponto está também presente no artigo que Saito publica com Willems, em 1947.

### **1.3.2. Entre “derrotistas” e “vitoristas”: o caso da Shindô-Renmei**

O artigo de Willems e Saito intitulado “Shindô-Renmei: um problema de aculturação” (1947), publicado na revista *Sociologia*, procura analisar como se deu a formação da sociedade secreta Shindô-Renmei dentro da colônia japonesa no Brasil, no final da Segunda Guerra Mundial. A associação foi criada em 1944 e oficializada em 1945, num contexto de conflitos com o governo brasileiro, após a implantação das leis de nacionalização do Estado Novo (HATANAKA, 2002). A nova legislação estabelecia que não poderia haver, no território nacional, escolas estrangeiras e jornais que não fossem editados em português, justamente para reforçar a cultura nacional e a assimilação dos imigrantes que se encontravam no país naquele momento. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, a repressão contra japoneses e alemães que descumprissem essas leis aumentaram, inclusive por conta da imagem que se tinha destes imigrantes como inimigos da nação (SEYFERTH, 1997). Em meio a este contexto, a maioria dos imigrantes japoneses não dominava a língua portuguesa e permaneceu isolada da sociedade brasileira, mais suscetíveis à manipulação de grupos nacionalistas japoneses (WILLEMS & SAITO, 1947).

Durante a Segunda Guerra Mundial, os japoneses sofreram com o preconceito antinipônico, havendo casos de brigas de rua, prisões e batidas policiais em residências japonesas (CASTRO, 1994, TANIGUTI, 2015). O fato da sua “nação adotiva” estar lutando na Guerra contra a sua “nação de origem” tornava a vida no Brasil desconfortável para a maioria dos japoneses e influenciava a forma como a sociedade brasileira enxergava o imigrante japonês. Saito (1961) destaca que a guerra é um momento de ruptura para a comunidade japonesa no Brasil, pois, de um lado, um grupo de imigrantes não aceitava as notícias da derrota do Japão ao final da guerra e condenava todos aqueles que discordassem do seu posicionamento. De outro, parte destes imigrantes aceitava a derrota e não enxergava mais a possibilidade de retorno ao país natal, devastado pela guerra, o que os levava a planejar a sua permanência em longo prazo no Brasil. Os conflitos internos e externos, especialmente neste contexto do pós-guerra, preocupam pesquisadores e instituições internacionais sobre os riscos de mais problemas sociais e étnicos ao redor do mundo, enfatizando a necessidade de pesquisas sobre grupos como os imigrantes japoneses.

É neste contexto que o artigo de Willems e Saito se concentra em torno das motivações que levaram à criação da Shindô-Renmei, seus membros e seu papel dentro da comunidade japonesa no Brasil do final da Segunda Guerra Mundial. Para além do evento histórico, o artigo se destaca também pela preocupação em entender como se dava o processo de assimilação dos imigrantes locais. Segundo os autores, “migrações entre meios culturalmente diferentes suscitam, invariavelmente, o problema da reorganização social dos imigrantes”, o que poderia gerar graves problemas mentais, traduzindo-se inclusive em “comportamentos indesejáveis” (WILLEMS & SAITO, 1947, p. 133). Repetindo a ideia que viria a ser apresentada no livro de Willems em 1948, os autores afirmam que a preservação ou defesa da cultura por parte dos imigrantes é natural e necessária por servir como instrumento de sobrevivência dessas pessoas, pois o abandono de determinados traços culturais traz conflitos mentais e desorganização social do grupo. Sendo assim, “não pode causar surpresa que a assimilação não possa desencadear propriamente entusiasmo em grupo nenhum, pois a assimilação se compara a uma operação muito dolorosa, muito demorada e feita sem anestesia” (WILLEMS & SAITO, 1947, p. 133).

Por conta desse “doloroso” processo, era de se esperar que ocorressem rebeliões e a formação de grupos que se opusessem radicalmente às mudanças. Um dos exemplos desta oposição foi a organização Shindô-Renmei, com a insistência de seus membros de recusar a assimilação junto à cultura brasileira. Os autores afirmam mais de uma vez que a migração e a

assimilação seriam “anomalias”, não seriam naturais, e, portanto, resistências a elas eram esperadas. No entanto, elas deveriam ser superadas. No entanto, o processo de assimilação demoraria para ocorrer e não se poderia exigir dos imigrantes japoneses o mesmo nível de integração à sociedade brasileira de outros grupos estrangeiros, já que ela era recente. Willems e Saito afirmam que

Sendo a assimilação essencialmente um “time consuming process”, um processo que exige tempo e, não raro, muito tempo, o exemplo de italianos, espanhóis e outros grupos imigrados não pode ser alegado para “provar” a “inassimilabilidade” dos japoneses.<sup>73</sup>

Fica claro o papel combativo dos autores em relação ao preconceito que os imigrantes japoneses sofriam, além da tentativa de defesa do grupo. Segundo eles, a colonização nipônica seria bem-sucedida no aspecto econômico, trazendo ganhos e vantagens para o Brasil. Ainda, ao criarem uma “vida associativa variada”, eles estariam mais integrados que outros grupos de imigrantes, frequentando inclusive escolas brasileiras com moradores locais (WILLEMS, & SAITO, 1947, p. 138). De qualquer forma, conflitos não deixaram de existir, principalmente por conta do contexto político brasileiro do Estado Novo e pelas dificuldades já citadas do processo de assimilação. Um desses conflitos surge como a associação secreta Shindô-Renmei, que tem grande parte do seu sucesso atribuído ao “cordão de isolamento” enfrentado pela maioria dos imigrantes japoneses.

Os líderes das associações secretas eram contra a assimilação e, em geral, eram os elementos menos adaptados, descontentes, irrequietos e prestes a voltar à pátria de origem. A sociedade, inicialmente, desejava expandir o “espírito japonês”, que seria “o” algo “peculiar” da cultura japonesa, um “modo de vida japonês” que diferenciaria estes imigrantes de outros grupos étnicos, e um tipo de comportamento “ideal”, além do desejo de colaborar com a criação da “Grande Ásia Oriental” e da preocupação em manter os jovens descendentes em contato a cultura japonesa (WILLEMS, & SAITO, 1947; KIMURA, 2008). A Shindô-Renmei distribuía panfletos argumentando sobre a importância da manutenção das tradições japonesas entre os imigrantes, principalmente entre os mais jovens, e defendia o apoio incondicional ao imperador (WILLEMS, & SAITO, 1947). Um dos papéis fundamentais do imigrante japonês seria garantir a educação japonesa de seus filhos, pois de acordo com o regimento da associação:

---

<sup>73</sup> WILLEMS, Emílio; SAITO, Hiroshi. Shindô-Renmei: um problema de aculturação. *Sociologia*, v. 9, n. 2, 1947, p. 134.

“A educação dos filhos começa no próprio lar com o ensino de idioma pátrio sucedendo-lhe, na segunda fase da vida, culto e respeito aos ancestrais pelo estudo dos feitos e obras monumentais deixadas por eles. Essa parte liga-se, ao estudo consciencioso da história-pátria, e finalmente entender-se-á a dignidade do país.” Porém, realizar essa educação ideal seria difícil ou quase impossível para os japoneses no Brasil, sobretudo para os filhos que naturalmente, como brasileiros natos, têm direitos e deveres como tais. “Consequentemente, produzir-se-ão choques com os interesses do Brasil.”<sup>74</sup>

De acordo com os membros entrevistados por Willems e Saito, a função dos imigrantes seria adquirir recursos para contribuir com o desenvolvimento do Japão, e o seu estabelecimento no Brasil seria apenas temporário, sendo o seu retorno inquestionável. Contudo, com o final da guerra e a derrota do Japão, assim como a destruição de parte do seu território, o retorno ao país de origem se tornou inviável, fazendo com que a associação perdesse o seu principal argumento contra a assimilação e o abandono das tradições japonesas. Por essa razão, ela teria começado a divulgar informações falsas sobre a vitória do Japão. Passa a haver, então, um conflito interno na comunidade japonesa no Brasil, pois aqueles que falavam a língua portuguesa obtinham informações para além daquelas noticiadas pela Shindô-Renmei, tomando conhecimento da derrota do Japão (os chamados de “derrotistas”). Ao tentarem divulgar essas notícias para a comunidade japonesa, eram ameaçados, sendo alguns deles, inclusive, torturados e assassinados por membros da Shindô-Renmei (WILLEMS & SAITO, 1947; DEZEM, 2000; TANIGUTI, 2015, pp. 251-252). Tais conflitos internos na comunidade foram reforçados pela não permissão da circulação de jornais em língua japonesa e o consequente isolamento desses imigrantes em relação à sociedade brasileira e ao próprio mundo. Hatanaka (2002) descreve alguns casos de exclusão social de famílias e pessoas que não acreditavam na vitória do Japão dentro das comunidades agrícolas, sendo elas ignoradas pelos vizinhos e perdendo o direito de participarem das assembleias das colônias, por exemplo.

Willems e Saito destacam que, entre os “derrotistas”, a maioria seriam japoneses da segunda geração, ou seja, que nasceram no Brasil ou chegaram aqui com poucos meses de idade, e que já teriam se assimilado o suficiente para evitar “o controle ideológico da geração imigrada” (WILLEMS & SAITO, 1947, p. 150). Isto é, eles teriam aprendido como serem brasileiros em escolas como as pesquisadas por Willems (1948) e comporiam os dados apresentados pelo sociólogo alemão sobre crianças nipônicas que falavam português entre si e

---

<sup>74</sup> Ibidem, p. 146.

não sabiam escrever em japonês. Handa (1987) afirma que os “derrotistas” seriam marginais<sup>75</sup> na sociedade japonesa, pois não seriam nem brasileiros nem japoneses. Ele destaca ainda que a presença de pessoas de origem japonesa nascidas no Brasil dentro do grupo diminuiu a força da Shindô-Renmei entre os mais jovens, que não se identificariam com a cultura japonesa. Considerando isso, de certa forma, os desejos da Shindô-Renmei não teriam sido realizados, pois os mais jovens estavam se assimilando ao novo meio em que viviam e tinham pouco contato com a cultura de origem fora do ambiente familiar.

É importante destacar que Saito também teria tido um papel ativo na luta contra a Shindô-Renmei durante a existência da associação na década de 1940, principalmente quando se começa a divulgar as notícias falsas sobre o fim de guerra. Entre os japoneses “esclarecidos” ou “derrotistas”, alguns tentaram convencer a população imigrante sobre as mentiras que estavam sendo contadas a eles, inclusive Saito. Segundo Castro, Saito, junto com os amigos Kenjiro Massuda e Goro Hashimoto, teria começado a editar panfletos informativos que “tinham por finalidade esclarecer os limites da derrota do Japão, numa iniciativa que denominava *nishiki undoo* (movimento de convencimento)”, no porão da sua casa, financiado por Senichi Hachiya. A atividade teria feito com que Saito e seus amigos fossem jurados de morte pela associação secreta (CASTRO, 1994, pp. 110-111)<sup>76</sup>.

Este artigo, segundo Limongi (2015, p. 165), foi um reconhecimento do papel que Saito poderia ter nos estudos sobre japoneses. A partir dele, Willems passa para Saito a responsabilidade das pesquisas sobre aculturação e assimilação na ELSP e nas publicações na revista *Sociologia*, assim como uma mudança de foco nos estudos sobre imigrantes, em que os personagens centrais não seriam mais os alemães, mas sim os japoneses. O trabalho também pode ser entendido pelo encontro entre um alemão (Willems) e um japonês (Saito) para tratarem de um tema fruto da Segunda Guerra Mundial, quando os dois grupos de imigrantes sofreram repressões. Ou seja, o artigo pode ser visto como uma tentativa de mostrar que havia pessoas entre estes imigrantes que estavam do lado brasileiro, que se preocupavam com um processo migratório bem-sucedido.

O trabalho apresenta diversas questões presentes em outros escritos de Saito. O suicídio entre os imigrantes japoneses, por exemplo, tema de seu artigo publicado seis anos depois e analisado na sequência, seria consequência da não assimilação de determinados

---

<sup>75</sup> Este grupo marginal é discutido por Saito & Izumi (1953) ao analisarem os diferentes grupos geracionais que existiam dentro da comunidade japonesa no Brasil. O trabalho em questão é tratado no capítulo dois.

<sup>76</sup> De acordo com Castro, a informação estaria no livro de Koichi Mori (1990).

indivíduos e, inclusive, um caso relacionado à Shindô-Renmei. A temática da diferença geracional está presente no artigo publicado com Izumi em 1953, analisado no próximo capítulo desta dissertação, com a apresentação de dados sobre o nível de assimilação entre os indivíduos da primeira, da segunda e da terceira gerações. Além disso, as vantagens econômicas e sociais trazidos pelos imigrantes japoneses para a sociedade brasileira estão fortemente presentes na análise da Cooperativa Agrícola de Cotia (SAITO, 1956) e da mobilidade social dos imigrantes japoneses (SAITO, 1961). Não obstante, o tema mais presente em todos os seus trabalhos, certamente, é a assimilação (ou não) destes estrangeiros e a preocupação em identificar possíveis conflitos sociais e geracionais dentro destes grupos e com a sociedade local.

### **A militância no *Jornal Paulista***

O artigo de Saito e Willems revela o seu posicionamento de apoio à assimilação dos imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil. Este ativismo está presente não só em seus escritos acadêmicos, mas também nos textos dirigidos à comunidade japonesa no país, como aqueles publicados no *Jornal Paulista*, ainda na década de 1940. O jornal tinha por objetivo não ser um organismo de informação da colônia japonesa, mas de integração à grande família brasileira<sup>77</sup>. O periódico “se propunha a representar uma reação crítica à expansão do ultranacionalismo japonês, ao defender abertamente a integração à sociedade e cultura brasileira como forma de ascensão social dos japoneses e de seus descendentes no país” (TANIGUTI, 2015, p. 202). Dessa forma, o jornal, que tinha o apoio financeiro da Cooperativa Agrícola de Cotia, se posicionava politicamente como “esclarecido”, combatia o preconceito racial, lutava pela afirmação social da população japonesa na sociedade local e defendia a integração como forma alternativa ao ultranacionalismo, nessa época ainda liderado pela Shindô-Renmei. Saito passou cinco anos na redação do jornal, sendo os dois últimos como chefe de redação<sup>78</sup>.

Entre os artigos publicados, destacamos um de 1948, no qual Saito comenta uma reunião que teria ocorrido entre isseis<sup>79</sup> e nisseis<sup>80</sup> para discutir o patrocínio da direção Juvenil

---

<sup>77</sup> Saito compunha a equipe do *Jornal Paulista* junto com José Yamashiro, Hideo Onaga, Massaki Udihara, Suichi Takeuchi, Yoshiomi Kimura e Tokuya Hiruta (TANIGUTI, 2015, pp. 202).

<sup>78</sup> Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>79</sup> Imigrantes japoneses da primeira geração, ou seja, aqueles que nasceram no Japão.

da Cooperativa Agrícola de Cotia. As diferenças geracionais entre os japoneses e seus descendentes e os conflitos gerados aparecem constantemente como preocupação de Saito em seus trabalhos. No artigo em questão, o sociólogo afirma que a reunião entre os isseis e nisseis teria deixado claras as diferenças geracionais, mas estas não seriam exclusivas dos imigrantes japoneses, pois existiria, “de um lado, a atitude conservadores dos velhos e, de outro, a revolucionária e renovadora dos moços” (SAITO, 1948a). Contudo, haveria entre os imigrantes o agravante das diferenças culturais, visto que os mais velhos haviam sido criados em meio à cultura de origem, e os mais novos, na cultura adotiva.

Procurando identificar formas de acabar com os conflitos, Saito sugere que, ao mesmo tempo em que os mais velhos deveriam procurar conhecer a cultura do país adotivo e aprender, por exemplo, a língua portuguesa, os mais novos não deveriam fugir ou evitar o contato com a cultura japonesa, tendo assim os dois grupos contato com ambas as culturas. Além disso, para ele, seria preciso também um relaxamento das regras patriarcais das famílias japonesas no Brasil para que os jovens pudessem ser inseridos com menos choques e atritos na sociedade brasileira. Esta questão também terá lugar no livro de Willems (1948), no qual ele percebe que o alto controle dos pais prejudica a assimilação dos filhos.

Em relação ao processo de assimilação dos jovens, Saito (1948b) destaca em outro artigo o papel que o governo brasileiro teve durante o Estado Novo, quando foram aprovadas as leis de nacionalização, que proibiam, entre outras coisas, o ensino de línguas estrangeiras nas escolas brasileiras (SEYFERTH, 1997). Era “indubitável”, segundo Saito, “que o governo visava [...] apressar a marcha da assimilação dos imigrantes e seus descendentes” (SAITO, 1948b, p. 1). Com isso, muitas das escolas das colônias japonesas se tornaram escolas públicas, onde só se ensinava o português. No entanto, o que parecia ser uma boa solução para o governo brasileiro trouxe duas consequências principais que não teriam sido previstas: o desemprego em massa dos professores japoneses, que tinham uma possibilidade de mobilidade ocupacional muito pequena, pois raramente tinham treinamento ou experiência em outro tipo de trabalho, e o fortalecimento do sentimento nacionalista japonês entre os imigrantes, especialmente entre os mais velhos.

Esta última consequência gerou uma divisão na comunidade japonesa no Brasil, entre os que afirmavam que a sua cultura de origem estava sendo atacada e aqueles que defendiam

---

<sup>80</sup> Descendentes dos imigrantes japoneses, isto é, a segunda geração de imigrantes, que já nasceu em território brasileiro.

a assimilação do grupo. Havia ainda uma divisão geracional, dentro da qual os mais jovens tendiam a desejar a assimilação. Ainda nessa esteira, o forte sentimento de que a inserção mais profunda na cultura brasileira poderia ser prejudicial fez com que muitos pais impedissem seus filhos de frequentarem as escolas brasileiras. Isso criou uma geração de filhos de imigrantes analfabetos, que não sabiam nem o japonês nem o português. Saito argumenta que este problema poderia ter sido evitado se o governo brasileiro tivesse planejado melhor as suas ações e colocado em prática medidas que facilitassem o período de transição, como a presença de professores brasileiros e japoneses nas salas de aula do ensino primário (SAITO, 1948b).

O sociólogo conclui seu artigo argumentando que a má implementação de medidas por parte do governo federal contribuiu para que os japoneses enfrentassem os problemas presentes em seu cotidiano no pós-guerra (como a criação da associação secreta Shindô-Renmei). Além disso, avalia Saito, as leis de nacionalização foram bem-sucedidas no sentido de que os nisseis começaram a se assimilar neste período e passaram a questionar o real sentido do conhecimento da língua japonesa em suas vidas, dada a sua pouca utilidade cotidiana. Isso, em contrapartida, estava causando conflitos geracionais e fortalecendo os argumentos dos mais velhos no que diz respeito à necessidade de manutenção da cultura japonesa entre os imigrantes (SAITO, 1948b). Ao mostrar os problemas e benefícios das leis de nacionalização para as pessoas de origem japonesa, Saito adiantou o que viria a ser observado de forma mais detida em seus trabalhos posteriores e que definiram o seu posicionamento em relação ao processo de assimilação. Para ele, não se tratava do simples abandono da cultura japonesa, mas antes a adaptação à cultura brasileira, produzindo, por assim dizer, uma nova cultura (SAITO, 1961) que contempla a preservação de aspectos japoneses e a adoção de traços brasileiros.

### **1.3.3. O suicídio como consequência da não assimilação**

Esse processo de assimilação, como dito, era doloroso e lento, e alguns imigrantes japoneses não conseguiam enfrentá-lo e se suicidavam, sendo este o tema do artigo publicado por Saito, em 1953, na revista *Sociologia*. O trabalho traz marcas de uma sociologia durkheimiana que influenciava principalmente o mentor de Pierson, Robert Park. O sociólogo de Chicago teria se interessado pela divisão de Durkheim entre “solidariedade mecânica” e “solidariedade orgânica”, na qual, simplificando, a primeira predominaria nas sociedades

primitivas e a segunda em sociedades “modernas” ou “complexas” (NOVA, 1998, p. 85). Para Park, essa divisão combinaria com a sua distinção as formas simples de organização social e as complexas (NOVA, 1998, p. 85). A primeira é caracterizada por seus indivíduos semelhantes, livre da divisão social do trabalho, da consciência social menor, dos mecanismos de coerção exercidos de forma violenta, dos direitos repressivos e das sociedades pouco desenvolvidas. Já a solidariedade orgânica guarda indivíduos diferentes, divisão social do trabalho, consciência social maior mecanismos de coerção formalizados (leis) e sociedades desenvolvidas (DURKHEIM, 1995).

A influência de Durkheim sobre o artigo de Saito está presente também na própria temática do trabalho: o suicídio. No texto, Saito busca dados dos casos de suicídio entre os imigrantes japoneses, entendendo o suicídio como uma anomia da sociedade moderna, aquilo que não segue a regra. Segundo Durkheim, quanto mais enfraquecido for um grupo, menos dependente dele é um determinado indivíduo, e mais dependente de si mesmo e mais sozinho ele é. Quando a sociedade se vê perturbada pela modernidade ou por uma mudança brusca, como a migração, por exemplo, menos mecanismos ela tem de controlar os seus indivíduos. Essa desorganização social e a maior pré-disposição à anomia geram um aumento no caso de suicídios numa sociedade (DURKHEIM, 2002).

Saito inicia o texto apresentando dados quantitativos que mostram como a taxa de suicídio nos Estados Unidos, entre imigrantes e seus descendentes, é mais alta do que entre a população nativa. De acordo com Ruth Cavan (1928 in SAITO, 1953, p. 109), o estrangeiro luta muito tempo para se adaptar ao novo meio, e ele só abandonaria a possibilidade deste ato de desespero, em média, dez anos e meio depois de sua chegada. Em estudo semelhante (e utilizado por Saito), Roger Bastide (1951), ao estudar os casos de suicídio entre os habitantes de São Paulo, conclui que a maior taxa de suicídio seria entre os alemães, italianos e portugueses. A taxa de suicídios dos estrangeiros era mais elevada do que se comparada aos números de seus países de origem e também os de brasileiros. . Segundo Saito:

Esta curiosa tendência não é senão um dos reflexos de uma série de conflitos que o imigrante deve enfrentar no decorrer do processo de ajustamento ao novo meio. Como o contato com a cultura estranha implica, nos imigrantes, a reorganização de sua personalidade, surgem, muitas vezes, graves perturbações mentais. São desajustamentos psíquicos, resultantes do conflito cultural a que são expostos os homens marginais.<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> SAITO, Hiroshi. O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no estado de São Paulo. *Sociologia*, v. 15, n. 2, 1953, p. 110.

Fazendo uso do conceito de “homem marginal”, de Everett Stonequist, Saito entende que estes imigrantes estariam numa situação de limbo, na qual não se encaixariam nem na sociedade japonesa, nem na brasileira. De acordo com Stonequist(1935, p. 1), aluno de Park em Chicago, o homem marginal estaria presente em situações biculturais ou multiculturais<sup>82</sup>, sendo forçado a escolher uma cultura (em geral, a predominante). Saito continua a questão do suicídio fazendo suas as palavras de Stonequist:

A incapacidade para diagnosticar a fonte do conflito, a convicção de enfrentar um muro intransponível e os malogros pessoais, avassalam o indivíduo. O conflito mental conduz ao desânimo e talvez ao desespero. Para o adulto, significa isso uma desintegração da “organização da vida” do indivíduo — essa trama de atitudes e valores em que tem o indivíduo o seu ser e através da qual ele realiza seus desígnios. Na sua forma extrema, resulta isto em desorganização mental e suicídio.<sup>83</sup>

Saito mostra que a taxa de suicídio entre os imigrantes japoneses é mais alta do que entre a população nativa (e também entre a população do Japão). Segundo Bastide, “há simbiose entre os fatores individuais e os fatores coletivos: o social age através do psíquico, o psíquico é ajudado ou entravado pelo social” (BASTIDE, 1951, p. 47). Sendo assim, o suicídio é uma junção de questões íntimas, da mente do próprio indivíduo, com fatores sociais, como a desorganização da sociedade e uma mudança brusca de ambiente ou de padrão cultural. Assim, no íntimo do imigrante japonês, os questionamentos e a solidão são reforçados pela sua presença num país estrangeiro com hábitos culturais diferentes dos seus.

Na cultura japonesa, “a falta de cumprimento de um dever ou uma censura pela sociedade é um ato em contradição com a moral, basta para que se pratique o suicídio a fim de que o seu nome não fique ‘sujo’ e sua honra seja salva.” (SAITO, 1953, p. 112). Esta seria uma forma de assumir a responsabilidade e justificar faltas ou falhas na conduta de uma pessoa. Assim, a alta taxa de casos de suicídio entre os imigrantes japoneses se explicaria pela chave da cultura, na qual os padrões, as causas e os meios dos suicídios comporiam também uma forma de ele reforçar a sua cultura de origem. Ao se encontrar num meio estranho e de difícil adaptação, sem a possibilidade retorno para o Japão pela falta de recursos, o imigrante enxergaria no suicídio a sua única forma de honrar e reforçar as suas origens perante a si mesmo e a outros. Contudo, não necessariamente o suicídio é um ato calculado e racional, retirando da cultura parte de sua “responsabilidade”.

---

<sup>82</sup> Situações biculturais ou multiculturais se referem a contextos sociais em que haveria mais de uma cultura predominante, como era o caso de colônias imigrantes, onde havia tanto a cultura local como a cultura imigrante presentes.

<sup>83</sup> STONEQUIST, 1948. Apud SAITO, Hiroshi. O suicídio entre os imigrantes japoneses. Op. cit., p. 110.

A pesquisa do artigo foi feita a partir da análise das notícias do *Jornal Paulista*, periódico que tinha uma circulação superior a dez mil exemplares. Saito afirma ter consultado os jornais entre janeiro de 1947 e agosto de 1952, faltando os exemplares de quatro meses do ano de 1950. Durante o período destacado, foram encontrados relatos de 74 suicídios e quatro tentativas, o que resulta numa média de 13,86 suicídios por ano<sup>84</sup>. Entre estes 74 casos, 40 eram homens, 31 mulheres e três casos não foram especificados. Ainda, 42 eram solteiros, 29 casados, dois viúvos e um não especificado. Sobre a quantidade de pessoas solteiras, ele destaca que muitos eram crianças, que participaram de atos de suicídio coletivo, provavelmente, de forma involuntária. No que toca a forma de suicídio, 58 pessoas utilizaram algum tipo de veneno, certamente pela facilidade de acesso a produtos químicos na agricultura. Entre as razões para a prática do ato, Saito lista:

Tabela 1 - Motivos identificados para os casos de suicídio entre os imigrantes japoneses no Brasil<sup>85</sup>

Motivos		Qtd.
Amor	Enganado	9
	Outros	7
Questões de família	Desarmonia	4
	Desajustamento conjugal	6
	Doenças na família	2
	Outros	1
Desgosto		6
Depressão mental		5
Questões de honra		10
Alienação		2
Doenças, invalidez		2
Questões de negócios		3
Miséria		1
Outras		9
Ignoradas		7

Esta tabela ilustra o que Saito procura mostrar em seu artigo, pois motivos de “amor” (16 casos), de questões de famílias (13) e de questão de honra (10 casos) estão relacionados a questões culturais. Isto é, muitos dos problemas familiares, assim como os afetivos, surgiam por desavenças entre pais e filhos em relação à escolha do parceiro. Por exemplo, o filho que se apaixona por uma brasileira. O namoro entre japoneses e brasileiros era altamente censurado pela comunidade imigrante. Além disso, Saito (1953, p. 120) encontrou casos de

<sup>84</sup> Após apresentar alguns cálculos, Saito sugere que este número pode ser muito maior na realidade, pois muitos não seriam noticiados ou registrados como suicídio.

<sup>85</sup> SAITO, Hiroshi. O suicídio entre os imigrantes japoneses. Op. cit., pp. 118-199.

suicídios em que o motivo principal era a desestruturação da família depois da mudança para o Brasil, pois muitas vezes mecanismos de união das famílias não permaneciam mais nas relações no novo lar, tais como tradições religiosas e hábitos alimentares.

Saito comenta ainda alguns exemplos dos casos de suicídio encontrados no jornal, focando nos casos de suicídios coletivos, de pais que matam os filhos e depois se matam, ou uma moça que envenenou a irmã e o sobrinho que tinham problemas mentais e, logo em seguida, também se mata. Os dois maiores suicídios coletivos encontrados nas páginas do jornal resultaram na morte de sete e nove pessoas, respectivamente. Ambos os casos aconteceram na Fazenda Tietê, no centro da colonização japonesa em São Paulo. No primeiro caso, um irmão cometera um crime na vizinhança, “sujando” o nome da família, provavelmente gerando o suicídio de todos os seus membros.

No segundo caso, uma família de nove pessoas teria sido acusada, ao final da II Guerra Mundial, de ser “derrotista” pelos vizinhos e amigos da colônia japonesa na Fazenda Tietê. Com isso, os membros se isolaram da comunidade, saíam cada vez mesmo de casa, o pai demitiu-se do emprego, passou a discutir com os vizinhos, entre outras atitudes. Para completar, o chefe da família devia dinheiro para o governo. Quando a polícia cercou a residência a fim de prendê-lo, a família toda cometeu suicídio<sup>86</sup>. Segundo Saito,

Por estas circunstâncias, afigura-nos que a família Yoshimura perdeu seu status social, sem o qual a segregação é uma condição forçosa nas comunidades rurais, onde prevalecem os contatos primários. Esta hipótese, por nós levantada, necessita naturalmente das confirmações posteriores pelo estudo in loco do caso. Porém, uma coisa parece certa: - a causa potencial que deu predisposição à família Yoshimura para aquele ato tresloucado, foram os conflitos culturais que vêm avassalando a comunidade japonesa desde o término da Segunda Guerra Mundial.<sup>87</sup>

Considerando a anomia causada pela mudança de meio do imigrante, a vida do indivíduo permanece desestabilizada, sem que tenha uma sociedade organizada o suficiente que lhe dê o suporte necessário quando se encontra em dificuldades num ambiente estranho, com padrões culturais diferentes dos seus. Por isso, enxerga-se no suicídio uma forma de retorno à sua própria sociedade (SAITO, 1953, p. 110). Essa é a conclusão a que chega Saito, tendo em vista o ato final como um dos episódios que compõem o drama da mudança cultural e do processo de assimilação do imigrante, em que as culturas em conflito ficam no centro de

---

<sup>86</sup> Este caso teria relação com a Shindô-Renmei, segundo Saito.

<sup>87</sup> SAITO, Hiroshi. O suicídio entre os imigrantes japoneses. Op. cit., p. 130.

suas vidas. Conflito este que é o foco dos estudos japoneses no Brasil na década de 1950, como será visto no capítulo seguinte.

#### **1.4. A formação de Saito enquanto cientista social**

Ao longo deste capítulo, procuramos mostrar o contexto acadêmico com o qual Saito teve contato quando começou a frequentar a ELSP, em meados da década de 1940. Com ênfase na pesquisa empírica, professores e alunos se destacavam nas Ciências Sociais brasileiras com estudos sobre comunidades isoladas ou que passavam por processos de mudança social. Alguns ainda se voltavam, assim como Saito, às pesquisas sobre os imigrantes no Brasil, destacando-se os trabalhos de Emilio Willems sobre o processo de assimilação de alemães e japoneses no país. Além disso, destaca-se a relação de Saito com Donald Pierson, que tinha por objetivo principal no Brasil treinar estudantes para fazerem pesquisas empíricas de sociologia. Os interesses intelectuais de Saito combinavam com os interesses dos dois professores (e também de outros da ELSP), fazendo com que o seu trabalho possa ser interpretado como um exemplo dos estudos sobre imigrantes que eram realizadas na instituição ao longo das décadas de 1940 e 1950.

No pouco que já se analisou dos escritos de Saito, já é possível perceber as influências das pesquisas e das aulas que aconteciam na ELSP. Porém, mais importante do que listar semelhanças e diferenças entre os trabalhos produzidos na instituição, é imprescindível entender que foi a partir do contato com a ELSP e com os estudos científicos sobre imigrantes que Saito passou a interpretar e a problematizar questões que o incomodavam e o preocupavam enquanto imigrante e membro de uma comunidade japonesa no Brasil. Perceberemos a seguir como estas preocupações pessoais e intelectuais combinavam com as preocupações de instituições internacionais, do governo brasileiro e de outros cientistas sociais. Nesse contexto, Saito se encaixa como o imigrante japonês que aprendeu a fazer sociologia no Brasil para que pudesse interpretar a sociedade brasileira e os outros grupos estrangeiros que têm contato com ela. Assim, a sua percepção sobre os problemas e as soluções relacionados aos japoneses no país são singulares; antes se inserem num contexto mais amplo.

Além disso, é interessante pensar que o suicídio seria a comprovação da não assimilação do imigrante japonês. Dessa forma, o foco de Saito não se limita somente a entender como se dá o processo de assimilação, mas também como ele não ocorre e quais as

circunstâncias para tanto. Dificuldades financeiras, choques culturais, sentimentos nacionalistas extremados, decepções amorosas são alguns sintomas que podem se manifestar de diferentes maneiras: se suicidando, criando sociedades secretas que tentavam impor à força a cultura japonesa ou as suas crenças sobre os imigrantes, prejuízos econômicos pela dificuldade de se negociar preços de produtos em português<sup>88</sup>, etc. E são estas e outras consequências do processo de assimilação malsucedido que vão embasar as preocupações e as pesquisas das organizações internacionais, como a UNESCO, sobre possíveis conflitos sociais e raciais relacionados a grupos de imigrantes. Sendo assim, podemos afirmar que estes estudos sobre imigrantes japoneses produzidos na ELSP ao longo da década de 1940 e início de 1950 servem de base para as pesquisas que serão realizadas mais amplamente ao longo da década de 1950.

---

<sup>88</sup> Este caso será explorado quando tratarmos do trabalho de Saito sobre a Cooperativa Agrícola de Cotia no Capítulo 3 desta dissertação.

## Capítulo 2 - Entre o local e o internacional: uma agenda de pesquisa

Este capítulo tem por objetivo analisar a institucionalização dos estudos sobre japoneses no Brasil na década de 1950. Há, neste momento, algumas pesquisas de campo<sup>89</sup> sendo realizadas no país com o intuito principal de entender como se dão os processos de assimilação e integração dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira, destacando-se as de Seiichi Izumi e Hiroshi Saito. O primeiro foi um sociólogo japonês que veio ao Brasil com o financiamento da UNESCO para investigar um tema caro à organização intergovernamental no contexto pós-Segunda Guerra Mundial: possíveis focos de conflitos sociais e étnicos pelo mundo. Saito, por sua vez, era um imigrante japonês cuja preocupação principal era a integração dos seus compatriotas à sociedade brasileira, e cujos principais trabalhos tiveram as suas pesquisas de campo realizadas na década de 1950 e foram publicados enquanto era aluno, e depois professor da ELSP<sup>90</sup>.

Segundo Saito (1973, p. 8), os estudos científicos sobre japoneses no Brasil começaram com os trabalhos de Emilio Willems & Herbert Baldus (2012[1942]) na década de 1940<sup>91</sup>, mas só tomam fôlego a partir da década de 1950, quando Seiichi Izumi vem ao Brasil. Até então havia poucas publicações sobre o tema, sendo um dos motivos a dificuldade de se fazer pesquisas com os grupos considerados “inimigos” do Brasil durante e depois da Segunda Guerra Mundial<sup>92</sup> (SAITO, 1973, p. 8). Baldus e Willems tiveram que interromper suas pesquisas no Vale do Ribeira, em 1941, pelas desconfianças levantadas pela sua presença tanto nos japoneses como no governo brasileiro, conseguindo publicar somente um artigo sobre as suas observações dos imigrantes japoneses (WILLEMS, 1948, p.7). Não obstante, segundo Saito, a partir do momento que Izumi chega ao Brasil em 1952, têm início “pesquisas

---

<sup>89</sup> Entre as pesquisas, destacamos a dissertação de mestrado de Saito, que investigava a implantação do sistema cooperativista numa colônia japonesa em São Paulo, e a pesquisa que o sociólogo fez em parceria com Izumi, procurando conhecer os imigrantes japoneses espalhados pelo país. Ambas as pesquisas serão tratadas ao longo desta dissertação.

<sup>90</sup> Estes trabalhos são: *O cooperativismo na região de Cotia: Estudo de transplantação cultural* (1956), *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação* (1961) e *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná* (1963). Os títulos serão analisados com mais profundidade no terceiro capítulo desta dissertação, mas é neste segundo capítulo que delineamos os seus contextos de pesquisa e o desta que Saito começa a ganhar nos meios universitários brasileiro e japonês.

<sup>91</sup> Para Saito, os trabalhos que tratavam dos japoneses até então, como o de Oliveira Vianna (1934), Miguel Couto (1942) e Arthur Ramos (1947), eram ensaísticos, e não científicos, porque não se baseavam em investigações empíricas com cuidados metodológicos e teóricos. A questão está relacionada à crítica feita por Willems (1947a) no artigo do jornal *O Estado de São Paulo* sobre os trabalhos que pretendiam entender a assimilação do imigrante, mas não faziam ciência.

<sup>92</sup> Estes grupos seriam aqueles de origem alemã, japonesa e italiana, cujos países estavam em posição oposta ao Brasil na guerra.

de campo extensas”, e os trabalhos sobre os estudos japoneses no país se multiplicam. Pesquisadores japoneses passam a vir para o Brasil com maior regularidade, participando de eventos e da comemoração do cinquentenário do início da imigração japonesa no país, em 1958 (SAITO, 1973, pp. 8-9).

O crescente número de pesquisa sobre os imigrantes japoneses no Brasil durante a década de 1950 vem acompanhado do movimento de pesquisas liderado pela UNESCO. Portanto, pode-se dizer que houve um movimento de via de mão dupla, em que o interesse de alguns cientistas sociais brasileiros de compreender o processo de assimilação se juntou ao interesse externo da UNESCO de tentar evitar novos conflitos étnico-raciais, como os da Segunda Guerra, enxergando as colônias de imigração locais como focos de conflito<sup>93</sup>. Não foi por coincidência que a primeira pesquisa de Izumi no Brasil tinha o objetivo de estudar os membros e as ações da sociedade secreta Shindô-Renmei, responsável por conflitos na comunidade japonesa no Brasil, como vimos no capítulo anterior.

Considerando estas questões, o presente capítulo se inicia pela explicação do papel da UNESCO nos estudos sobre as relações raciais na década de 1950 no Brasil, percebendo o local de destaque que o país tem quando se tratava deste tema. Em seguida, avaliaremos como o contexto pós-Guerra também influenciou as pesquisas das Ciências Sociais no Japão e trouxe Izumi para o Brasil, colocando assim Saito em contato com o meio universitário japonês e influenciando os seus estudos e pesquisas. A presença de Izumi, e também de outros pesquisadores japoneses, incentivou novas pesquisas e a organização de um evento na ELSP, em 1956, chamado I Painel Nipo-brasileiro. Nesse evento foram apresentados resultados de pesquisas nos dois países, com foco nos estudos de comunidade e de assimilação. A partir desses contatos, Saito passa os últimos anos da década de 1950 entre o Brasil e o Japão, onde deu aulas, fez pesquisas e defendeu sua tese de doutorado na Universidade de Kobe, experiências estas registradas em suas correspondências com Donald Pierson. Ao final do capítulo, ficará evidente o destaque que os estudos japoneses tiveram no Brasil durante o período. Destaque este que levou Saito a se tornar um dos principais sociólogos sobre imigração japonesa no país, além de intermediário entre pesquisadores brasileiros e japoneses.

---

<sup>93</sup> Esta via de mão dupla, por assim dizer, em que interesses internos dialogam com interesses de países ou instituições estrangeiras, como a UNESCO, é discutida em trabalhos como MAIO, 1999; PALMER, 2004; MAGALHÃES, 2013.

## 2.1. As pesquisas da UNESCO na década de 1950

Conforme apontado anteriormente, durante a década de 1950, houve uma atenção especial que se voltou às pesquisas sobre japoneses no Brasil, em concordância com estudos no Japão que tratavam da inserção de seus emigrantes na sociedade brasileira. Isso se mostrou presente tanto através dos estudos realizados por Hiroshi Saito como por meio de pesquisas empreendidas pelo sociólogo japonês Seiichi Izumi, que veio ao Brasil com o apoio da UNESCO. Tais pesquisas estavam inseridas no contexto que se segue à Segunda Guerra Mundial, quando agências internacionais tinham o intuito de identificar e evitar conflitos raciais e étnicos, como havia acontecido durante a guerra, e um dos locais “de risco” seria dentro de comunidades imigrantes, como a japonesa no Brasil.

Além disso, no contexto da Guerra Fria, tinha-se o objetivo não só de impedir novos conflitos raciais no mundo, como conhecê-lo melhor. Um dos motivos para tanto seria a necessidade dos Estados Unidos de controlar a propagação da ideologia comunista em países subdesenvolvidos. Este conhecimento era adquirido, principalmente, pelos chamados *area studies*, que eram estudos antropológicos, em sua maioria, apoiados pelo governo norte-americano em países do Pacífico, por exemplo, e com o objetivo de conhecer a sociedade alvo dessa política de “controle”, procurando saber as suas principais carências e os melhores investimentos a serem feitos (PRICE, 2016). Em meio à Guerra Fria, a presença americana reforçava o seu poder sobre a região, e o capitalismo tinha mais chances de vingar num local com uma população saudável e apta ao trabalho (PACKARD, 1997). Ou seja, acreditava-se a esta altura que uma sociedade desenvolvida, com empregos e inovações tecnológicas, estaria menos suscetível à ideologia comunista, e para o capitalismo ser inserido naquele local era preciso conhecer a sua cultura, hábitos e etc.; isso tudo deveria ser feito pelas mãos de antropólogos. Sendo assim, havia diversas variáveis que influenciavam as pesquisas internacionais sobre determinadas populações. Contudo, o nosso interesse principal para aqueles estudos financiados pela UNESCO com intuito de investigar as questões raciais.

Com o final da Segunda Guerra Mundial e as consequências do Holocausto, que seria, entre outras coisas, o auge dos conflitos raciais e étnicos conhecidos até então no mundo, criou-se a UNESCO, em novembro de 1945. A organização tinha como objetivo auxiliar na “superação da ignorância, do preconceito e do nacionalismo xenófobo por meio da educação, da cultura e da ciência”. Assim, a organização financiou pesquisas e publicou livros e revistas como parte de sua campanha contra o analfabetismo e o racismo (MAIO & SANTOS, 2010, pp. 149). Em 1950, é divulgada a Primeira Declaração Sobre Raça da UNESCO, que afirmava

que a “raça é menos um fato biológico do que um mito social e, como mito, causou severas perdas de vidas humanas e muito sofrimento em anos recentes” (MAIO & SANTOS, 2010, p. 148).

O conceito de raça como instrumento válido de classificação da espécie humana já estava sendo questionado por Franz Boas desde o final da Primeira Guerra. No entanto, é só com os resultados desastrosos da Segunda Guerra que a discussão passa a ganhar terreno como uma crítica ao determinismo biológico (MAIO, 1999, p. 380). Apesar da mudança de interpretação do que seria o conceito de raça, ainda havia locais de tensões sociais, ditas raciais, como, por exemplo, na África do Sul, com a lei do Apartheid, e nos Estados Unidos, com as leis de segregação (MAIO, 1999, p. 143). Assim, depois dos conflitos raciais da Segunda Guerra, buscaram-se formas de resolver outras situações semelhantes de forma pacífica e, por isso, incentivaram-se pesquisas com o intuito de identificar e entender situações de conflito ao redor do mundo. Em 1949, o Conselho Econômico e Social (Ecosoc), ligado às Organização das Nações Unidas (ONU), propõe um programa de combate à discriminação racial a UNESCO. Entre as propostas, estavam:

- 1) disponibilizar material relevante ou análises que possam resultar de estudos sobre tensões sociais ou de qualquer outro programa patrocinado pela UNESCO;(...); 3) considerar a conveniência de se iniciar e recomendar a adoção geral de um programa de disseminação de fatos científicos com o propósito de eliminar o que é geralmente conhecido como preconceito racial.

Entre as atividades colocadas em prática pela UNESCO, tinha-se em vista uma pesquisa sobre relações raciais no Brasil, país visto pela organização, segundo Maio (1999, p. 19), “como o ‘laboratório socioantropológico’ privilegiado para desqualificar a importância conferida aos constructos raciais em nome da promissora experiência de miscigenação e assimilação”. Essa imagem se construía em função da teoria da democracia racial, reforçada a partir da divulgação das obras de Gilberto Freyre (MAIO, 1999, p. 144). Segundo Taniguti (2015, p. 193), nos anos de 1950, essa teoria foi relida sob a chave de que não seriam somente três raças que comporiam a nação brasileira, mas várias outras, que conviviam harmoniosamente — e a presença dos imigrantes japoneses e da sua assimilação à sociedade brasileira seriam provas incontestes desse quadro. Além disso, estas raças não eram determinadas por características biológicas, mas sim culturais (TANIGUTI, 2015, p. 193), reforçando a importância de pesquisas realizadas por Willems, Saito e Izumi, cujo foco era,

---

<sup>94</sup> MAIO, Marcos Chor. O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da UNESCO. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), Rio de Janeiro, v. 5, 1998, p. 380.

em geral, a adaptação cultural destes imigrantes, e não a questão racial que os diferenciava da população brasileira.

As pesquisas no Brasil aconteceram tanto através do chamado Projeto UNESCO como por meio de outras iniciativas promovidas pela Organização, como aquela da qual Izumi fez parte e que será explorada mais adiante. O Projeto UNESCO aconteceu entre os anos de 1951 e 1952 e consistiu em pesquisas cujo intuito era investigar as relações raciais no Brasil para apresentar ao mundo as experiências, vistas como positivas e bem-sucedidas, das interações raciais no nordeste e sudeste brasileiro (MAIO, 1999, p. 141). Entre outras pesquisas, há aquelas que aconteceram em Recife, coordenada por Gilberto Freyre (1900-1987)<sup>95</sup>; em Salvador, coordenada por Charles Wagley (1913-1991)<sup>96</sup>; no Rio de Janeiro, coordenada por Luíz Costa Pinto (1920-2002); e, em São Paulo, coordenada por Roger Bastide (1898-1974) e Florestan Fernandes (1920-1995). A Bahia era o foco inicial do projeto por conta das pesquisas que já existiam sobre as relações raciais no estado<sup>97</sup>. Recife teria sido incluído por conta da influência e importância de Gilberto Freyre naquele momento. O sudeste foi também escolhido principalmente pela preocupação que haveria em entender como os processos de modernização e industrialização impactavam sociedades subdesenvolvidas (MAIO, 1999, p. 150).

Cada pesquisa do Projeto UNESCO teve a sua própria conclusão, mas, no geral, a quantidade de mestiços teria chamado a atenção dos pesquisadores, especialmente em Salvador, onde a miscigenação havia levado a uma falta de preocupação com a identidade racial das pessoas. O que prevaleceria seria um preconceito social sobre o racial, isto é, apesar de haver casamentos inter-raciais, por exemplo, estes seriam mais raros entre pessoas que ocupavam os extremos das posições sociais no país. Ainda, quanto mais elevada a posição de um indivíduo na escala social, tão mais evidente se tornava o preconceito racial (MAIO, 2001). De acordo com Maio (2001, p. 133), sobretudo na região sudeste, concluiu-se que “as dificuldades experimentadas pelos negros eram atribuídas não a sua cor, mas a sua posição na hierarquia social”. Outra conclusão do Projeto foi que no Brasil as classificações raciais eram definidas não só por características físicas, mas também atributos como classe social, educação e status (MAIO, 2001, p. 134).

---

<sup>95</sup> A pesquisa em Recife contou com a participação do antropólogo René Ribeiro (1914-1990).

<sup>96</sup> A pesquisa em Salvador contou com a participação do antropólogo Thales de Azevedo (1904-1995).

<sup>97</sup> Entre estas pesquisas, podemos citar *The city of women*, de Ruth Landes (1947); “The negro family in Bahia, Brazil”, de Franklin Frazier (1942); *Negroes in Brazil*, de Donald Pierson (1942); e “The negro in Bahia, Brazil: a problem in method”, de Melville Herskovits (1943). (MAIO, 1999).

Além do Projeto UNESCO, a organização intergovernamental incentivou e patrocinou também outras pesquisas para entender os conflitos étnicos que haviam sido registrados no país, e é nesta chave que temos a primeira pesquisa de Seiichi Izumi no Brasil. Esta pesquisa não era pontual, mas sim parte de um programa mais amplo da UNESCO, que, como dito, buscava sugestões e soluções para evitar que conflitos étnico-raciais, como o da Segunda Guerra Mundial, se repetissem. No entanto, as pesquisas não tratariam apenas das experiências bem-sucedidas de assimilação e relações raciais, mas também daquelas que tiveram efeitos negativos para as pessoas envolvidas.

Diante dos resultados do fim da Segunda Guerra, entre os imigrantes japoneses no Brasil foi criada a Shindô-Renmei, que tinha o objetivo de convencer seus compatriotas de que o Japão havia ganhado a guerra, efetuando ações extremistas (foram mais de 40 ataques e alguns assassinatos) contra aqueles que afirmavam o contrário. A primeira pesquisa de Izumi no país tinha por objetivo investigar como se deram os conflitos, as suas causas, as consequências e como diminuir os seus efeitos para comunidade japonesa no Brasil (KINGSBERG, 2014, p.78). Assim, as pesquisas de Izumi no Brasil, as de Saito, posteriormente, e as de outros estudos japoneses no país estavam em concordância com as preocupações da UNESCO e das Ciências Sociais na década de 1950..

## **2.2. Seiichi Izumi e suas pesquisas no Brasil**

Para abordarmos os textos de Seiichi Izumi, introduziremos aqui rapidamente sua biografia. O estudioso nasceu em 1915, em Tóquio, no Japão. Ainda criança mudou-se para o que é hoje a Coréia do Sul, onde seu pai assumiu o posto de professor do curso de direito na Universidade Imperial de Keijo (hoje, Universidade de Seul). Izumi estudou sociologia e religião nesta mesma instituição durante a década de 1930, graduando-se, em 1938, com um trabalho sobre as causas e as consequências da emigração em massa de fazendeiros coreanos durante a ocupação japonesa. Ele ainda realizou pesquisas de campo sobre a cultura mongol na Manchúria e aplicou questionários de pesquisa na tribo primitiva Olochon, que morava nas montanhas Hsing-Na-Ling, localizadas no nordeste da Mongólia. Em dezembro de 1938, Izumi é convocado pelo exercito japonês e participa da primeira expedição científica da Universidade Imperial de Keijo, pesquisando populações minoritárias na Coréia. Ele fez pesquisas ainda sobre pequenas comunidades rurais que habitavam ilhas sob o domínio do Japão (KANO, 1972; PERU, 2008; KINGSSBERG, 2013). Desde o início de sua vida

acadêmica, Izumi estudou, primordialmente, minorias dentro de sociedade japonesa — minorias estas vulneráveis a conflitos ou tensão social com os grupos dominantes.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, Izumi retorna ao Japão, então ocupado pelos Estados Unidos, para estudar e pesquisar na Universidade de Meiji (PERU, 2008). O governo americano, junto com a SCAP (Supreme Commander of the Allied Powers)<sup>98</sup>, aspirava substituir a “identidade japonesa baseada em sangue e cultura, e vista como responsável pelo militarismo centrado no imperador e na guerra, por um conceito de estilo americano da nação como uma comunidade cívica”. Isto é, objetivava-se modificar a cultura japonesa, entendida pelos americanos como nacionalista ao extremo, dentro da qual o povo daria a vida pelo imperador e pela guerra; em seu lugar, seriam sedimentados os ideais americanos de democracia<sup>99</sup>. Com isso, o governo americano tentava controlar a sociedade japonesa para os seus próprios interesses, como, por exemplo, impedir a expansão do comunismo e garantir novos mercados consumidores (KINGSSBERG, 2014, p. 79).

É com esse intuito que o governo americano passa a contratar antropólogos culturais para treinar cientistas sociais japoneses, inclusive Izumi, e para ensiná-los a fazer pesquisas utilizando teorias e metodologias americanas, baseadas nos trabalhos de Franz Boas<sup>100</sup>, Ruth Benedict<sup>101</sup>, Robert Park<sup>102</sup>, entre outros. Antes de 1945, os trabalhos destes antropólogos já circulavam no Japão, mas Izumi e outros estudiosos, como historiadores e geógrafos,

---

<sup>98</sup> A SCAP era o órgão norte-americano responsável pela ocupação dos Estados Unidos no território japonês ao final da Segunda Guerra Mundial (KINGSSBERG, 2014, pp. 79).

<sup>99</sup> Benedict (1972, pp. 11) destaca o papel que os antropólogos tiveram neste momento ensinando ao governo norte-americano a cultura japonesa para poderem lidar da melhor forma com a população local após da derrota na Segunda Guerra Mundial. Esses antropólogos teriam apontado a importância de se manter a figura do imperador (evitar a sua morte) para a sociedade japonesa e para a estabilização do país após o conflito.

<sup>100</sup> Franz Boas (1858-1942) foi um antropólogo norte-americano que defendia que a cultura era o fator explicativo das diversidades sociais. Formulou o conceito de etnocentrismo (acreditar que uma etnia ou cultura é superior a outras) e defendia que cada cultura deveria ser estudada de forma singular. Em 1906, por exemplo, tentou convencer, sem sucesso, empresários norte-americanos a financiarem a criação de um African Institute, que buscava mostrar que a condição precária do negro nos Estados Unidos se dava por razões sociais, e não raciais (CASTRO, 2009, pp. 13). É autor de *Primitive Art* (1927) e *Race, Language, and Culture* (1940), entre outras obras.

<sup>101</sup> Ruth Benedict (1887-1948) foi uma antropóloga americana, aluna de Boas, que escreveu o livro *The Chrysanthemum and the Sword*, publicado em 1946. Nesta obra, a antropóloga busca entender a cultura japonesa a partir da leitura de cartas e livros, assistindo filmes e entrevistando japoneses que moravam nos Estados Unidos durante os anos da Segunda Guerra Mundial. O trabalho teria sido encomendado pelo governo norte-americano a fim de conhecer o povo contra o qual estava lutando na guerra (BENEDICT, 1972, pp. 11-14).

<sup>102</sup> Park publicou, entre outros trabalhos, *Introduction to the Science of Sociology* (com Ernest Burgess) (1921) e *Human Migration and the Marginal Man* (1928). As obras de Park se destacam pelo desenvolvimento de conceitos voltados para o trabalho empírico e porque nelas “a sociologia é vista como a ciência” do comportamento coletivo “e seu problema central é explicar como a coesão da coletividade se sustenta” (ALVES, 2015, pp. 194).

justificados pela subordinação política, forneciam dados para o governo imperial para fortalecer o seu poder frente a indivíduos inferiores. Agora, sob a influência da ocupação americana, os estudiosos japoneses teriam redefinido os seus estudos sobre diversidade humana e desenvolveram a antropologia cultural. Izumi pesquisou, por exemplo, minorias coreanas em Tóquio e colônias agrícolas no norte do país, representando alguns dos primeiros estudos de antropologia cultural no Japão (KINGSBERG, 2014, p. 79). Entre as ideias sociológicas exploradas no Japão neste momento, sob a tutela dos americanos, está o processo de assimilação, conforme interpretado por Park, e a noção da raça como uma construção social, como explorado por Boas (KINGSBERG, 2014, p. 83). Ainda, teriam sido colocados em prática cuidados metodológicos utilizados nas pesquisas empíricas pelos cientistas sociais norte-americanos, como, provavelmente, observação participante, entrevistas em profundidade e coleta de dados quantitativos<sup>103</sup>.

Em 1952, Izumi é contratado pela UNESCO para fazer pesquisas no Brasil a fim de investigar possíveis situações de conflitos entre imigrantes japoneses no país. De acordo com Saito (1973a), Izumi teria vindo ao Brasil, na primeira vez, para realizar uma pesquisa sobre o processo de assimilação dos descendentes japoneses dentro de um contexto de polarização entre imigrantes “vitoristas” e “derrotistas” ao final da Segunda Guerra Mundial. O foco principal seria investigar a criação e o funcionamento da associação secreta Shindô-Renmei<sup>104</sup>. A UNESCO, que enxergava as ciências sociais a partir de uma visão universal, encorajava pesquisas no exterior para contribuir com a paz no Japão (KINGSBERG, 2014, p. 80). Isso significa dizer que os métodos de pesquisa aplicados no país também poderiam ser utilizados no Brasil ou em outros lugares. Estas pesquisas apresentariam informações sobre como os mais diversos povos no mundo viviam, gerando sentimentos de solidariedade e identificação com países que foram inimigos durante a guerra.

Kingsberg (2014, p. 80) afirma que, ao chegar ao Brasil, em abril de 1952, Izumi passou algumas semanas no Rio de Janeiro, onde havia uma representação da UNESCO, e, em seguida, foi a São Paulo, onde Saito estava a sua disposição. O seu contato prévio com

---

<sup>103</sup> Kingsberg não cita quais seriam os métodos de pesquisa ensinados pelos antropólogos norte-americanos no Japão, mas considerando o contexto e as teorias mais importantes, identificados por ela, podemos supor que estes métodos eram relacionados, principalmente, a pesquisas empíricas.

<sup>104</sup> Carta de Hiroshi Saito a Cyro Berlinck. 20 de abril de 1953. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

Saito teria ocorrido por meio de carta enviada à esposa do sociólogo japonês Kunio Odaka<sup>105</sup>. Em entrevista a Koichi Mori, citado por Castro<sup>106</sup>, Saito afirma que:

O Sr. Seiichi Izumi, na época professor assistente do Instituto de Pesquisas da Cultura Oriental da universidade de Tóquio, chegou a São Paulo em 1952, para realizar estudos do processo de assimilação dos descendentes de japoneses, inclusive a questão vitória-derrota (...) (dentro do tema “Tensão inter e intragrupal dos imigrantes japoneses no Brasil”). Eu já havia feito troca de correspondência com o Sr. Izumi através da carta enviada à Sra. Kunio Odaka. Havia prometido a ele que colaboraria nas pesquisas aqui no Brasil. Durante seis meses, me dediquei ao levantamento de campo, nos núcleos de concentração de descendentes de japoneses nos estados de São Paulo, Paraná e Amazonas como assistente do Sr. Izumi<sup>107</sup>.

Assim, a partir deste contato inicial, Saito começa a auxiliar Izumi em suas pesquisas no Brasil. No início de 1953, os dois cientistas sociais fizeram pesquisas de campo no interior do país, distribuindo questionários e entrevistando centenas de imigrantes. Uma das primeiras descobertas de suas pesquisas foi a conclusão de que 10% dos imigrantes ainda acreditavam na vitória do Japão na guerra. Os estudos de Izumi buscavam, a princípio, comparar, de um lado, a identificação nacional e possíveis situações de tensões étnicas entre imigrantes japoneses e seus descendentes com os brasileiros e, de outro, entre os japoneses e os moradores de ilhas dominadas pelo Japão. Em seu relatório, Izumi afirma que, no Brasil, os imigrantes e seus descendentes eram brasileiros no que concernia à educação, à língua, à religião, etc. Ele conclui que imigrantes mais ricos e com maior nível educacional tendiam a aceitar mais facilmente a derrota do Japão e a assimilação. Izumi também conclui que as diferenças geracionais entre os imigrantes e seus descendentes refletiam enormemente as diferenças de níveis de assimilação que havia dentro da comunidade japonesa no Brasil (KINGSBERG, 2014, pp. 81-82). Parte dessas pesquisas resultou em um artigo publicado em 1953 na revista *Sociologia*, escrito em coautoria com Saito<sup>108</sup>.

---

<sup>105</sup> Kunio Odaka foi um sociólogo japonês que estudou principalmente a questão do trabalho no Japão. É autor de *Toward Industrial Democracy - Management and Workers in Modern Japan* (1975) e *Japanese Management: A Forward-Looking Analysis* (1986).

<sup>106</sup> Koichi Mori publicou em japonês, em 1990, o livro *Imigrante e Nisei: história de vida de dois cientistas sociais de origem japonesa (Imin to Nisei)* pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, e Castro (1994) utiliza vários trechos do trabalho em sua dissertação.

<sup>107</sup> CASTRO, Marco Luiz de. *Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória de vida de Hiroshi Saito*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994, p. 130.

<sup>108</sup> Em sua volta ao Japão, Izumi passou pela Bolívia e pelo Peru, onde se interessou pela cultura andina. Ele retorna ao Peru em 1957 para participar das escavações do sítio arqueológico La Huaca (Vale de Chancay), e, em 1958, organiza a primeira expedição japonesa pelo Andes, para onde ele voltou pelo menos mais quatro vezes. Paralelamente a esses estudos, pesquisou também sobre a vida da colônia japonesa no Peru. (KANO, 1972; PERU, 2008).

Portanto, ao chegar ao Brasil, Izumi ainda não era conhecido pelo tema dos estudos sobre japoneses, mas já possuía experiência de pesquisa com populações minoritárias e as suas relações com as sociedades onde estavam inseridas. Assim, pouco antes de iniciar o mestrado, em 1952, Saito conhece quem viria a ser o seu principal contato no Japão, onde mais tarde concluiria o seu doutorado. O contato com Izumi também lhe rendeu uma aproximação com outros pesquisadores japoneses, como aqueles que participariam do I Painel Nipo-Brasileiro, em 1956, e a possibilidade de publicação em periódicos estrangeiros, além de outras pesquisas patrocinadas pela UNESCO e outras organizações internacionais. Destacamos abaixo o artigo publicado por Izumi e Saito sobre os primeiros resultados da sua parceria de pesquisa na década de 1950 no Brasil para depois tratarmos de algumas outras pesquisas realizadas por Saito na mesma década.

### **2.2.1. A pesquisa de Saito e Izumi: o imigrante marginal**

Uma das pesquisas surgidas da parceria entre Izumi e Saito está descrita no artigo intitulado “Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil” (1953), que traz uma apresentação dos resultados preliminares das investigações realizadas em diferentes localidades. Durante a coleta de dados, buscou-se o melhor método para analisar a tensão grupal que haveria entre os imigrantes japoneses no país no período do pós-guerra, visto que eles haviam se dividido em duas correntes – os “vitoristas” e “derrotistas” ou “esclarecidos”. Para isso, segundo os autores, seria preciso elaborar um “método útil e comum” para a pesquisa de “tensão social”, o qual eles não definem ainda no artigo. Como existia, no entanto, poucos estudos sobre os imigrantes japoneses no Brasil, era necessário, primeiramente, fazer uma pesquisa sobre os aspectos gerais da colônia, observando as suas características estruturais e econômicas (IZUMI & SAITO, 1953, pp. 195-196). É interessante ressaltar que os próprios termos utilizados pelos autores, tal como “tensão social”, condiziam com os objetivos de pesquisa da UNESCO nesse momento, mostrando a direta associação entre as pesquisas de Saito e Izumi e a agenda da organização intergovernamental.

Os imigrantes alvos da pesquisa moravam em São Bernardo do Campo, Mogi das Cruzes, Santa Cruz do Rio Pardo, Bastos e Lins, no estado de São Paulo; Assaí, no Paraná; Acará e Santarém, no Pará; e Manaus, no Amazonas. No que toca os agrupamentos na Amazônia, os autores destacam algumas diferenças em relação às demais regiões, pois os imigrantes japoneses que ali se encontravam tinham sido encaminhados num curto espaço de

tempo e em menores quantidades. Além disso, a maior parte deles era composta por homens e mulheres solteiros, sendo encontradas, numa distância percorrida de mil milhas, somente 250 famílias de imigrantes japoneses, uma quantidade muito inferior às outras regiões do país (IZUMI & SAITO, 1953, pp. 197-199).

Foram distribuídos dois tipos de questionários. O primeiro buscava compreender as condições econômicas da família, com o intuito de conhecer a sua ascensão econômica antes, durante e depois da Segunda Guerra. O outro questionário tratava da estrutura da família, com os detalhes necessários para o estudo de aculturação. Nele, eram questionados temas que se ligavam, por exemplo, à língua usada na conversa entre pessoas da família, ao contato mantido com os parentes no Japão, à nacionalidade e profissões de padrinhos (IZUMI & SAITO, 1953, pp. 200-201). Este segundo questionário também perguntava sobre os hábitos religiosos dos imigrantes, revelando que 70,4% da população nipo-brasileira era budista<sup>109</sup>, 20,4% católica, 9,2% protestante (segundo os autores, houve alguns relatos de outras seitas japonesas, como a xintoísta, a tenrikyo, a seicho-no-ie, etc.)<sup>110</sup> (IZUMI & SAITO, pp. 201-205). Nesse mesmo sentido, o catolicismo teve um alto grau de penetração entre os jovens de 10 a 15 anos, e isso se daria, segundo os autores, pois

A alta porcentagem que ocupa o catolicismo no grupo de 10-15 anos é um indício de algo significativo: as crianças são batizadas em maior número durante o curso primário ou por ocasião da matrícula nas escolas, sendo esse fenômeno bem mais acentuado no pós-guerra. O fato mostra, na nossa opinião, que a forte penetração do catolicismo nas crianças de idade escolar, não é simplesmente um fenômeno de acomodação, mas um seguro indício da mudança que vem ocorrendo, desde o término da guerra, na atitude dos pais japoneses para com a cultura brasileira, com a consequente aceleração na marcha da aculturação religiosa. Esta afirmação nossa, no que diz respeito à mudança de atitudes, ainda é corroborada pelo resultado das entrevistas por nós procedidas.<sup>111</sup>

A mudança de atitude dos imigrantes após a guerra ocorre por conta da impossibilidade que há a partir de então de retornar ao Japão, sendo necessário, portanto, se fixar no Brasil, questão esta explorada no capítulo três desta dissertação. Além disso, as diferenças geracionais relacionadas à religião mostram a importância do contato das crianças

---

<sup>109</sup> Ao apresentar sucintamente as características dos imigrantes japoneses no Brasil, Ramos (1947, pp. 314-315) caracteriza algumas religiões presentes no território japonês, dando destaque ao xintoísmo e ao budismo.

<sup>110</sup> Contudo, os autores consideraram como budistas não só aqueles que teriam se declarado enquanto tal, mas também os seus filhos, que não declararam nenhuma religião, assim como os que teriam declarado não pertencer a nenhum culto (IZUMI & SAITO, pp. 201-205).

<sup>111</sup> Izumi, Seiichi. Saito, Hiroshi. Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil. *Sociologia*, v. 15, n. 3, 1953, pp. 205.

imigrantes com a sociedade local na escola para o seu processo de assimilação. Assim, associando as entrevistas realizadas às observações de campo e às respostas dos questionários, Izumi e Saito fazem uma análise dos “níveis” de aculturação entre os japoneses e seus filhos, considerando-se aqui tanto os que vieram muito jovens para o Brasil como os que já nasceram aqui.

Por meio de gráficos e cálculos feitos com a ajuda de entrevistas e questionários, Saito e Izumi percebem que os descendentes estariam mais aculturados à sociedade brasileira do que seus pais imigrantes, apesar de haver um grupo de japoneses que se encontraria numa camada “marginal” quanto ao nível de aculturação. A faixa etária acima dos 40 anos seria uma camada “japonesa”, pois fora educada no Japão e seguia uma religião japonesa. Entre as pessoas de 25 a 40 anos havia ainda a predominância daquelas nascidas no Japão, mas prevalece a dualidade da cultura japonesa e brasileira; esta seria justamente a “camada marginal”. Por fim, os jovens de até 25 anos seriam o grupo “brasileiro”, sendo todos nascidos no Brasil, com educação e religião brasileiras (IZUMI & SAITO, 1953, p. 207).

Considerando o processo de interação proposto por Park, podemos entender que, no primeiro grupo, os que emigraram já adultos, haveria o processo de *competição*, já que eles estariam entrando em constante choque com a cultura brasileira por terem dificuldades de mudarem determinados padrões e características culturais, havendo uma disputa inconsciente de qual cultura deveria prevalecer. O segundo grupo, por sua vez, estaria passando pelos processos de *conflito* e *acomodação*. Conflito porque eles estariam conscientes da luta que haveria entre as duas culturas pelas suas existências, e acomodação, pois eles já estariam mais ajustados a determinados padrões culturais e de comportamento que seria esperado de pessoas que moram no Brasil. Essas acomodações seriam aceitas e transmitidas para as gerações seguintes com mais naturalidade do que do primeiro para o segundo grupo (PARK & BURGESS, 2014). O terceiro grupo, finalmente, já estaria no processo de assimilação, envolvendo-se no cotidiano da sociedade brasileira e frequentando suas escolas e igrejas, ou seja, estabelecendo um contato mais íntimo com os padrões culturais brasileiros e sofrendo, assim, transformações mais profundas em suas personalidades.

A classificação do segundo grupo de imigrantes, feita por Saito e Izumi, como “camada marginal”, isto é, aqueles que vieram crianças ou nasceram aqui, pode ser relacionada ao conceito de “homem marginal”, de Everett Stonequist. Segundo o sociólogo norte-americano, indivíduos que vivem numa situação “bicultural” (ou “multicultural”), ou seja, em contato com mais de uma cultura, tendem a buscar adaptação no grupo que possui o

maior prestígio e poder (STONEQUIST, 1935). No caso do estudo de Saito, os jovens japoneses na camada “marginal” tenderiam a seguir os padrões do “grupo” brasileiro, evidentemente hegemônico no território nacional. Stonequist ainda destaca que este seria o melhor grupo a ser observado para estudar sua mudança cultural, pois a sua história de vida pode oferecer um método de estudo do processo cultural. Valendo-se dos termos de Park, o intelectual conclui: “é na mente do homem marginal — onde as mudanças e fusões de culturas estão acontecendo — que nós podemos melhor estudar o processo de civilização e progresso” (PARK, s/d in STONEQUIST, 1935, p. 12).

As diferenças geracionais presentes no artigo de Izumi e Saito mostram uma das formas possíveis de se abordar o processo de assimilação entre imigrantes. De acordo com Green, neste tipo de abordagem os focos das observações e análises centram-se nos possíveis conflitos de língua, educação ou normas culturais, e também nas diferentes experiências dentro de uma mesma geração (GREEN, 2006, p. 251), como no caso do grupo marginal. Assim, através dessa via, como é feito no artigo, seria importante considerar as diversas experiências entre diferentes gerações, principalmente entre crianças e adultos. O artigo de Izumi e Saito mostra o tipo de sociologia com a qual os dois travaram contato — qual seja, a americana —, em diferentes contextos.

Além disso, é possível perceber no artigo a agenda de pesquisa da UNESCO, além de outras organizações estrangeiras, como o Conselho Nacional de Ciências do Japão (que também teria financiado parte das pesquisas de Izumi no Brasil). A preocupação de entender como estavam acontecendo os processos de assimilação dos imigrantes japoneses no Brasil mostra a influência da UNESCO a partir do momento em que se interpreta este processo como possível foco de conflito e também como possível solução. O conflito poderia aparecer dentro da comunidade imigrante a partir de problemas causados por diferenças geracionais, por exemplo, pois o grupo jovem estava adquirindo características da cultura hegemônica, enquanto os mais velhos não queriam abrir mão da cultura de origem. O confronto também poderia aparecer em uma perspectiva mais ampla, quando se tratava das relações não amistosas entre os imigrantes japoneses e os brasileiros. Mas o processo de assimilação de imigrantes poderia também apresentar soluções para conflitos ao trazer resultados positivos deste processo.

Em concordância com a agenda da UNESCO, Izumi, assim como Saito em outros trabalhos, entende que era preciso especial atenção à interação e integração de seus membros em relação à sociedade local. Além disso, é a partir do contato com Izumi que as portas se

abrem para Saito no mundo universitário japonês, onde ele passa a publicar trabalhos e a participar de seminários e pesquisas de campo no seu país de origem. No contexto da ELSP, que passava por uma de suas graves crises financeiras<sup>112</sup>, Saito passa a se destacar como pesquisador de imigração japonesa e como o sociólogo indicado pela instituição, que não deixava de apoiá-lo para receber e auxiliar pesquisadores japoneses que pretendessem estudar no Brasil. Pesquisas estas cujas preocupações centrais eram o conflito interno e externo da comunidade imigrante, a sua assimilação e o seu desenvolvimento.

### **2.2.2. Destaque de Saito nas pesquisas sobre japoneses na década de 1950**

Entre outras pesquisas realizadas por Saito, destaca-se mais uma coordenada por Izumi, que entre 1956 e 1957 faz a sua segunda visita ao Brasil. Desse novo contato resulta o livro *Imin* (Imigração), publicado em japonês, e que trata da assimilação de imigrantes japoneses no Brasil. Seria este o primeiro trabalho sobre o tema da assimilação realizado por um cientista social japonês. O livro aborda as pesquisas de Izumi em nosso território, dentre as quais estão aquelas realizadas em conjunto com Saito, em 1952. É também marcante nesta obra a influência da antropologia americana, especialmente a praticada na Universidade de Chicago, sobretudo com os trabalhos de Robert Park. No livro, Izumi privilegiou a mesma abordagem do sociólogo norte-americano em relação aos grupos humanos, os quais seriam definidos a partir da cultura, e não mais da raça (KINGSBERG, pp. 82-83). Esta visão estava em concordância com os estudos da UNESCO, que criticavam o uso da raça como base para políticas públicas, como aconteceu na Alemanha nazista, e que compreendia o conceito como mito social, além de incentivar pesquisas sobre a chamada “democracia racial” (MAIO, 1999; MAIO & SANTOS, 2010; KINGSBERG, 2014).

A pesquisa realizada com uma equipe chefiada por Seiichi Izumi teria acontecido, segundo Saito, entre novembro de 1955 e janeiro de 1956<sup>113</sup>. Ela tinha como objetivo “localizar os japoneses e seus descendentes no espaço tanto social como geográfico da

---

<sup>112</sup> Limongi (1989) comenta que, desde sua fundação, a ELSP sempre enfrentou problemas para obter recursos financeiros, com dificuldades de conseguir doações e financiamentos para os seus projetos. Ao longo dos anos, a instituição perde muito de seus professores pela dificuldade de pagar os salários. Para Simões (2009, pp. 41-42), os problemas financeiros da ELSP eram crônicos: a instituição sempre estava passando por problemas, especialmente a partir da década de 1950 com a saída de Pierson e Willems e a consequente diminuição do número de projetos financiados pelo governo e pelas organizações nacionais e internacionais. As crises constantes da instituição também são comentadas por Eduardo (2009), Cavalcanti (2009), Eufrásio (2009), entre outros.

<sup>113</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 15 de fevereiro de 1956. FDP/AEL/Unicamp.

sociedade dominante” e, para isso, seriam realizados *surveys*<sup>114</sup>. Entre as localidades investigadas, incluía-se Contenda (PR), local que faz parte da zona polonesa do estado e seria comparada a outros estudos realizados em comunidades japonesas em São Paulo e Paraná. Segundo Saito (1963), o objetivo inicial da pesquisa era combinar os procedimentos de estudo de comunidade com o de assimilação e aculturação. No entanto, o objetivo não teria sido cumprido pelo tempo curto da pesquisa e pela dificuldade que teria havido na inserção dos pesquisadores no campo.

Nas correspondências com Pierson, Saito também comenta outras pesquisas que realiza ainda na década de 1950 a partir do contato estabelecido com Izumi, no geral relacionadas direta ou indiretamente à agenda de pesquisa da UNESCO. Por exemplo, pouco depois que entrou no mestrado, em 1954, Saito planejou, além da sua pesquisa de dissertação, outras pesquisas, tendo sempre o interesse em conhecer como viviam os imigrantes japoneses no Brasil e como eles se relacionavam com a população local, e atento a possíveis situações de conflitos e tensões.

Em relatório de atividades enviado para Pierson, em dezembro de 1954, Saito comenta uma pesquisa que gostaria de fazer no Núcleo Colonial de Una, na Bahia, e para a qual contaria com o apoio do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC)<sup>115</sup>. O instituto fora criado em janeiro de 1954 com o intuito de controlar rigorosamente a entrada de imigrantes no país, herdando, além desta, outras funções do Conselho de Imigração e Colonização (CIC), criado em 1938 (SOUZA, 2010). O órgão também orientava os serviços de colonização, fixação e distribuição dos estrangeiros no território nacional e era responsável pela publicação da *Revista de Imigração e Colonização* (RIC). Por seu turno, a revista, que circulou até 1952, tinha por objetivo “divulgar fatos relativos aos problemas demográficos brasileiros” para melhor orientar a opinião da população, e ainda tornar acessíveis relatórios, pareceres e resoluções do CIC (QUEIROZ, 2013). O INIC determinava onde o imigrante se estabeleceria, e a divisão e distribuição das propriedades agrícolas no interior do país. Ao

---

<sup>114</sup> Dividida em dois momentos, a pesquisa foi realizada em Suzano (SP), Paranavaí (PR), Colônia de Acará (PA), Assai (PR), Bilac (SP), Presidente Prudente (SP) e Contenda (PR). Esta última cidade tinha predominância de descendentes poloneses, os quais Saito ficou encarregado de estudar, o que deu origem ao livro *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná*, publicado em 1963, abordado no terceiro capítulo desta dissertação. Saito ainda afirma, apesar de não aprofundar a questão, que durante a pesquisa lhe “foram úteis os conceitos ecológicos e os conceitos de contato e isolamento”. Fonte: Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 15 de fevereiro de 1956. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>115</sup> O INIC foi extinto em 1962, com a criação Superintendência de Política Agrária (Supra). Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/instituto-nacional-de-imigracao-e-colonizacao-inic>. Acesso em 24 de julho de 2016.

compor parte das pesquisas do instituto, Saito auxiliava um órgão do Estado a agir na sociedade e dar o suporte necessários aos imigrantes que tinham se estabelecido no país.

Em relação aos imigrantes japoneses, o INIC, segundo Saito, desejava realizar pesquisas sobre aqueles que teriam sido “recentemente encaminhados em diferentes regiões do país, principalmente nos núcleos coloniais federais, onde se verificaram sérios conflitos entre os imigrantes e funcionários de administração”. Os resultados da pesquisa seriam apresentados na Conferência sobre a Integração Cultural de Imigrantes, patrocinada pela Unesco, que ocorreria em dezembro de 1955<sup>116</sup>. Contudo, Saito ponderou que não teria tempo hábil para fazer todas as pesquisas que o INIC desejava. Além disso, o sociólogo manifestou interesse de fixar-se sobretudo ao estudo da “fase de ajustamento inicial de imigrantes”, isto é, às adaptações feitas pelos imigrantes logo após a sua chegada ao Brasil. Segundo Saito, teria ficado acordado com o órgão que ele faria as pesquisas em Una e Dourados (Mato Grosso), além de treinar um funcionário do INIC para também trabalhar na pesquisa de campo em outros lugares do país<sup>117</sup>.

No ano seguinte, Saito também participa de outra pesquisa, com geógrafos e economistas japoneses. O Instituto de Cultura Oriental, da Universidade de Tóquio<sup>118</sup>, o mesmo que organizou e financiou as pesquisas de Izumi no Brasil, planejava fazer expedições em diferentes localidades da Amazônia com pesquisadores japoneses que participariam do “Congresso Internacional do Rio”<sup>119</sup>. Este congresso aconteceu entre 9 e 18 de agosto de 1956, e contou com a participação, principalmente, de geógrafos, que se reuniram para discutir diferentes temas, da Climatologia e Hidrografia até Geografia Histórica e Política, Geografia Populacional e Geografia Agrária. O evento ainda contou com viagens pelo Brasil,

---

<sup>116</sup> A Conferência ocorre em abril de 1956, em Havana, Cuba. No entanto, Saito não participa do evento, sendo o único representante brasileiro Manoel Diéguez Jr. Parte da conferência foi dedicada à apresentação e à análise crítica das práticas e das instituições existentes nos países de imigração, para facilitar a integração dos imigrantes. Nos debates, concluiu-se que a integração cultural completa seria um processo longo, que na maioria das vezes exige mais do que uma geração. Por conta disso, diversos governos e organizações privadas teriam estabelecido serviços técnicos para facilitar o processo, fazendo uso inclusive de métodos modernos de informação, ensino de línguas estrangeiras e educação de adultos. (UNESCO, 1957).

<sup>117</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 22 de dezembro de 1954. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>118</sup> O Instituto de Cultura Oriental, da Universidade Tóquio (atualmente chamado de Institute for Advanced Studies on Asia), foi criado em 1941, com o objetivo de gerar estudos que auxiliassem na compreensão da cultura oriental, a qual estaria presente no ocidente entre o Egito e a Turquia, e no oriente na península coreana. O Japão estaria incluído nestes estudos a partir dos estudos japoneses globais (e, conseqüentemente, os estudos japoneses no Brasil). Além disso, os campos de discussão variavam entre política, economia, religião, história, arqueologia, literatura, arte, entre outros. Fonte: <http://www.ioc.u-tokyo.ac.jp/eng/intro/intro.html>. Acesso em: 11 de outubro de 2016.

<sup>119</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 28 de junho de 1956. FDP/AEL/Unicamp.

antes, durante e depois do Congresso, que tinham por objetivo “dar aos participantes um conhecimento direto da natureza e das obras humanas do Brasil” (CORREIO DA MANHÃ, 06/08/1955). A viagem realizada por Saito com geógrafos e economistas estava inserida no mesmo contexto, em que os pesquisadores estrangeiros conheceriam o Brasil a fim de avaliar o seu território e a forma como o imigrante se apropriava dele. Podemos inferir, pela presença de Saito na viagem, que provavelmente o interesse da expedição se voltava aos imigrantes japoneses e à forma como eles cultivavam seus alimentos e adaptavam técnicas agrícolas japonesas para o solo brasileiro.

Saito também foi convidado para participar das pesquisas, sendo o único sociólogo do grupo<sup>120</sup>. Ele não entra em maiores detalhes sobre a pesquisa, mas estas informações já mostram que Saito estava se destacando entre os pesquisadores japoneses, sendo cada vez mais frequente o convite para participar de diferentes projetos, seja para atuar como tradutor, seja como um intermediário entre os pesquisadores e a população ou como sociólogo, ajudando na interpretação do funcionamento de uma determinada comunidade. A pesquisa teve lugar entre agosto e outubro de 1956 e visitou cidades dos estados de Roraima, Pará e Amapá, onde foram observadas famílias de imigrantes japoneses e algumas nordestinas<sup>121</sup>. Neste momento, Amazônia era o centro de debates que se ocupavam do povoamento e das explorações de matérias-primas, dada a importância que a região poderia ter para o desenvolvimento do país (MAGALHÃES & MAIO, 2007). Apesar de Saito não entrar em detalhes em relação à pesquisa e seus objetivos, podemos supor que a preocupação central dos geógrafos e economistas era o meio ambiente no qual os imigrantes japoneses estavam inseridos e se eles estavam sendo bem-sucedidos economicamente.

Com os exemplos das pesquisas realizadas por Saito, podemos perceber duas coisas: a crescente importância que os estudos japoneses vinham adquirindo ao longo da década de 1950 no Brasil e a relevância que Saito adquire na pesquisa deste tema. As duas questões estão conectadas, visto que o aumento dos estudos realizados por pesquisadores japoneses no país era facilitado pelo fato de Saito tomar a dianteira na recepção dos estudiosos e no auxílio técnico e teórico de seus trabalhos. Para tanto, foram fundamentais o domínio dos idiomas japonês e português —lembrando aqui o comentário de Saito dirigido a Cyro Berlinck sobre a dificuldade de se encontrar pesquisadores bilíngues —, as técnicas de pesquisas empíricas, os

---

<sup>120</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 28 de junho de 1956. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>121</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 20 de outubro de 1956. FDP/AEL/Unicamp.

conceitos e as teorias com que o sociólogo teve contato a partir do seu ingresso na ELSP. Este destaque dos estudos japoneses surge, conseqüentemente, também dentro da instituição, pois Saito estava inserido nela e boa parte de seus contatos e pesquisas se dava por meio da indicação ou do aval da ELSP. Por conta da presença de cientistas sociais vindos do Japão, como Izumi, um evento sobre estes estudos, abordado na seção abaixo, é realizado na ELSP em fevereiro de 1956, a fim de discutir e comparar as pesquisas brasileiras e japonesas.

### **2.3. I Painel Nipo-Brasileiro: cientistas sociais japoneses e brasileiros na ELSP**

O evento ocorrido em 1956 foi o I Painel Nipo-Brasileiro e fez parte das atividades de Izumi e de sua equipe durante a estadia no Brasil entre 1956 e 1957. De acordo com o convite enviado a Oracy Nogueira pelo então diretor da ELSP, Cyro Berlinck, o evento ocorreria “por ocasião da visita [...] de uma delegação de cientistas sociais japoneses, dirigida pelo professor Seiichi Izumi, da Universidade de Tóquio”, propondo-se a tarefa de constituir “um painel informativo dedicado aos estudos de comunidades no Japão e no Brasil e de assimilação de imigrantes no Brasil”<sup>122</sup>. Os dois temas eram caros à sociologia e à antropologia naquele momento e envolviam pesquisas de campo e metodologias semelhantes entre si. Assim, cientistas sociais brasileiros e japoneses discutiram a sua produção a fim de comparar experiências e dados, além de servir como um registro da presença dos pesquisadores japoneses na ELSP.

De acordo com a programação do evento, no primeiro dia de atividades, Oracy Nogueira e Seiichi Izumi, junto com Tetsundo Tsukamoto<sup>123</sup>, proferiram as palestras “Estudos de Comunidades no Brasil” e “Estudos de Comunidades no Japão”, respectivamente. No segundo dia, houve uma apresentação de painéis coordenada por Hiroshi Saito, Katsunori Wakisaka<sup>124</sup>, Teiiti Suzuki<sup>125</sup> e Antônio Rubbo Muller<sup>126</sup>; na noite do mesmo dia, foi

---

<sup>122</sup> DOC 013 — ELSP/Convite para o I Painel Nipo-Brasileiro. Fundo Oracy Nogueira/Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ.

<sup>123</sup> Tetsundo Tsukamoto (1925-2008) foi um sociólogo japonês que deu aula na Universidade Tóquio, entre outras instituições no Japão.

<sup>124</sup> Katsunori Wakisaka foi diretor do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros e um dos organizadores do livro *Uma Epopeia Moderna - 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil* (1992). Não foi possível precisar as datas de nascimento e de morte.

<sup>125</sup> Teiiti Suzuki (1888-1989) foi o coordenador da análise realizada em 1969 do recenseamento da imigração japonesa no Brasil, projeto do qual a professora Carmen Junqueira participou como antropóloga encarregada da avaliação dos dados que haviam sido coletados pelos pesquisadores de campo (JUNQUEIRA, 25 de novembro de 2015). Saito fez parte da banca da defesa de doutorado de Suzuki, em 1973, na USP (CASTRO, 1994).

organizado um coquetel na residência do Cônsul Geral do Japão em São Paulo<sup>127</sup>. No terceiro dia, no período da manhã, Saito foi o relator do simpósio “Estudos de assimilação (Japão)” e, no período da tarde, Manoel Diéguez Jr.<sup>128</sup> ocupou o seu lugar do simpósio “Estudos de assimilação (Brasil)”. Na manhã do último dia de evento, Saito, Wakisaka, Suzuki e Rubbo Muller foram novamente coordenadores das apresentações de painéis, e à noite houve outro coquetel, dessa vez na residência de Berlinck.

No mesmo ano foram publicados dois livros organizados por Saito<sup>129</sup> e Antônio Rubbo Muller com as palestras que foram proferidas no evento. Seguindo o cronograma do encontro, o primeiro livro chama-se *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro - Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão* e está dividido conforme as seguintes seções: um prefácio de autoria de Cyro Berlinck; uma introdução de Augusta Barbosa de Carvalho Ribeiro<sup>130</sup>; e os trabalhos apresentados por Oracy Nogueira, com o texto “Os estudos de comunidade no Brasil”; Seiichi Izumi, com o texto “Estudos de comunidade no Japão”; Morio Ono<sup>131</sup>, com o texto “Atitude básica do pesquisador”; Tetsundo Tsukamoto, com o texto “*Amerika-Mura* — uma comunidade de emigrantes”; e Masao Gamou<sup>132</sup>, com o texto “Comunidade de Tatikawa”. Berlinck afirma na introdução que os dois temas do evento seriam de grande atualidade e esperava que outros eventos como este se repetissem para aumentar a divulgação das pesquisas que se faziam no Brasil e em outros lugares, no campo da Sociologia e da Antropologia Social, além de intensificar a relação entre acadêmicos de diferentes partes do mundo (BERLINCK, 1956a).

---

<sup>126</sup> Antônio Rubbo Muller (1911-1987) foi um sociólogo brasileiro, professor de Antropologia Social na ELSP e autor de obras como *Teoria da Organização Humana* (1958).

<sup>127</sup> A presença do consulado japonês no evento mostra que o governo do Japão também reconhecia a importância de estudos que tratassem de seus emigrantes no Brasil. Além disso, era de seu interesse dar suporte aos seus pesquisadores no Brasil garantindo que as relações entre os dois países se mantivessem amigáveis por questões diplomáticas e econômicas.

<sup>128</sup> Manoel Diéguez Jr. (1912-1991) foi um cientista social brasileiro e diretor do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) de 1958 a 1974. É autor dos livros *Etnias e Culturas no Brasil* (1956) e *Estudo das Relações da Cultura no Brasil* (1959).

<sup>129</sup> Saito participou ainda da tradução de alguns dos textos junto com Teiiti Suzuki e Katsunori Wakisaka.

<sup>130</sup> Não foram encontradas informações sobre a autora.

<sup>131</sup> Morio Ono (1925-2001) foi um cientista social japonês que pesquisou questões rurais na Ásia Ocidental, especialmente no Irã.

<sup>132</sup> Não foram encontradas informações sobre o autor.

A exposição de Nogueira versou sobre os Estudos de Comunidade<sup>133</sup>, os quais ele define como “levantamento de dados sistemáticos, para o conhecimento da realidade nacional” (NOGUEIRA, 1956, p.17). O estudo aponta ainda duas contribuições dos Estudos de Comunidade, uma teórica e outra prática. A contribuição teórica se daria pelo fato de estes estudos permitirem perceber as mudanças e as permanências de uma determinada comunidade em certo contexto, revelando tendências que perpetuam valores ou os abandonam de acordo com as circunstâncias. Já a contribuição prática se verificaria na geração de dados sobre uma comunidade para técnicos e administradores, permitindo maior eficiência de seu trabalho. Isto é, a contribuição de “um conhecimento mais aprofundado e minucioso da realidade nacional” (1956, p.21-22), permitindo uma alocação mais adequada de recursos. Para Nogueira, portanto, os EC ofereceriam subsídios para políticas públicas.

O texto de Izumi é um relato histórico dos estudos de comunidade feitos no Japão. Segundo o sociólogo, inicialmente, as pesquisas eram feitas em comunidade pequenas, em busca do que fosse essencialmente japonês, por meio da análise e da decomposição dos dados em elementos culturais. Num segundo momento, surgem pesquisas com caráter mais sociológico: ainda que os autores se prendessem aos dados estatísticos e bibliográficos, privilegiavam a interpretação do objeto de pesquisa. Em seguida, os trabalhos centram-se no estudo da família, na organização das comunidades e nas relações de parentesco entre Japão e China. Haveria ainda *area studies* empreendidos por órgãos governamentais, principalmente liderados pelo governo norte-americano. Após a 2ª Guerra Mundial, os *area studies* ganham mais força, particularmente com projetos interdisciplinares, além de deixarem de focar em pequenas comunidades e serem ampliados aos meios urbanos no Japão. Izumi destaca a importância que a cooperação com Universidades norte-americanas teve no processo de desenvolvimento deste tipo de pesquisa no Japão (IZUMI, 1956a).

Os trabalhos de Nogueira e Izumi devem ser destacados por tratarem de temas caros para o contexto contemporâneo de pesquisas sociológicas, no Brasil e no Japão. O de Nogueira discute uma metodologia de pesquisa amplamente utilizada por professores da ELSP, mas também por cientistas sociais no Japão. É trazido um debate de interesse de antropólogos e sociólogos na década de 1950, que procura explicar a importância de se fazer

---

<sup>133</sup> Conforme o próprio autor explica, no início do texto publicado no livro de memórias do evento, este mesmo trabalho foi apresentando na I Reunião Brasileira de Antropologia, que aconteceu no Rio de Janeiro entre 8 e 14 de dezembro de 1953 (NOGUEIRA, 1956, pp. 15). O trabalho também foi publicado em 1955, na *Revista de Antropologia*, sob o título “Os Estudos de Comunidade no Brasil” (vol.3, n.2, pp. 95-103). Na ocasião do evento, Nogueira realizava o estudo sobre Itapetininga (SP), que dá origem ao trabalho *Família e Comunidade: um estudo sociológico de Itapetininga* (1962) (CAVALCANTI, 2009b).

Estudos de Comunidade, considerando a sua contribuição prática para a sociedade observada. O texto de Izumi, por sua vez, apresenta a história das Ciências Sociais japonesas, mostrando, conforme foi apresentado no início deste capítulo, o momento de mudança na forma como os estudos antropológicos, primordialmente, eram realizados no Japão depois da ocupação norte-americana com o fim da guerra. Percebe-se também que a esta altura, junto aos *area studies* liderados pelos pesquisadores norte-americanos, a preocupação central das Ciências Sociais se desloca do campo para a cidade, junto ao processo de urbanização do Japão, que foi intensificado a partir de 1945 (IZUMI, 1956a).

Ainda no primeiro livro de memórias do evento, o trabalho de Morio Ono trata da atitude básica dos pesquisadores nos trabalhos de campo, que trariam uma análise objetiva das contradições existentes na economia e na sociedade japonesa com a finalidade de solucioná-las. Segundo ele, este tipo de pesquisa e a sua metodologia poderiam ser usados por pesquisadores no Brasil, principalmente no que concerne o imigrante japonês no país. A questão que se impõe com a assimilação ou não do imigrante seria um problema sem profundidade, pois a imigração deveria ser estudada tendo em vista as pesquisas sobre estrutura social no Brasil (ONO, 1956). Sendo assim, Ono propõe pensar o imigrante japonês como indivíduo inserido na sociedade brasileira, onde suas ações são moldadas não só por objetivos pessoais, mas também pelo contexto socioeconômico do país. Destaca-se aqui que essa proposta é colocada em prática por Saito principalmente em um de seus trabalhos (1961), que será analisado no capítulo seguinte. Nele, o sociólogo procura mostrar como a mobilidade social dos imigrantes japoneses fez parte de um processo maior de modernização da sociedade brasileira.

O artigo de Tetsundo Tsukamoto, por sua vez, é um resumo do relatório de uma pesquisa realizada numa comunidade japonesa (Amerika-Mura<sup>134</sup>) constituída com o objetivo de verificar as influências exercidas pela emigração sobre a comunidade de origem e estudar a maneira como se tem processado a emigração. O texto conclui que os emigrantes exercem muita influência sobre as suas comunidades de origem. Conclui também que a ideia de permanência temporária para juntar dinheiro e voltar para o Japão cede lugar ao esforço de se assimilar ao país de imigração após a Segunda Guerra (TSUKAMOTO, 1956). Este último

---

<sup>134</sup> Este é o nome utilizado pelo autor para se referir a Mio Mura, na região de Wakayama, ao sul de Osaka, na ilha de Honshū. Deste local saíram emigrantes para a América do Norte, principalmente para parte ocidental da costa do Canadá (TSUKAMOTO, 1956, pp. 40).

ponto também é tratado nos trabalhos de Saito, em especial no seu livro *O Japonês no Brasil* (1961).

Por fim, o artigo de Masao Gamou trata de uma pesquisa realizada pela Universidade Metropolitana de Tóquio, em 1953, em que se estudaram as atitudes dos jovens japoneses em relação aos estrangeiros, em especial os militares norte-americanos que ocupavam o país à época. O estudo considerou as estruturas sociais que condicionam as relações dos estrangeiros com os nativos, em locais de sociabilidade próximos às bases militares. O trabalho concluiu que a atitude mais comum dos nativos em relação aos norte-americanos era, no geral, de repulsa, principalmente por parte das famílias tradicionais, provavelmente por conta do sentimento de derrota e humilhação que a sua presença representaria. Criticava-se ainda o fato de nada ter sido feito para solucionar os problemas causados à comunidade por conta da presença dos militares nas localidades próximas às bases, problemas estes como a poluição da água e do ar por conta dos combustíveis das aeronaves norte-americanas e o aumento da quantidade de prostitutas (GAMOU, 1956). Apesar de se limitar apenas a um relatório, fica clara a crítica que Gamou faz aos malefícios causados pela presença dos norte-americanos no país e o seu desinteresse no sentido de melhorar a vida dos moradores locais.

Dando prosseguimento às publicações que surgiram do evento que teve lugar em 1956, o segundo livro da série intitula-se *Memória do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo segundo: Estudos de assimilação de imigrantes no Brasil*. Também possui um prefácio de Cyro Berlinck e uma introdução de Augusta Barbosa de Carvalho Ribeiro. Manoel Diéguez Jr. assina o trabalho “Estudos de Assimilação Cultural no Brasil”; Hiroshi Saito, o texto “Mobilidade e Assimilação de Imigrantes Japoneses”; Seiichi Izumi, o texto “Aspectos da Vida do Japonês no Brasil”; Morio Ono e Nobu Miyazaki tratam dos “Japoneses em Suzano”; e Tetsundo Tsukamoto e Massao Gamou estudam os japoneses no Paraná e em Acará (Pará), respectivamente. Na introdução, Berlinck destaca a importância das pesquisas sobre imigrantes para “facilitar a assimilação das correntes imigratórias que procuram o nosso País”, sobretudo relacionadas aos imigrantes japoneses por conta das “repercussões econômicas e sociais que eles provocaram no nosso meio” (BERLINCK, 1956b, p.9).

No trabalho de Diéguez encontramos um pouco da história dos estudos de assimilação no Brasil. Num primeiro momento, o autor trata dos estudos com este tema que já foram produzidos no país e depois dos problemas da assimilação propriamente ditos. De acordo com Diéguez, os estudos de assimilação teriam começado com as pesquisas de Emilio Willems, que ele considera o primeiro ensaio de caráter científico sobre o problema de assimilação dos

imigrantes no Brasil. Após a publicação de *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*, em 1940, os estudos, pesquisas e monografias sobre assimilação e aculturação se multiplicaram, comprovando, junto ao incentivo financeiro promovido pela UNESCO, o interesse em conhecer os problemas de contatos entre grupos de culturas diferentes (DIEGUEZ, 1956, p. 15). Ademais, Willems teria aberto as portas para estudos que não se limitassem à abordagem de perspectiva histórica dos imigrantes, mas também cultural, além de introduzir o conceito de aculturação ao lado de assimilação, em que o primeiro se referia aos problemas de natureza biológica e o segundo, sociológica (DIEGUEZ, 1956, p. 16).

Num segundo momento do texto, Diéguez centra sua abordagem nos problemas da assimilação e na forma como o Brasil recebe os imigrados, pois não haveria uma prevenção, isto é, uma preparação dos nativos (brasileiros) em relação à chegada dos estrangeiros. O estudioso considera ainda que as atitudes dos nativos em relação àqueles que estão chegando ao país interferem em sua adaptação inicial, pois se o imigrante é bem recebido, ele provavelmente passa mais tempo entre os nativos e adquire mais rapidamente as maneiras de ser e agir do brasileiro. Essa mudança de hábitos facilitaria o seu processo de assimilação. Diéguez também considera que a atuação das autoridades públicas e a sua influência na expectativa do comportamento que o imigrante conservou durante o governo Vargas atrasaram o processo de assimilação de alguns grupos de imigrantes, pois esta adaptação forçada teria levado ao seu isolamento em relação à sociedade brasileira. Por fim, o autor conclui que a ascensão social e política do imigrante e de seus descendentes seria uma comprovação de que os brasileiros os acolheram (DIEGUEZ, 1956). Ou seja, Diéguez tem uma visão positiva do resultado final deste processo, apesar de criticar o percurso adotado.

No artigo de Saito, apontam-se os tipos de imigrantes mais comuns e destacam-se alguns aspectos da imigração japonesa. Até a Segunda Guerra Mundial, eram três tipos de imigrantes japoneses: aqueles que foram para as fazendas de café no Estado de São Paulo (a maioria); os que se dirigiram aos núcleos previamente planejados no Vale do Ribeira (SP), em Pereira Barreto, em Mirandópolis, Bastos e Três Barras, e eram em sua maioria proprietários; e, finalmente, os que foram para a região amazônica. Depois da Segunda Guerra, a dinâmica se alterou: os imigrantes se instalaram em menor número nas fazendas de café de São Paulo e em maior quantidade nos estados de Mato Grosso, Bahia, Pará, Amazonas e nos países vizinhos ao Brasil. Ao analisar processo de mobilidade desses imigrantes, Saito afirma que o fluxo está relacionado aos tipos de regimes de propriedades que os japoneses possuíam, pois a

mudança de residência estaria ligada à mudança de status em seu processo de ascensão social, que ocorre ou com a aquisição de propriedade imóvel, ou com a estabilidade financeira.

Por fim, ele destaca a mudança de perfil do imigrante anterior e posterior à guerra, cuja principal diferença seriam os objetivos estabelecidos no processo de imigração para o Brasil. O primeiro grupo, que se mudou antes mesmo da Segunda Guerra, planejava acumular recursos e voltar para o Japão; o segundo, posterior ao conflito, não tinha esse objetivo e, logo que chegava ao país, procurava comprar uma propriedade e fixar raízes no Brasil. Essa mudança de atitude se dava por conta da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, o que, em virtude da destruição do seu território, diminuiu a perspectiva de crescimento do país e da melhora na qualidade de vida. Em relação ao processo de mobilidade e diversificação ocupacional, Saito conclui que a ascensão social dos imigrantes japoneses e de seus descendentes serve para testar a validade do grau de assimilação no Brasil, pois, para ascender socialmente, por exemplo, era necessário adquirir hábitos da cultura brasileira e aprender a língua portuguesa (SAITO, 1956b).

No segundo livro do evento também há um texto de Izumi em que ele faz um resumo de suas observações a respeito da vida dos imigrantes japoneses em diferentes comunidades estabelecidas no Brasil. O autor comenta a economia de produção do imigrante, o seu vestuário, a sua alimentação, sua moradia, sua família e suas relações de parentesco e matrimônio, além da Associação Japonesa. A Associação é destacada por Izumi por suas diferenças de função nos meios rural e urbano. No primeiro, ela seria uma unidade integradora da colônia e mantenedora das tradições da cultura japonesa, organizando, por exemplo, festas típicas, casamentos e enterros. No meio urbano, em contrapartida, ela não é capaz de unir os imigrantes da mesma forma, sob a expectativa constante de ser destituída de funções, sendo até desintegrada em outros tipos de associação, como clubes associativos (IZUMI, 1956b). Assim, ao analisar algumas colônias de imigrantes japoneses no Brasil, Izumi acaba por considerar que a urbanização tende a enfraquecer as tradições japonesas, até pelo fato de as pessoas estarem mais espalhadas pelas cidades e em maior contato com os brasileiros.

Conclusão semelhante pode ser encontrada nos três artigos finais do livro. Trata-se de relatórios de observações dos grupos de japoneses em determinados lugares do Brasil, com pesquisas realizadas por Morio Ono e Nobue Miyazaki, em Suzano (SP), por Tetsundo Tsukamoto, no norte do Paraná, e por Massao Gamou, em Acará (PA). Os trabalhos procuraram observar as características destes grupos e investigar os seus níveis de assimilação

em relação à sociedade brasileira. Percebeu-se, enquanto maior empecilho para o processo e para uma boa relação com os moradores brasileiros, a dificuldade em dominar a língua portuguesa, sendo este problema menos recorrente entre os jovens, que frequentavam escolas brasileiras ou aprendiam a língua local nas escolas japonesas. Tsukamoto (1956b, p. 49) identifica que maior preocupação dos imigrantes estava relacionada à educação e ao futuro profissional dos filhos, pois a maioria havia desistido de retornar para o Japão e restava, então, inserir seus filhos no mercado nacional. Por conta disso, aumentou-se o número de descendentes de japoneses que frequentavam o Ensino Superior no Brasil, e que, conseqüentemente, dominavam a língua portuguesa. Pode-se concluir, assim, que a derrota do Japão na guerra teria incentivado a assimilação dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira, sobretudo a de seus filhos. Este tema será explorado de forma mais detida no próximo capítulo quando analisarmos os trabalhos de Saito.

O I Painel Nipo-Brasileiro nos confirma, mais uma vez, que os estudos de comunidade e os estudos de assimilação estavam no centro das pesquisas das Ciências Sociais em meados da década de 1950. Durante o evento, cientistas sociais brasileiros e japoneses discutiram trabalhos e métodos, além de resultados de pesquisa, comparando contextos de pesquisa e de produção. Perceberam-se, do mesmo modo, a importância do patrocínio da UNESCO de algumas pesquisas e a determinação de temas importantes a serem colocados à mesa. Saito aparece com destaque no evento e nos livros, como um de seus organizadores e o principal interlocutor da ELSP com os pesquisadores japoneses. O seu contato com Izumi e o seu interesse em ampliar as pesquisas sobre imigrantes japoneses no país fizeram com que ele tivesse acesso a inúmeras oportunidades, como as pesquisas em Una e Dourados e o doutorado no Japão. O Painel nos mostra o contexto de debates em que Saito estava inserido no momento em que finalizava sua dissertação de mestrado, com discussões sobre metodologias, ideais, conceitos-chaves e conflitos sociais e raciais, cuja importância da documentação era inegável para tratar dos imigrantes japoneses no Brasil. Estes mesmos temas continuam centrais para Saito quando ele vai ao Japão, oportunidade esta possível pela influência de Izumi e pelo contato prévio com vários cientistas sociais japoneses.

## 2.4. A experiência de intercâmbio de Saito no país natal

Nas correspondências com Donald Pierson, Saito expressa em diversos momentos o desejo de pesquisar comunidades japonesas fora do Brasil, principalmente no Japão e no Havaí, para comparar hábitos e tradições. Pierson sempre se colocou em favor do plano, concordando com a importância das experiências para as pesquisas de Saito. Depois de muitas cartas comentando o tema, finalmente, no final de 1956, Saito escreve a Pierson lhe contando da oferta que recebeu para trabalhar temporariamente como “Associate Professor” na Universidade de Kobe<sup>135</sup>, onde ministraria seminários sobre o estudo de área da América Latina, com ênfase no Brasil, organizado pelo Research Institute for Economics and Business Administration. Ele fora indicado para o cargo por Izumi<sup>136</sup>, que naquele momento estava na Universidade de Harvard com uma bolsa da Fundação Rockefeller<sup>137</sup>, onde estudava comunidades andinas (KANO, 1972).

Na mesma carta, Saito pondera que uma estadia por um ano, no máximo, no Japão seria muito proveitosa para os seus estudos sobre imigrantes japoneses no Brasil, pois seria possível realizar observações *in loco* e algumas pesquisas de campo nas comunidades rurais do Japão, trazendo dados valiosos para as suas pesquisas em território brasileiro. Segundo ele, o estudo da sociedade de origem seria tão importante, para efeito comparativo, quanto os estudos de imigrantes japoneses em outros lugares (por exemplo, no Havaí). Em contrapartida, ele aponta que a sua ida dependeria inteiramente da autorização da ELSP, visto que ele não gostaria de ser desligado da instituição, pois as despesas da viagem não haviam sido ainda definidas. Portanto, o auxílio financeiro ou uma bolsa por parte da ELSP seria indispensável para a sua ida ao Japão. Apesar dos pontos negativos, Saito termina sua carta reafirmando o seu desejo de passar uma temporada no Japão estudando e trabalhando.

---

<sup>135</sup> A Universidade de Kobe começou com a criação do Kobe Higher Commercial School, em 1902. Em 1949, os principais departamentos na instituição eram os de Literatura e Ciências, Educação, Direito, Economia, Administração e Engenharia. Fonte: [http://www.kobe-u.ac.jp/en/about\\_us/history](http://www.kobe-u.ac.jp/en/about_us/history). Acesso em: 12 de outubro de 2016.

<sup>136</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 20 de outubro de 1956. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>137</sup> Não se sabe de detalhes da bolsa cedida a Izumi e a Saito pela Fundação Rockefeller (FR). No entanto, desde meados da década de 1910, a instituição americana apoiava pesquisas na América Latina, especialmente no que concernia questões sanitárias. Tinha-se o objetivo de controlar doenças e aperfeiçoar a saúde pública desses lugares, mas nem sempre os seus pesquisadores eram bem recebidos, pois frequentemente eram vistos como “mensageiros” de governos imperialistas que objetivavam controlá-los. Isso não necessariamente era verdade, e, de todo modo, tanto na área da Saúde como nas Ciências Sociais, a FR financiou muitas pesquisas importantes para o conhecimento e o desenvolvimento dos países da América Latina. (CUETO, 1996).

Em resposta a Saito, Pierson<sup>138</sup>, que já estava morando nos Estados Unidos<sup>139</sup>, incentiva-o em seu projeto, afirmando que ele estava certo ao enfatizar o valor que a experiência teria para os estudos sobre migração, acomodação e assimilação dos japoneses no Brasil quando comparados às pesquisas dos seus locais de origem, das culturas e das populações no Japão. Para o sociólogo norte-americano (PIERSON, 1987), auxiliar alunos brasileiros a obterem bolsas de estudos no exterior teria sido uma de suas principais funções enquanto pesquisador no Brasil, e mesmo depois que deixou o país continuou exercendo este papel de intermediário entre os pesquisadores e as agências de fomento. Outra função importante teria sido preparar seus alunos para pesquisas empíricas, orientando leituras e metodologias para cada tipo de assunto e comunidade estudada (PIERSON, 1987, pp. 80-81).

A partir do novo interesse de Saito em relação ao Japão, Pierson afirma que escreveria a Cyro Berlinck apoiando a iniciativa de seu aluno e lhe dá ainda sugestões de como acelerar a expedição do seu diploma de mestrado, que não fora liberado pela ELSP<sup>140</sup>. Pouco depois, Saito conta ao professor que Berlinck autorizou a sua viagem e lhe sugeriu apresentar um requerimento de bolsa à CAPES, no qual ele propôs continuar a fazer pesquisas de campo no Japão<sup>141</sup>. De qualquer modo, o diretor da ELSP teria lhe garantido que, caso ele não conseguisse a bolsa, a Escola lhe concederia licença remunerada durante um ano para que pudesse manter a sua família no Brasil<sup>142</sup>.

Com isso, Saito retorna ao Japão em 1957, pela primeira vez desde que imigrou em 1933, permanecendo lá até 1958, quando volta ao Brasil e parte novamente para o país natal pela segunda vez. Na segunda viagem, conclui, em meio à atividade docente, o doutorado, que defende em 1959, pouco antes de retornar para o Brasil. A tese deu origem ao livro *O Japonês no Brasil*, publicado em 1961, que traz boa parte de suas pesquisas com imigrantes japoneses no Brasil, pensando não só o seu processo de imigração e assimilação, mas também

---

<sup>138</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 02 de novembro de 1956. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>139</sup> Donald Pierson volta aos Estados Unidos em 1952 para fazer um tratamento de saúde, retornando ao Brasil entre 1953 e 1955, quando inclusive continua a lecionar na ELSP e a orientar pesquisas, como as de Saito. Contudo, em 1955, volta mais uma vez à Virginia (EUA). Em 1959, vem ao Brasil para finalizar a pesquisa sobre o Vale do São Francisco, que havia sido iniciada em 1951 (NOVA, 1998), mas não encontra Saito, que estava no Japão. Ou seja, quando escreve as cartas para ele neste momento, Pierson estava nos Estados Unidos.

<sup>140</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 02 de novembro de 1956. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>141</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 20 de novembro de 1956. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>142</sup> A partir das informações obtidas pelas leituras das cartas, concluiu-se que a ELSP auxiliaria com metade dos custos financeiros da viagem de Saito, e o restante seria financiado por pessoas prestigiadas na colônia japonesa em São Paulo (as quais ele não nomeia).

o momento posterior, quando estes imigrantes e seus descendentes estariam se movendo social e espacialmente pelo país.

Na primeira viagem que faz, Saito embarca para o Japão no dia 20 de fevereiro de 1957. Na ida, passa pelos Estados Unidos para visitar Seiichi Izumi na Universidade de Harvard, em Cambridge (Massachusetts)<sup>143</sup>, onde provavelmente trataram das pesquisas que seriam realizadas no Japão e dos cientistas sociais que Saito deveria contatar durante o seu período no país natal. Isto é, Izumi era um guia para Saito no Japão, era o seu intermediário com os professores e pesquisadores no país. Ao se estabelecer no país natal, Saito faz pesquisas de campo em comunidades rurais do Japão. Segundo o projeto de pedido de auxílio financeiro assinado pela ELSP<sup>144</sup>, elas serviriam para alguns de seus estudos futuros. De acordo com um projeto de pesquisa elaborado por Saito:

O valor deste projeto na promoção do conhecimento e da colaboração entre especialistas dos dois países talvez seja óbvio. A observação e a experiência de campo do proposto no Japão irão preparar ainda mais o pesquisador para realizar estudos mais adequados de imigração japonesa e assimilação no Brasil, e ajudar o governo federal e outros órgãos interessados na solução de problemas práticos nestes campos.<sup>145</sup>

A explicação sobre a importância da pesquisa e da presença de Saito no Japão mostra a preocupação da ELSP com a contribuição prática das suas pesquisas e com o crescimento intelectual de seu aluno e assistente de pesquisa. É possível que o projeto fosse direcionado a CAPES, um órgão do governo, em busca de auxílio financeiro para Saito, ao qual ele faz referência em carta para Pierson, e por isso a preocupação em enfatizar a contribuição prática das suas pesquisas para a ação estatal. Pragmaticamente, há uma busca pela legitimação do conhecimento científico que era gerado a partir dos estudos realizados por Saito.

Neste momento, havia no Brasil a preocupação de desenvolver uma sociedade capitalista de cunho industrial e, para tanto, a mudança social precisava atingir as populações tradicionais, rurais e isoladas. Por conta disso, o governo buscou investir em infraestrutura básica, diminuindo as “desigualdades e assimetrias regionais do país”. Os programas de desenvolvimento contavam o auxílio de cientistas sociais, que conduziriam trabalhos empíricos para conhecer determinada região e localizar as suas deficiências (MAIO et al.,

---

<sup>143</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. Fevereiro de 1956. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>144</sup> Mais uma vez destacamos aqui a importância, para Saito, de uma instituição que, mesmo com problemas financeiros, continua a lhe auxiliar em suas pesquisas no Brasil e no exterior. Isso mostra a valorização da instituição sobre o seu trabalho e o seu papel enquanto seu pesquisador e futuro professor.

<sup>145</sup> Projeto de pesquisa de Hiroshi Saito para a Escola de Sociologia e Política. 20 de março de 1957. FDP/AEL/Unicamp.

2013, pp. 254-255)<sup>146</sup>. Assim, Saito busca inserir sua pesquisa no mesmo contexto, promovendo o conhecimento gerado pelos seus estudos e colocando-os como um instrumento de auxílio para o governo lidar da melhor forma com a população japonesa e o seu processo de assimilação.

#### **2.4.1. O destaque do Brasil na universidade japonesa e a segunda viagem**

Em sua primeira experiência no Japão, além da pesquisa de campo, que será abordada mais adiante, Saito ministrou um curso intitulado “Sociedade e Cultura no Brasil”, que tratava da história da América Latina e do Brasil, desde os anos pré-colombianos, passando pela colonização espanhola e portuguesa e considerando a sua herança para a sociedade brasileira. Na parte final do curso, ele se volta para as questões de raça e aculturação entre os japoneses no Brasil e nos Estados Unidos, além de discutir alguns aspectos gerais da cultura brasileira, como religião, família, instituições, economia e elementos da cultura material (técnicas de subsistência)<sup>147</sup>. Percebemos que havia uma dupla identidade de Saito, que, ao mesmo tempo, revelava-se um especialista dos estudos sobre América Latina enquanto estava em Kobe e um especialista dos estudos sobre japoneses enquanto estava na ELSP.

Por conta de sua posição, Saito publica, em coautoria com Yoshiro Ikushima<sup>148</sup>, em 1958, um artigo na revista *Sociologia*, no qual se analisa o que era produzido e discutido, no Japão, em relação à América Latina e mais especificamente o Brasil, nos anos de 1950. Segundo os autores, até a Segunda Guerra Mundial, o interesse estaria limitado a questões de emigração e assimilação de japoneses nestes países. Contudo, com o fim da guerra e a abertura comercial para o Japão, o interesse central estava relacionado a investimentos econômicos. Para isso, era preciso conhecer melhor tais países, o seu funcionamento e a capacidade de receber investimentos estrangeiros. Há, neste momento, eventos que tratam dos países latino-americanos, notícias de jornais, palestras, apresentações de músicas, etc; todavia, ainda assim, segundo os autores, o conhecimento sobre o Brasil e seus países vizinhos seria

---

<sup>146</sup> É justamente neste contexto que se inserem as pesquisas do Vale do Rio São Francisco, coordenadas por Pierson, que entendia que conhecer as populações ribeirinhas e “seus diferentes aspectos (cultural, geográfico, econômico, histórico) era essencial aos esforços de ‘mudança social dirigida’” (MAIO et al., 2013, pp. 248). Significa dizer que, ao conhecer as populações, as pesquisas poderiam orientar o governo a reconhecer onde as mudanças deveriam acontecer para que aquele local se desenvolvesse.

<sup>147</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. Março de 1958. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>148</sup> Yoshiro Ikushima era professor da Universidade de Kobe e uma das pessoas a quem Saito agradece no prefácio do livro *O Japonês no Brasil* (1961) pelo apoio e auxílio durante a sua estada no Japão.

de interesse maior apenas daqueles que tinham familiares nestes locais ou objetivos econômicos (SAITO & IKUSHIMA, 1958, p. 222).

Ao fazer o balanço do interesse pela América Latina no campo científico e cultural, os autores apontam que na área da Antropologia e da Sociologia o foco eram os estudos que tratam da aculturação e da assimilação de emigrantes. A instituição que se destaca nestes estudos é o Instituto para o Estudo de Migração Internacional, da Universidade de Tóquio, mais especificamente, a cadeira de Antropologia Cultural, comandada pelo etnólogo Eiichiro Ishida<sup>149</sup>, e da qual Seiichi Izumi era associado. A cadeira era responsável pelo curso Etnologia Sul-americana e estava planejando uma expedição arqueológica à região andina, prevista para acontecer ainda em 1958. Além disso, o Instituto já teria enviado duas missões científicas ao Brasil entre 1955 e 1956<sup>150</sup> (SAITO & IKUSHIMA, 1958, p. 223). No campo econômico, os autores destacam a JETRO (Japan External Trade Recovery Organization), que visava incrementar o comércio exterior do Japão. O órgão desenvolvia atividades de pesquisas de mercado e coleta de informações econômico-financeiras. Há também a Associação Central para a América Latina, ligada ao Ministério das Relações Exteriores, destinada ao desenvolvimento de pesquisas nos setores de política, economia e cultura, intercâmbio cultural, relações econômicas e emigração (SAITO & IKUSHIMA, 1958, p. 227).

O balanço de Saito e Ikushima demonstra que havia interesse em conhecer o Brasil e seus países vizinhos no Japão, principalmente no que dizia respeito, àquela altura, a questões econômicas, para orientar investimentos. Saito, que no momento da publicação do texto ainda estava no Japão, tinha interesse em mostrar que intercâmbios entre o seu país de origem e o seu país adotivo eram possíveis. Havia instituições que se empenhavam em tornar as trocas entre o Brasil e o Japão mais frequentes e fáceis, trocas estas tanto econômicas como culturais acadêmicas. Dessa forma, pode-se entender que o artigo teria por objetivo incentivar os intercâmbios e os investimentos entre os países. Essas trocas permitiriam ainda à cultura japonesa se manter viva entre os imigrantes e descendentes japoneses no Brasil, e trariam para

---

<sup>149</sup> Eiichiro Ishida (1903-1968) foi um antropólogo japonês que fez pesquisas etnográficas para o governo japonês sobre grupos minoritários na Ásia Oriental durante a Segunda Guerra Mundial. Ele foi editor do *The Japanese Journal of Ethnology* e autor do livro *Japanese Culture: a Study of Origins and Characteristics* (1974).

<sup>150</sup> A primeira expedição foi entre 1955 e 1956, dirigida por Izumi, que fez pesquisas sobre a assimilação dos imigrantes japoneses no sul do país. Esta pesquisa teve algumas partes apresentadas no I Painel Nipo-Brasileiro, na ELSP, em 1956. A segunda missão aconteceu em 1956 na região amazônica para estudar as condições geográficas e os problemas de fixação dos imigrantes japoneses nessas regiões. Saito participou de ambas as missões (SAITO & IKUSHIMA, 1958, pp. 223).

a proximidade da cultura brasileira à população do Japão. Isso diminuiria as distâncias culturais geradas pelo processo de assimilação dos japoneses no Brasil.

Na mesma época em que publica o balanço, Saito embarca para Brasil<sup>151</sup> num navio que estava trazendo cerca de quinhentos emigrantes japoneses para o país. Durante a viagem, o sociólogo afirma que foi “nomeado, pelo Ministério das Relações Exteriores<sup>152</sup>, como inspetor de emigração, posto que, espero assim seja, me ajudará bastante para proceder observações a respeito do comportamento de emigrantes a bordo”<sup>153</sup>. Podemos inferir que a função de inspetor de emigração é uma função do Estado, controlando a entrada dos japoneses no país e o seu comportamento nos navios. Mas, além disso, este cargo interessa porque Saito atuava no processo imigratório. Ele não só estuda a imigração como também participa, intervém na relação entre os imigrantes e o governo, ampliando a noção de que o cientista social deveria ter um papel prático junto às autoridades e à sociedade. Isso mostra que o intelectual tinha múltiplas faces: era inspetor de emigração, sociólogo, jornalista, construtor de instituições, todas ocupações que buscavam conhecer e intervir na realidade prática.

Saito ainda conta que, a pedido de Izumi, participaria de algumas atividades que estariam sendo organizadas pela colônia japonesa no Brasil para comemorar o cinquentenário do início da imigração no país. Entre estas atividades estaria a organização e a edição de textos sobre a história da imigração japonesa em território brasileiro e a realização de pesquisas sociológicas sobre a colônia japonesa, além de palestras e da publicação de artigos e notícias em jornais. A Comissão Organizadora dos Festejos de Cinquentenário da Imigração Japonesa em São Paulo estaria à frente da maior parte dos eventos e atividades, e Saito participaria principalmente das pesquisas de campo (cujos planos de pesquisa tinham sido feitos por Izumi) e de palestras<sup>154</sup>. Saito já é tido como um especialista do tema, não apenas na academia brasileira e japonesa, mas também na comunidade imigrante.

A comissão do cinquentenário fazia parte da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, criada em dezembro de 1955, com o intuito de organizar as comemorações. Ela também tinha

---

<sup>151</sup> Saito embarca no dia 31 de março de 1958.

<sup>152</sup> Saito não fala que país o teria contratado. Poderia ser o Japão pelo uso da palavra “emigração” e pelo interesse em garantir uma boa viagem para os seus conterrâneos e o seu bom comportamento perante as autoridades brasileiras. Não obstante, poderia também ser o Brasil, no intuito de conhecer aqueles que viriam morar no país, além de seus comportamentos e dos motivos para a mudança.

<sup>153</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. Março de 1958. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>154</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. Março de 1958. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

por objetivo publicar um livro com a história dos 50 anos da imigração japonesa no Brasil<sup>155</sup>, criar um fundo que permitisse o envio de estudantes ao Japão, construir um Centro Cultural<sup>156</sup> e organizar e divulgar os eventos relacionados ao cinquentenário. Os governos brasileiro e japonês colaboraram, inclusive financeiramente, para que a comemoração acontecesse, tendo este último enviado o príncipe e a princesa Mikasa<sup>157</sup> para representarem o seu Estado, dando prestígio aos festejos. O dia 18 de junho de 1958 foi declarado feriado estadual pelo governo de São Paulo, havendo desfile de carros alegóricos e uma festa no dia seguinte, no Parque Ibirapuera (SP), com a presença de 50 mil pessoas. De acordo com uma publicação do CENB, as comemorações representaram o ponto final do sofrimento do período de adaptação no Brasil para os imigrantes japoneses e da divisão que ocorreu na comunidade japonesa no pós-Segunda Guerra Mundial (COMISSÃO, 1992, pp. 399-402).

Após a comemoração do cinquentenário, Saito escreve a Pierson, em julho de 1958, para contar que estaria planejando voltar à Universidade de Kobe em outubro para reassumir seu cargo e sua disciplina na Universidade e retomar as pesquisas que teriam sido interrompidas por conta do longo período em que ele esteve doente durante a primeira estadia<sup>158</sup>. Em novembro, Saito explica ao professor quais eram os seus planos enquanto estivesse no Japão:

1. Simpósio sobre os estudos de japoneses nos Estados Unidos, Brasil, Peru e Canadá. Participantes: S. Izumi, William Caudill (Harvard), e provavelmente, Manoel Diéguez (estaria em Tóquio nesta época).
2. Pesquisa em uma comunidade materna de emigrantes, de preferência aldeia de pescadores. Com essa, pretendo completar uma série de estudos sobre “Emigrants’ Home Village”.
3. Dirigir o Seminário de Estudos Latino-americanos da Universidade de Kobe.
4. Se possível publicar um livro sobre “as culturas latino-americanas”, com ênfase no Brasil.<sup>159</sup>

---

<sup>155</sup> Os subsídios arrecadados para o livro foram utilizados no levantamento censitário da colônia japonesa no Brasil coordenado por Teiiti Suzuki (COMISSÃO, 1992, pp. 401-402), do qual Carmen Junqueira fez parte.

<sup>156</sup> O Centro Cultural foi construído onde hoje é a sede da Sociedade Paulista de Cultura Japonesa, cujo nome atualmente é Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social (ou Bunkyo, que é a abreviação do nome em japonês). Ele está localizado no bairro da Liberdade, na cidade São Paulo, junto ao Museu da Imigração Japonesa e ao CENB. Fonte: <http://www.bunkyo.org.br/pt-BR/quem-somos>. Acesso em: 24 de novembro de 2016.

<sup>157</sup> Takahito Mikasa ou Príncipe Mikasa (1915-2016) era filho do Imperador Taishō (1879-1926) e da Imperatriz Teimei (1884-1951), irmão mais novo do Imperador do Japão Hirohito (1901-1989) e tio do atual Imperador Akihito (1933-), e serviu como oficial de cavalaria na Segunda Guerra Mundial. Yuriko\_Mikasa ou Princesa Mikasa (1923-) casou-se com o Príncipe Mikasa em 1942.

<sup>158</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 26 de julho de 1958. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>159</sup> Carta de Hiroshi Saito a Donald Pierson. 12 de novembro de 1958. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

O evento sobre o qual Saito faz referência aconteceu entre 12 e 14 de dezembro de 1958, em Tóquio, e se chamou “Japanese in the Americas”, contando com a participação de cientistas sociais do Brasil, do Japão e dos Estados Unidos, tais como Seiichi Izumi (University of Tokyo), Willian Caudill (Harvard University), Hiroshi Wayatama (Konan University), Iwso Ishino (Michigan State University), Morio Ono (University of Tokyo), além do próprio Saito<sup>160</sup>. Entre as conclusões dos debates, destaca-se que a integração social dos japoneses e de seus descendentes nos Estados Unidos e no Brasil é bem diferente, apesar de o processo ocorrer de maneira mais rápida do que o esperado em ambos os países. Destaca-se também que, apesar das semelhanças nos processos de aculturação, especialmente no que se refere à ascensão social do imigrante e ao intercassamento, os grupos estrangeiros em diferentes países devem ser interpretados por diferentes mecanismos, tendo em vista que os contextos socioeconômicos do Brasil e dos Estados Unidos eram bastante diversos<sup>161</sup>. Estas diferenças deveriam ser consideradas em estudos ou debates que objetivassem comparar as duas experiências. No relatório do simpósio, Saito conclui ainda que os estudos sobre os imigrantes japoneses nos Estados Unidos estavam concentrados no campo da psicologia, enquanto no Brasil estavam no da sociologia e da economia<sup>162</sup>.

Entre as pesquisas que Saito desejava concluir em sua segunda viagem ao Japão, há uma realizada entre 1957 e 1959 sobre três tipos de localidades: uma comunidade montanhosa (Shogase, prefeitura de Kochi), um vilarejo de baixa altitude (Prefeitura de Kumamoto) e uma comunidade de pescadores (Kuroshima, prefeitura de Nagasaki)<sup>163</sup>. As comunidades escolhidas tinham em comum o fato de serem vilarejos de origem de emigrantes, isto é, alguns dos japoneses que moravam nessas localidades emigraram para o Brasil a partir de 1908. A pesquisa objetivava identificar as condições de migração (tanto temporária como definitiva) em relação a suas estruturas sociais (as classes sociais, a família e a organização comunitária). Como resultado, foi possível perceber a aculturação religiosa como um fator de mudança da estrutura da sociedade. Isto é, tanto entre as famílias católicas como entre as budistas haveria o incentivo à emigração periódica, antes mesmo de os jovens estabelecerem

---

<sup>160</sup> Manuel Diéguez Jr. aparece entre os participantes na programação do evento, contudo, de acordo com uma anotação ao lado do seu nome, ele não pôde participar da reunião e Saito traduziu e leu o seu trabalho para os ouvintes do evento. Fonte: Relatório sobre o Simpósio “Japanese in the Americas”. Sem data. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>161</sup> Relatório do Simpósio “Japanese in the Americas”. Sem data. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>162</sup> Relatório do Simpósio “Japanese in the Americas”. Sem data. Fonte: FDP/AEL/Unicamp.

<sup>163</sup> Relatório da pesquisa “Religion and the structural change of a society”. Hiroshi Saito. 26 de maio de 1964. FDP/AEL/Unicamp.

famílias, sabendo que estas experiências no exterior poderiam levar mais tempo do que o planejado. A diferença seria que, entre os budistas, haveria menor tendência de emigração temporária das mulheres se comparadas aos homens, apontando assim disparidade de gênero nas regras de emigração na comunidade.

Apesar de ter ido ao Japão para comparar hábitos e comportamento entre os japoneses que viviam no país de origem e aqueles que tinham imigrado para o Brasil, Saito não apresenta em seu relatório, nem em seus trabalhos em português, tais comparações de forma explícita. Mesmo assim, com as descrições das suas cartas, percebemos que o sociólogo, durante sua estadia no exterior, não fugiu de seu interesse pelo Brasil, buscando entender nossa sociedade e o processo imigratório pelo qual os japoneses passavam até se inserirem nela. De certa forma, é possível afirmar que Saito estava tentando entender o processo pelo qual ele mesmo passava, e a ida ao Japão lhe confirmou a intensa alteração de seus hábitos e, conseqüentemente, das interpretações da sociedade de origem. Em conversa com Oracy Nogueira (1983), Saito teria afirmado que sofrera um choque cultural ao chegar ao Japão, pois tanto ele como a sociedade japonesa tinham mudado desde 1933, quando imigrou. Além disso, ele teria voltado com “a assimilação à sociedade brasileira consolidada, sem prejuízos dos laços que sempre o ligariam ao Japão” (NOGUEIRA, 1983, p. 3). Assim, a experiência no país de origem teria definido, em boa parte, seu lado pessoal e intelectual. Prova disso pode se constatar em um trabalho que publica após retornar do Japão, no qual Saito termina por situar o imigrante e o seu descendente como membros da sociedade brasileira.

## **2.5. Os estudos japoneses na década de 1950**

Ao longo deste capítulo procuramos demonstrar a importância da década de 1950 para os estudos sobre os japoneses no Brasil, quando várias pesquisas foram financiadas, intercâmbios incentivados e eventos organizados. O interesse pelo tema demonstrava o engajamento de cientistas sociais e do governo brasileiro na tentativa de compreender os grupos de imigrantes japoneses que haviam chegado ao Brasil a partir de 1908, especialmente os processos de assimilação pelos quais passavam e o seu contato com a sociedade brasileira. Contudo, este interesse não era só brasileiro; ele também estava presente nas discussões que estavam sendo realizadas pela UNESCO e em universidades japonesas no contexto do pós-Segunda Guerra Mundial. Isso ocorreu porque instituições como a UNESCO enxergavam como fundamental a compreensão de como se davam os conflitos sociais semelhantes aos que

levaram ao resultado final da guerra e de como evitá-los. Comunidades com grupos imigrantes poderiam apresentar ambos os aspectos e, portanto, era de interesse da instituição financiar pesquisas que as conservassem como foco, como foi o caso das pesquisas de Izumi no Brasil.

Nesse contexto, Saito começa a se destacar como sociólogo indicado para pesquisar ao discutir questões relacionadas à imigração japonesa no Brasil e orientar pesquisadores japoneses que viessem ao país. Com isso, o papel da ELSP também se torna importante, uma vez que ela apóia o evento organizado pelo então aluno Saito, em 1956, colocando à disposição não só o seu espaço físico, mas seus professores e seu nome para a divulgação do encontro. A instituição apoiou também os planos de Saito de estudar no Japão e suas inúmeras pesquisas no Brasil e no Japão. Isso tudo acontecia enquanto a ELSP passava por um de seus muitos momentos de crise. Ou seja, uma instituição em declínio se colocava à frente de um tema de estudo em ascensão, no Brasil e no mundo, e encontrou em um de seus alunos o seu representante ideal para que aqueles que quisessem vir estudar imigrantes japoneses no país a tomassem como referência.

Desse modo, ao analisarmos, no próximo capítulo, os livros de Saito publicados enquanto ele estava na ELSP, é preciso estar atento ao contexto em que as pesquisas foram realizadas. Todos os três livros são frutos de pesquisas da década de 1950, umas com o financiamento da UNESCO, outras da CAPES e, ainda, algumas com o apoio de instituições japonesas e norte-americanas. Isso significa que as pesquisas a seguir, para além de seus próprios objetivos, trazem a marca de seu contexto, em que havia a preocupação com possíveis conflitos étnicos entre os imigrantes no Brasil. Entende-se, a partir daí, a insistência de Saito em compreender como se davam os processos de assimilação dos imigrantes no país e a tentativa de mostrar que eles traziam benefícios para a economia nacional e para a sociedade brasileira. Benefícios estes que eram possíveis por conta das alterações de alguns aspectos das culturas dos imigrantes e a manutenção de outros, comprovando, para Saito, que a assimilação seria a fusão das culturas envolvidas no processo de adaptação dos indivíduos.

### Capítulo 3 - Assimilação, conflito e engajamento na sociologia de Hiroshi Saito

A partir do contexto do pós-guerra sobre os conflitos que poderiam surgir dentro das comunidades imigrantes no Brasil na década de 1950, Saito realiza suas pesquisas e publica três livros, cujas análises serão o foco deste capítulo. Estes livros são *O cooperativismo na região de Cotia: Estudo de transplantação cultural* (1956, com uma segunda edição em 1964), *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação* (1961), e, *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná* (1963). Estes trabalhos foram publicados enquanto Saito era aluno e depois professor da ELSP, ou seja, enquanto ele estava em intenso contato com o meio acadêmico construído também por Willems e Pierson. Willems, inclusive, militava por meio de suas publicações a favor da presença de imigrantes no Brasil, especialmente os japoneses, alvos de discursos preconceituosos desde o início da sua entrada no país, em 1908.

Dessa forma, a análise deste capítulo atém-se à produção intelectual de Saito entre os anos de 1956, ano em que termina o mestrado e começa a divulgar seus estudos, e 1963, quando é publicada uma das suas pesquisas cujo campo havia sido realizado no início dos anos 1950. Os três livros têm objetivos diferentes, mas todos tratam de algum grupo imigrante no Brasil pensando a sua interação com a sociedade local, os seus processos de assimilação, além de se basearem em pesquisas empíricas. O trabalho de 1956 é a sua dissertação de mestrado sobre a Cooperativa Agrícola de Cotia e traz os esforços de Saito para compreender como se deu o processo de criação da instituição pelos imigrantes japoneses, inspirada em cooperativas já existentes no Japão com as quais os imigrantes haviam tido contato. A transplantação e a adaptação bem-sucedidas deste sistema cooperativista seriam uma comprovação da aculturação e assimilação dos imigrantes japoneses à sociedade brasileira.

O segundo trabalho traz uma parte da sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Kobe, Japão. Nela, Saito trata dos aspectos gerais da adaptação do imigrante japonês no Brasil, especialmente a adaptação física ao meio, que teria auxiliado a mobilidade social, espacial e ocupacional destes indivíduos no Brasil. Esta mobilidade, segundo Saito, seria outra comprovação da assimilação destes imigrantes à sociedade brasileira, visto que o mesmo processo poderia ser encontrado entre os brasileiros na década de 1950. O terceiro trabalho trata de imigrantes poloneses que moravam em Contenda (PR) e é baseado no relatório da pesquisa realizada por Saito sob a coordenação de Seiichi Izumi entre 1952 e 1953. O trabalho, por fim, apesar de não se centrar nos japoneses, apresenta as mesmas preocupações do autor em relação ao processo de assimilação dos imigrantes poloneses no

Brasil, sendo observados e destacados por ele pontos semelhantes aos dos trabalhos anteriores.

Ao longo do capítulo, propõe-se uma análise dos três livros separadamente, sem deixar de considerar alguns pontos em comum, tais como o conflito, o desenvolvimento da sociedade, o processo de assimilação e o engajamento de Saito. Estes quatro elementos mostram a influência do contexto de produção da sociologia da década de 1950 sobre os trabalhos de Saito. Isto é, temos, por exemplo, as pesquisas empíricas com análises focadas no caráter cultural dos grupos investigados; a preocupação com possíveis conflitos (como de terra, de imigração, com a sociedade local), presente no discurso de organizações como a UNESCO; a tentativa de mostrar benefícios econômicos que os imigrantes traziam para a sociedade local; a constante busca pela argumentação e comprovação de que os imigrantes seriam assimiláveis, principalmente os japoneses; a tentativa de mostrar que a presença destes estrangeiros no meio rural brasileiro ajudou a desenvolver o sistema agrícola nacional, entre outras questões. Considerando estes pontos, iniciaremos a análise do trabalho sobre a Cooperativa Agrícola de Cotia.

### **3.1. O japonês em Cotia: mudança social e integração**

A dissertação de mestrado de Saito, defendida na ELSP e financiada pela CAPES, foi publicada em novembro em 1956. Nela, Saito tem por objetivo contribuir para a compreensão dos problemas do meio rural, que estariam relacionados às práticas de cultivo e de colheita. Além disso, ele procura entender como se deu o processo de implantação do sistema cooperativista agrícola no bairro de Moinho Velho, em Cotia, cidade da região metropolitana de São Paulo, após o estabelecimento de famílias imigrantes japonesas na região. Para o autor, este processo gerou mudanças na sociedade local, além de implicar na assimilação dos imigrantes à cultura brasileira, sendo ambos os fenômenos, neste caso, originados do processo de modernização de Cotia, de São Paulo, do Brasil e do Japão. O livro apresenta cinco temas importantes: mudança social; assimilação dos japoneses; transplantação; questões rurais; e cooperativismo.

Dividido em cinco capítulos, o trabalho de Saito analisa a experiência de imigrantes japoneses em Cotia, que poderia vir a ser comparado a outros casos semelhantes, como o estudo do processo de assimilação dos imigrantes poloneses em Contenda. Em virtude disso, os métodos empregados por Saito eram comuns em estudos antropológicos e sociológicos,

com caráter empírico: entrevistas, coleta de dados, estatísticas, análise de documentação histórica, aplicação de *surveys*, observação participantes, entre outros. No primeiro capítulo, Saito conta a história do sistema cooperativista no Japão e as mudanças que a sua introdução no país trouxe principalmente para as pequenas comunidades agrícolas. O segundo capítulo versa sobre as pessoas que teriam trazido este sistema para o Brasil: os próprios imigrantes japoneses. Exploram-se, assim, os motivos para a emigração e as características das famílias que vinham para o país.

No terceiro capítulo, ele discorre sobre a região de Cotia desde a sua ocupação no período colonial da história do Brasil, como se deu o estabelecimento dos japoneses em Moinho Velho e os seus primeiros contatos com os moradores locais. O quarto capítulo traz uma descrição dos primeiros anos dos japoneses em Cotia, o modo como eles se organizaram, as primeiras tensões, os estágios de adaptação, as mudanças de hábitos e atitudes, além da criação de instituições, como uma escola e a Associação Japonesa. Esta última instituição tem as suas funções substituídas pela cooperativa, quando ela é criada em 1927. O processo de criação da cooperativa é tratado no quinto capítulo, no qual Saito descreve também a acomodação às leis brasileiras e o impacto que a cooperativa teve na relação dos imigrantes japoneses com os comerciantes brasileiros. O sexto e último capítulo, finalmente, apresenta as fases do desenvolvimento e crescimento da instituição e os seus dados mais importantes até a década de 1950<sup>164</sup>.

No início do estudo, Saito aponta os dois objetivos principais da sua dissertação, que, se relacionados à estrutura de capítulos, permitem compreender melhor a forma com que ele pretende tratar seu objeto. O primeiro objetivo do livro é contribuir para a melhor compreensão do meio rural brasileiro e para isso é necessário investigar as reações que as novas formas de padrões culturais trazidas pelos japoneses têm sobre comunidades deste tipo, sobretudo porque uma parte delas, no Brasil, ainda estaria em “estágio de sociedades de *folk*”. Do mesmo modo, o sociólogo procura ainda entender o processo de acomodação que acontece após este impacto na estrutural social (SAITO, 1956, p.13). Assim, Saito considera que a introdução destes novos padrões culturais teria afetado a forma como a comunidade de Cotia se organizava até então. Ela seria uma comunidade pequena, com mínimo contato com o mundo externo e pouco acostumada a mudanças, quadro que é alterado com a chegada dos imigrantes japoneses por volta de 1915.

---

<sup>164</sup> O livro possui ainda um resumo no final e sugestões de Saito para estudos futuros, em que ele afirma a importância de pesquisas de outras cooperativas no Brasil para comparar com o caso de Cotia.

Ao nomear estas sociedades tradicionais como de “*folk*”, Saito faz uso de um conceito caro à sociologia de Chicago. Tais sociedades seriam caracterizadas por terem uma população local, pré-letrada, com a mobilidade limitada e pouca mercadoria vinda de fora (SAITO, 1956, p.59). O conceito, que ficou conhecido nos trabalhos dos antropólogos Robert Redfield e Ralph Linton, é definido por ser um tipo de comunidade com pequenas unidades sociais estreitamente integradas. Segundo Linton, nelas “os novos elementos não aparecem com grande frequência e a sociedade tem tempo de sobra para prová-los e para assimilá-los à sua configuração pré-existente” (LINTON, 1936 in REDFIELD, 1949, p. 357). Entende-se, dessa forma, que a população já estava estabelecida em Cotia estava isolada, com pouco contato com outras cidades, além de possuir hábitos culturais arraigados e tradicionais e não conservar contato com imigrantes na região, o que pode ter causado estranhamentos e conflitos num primeiro momento.

O segundo objetivo apresentado por Saito se refere especificamente ao processo de “transplantação” do sistema cooperativista para o Brasil e como este se deu: as fases pelas quais a comunidade japonesa em Cotia passou, as mudanças que foram necessárias de se fazer naquela sociedade e as alterações no próprio cooperativismo para que ele pudesse ser implantado no meio rural brasileiro. Para tanto, Saito investiga as mudanças nos hábitos e nos comportamentos tanto da sociedade “nativa” como dos imigrantes japoneses, e também os novos hábitos culturais que surgem com os processos de acomodação e assimilação. A análise do sistema cooperativista seria uma forma de verificar quais características da cultura japonesa são mantidas pelos imigrantes em Cotia e quais da cultura brasileira são adquiridas para entender as mudanças sociais que ocorreram ao se instalar um sistema moderno em uma comunidade tradicional. Segundo Willems (1940, p. 287), “Toda transplantação implica uma mudança e um reajustamento a condições que não podem ser idênticas ao meio antigo”. Por isso seria esperado que alterações fossem feitas para a implantação deste sistema cooperativista no Brasil, e observar estas alterações é uma das intenções de Saito.

Dois processos que embasavam as interpretações das sociedades entre as décadas de 1940 e 1950 estão presentes no trabalho de Saito: o primeiro está relacionado à modernização, enquanto o segundo diz respeito à assimilação, ao contato de culturas distintas. Como muitas vezes a própria modernização era um resultado da assimilação, os processos estão frequentemente inter-relacionados, mas os conceitos acionados e as lógicas inerentes a ambos são distintas. A modernização diz respeito à maior capacidade de intervenção produtiva na natureza, associado a novas formas de organização social (DOMINGUES, 1999), como, por

exemplo, o cooperativismo. A assimilação ocorre quando há duas culturas — a japonesa e a brasileira, no caso da pesquisa de Saito — que interagem e trocam características e comportamentos culturais, gerando uma nova cultura (sendo uma mais hegemônica do que a outra) (BALDUS & WILLEMS, 1939; SAITO, 1961).

A preocupação central de Saito se concentra neste segundo processo, que também é interpretado através dos conceitos de transplantação, acomodação e aculturação. A modernização está presente em sua análise assim como suas mudanças sociais específicas pelas suas influências no processo citado. Saito foca mais nas questões práticas da assimilação e nas dificuldades enfrentadas do que nas alterações que foram feitas no sistema cooperativista transplantado do Japão. O seu trabalho entende a assimilação como algo avaliável, quantificável, classificável, tal como os fatores que a definem. A abordagem envolve uma forte relação entre o pesquisador e o objeto devido à trajetória de Saito, pois ele mesmo era um imigrante japonês enfrentando as consequências da mudança para o Brasil e do que seria o processo de assimilação.

### **3.1.1. O sistema cooperativista no Japão e a imigração para o Brasil**

No estudo sobre Cotia, Saito propõe que a assimilação dos imigrantes japoneses que se estabeleceram na localidade estaria diretamente relacionada ao sistema cooperativista, trazido do Japão e ali introduzido. Este sistema trouxe mudanças para a comunidade local e para os imigrantes, e para analisá-lo, de acordo com Saito (1956, p. 14), seria necessário entender a sua origem e as suas principais características. Com esse foco, Saito começa o primeiro capítulo do livro marcando um momento de mudança no Japão: a Restauração Meiji, em 1868, que foi um movimento que trouxe transformações significativas na sociedade japonesa em diferentes áreas, especialmente nos campos político e econômico<sup>165</sup>.

A Restauração Meiji provocou o início do processo de emigração no Japão (SAKURAI, 2000, p. 44; KODAMA, 2009, p. 43). O país, que até então tinha pouco contato com o restante do mundo, é introduzido no circuito mundial capitalista e passa por processos de modernização, industrialização e urbanização de sua sociedade, junto a reformas sociais e econômicas. Não cabe aqui discutir os detalhes dessas mudanças, e sim apenas destacar que

---

<sup>165</sup> A Restauração Meiji foi um processo de modernização do Japão, que fortaleceu o Estado e incentivou a industrialização e a agricultura moderna, a partir de influências das ideias e instituições “ocidentais”, em 1868 (SAKURAI, 2000).

uma de suas consequências foi a diminuição da oferta de empregos e de terras disponíveis para a população rural, levando o governo japonês a incentivar a emigração temporária para outros países. Emigração esta que também incentivava trocas comerciais e acordos diplomáticos entre os países envolvidos, fortalecendo a inserção do Japão no cenário internacional (COMISSÃO, 1992, pp. 30-31; SAKURAI, 2000, pp. 44-45; DEZEM, 2008, p. 153). Assim, a emigração japonesa não se resumia a uma decisão individual; ela acontecia com o aval e o auxílio do governo japonês, que via nela uma possível solução para o país não entrar em colapso econômico e demográfico (SAKURAI, 2000, p. 85). Os principais destinos dos japoneses, inicialmente, eram as ilhas do Havaí e os Estados Unidos da América. Contudo, outros países do continente americano também passaram a receber imigrantes japoneses, sendo os principais o Brasil e o Peru<sup>166</sup> (COMISSÃO, 1992, p. 33).

Além da emigração, outra consequência da Restauração Meiji foi a modernização das *muras*, pequenas unidades rurais responsáveis por manter a integração social dos grupos. Após as mudanças no final da década de 1860, a *mura* foi modernizada, desintegrando as suas características tradicionais e, apesar de continuarem sendo pequenas unidades administrativas, foram integradas ao contexto nacional, tanto social como economicamente. Ao tratar da modernização da *mura* no Japão, Embree (1939, pp. 302-304) observa o aumento das facilidades de comunicação; melhoria da infraestrutura; consolidação das vizinhanças em vilas controladas, organizadas e centralizadas pelo governo japonês; consolidação nacional, que estaria acontecendo por meio do reforço no exército, de associações de escopo nacional, do culto ao imperador; e adoção do japonês como língua oficial do país. Algumas destas mudanças são observadas mais tarde por Saito entre os imigrantes em Cotia.

O processo de modernização no Japão levou à adoção do sistema cooperativista nas comunidades rurais. Saito argumenta que, para que o sistema desse certo no país, teria sido necessário não só o apoio do governo, mas, principalmente, que houvesse condições favoráveis para a sua instalação nas comunidades rurais: era preciso que os traços culturais trazidos pelo sistema fossem úteis e compatíveis com as necessidades daquela *mura*. Eles seriam úteis, pois, após a Restauração, havia “competição no mercado internacional com os países ocidentais”, o que demandava um aumento de produtividade para concorrer com os

---

<sup>166</sup> Saito faz uma breve análise da imigração japonesa no Peru, iniciada em 1898, em seu texto publicado no livro que organiza com Mayeama, em 1973. No artigo, ele compara algumas das principais características dessa imigração e da imigração japonesa no Brasil, e concluiu que as motivações, as dificuldades e os mecanismos de adaptação foram parecidos nos dois países. Contudo, a composição da família imigrante japonesa no Brasil foi determinante para o seu processo de assimilação no país (SAITO, 1973b).

produtos estrangeiros. Depois da sua introdução, as características do cooperativismo precisavam ser ajustadas aos padrões tradicionais e vice-versa, processando-se, então, uma acomodação que estabeleceu a substituição gradual dos antigos padrões pelos novos (SAITO, 1956, p. 28). Assim como aconteceu no Brasil, também no Japão o sistema cooperativista só funcionou por conta da presença prévia de determinadas instituições e necessidades, e foi necessária a sua adequação ao novo meio.

Dada a consolidação das reformas da Restauração Meiji, o sistema cooperativista se desenvolveu rapidamente pelo país, em consonância com a economia japonesa. No entanto, na década de 1920, este sistema passa por dificuldades por conta dos problemas causados por um grande terremoto que atinge o Japão e também pela crise econômica de 1929. Assim, a partir do decênio de 1920 há um aumento na quantidade de imigrantes japoneses que se dirigem ao Brasil (SAITO, 1956, p. 38; COMISSÃO, 1992, p. 139), emigrantes estes que haviam tido contato constante com o sistema cooperativista no Japão durante o seu franco desenvolvimento. Este é um dos principais argumentos de Saito para a implantação do mesmo sistema pelos japoneses no meio rural do brasileiro (SAITO, 1956, p. 38).

No segundo capítulo do livro, Saito centra sua análise nos emigrantes que saíram do Japão para se instalarem no Brasil com uma bagagem cultural, que seria “a matéria-prima com que o imigrado entra no processo de ajustamento socioeconômico ao novo meio” (1961, p. 210). Segundo Weber (2011), durante o processo de imigração no Brasil, teria havido uma transferência de tecnologia e de conhecimento por parte dos imigrantes, levando alguns, inclusive, a se tornarem empresários e a auxiliarem no crescimento econômico dos locais onde estavam instalados, como foi o caso dos alemães em Porto Alegre. No caso de Cotia, interessa a Saito a bagagem cultural do sistema cooperativista, isto é, os traços culturais, os quais ele apresenta ao longo do trabalho, necessários para introduzir a nova forma econômica no país.

Para isso, Saito apresenta quem são os imigrantes que criaram a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC), em 1927, e o contexto de sua imigração, pensando primeiramente os motivos que os teriam levado a sair do seu país de origem e se mudarem para um país do outro lado do mundo. Para tanto, a corrente imigratória japonesa é dividida em três fases. Num primeiro momento, que se restringe ao período entre 1908 e 1924, os imigrantes eram, em sua grande maioria, da zona rural; depois, entre 1925 e 1935, chega uma grande quantidade de pessoas

que moravam nas cidades japonesas; e, por fim, após a Segunda Guerra Mundial, principalmente a partir de 1950, a maioria dos imigrantes vem do meio urbano<sup>167</sup>.

A primeira fase (1908-1924) é o interesse central de Saito neste momento do livro, pois os fundadores da CAC estariam inseridos nela. Os imigrantes saíram do Japão, de acordo com os relatos colhidos por Saito, por conta da falta de empregos tanto no campo como nas cidades, visto o intenso processo de industrialização da sociedade japonesa, que levava à mecanização dos processos produtivos. Essa emigração, no entanto, pretendia ser temporária, apenas durante o período necessário para acumular recursos suficientes para se estabelecer novamente no Japão, com o acréscimo do prestígio de ter sido bem-sucedido no exterior (SAITO, 1956, pp. 40-41). No entanto, a maioria dos emigrantes saía de seu país baseado em relatos daqueles que tinham voltado dos Estados Unidos (principalmente do Havaí) e esperavam encontrar condições de trabalho e de vida semelhantes. Pouco se sabia sobre o Brasil, as dificuldades iniciais são muitas (e descritas mais a frente) e a maioria dos imigrantes acabou tendo que se estabelecer no país sem previsão de retorno ao Japão (SAITO, 1958; SAITO, 1973b; COMISSÃO, 1992).

Além dos baixos salários, outra diferença entre a imigração no Brasil e nos Estados Unidos, por exemplo, estava na exigência do governo brasileiro em relação à entrada de famílias imigrantes com pelo menos três pessoas entre 12 e 40 anos, idade ideal para o trabalho (SAITO, 1956, p. 50; KODAMA, 2009, p. 45). A regra acabou gerando a criação das chamadas “famílias compostas”, que seriam formadas por pessoas que não necessariamente eram parentes, isto é, desmembravam-se famílias no Japão para formar novas, artificiais (SAITO, 1956). Essas famílias “compostas” foram a solução encontrada para o cumprimento das exigências do governo brasileiro e tinham alguns arranjos comuns tipificados por Saito:

- a) Um casal novo, com um ou dois filhos pequenos adotava como seu filho um moço ou uma moça, geralmente um parente;
- b) No caso de se tratar de uma família extensa com numerosos filhos, o casal confiava centro número destes a pessoas idosas, geralmente os pais do casal, e trazia só alguns filhos maiores de 12 anos, operando-se assim um desmembramento forçado;
- c) Havia casos extremos em que, por qualquer circunstância especial, o marido se desligava apenas formalmente da esposa casando-se também

---

<sup>167</sup> Saito (1960a) aprofunda estas fases no artigo “A família do imigrante japonês para o Brasil”, publicado na revista *Sociologia*. Contudo, neste escrito ele considera o ano de 1941 o final da segunda fase, quando o Brasil entra oficialmente na guerra, pois apesar de haver uma queda brusca na quantidade de imigrantes japoneses que entram no Brasil a partir de 1935, por conta de lei de cota aprovadas em 1934 (GERALDO, 2009), a imigração ainda persistia. Além disso, ele aponta o início da terceira fase em 1953, quando a imigração para o Brasil é retomada.

formalmente com outra mulher, e adotando ainda formalmente uma outra pessoa como seu filho ou filha.<sup>168</sup>

Os grupos imigravam com o máximo de pessoas aptas para o trabalho, a fim de acelerar o acúmulo de dinheiro e possibilitar o retorno rápido para o Japão e para suas famílias originais. A partir das experiências nos Estados Unidos, Havaí e Canadá, acreditava-se que a imigração breve e temporária era possível também em outros locais, contudo, as condições de trabalho encontradas no Brasil eram muito diferentes, e poucos foram aqueles que conseguiram retornar<sup>169</sup>. A prática das “famílias compostas” desmembrou muitas delas no Japão, e com o passar dos anos e o sonho do retorno se distanciando, algumas famílias se tornam “reais” e outras se separaram (SAITO, 1956; SAITO, 1960a). O destaque de Saito para a estruturação da família do imigrante pode ser compreendido ao lembrarmos a relação que alguns estudos haviam identificado entre a manutenção da unidade familiar e dos traços culturais japoneses e o processo de assimilação (WILLEMS & SAITO, 1947; WILLEMS, 1948; IZUMI & SAITO, 1953).

Após apresentar as características gerais das famílias imigrantes que vieram para o Brasil, Saito inicia o seu terceiro capítulo, no qual se descreve a região de Cotia, com clima subtropical, solos de encosta e com altitude variando entre 780 e 870 metros do nível do mar (SAITO, 1956, p. 58). Localiza-se a cidade geograficamente, estando o bairro de Moinho Velho a 25 quilômetros da capital do estado, ligando-a se a ela pela estrada de Embu. A região recebeu imigrantes alemães entre 1827 e 1828, no entanto, de acordo com informações encontradas por Saito no trabalho de Willems<sup>170</sup>, eles não teriam permanecido por conta do isolamento e da estagnação cultural do local. Por isso, a população local

permaneceu quase pré-letrada; a mobilidade espacial continuou muito limitada, com a exceção da entrada de um pequeno número de escravos; a circulação de mercadores era muito restrita e, em suma, a comunidade local tinha os característicos de uma sociedade de folk.<sup>171</sup>

Esta população, até 1914, era constituída majoritariamente por luso-brasileiros, isto é, pessoas descendentes de portugueses que estavam no Brasil há algumas gerações e eram

---

<sup>168</sup> SAITO, Hiroshi. *O Cooperativismo na Região de Cotia: estudo de transplantação cultural*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956, p. 50.

<sup>169</sup> De acordo com uma pesquisa apresentada por Saito, dos 139 imigrantes japoneses que teriam chegado ao Brasil na primeira fase da imigração, 14 teriam retornado ao seu país de origem entre 1914 e 1924, e somente nove entre 1924 e 1934. Entre os 23 que retornaram, 14 o fizeram depois de acumularem uma determinada quantia de dinheiro; cinco após ficarem viúvos; e os outros quatro por terem “fracassado” e desistido de morar no Brasil (SAITO, 1960b, p. 253).

<sup>170</sup> O livro de Emílio Willems em questão é *Aculturação dos Alemães no Brasil* (1946).

<sup>171</sup> SAITO, Hiroshi. *O Cooperativismo na Região de Cotia*. Op. cit., p. 62.

pobres ou de classe média baixa. Além disso, como observamos no trecho citado, Cotia era isolada e tradicional, sem alterações significativas ao longo dos anos. As propriedades eram pequenas, por conta das inúmeras divisões da terra entre filhos e descendentes, visto que a maioria não buscava empregos assalariados nos centros urbanos. Somente com a chegada de imigrantes japoneses à região nos anos de 1914 e 1915, “que trouxe como consequência o impacto da civilização”, é que este quadro se altera um pouco<sup>172</sup> (SAITO, 1956, p. 62). Mas o isolamento diminui, de fato, na década de 1920 com a construção de uma rodovia e a introdução de caminhões e ônibus, além da construção da ferrovia que ligava Mairinque a Santos e cortava a região.

Comunidades como Cotia se tornam o centro de trabalhos sociológicos nas décadas de 1940 e 1950 pela preocupação que havia de entender como se dava o processo de modernização e de mudança social em comunidades tradicionais<sup>173</sup>. No caso de Cotia, estes processos viriam com a chegada de imigrantes japoneses, que traziam consigo hábitos e traços culturais tradicionais e também modernos. Os imigrantes seriam responsáveis também por trazer a civilização, caracterizada por ter uma cultura menos isolada, “mais móvel, cuja sociedade é menos homogênea, mais secular” (PIERSON, 1964, p. 144). Assim, o seu contato com comunidade primitiva e isolada de Cotia trouxe a mudança cultural. Este contato envolveria a transferência de elementos culturais, como novos alimentos e práticas agrícolas, o que não significa dizer, segundo Pierson, que seria uma “mera adição”, mas sim que “a cultura em que se introduz o novo elemento tem que acomodar-se a ele. O novo elemento exerce, portanto, certa ‘pressão’ sobre a velha cultura”. Haveria, assim, a desorganização cultural (PIERSON, 1964, p. 150).

A chegada de trinta famílias imigrantes japonesas em 1915 interfere na organização social de Cotia. Os imigrantes vinham de outras fazendas do interior de São Paulo, nas quais estavam insatisfeitos com as condições de trabalho e com os baixos salários. De acordo com relatos apresentados no livro, em Cotia, o agricultor imigrante não precisava trabalhar para um fazendeiro cafeicultor, tendo mais liberdade para plantar batata na sua própria lavoura,

---

<sup>172</sup> O desenvolvimento econômico gerado pela chegada de imigrantes em determinadas regiões teria incentivado o crescimento de regiões como Ribeirão Preto (SP), por exemplo, porque os novos moradores tinham um poder aquisitivo maior do que os escravos que trabalhavam ali até então. Com isso, há maior incentivo para o desenvolvimento do comércio local e da pequena indústria (LANZA & LAMOUNIER, 2014).

<sup>173</sup> Entre outros trabalhos que também tinham este interesse, podemos citar: *Cunha, Tradição e Transição em uma Cultura rural do Brasil*, de Emílio Willems (1947); *Cruz das Almas*, de Donald Pierson (1951); *Amazon Town, a Study of Man in the Tropics*, de Charles Wagley (1953); o estudo de Oracy Nogueira (1962) em Itapetininga (SP); e os estudos sobre o Vale do Rio São Francisco, coordenado por Pierson na década de 1950.

arrendada. Os problemas com os moradores locais aconteciam, em geral, pelo “processo da competição ecológica”. Este, segundo Saito, seria a disputa que acontecia tanto entre os imigrantes japoneses como com os fazendeiros locais pela melhor mão de obra (SAITO, 1956, p. 70). O autor recolheu relatos de sítiantes que preferiam trabalhar para os japoneses e não para os moradores da região pelas melhores condições de trabalho e pelo tratamento mais respeitoso que os imigrantes tinham com eles. Apresento abaixo dois desses relatos:

Relato um:

Os sítiantes pobres preferiam trabalhar mais com os japoneses do que com os moradores ricos, seus patrões. Porque os japoneses não fizeram distinções no tratamento de pessoas de sua própria família e dos camaradas.

Relato dois:

Era comum ouvir-se que fulano deixou de trabalhar para sicrano, porque este não preparou comidas especiais ou porque não o convidou para entrar em casa na hora da refeição.<sup>174</sup>

Os agricultores japoneses também tinham uma relação mais saudável com os caboclos e negros, pelos mesmos motivos, mas também porque estes grupos não guardariam “ressentimento dos japoneses. Eles achavam muito natural que os japoneses tenham tido boa sorte na lavoura e se tornado proprietários, comprando-lhes as terras”, contou um imigrante japonês a Saito (1956, p. 74). Pelo fato de não ter participado do processo de distinção social daquele local<sup>175</sup>, e, conseqüentemente, não ser considerado culpado por parte dos problemas locais, especialmente em relação à população mais pobre, o japonês seria mais bem visto do que o morador rico<sup>176</sup>. Como é possível perceber, os imigrantes tiravam proveito deste fato ao tratarem bem os seus funcionários, sabendo que isso os distinguiria de outros produtores locais, lhes garantindo a melhor mão de obra. Esse bom tratamento se dava, portanto, pela “competição ecológica”, pois com uma boa mão de obra se produziria melhor e mais rápido, gerando resultados financeiros e encurtando o tempo de permanência no Brasil.

Apesar da competição bem-sucedida, Saito destaca, no quarto capítulo, que os imigrantes japoneses enfrentaram muitas dificuldades ao se estabelecerem em Cotia. Segundo os relatos, uma delas seria a adaptação à nova alimentação, com pouco arroz e peixe, e muito feijão, fubá, farinhas de mandioca e milho, entre outros alimentos. Saito afirma, não só neste

---

<sup>174</sup> SAITO, Hiroshi. *O Cooperativismo na Região de Cotia*. Op. cit., pp. 73.

<sup>175</sup> Não ter participado do processo de distinção social significava que o imigrante japonês não teria explorado a mão de obra escrava até 1888, quando ocorreu a Abolição da escravatura no Brasil, ao contrário dos fazendeiros da região.

<sup>176</sup> O morador rico, neste caso, seria o proprietário de terras na região.

trabalho como em outros (SAITO, 1961, p. 96), que “o regime alimentar constitui um dos padrões culturais de mais demorada e mais difícil aculturação”<sup>177</sup> (SAITO, 1956, p. 79), pois a comida seria um hábito cultural arraigado e de difícil mudança. Ele ainda traria prejuízos para os imigrantes, porque uma má ou pobre alimentação teria como consequência o corpo mais fraco para o trabalho e mais suscetível a doenças. Assim, a adaptação biológica, isto é, do organismo do imigrante ao meio onde se estabeleceu, seria uma das mais importantes, difíceis e longas mudanças pelas quais os imigrantes passavam.

Um dos motivos pelo qual essa adaptação se mostrava mais demorada dava-se através da tentativa do imigrante de economizar dinheiro ao não gastar com comodidade e conforto. Tal fato fez com que os sistemas agrícolas e de produção se desenvolvessem bastante, mas a alimentação, a habitação, os móveis e os utensílios caseiros ficassem inalterados nos dez primeiros anos<sup>178</sup> (SAITO, 1956, p. 83). Esta questão foi motivo de surpresa para os japoneses que chegaram após esse período e que se assustavam com a má qualidade de vida dos “velhos” imigrantes. Por conta disso, Saito identifica conflitos entre os “velhos” e “novos” imigrantes. Conflitos estes que ficam evidentes no seguinte relato apresentado por Saito:

Devo dizer da mudança que ocorreu na minha mente ao cabo de alguns meses de contato com os imigrados antigos. Depois que cheguei no Brasil, eu considerava todos os japoneses como se fossem meus parentes, pelo natural sentimento de quem é tido como um estranho numa sociedade inteiramente diferente da nossa. Além do mais, sentia-me muito solitário. Qual o meu espanto, porém, quando descobri que a minha maneira de pensar não era correspondida por nenhum dos imigrantes antigos. A confiança e estima que eu nutria nos meus patrícios, sem distinção, tiveram que sofrer uma modificação radical depois de certo espaço de tempo em convívio com os japoneses “veteranos”. Eu não era, para eles, mais que simples mão-de-obra que se comprava e se vendia, sujeito a humilhações de toda espécie. E pouco a pouco, formou-se na minha consciência uma decisão firme de não pedir nenhum favor aos compatriotas. Pouco tempo depois, quando eu e minha mulher estávamos empregados na lavoura do Sr. K, um dia, a senhora deste presenteou-nos com um bom pedaço de carne de porco, penalizada talvez pela pobreza da nossa alimentação diária. Vendo a minha mulher muito contente em me mostrar a carne, tive uma súbita cólera e mandei-lhe que fosse imediatamente devolver a carne. A mulher foi devolvê-la com as lágrimas nos olhos, mas ela compreendeu bem o porquê da minha cólera e nunca mais se referiu a esse incidente. Eu não queria, de modo algum, ser penalizado e apiedado por outrem.<sup>179</sup>

---

<sup>177</sup> Lembramos aqui que a “aculturação” seria o processo de mudança de aspectos culturais resultante do contato direto e contínuo com outra cultura (BALDUS & WILLEMS, 1939).

<sup>178</sup> Segundo Saito, a alimentação, a habitação, os móveis e os utensílios caseiros comporiam o que ele classifica de “cultura ergológica”, ou seja, a cultura material do imigrante.

<sup>179</sup> SAITO, Hiroshi. *O Cooperativismo na Região de Cotia*. Op. cit., pp. 113-114.

Em Cotia, os conflitos entre as diferentes gerações de imigrantes também era agravado pela presença das instituições criadas pelos japoneses “antigos” (1918-1925) para organizar socialmente os imigrantes. Inicialmente, havia duas instituições: uma que exercia o controle social dentro da comunidade (Escola de Plantação de Batatas), e outra que controlava a relação entre a comunidade e o mundo externo a ela (Associação Japonesa). Nas palavras do autor, “em torno dessas instituições polares se processaram a reestruturação social e reconstituição e remodelação dos padrões culturais japoneses” (SAITO, 1956, p. 84). A primeira instituição durou pouco tempo e tinha por objetivo ensinar aos novos imigrantes o trabalho agrícola no Brasil, com um período de treinamento nas propriedades dos imigrantes mais velhos. Os novos imigrantes eram em grande quantidade originários de centros urbanos japoneses e quando chegaram ao Brasil não tinham a experiência do trabalho agrícola, por isso a necessidade de uma escola.

A Associação Japonesa (AJ), por sua vez, foi criada entre 1916 e 1917 pela necessidade de haver mediadores que cuidassem da educação dos filhos dos imigrantes e “estabelecessem as relações públicas” com moradores locais e negociantes da cidade. Com o tempo, a Associação exerce outras funções, intervindo em quase todas as atividades da comunidade que fossem de natureza coletiva. Entre as suas principais realizações até 1927, temos: a aquisição coletiva de adubos, o controle da mão de obra, o transporte, o tempo de plantio e a criação em, 1921, da Associação de Moços. Esta assumiu as responsabilidades que até então eram da Escola de Plantação de Batatas, mas com o tempo a sua principal função giraria em torno do lazer da comunidade, tendo, em 1924, um programa formulado. Segundo Saito:

O programa consistia em que, ao invés de permitir “aos moços se entregarem, como tem acontecido até agora, às conversas imorais de natureza sexual”, era de necessidade urgente estimular: “a) o gosto pela música; b) o gosto pelo esporte; c) maior respeito aos velhos e chefes, e d) maior carinho aos adolescentes”.<sup>180</sup>

A AJ também foi responsável pela criação de uma escola na comunidade, em 1917. Diferentemente da Escola de Plantação de Batatas, voltada para o ensino de técnicas agrícolas, a nova escola tinha uma educação tradicional, voltada, principalmente, para as crianças da comunidade. A rápida criação da escola se deve, segundo Saito, ao papel que ela desempenha na sociedade japonesa, uma ação integradora, comparável à da Igreja entre os imigrantes europeus (SAITO, 1956, p. 94). A língua portuguesa foi ensinada desde os

---

<sup>180</sup>Ibidem, p. 92.

primeiros anos, mas os alunos brasileiros só serão aceitos quase dez anos depois da inauguração da escola. A educação era considerada pelos japoneses uma forma de evitar o “acaboclamento” dos filhos, isto é, uma forma de evitar que eles adquirissem hábitos da cultura brasileira e deixassem de lado a cultura japonesa. Com o passar do tempo, os imigrantes perdem as esperanças de “sucesso fácil” e do retorno rápido ao Japão e passam a investir na educação dos seus filhos para garantir o seu futuro. A “prevenção contra o acaboclamento” está presente no seguinte relato apresentado por Saito no livro:

“Dentre os lenhadores de Embu, havia alguns descendentes alemães. Eram de terceira ou quarta geração de imigrantes alemães, mas iguaizinhos aos caboclos, a não ser seus cabelos louros. Conheci uma família deles. A família inteira, pais e filhos, trabalha de lenhador e tinham todos o hábito de caminhar com a cabeça inclinada para um lado, hábito adquirido de tanto serrar madeiras. Pensei, então, na mesma sorte que estaria reservada aos meus filhos e netos, se não lhes proporcionasse uma adequada instrução”.<sup>181</sup>

A partir desse relato podemos entender que a escola compunha um ponto importante para a assimilação “controlada” dos descendentes dos imigrantes japoneses. Isto é, era importante que eles adquirissem alguns traços da cultura brasileira (como a língua portuguesa), para que pudessem garantir o crescimento da família no país e não tivessem o mesmo destino que a família alemã de Embu. Contudo, era na escola que os mais jovens aprendiam sobre a cultura brasileira, diminuindo o interesse pela cultura japonesa e gerando conflitos entre as diferentes gerações de imigrantes. Willems (1948) nos mostra que o contato com a língua portuguesa e as crianças locais, por exemplo, distanciavam os jovens japoneses de seus pais, que não tinham o mesmo tipo de contato com a cultura e com os moradores locais. Cardoso (2011a, p. 57) complementa a discussão apontando que, geralmente, a comunidade japonesa aprovava a assimilação do jovem se isso fosse uma exigência do êxito profissional; da mesma forma era visto o aprendizado da língua portuguesa.

Relacionando a questão ao programa da Associação de Moços, percebemos que os imigrantes mais velhos tentavam controlar a assimilação dos jovens, assim como a sua interação com quem fosse de fora da comunidade. No entanto, a partir do momento em que eles têm contato direto e sem interferência dos pais com os não japoneses, o controle perde a força (SAITO, 1961, p. 87). Cardoso (2011a, p. 65) afirma que as Associações na comunidade japonesa tinham o papel de “agente integrador”, o qual a família não conseguia ter no que concernia à valorização da cultura japonesa e de preparação deste jovem na inserção na sociedade brasileira. Dessa forma, a cultura japonesa, imposta pela família e pela comunidade

---

<sup>181</sup>Ibidem, p. 97.

próxima, era entendida pelos jovens como tradicional, enquanto a brasileira se mostrava mais atraente e próxima, principalmente, por ser hegemônica no ambiente de convivência social. No entanto, o processo de assimilação é longo, e, de acordo com Pierson (1964, p. 215), era esperado que ocorressem conflitos e casos de “delinquência juvenil”, pois o jovem ainda não teria adquirido os “novos” valores, mas também estaria culturalmente isolado de seus pais. Com isso, ele sentia que não pertencia nem à sociedade brasileira, presente no seu dia a dia, nem à japonesa, na qual os seus pais e familiares estavam inseridos.

Isso não significa dizer que os mais velhos não alterassem determinados hábitos. Saito percebe em sua pesquisa a adoção e a modificação de alguns padrões culturais, sendo os mais frequentes entre 1914 e 1925, o mutirão (para a plantação e colheita de batata) e o compadrio (brasileiros sendo padrinhos dos filhos dos japoneses). Por outro lado, os relacionamentos se mantinham tradicionais. O namoro entre jovens japoneses e brasileiros era raro e o único caso de casamento misto registrado nesta época foi entre um japonês sem parentes e uma brasileira (que logo se mudaram para capital). Além disso, os casamentos eram determinados, em sua grande maioria, pelos pais dos jovens, e seguiam as tradições japonesas<sup>182</sup>, retomando a observação de Willems (1948) de que o baixo nível de miscigenação entre os imigrantes japoneses se devia em boa parte à obediência à família.

Por volta de 1926, a comunidade japonesa em Cotia estava organizada, preservava a cultura japonesa e controlava o contato da comunidade com pessoas “estranhas”, ou seja, de fora dela. Havia ainda jornais em japonês que mantinham os imigrantes informados dos acontecimentos no Brasil e no Japão, além da presença do consulado japonês, mediante apoio financeiro. Saito afirma que estas características fortaleceram as organizações sociais internas da colônia, possibilitando a transplantação do sistema cooperativista japonês para o local. No entanto, este controle social também isolava a comunidade e reforçava a cultura japonesa, “desacelerando” o processo de assimilação e aumentando a rejeição aos imigrantes japoneses por parte da população brasileira, que não conseguia ter contato e conhecer o grupo estrangeiro (SAITO, 1956, pp. 112-113).

---

<sup>182</sup> Apenas posteriormente, segundo Saito, é que eles vão ter características tanto japonesas como católicas. Entre as características japonesas, observou-se, principalmente nos primeiros anos, a atuação de intermediários para negociar as condições do casamento, alguns ritos (os quais Saito não detalha), o uso de roupa de brim pelo noivo e de algodão pela noiva, e o registro no consulado japonês. Entre as católicas, Saito lista o uso de enxoval, a celebração na igreja e a adoção de anéis de aliança (SAITO, 1956, pp. 107).

### 3.1.2. Cooperativa Agrícola de Cotia: organização, transplantação e assimilação

Saito inicia o quinto capítulo do seu livro destacando que, assim como tinha acontecido no Japão do final do século XIX, o sistema cooperativista só pode ser introduzido em Cotia em função de uma determinada estrutura social, com instituições bem estabelecidas, apta a recebê-lo. Por isso, ele afirma que

A introdução do cooperativismo não foi, por assim dizer, um simples adicionamento às instituições já existentes; mas, o cooperativismo era, por si, um complexo cultural que desempenhava um papel integrante no conjunto das organizações da comunidade e, por isso, sua introdução e posterior consolidação foram possíveis sobre a base da própria organização social da comunidade. Do ponto de vista do aspecto funcional, a introdução do cooperativismo implicava na modificação ou substituição de funções até então exercidas por outras instituições.<sup>183</sup>

Basicamente, a cooperativa assumiu as responsabilidades que cabiam até então à Associação Japonesa, que, por seu turno, não tinha, no entanto, o poder representativo que uma cooperativa teria perante a sociedade brasileira e o governo japonês, seguindo um regimento e uma lei específica. As discussões sobre a criação da instituição teriam se iniciado em 1921, e um dos principais motivos para tanto era a necessidade de se estabelecer uma única frente de negociação com os comerciantes do Mercado de Pinheiros<sup>184</sup> (onde se vendiam as batatas produzidas em Cotia)<sup>185</sup>, que costumavam abusar do fato de os japoneses não conseguirem se comunicar em português para pagar mais barato pela mercadoria (SAITO, 1956, p. 116). No entanto, a exploração do imigrante pelo morador local não era uma exclusividade dos japoneses. Mizubuti (2001) mostra que era comum, especialmente quando se tratava de trabalhos nas indústrias, a exploração extrema da mão de obra imigrante, aproveitando-se da sua falta de oportunidades, pressa para conseguir um emprego e desconhecimento da língua local.

Dessa forma, uma cooperativa se organizava para ter um representante que fosse responsável por negociar em português com os comerciantes do mercado, diminuindo os abusos. Ainda, se faziam necessários a construção de um depósito em Pinheiros para o armazenamento das mercadorias e o melhoramento da estrada que ligava o Moinho Velho à

---

<sup>183</sup> SAITO, Hiroshi. *O Cooperativismo na Região de Cotia*. Op. cit., pp. 115.

<sup>184</sup> "O mercado era situado na Rua 25 de março, no cruzamento com a Rua General Carneiro. Foi inaugurado em 1867, também conhecido como 'Mercado dos Caipiras' ou 'Mercado Velho', e comercializava produtos agrícolas de pequenos produtores dos arredores da cidade." (TANIGUTI, 2015, p. 120)

<sup>185</sup> Saito comenta que foi preciso a intervenção policial em alguns casos para coibir o abuso dos comerciantes em relação aos preços e à falta de organização do mercado. A ajuda policial não adiantou muito pelas dificuldades dos japoneses de se comunicarem com as autoridades.

rodovia principal, favorecendo, assim, a assimilação e a integração ao meio social. Em 1922, é inaugurada uma rodovia que ligava a localidade à estrada principal e, com isso, foi possível fazer uso de caminhões para o transporte das batatas, aumentando, em contrapartida, a necessidade de um armazém em Pinheiros, visto que os produtos começaram a se acumular à porta do mercado.

Saito destaca ainda que a construção da cooperativa em Cotia se concretizou por duas circunstâncias: por uma lado, o conhecimento e as experiências cooperativas que os imigrantes já tinham tido no meio rural do Japão, e, por outro, a orientação e a assistência técnica e financeira do consulado japonês (SAITO, 1956). Historicamente, as cooperativas surgiram em oposição às práticas de mercado do capitalismo, fortalecidas principalmente após a Revolução Industrial, com a exploração do pequeno produtor e da sua mão de obra barata. Por conta da alta taxa de desemprego, das novas técnicas de produção e das constantes crises econômicas, além do fortalecimento da ideologia do liberalismo econômico (não intervenção do Estado na economia), os indivíduos por si só não conseguiam competir no mercado. Assim, eles se organizam e criam sociedades de auxílio-mútuo, entre as quais figuram as cooperativas. Estas “são sociedades de pessoas, organizadas em bases democráticas, que visam não só a suprir seus membros de bens e serviços, como também a realizar determinados programas educativos e sociais” (PINHO, 1961, p.58). A cooperativa se mostrava, portanto, o modelo ideal de organização dos imigrantes japoneses no contexto de disputas com os comerciantes paulistas.

O consulado japonês, por sua vez, estava interessado em criar uma cooperativa no Brasil para testar a sua viabilidade no país, pois precisava auxiliar financeiramente as comunidades japonesas, mas gostaria de fazê-lo a partir de entidades intermediárias, nos moldes das cooperativas no Japão. Em 1926, um jornalista é contratado para visitar e averiguar a possibilidade de criação de uma cooperativa em Cotia. No mesmo ano, retorna do Japão o líder da Associação de Moços<sup>186</sup>, que tinha visitado o país para contrair matrimônio e lá estudou as organizações cooperativas do seu *mura* e de comunidades vizinhas. Com estes acontecimentos, em setembro de 1927, um grupo de cerca de setenta pessoas aprova a criação da CAC (SAITO, 1956, pp. 118-119; TANIGUTI, 2015, p. 113).

---

<sup>186</sup> Este líder é tratado por Saito como Sr. K. S., o que concluímos se referir a Kenkiti Simomoto, um dos fundadores da CAC, seu diretor-presidente entre 1927 e 1942 e o seu principal líder.

A forte presença do consulado entre as comunidades japonesas pode ser observada também no controle da AJ sobre o contato oficial com o mundo exterior à colônia, por exemplo, pois ela que mantinha relações com o governo e com outras entidades japonesas em São Paulo. O consulado intervinha quando se tratava da educação, como em 1923, quando ajudou a negociar o preço do terreno e pagou por parte da construção da escola criada pela AJ (ANDO, 1961), e da produção agrícola, ajudando a comunidade a importar sementes de batata da Alemanha. A comunicação com o “mundo de fora” existia por meio de rádios e jornais, geralmente com sede na capital paulista, que noticiavam, em japonês, acontecimentos da comunidade imigrante em São Paulo e informações do Japão. Era do interesse do governo japonês que os seus conterrâneos se adaptassem ao novo “habitat”, pois havia um forte investimento em sua vinda para o Brasil.

Inicialmente, a principal dificuldade da instituição foi a adaptação às leis brasileiras, visto que não estava previsto este tipo de empreendimento até a legislação de 1932. A solução foi registrar a CAC como uma sociedade cooperativa e se adequar às leis que tratavam dos sindicatos profissionais. Depois de legalmente registrada, a CAC deu início às negociações com os comerciantes do mercado de Pinheiros, determinando que todos os sacos de batata deveriam ser padronizados com setenta quilos cada, a medida mais importante à época. A prática rapidamente se expandiu para diversos mercados de São Paulo. Além disso, a CAC construiu depósitos para regular o movimento de venda e promover a expansão do mercado consumidor, passando a organizar a aquisição coletiva de materiais agrícolas (como adubos, fungicidas e máquinas) (SAITO, 1956, pp. 129-130).

A criação de uma legislação cooperativista em 1932 foi resultado de negociações da CAC com o Estado brasileiro, em meio a um cenário que, mais tarde, seria marcado pela repressão contra os imigrantes japoneses. A legislação foi influenciada por experiências internacionais e buscava responder às rápidas transformações urbano-industriais que aconteciam no Brasil (SAITO, 1956). Durante a Primeira República, o país começou a passar por um processo de transição de uma economia agroexportadora para industrializada e modernizada. Isso se dá especialmente por conta dos investimentos dos fazendeiros de café, que tinham capital acumulado por conta do alto preço do produto no início do século XX, no setor industrial, o que conseqüentemente gerava a urbanização de determinadas localidades (HOLLOWAY, 1984; LANZA & LAMOUNIER, 2015). Em meio a esse cenário de desenvolvimento, o governo tinha interesse também no crescimento do setor agrícola e no aumento da sua produção. Segundo Taniguti, o momento da criação da legislação mostraria

que a perseguição e a repressão política do Estado Novo poderiam conviver com oportunidade e sucesso econômico que o cooperativismo poderia trazer para o país. No início, o cooperativismo estaria estritamente relacionado às políticas de modernização e diversificação do Governo Vargas, mas depois ele também teria servido como forma de controle para ganhar a confiança do imigrante japonês (TANIGUTI, 2015, p. 71).

Com uma legislação que protegia o cooperativista japonês, a relação entre produtores e negociantes mudou, principalmente quando a CAC passa a agir também nos mercados do Rio de Janeiro. Em 1934, surge uma resistência organizada por parte dos negociantes de batatas, que promovem um boicote aos produtos da cooperativa. Na leitura de Saito, enquanto as relações comerciais se restringiam entre a CAC e o mercado local, havia uma situação de *competição*. No entanto, quando esta relação se expande para outros mercados, ela assume características do *conflito* (SAITO, 1956, p. 130). Entende-se que a mudança do processo de interação se deu, neste caso, conforme a concepção de Park, porque quando as trocas comerciais foram expandidas a outros mercados, surgiram problemas políticos para os imigrantes japoneses, levando ao boicote. Até então, havia uma relação de *competição*: as disputas entre os japoneses e os comerciantes estavam restritas a um local específico e a problemas pontuais. Quando elas tomam proporções maiores, levando ao *conflito*, há também uma disputa pela demonstração de maior poder e pelo discurso mais forte; trata-se, enfim, de uma disputa política, e não só econômica. O ciclo do processo de assimilação, assim, é completado, segundo a visão de Saito, com a resolução da situação do boicote, explorado a seguir.

Nesse momento, a cooperativa estava em franco desenvolvimento: depois da crise de 1929, ela havia diversificado os seus produtos e incorporado agricultores fora da região de Cotia, sendo que a sua produção de batatas correspondia a aproximadamente 50% da produção total do estado de Estado de São Paulo (ANDO, 1961). Assim que foi informada sobre o boicote, a CAC teria mandado os seus cooperados suspenderem a entrega de batatas nos mercados e planejado um sistema de entrega direta para os consumidores. O boicote durou uma semana, depois do qual os compradores cederam e firmaram um acordo com a cooperativa (SAITO, 1956; ANDO, 1961). Ou seja, eles teriam se *acomodado* à presença e às condições de venda dos japoneses, uma vez que os cooperados continuariam vendendo as batatas em outros mercados.

Este evento é exemplificado por Sakurai (2000) ao estudar a mudança da imagem do imigrante japonês ao longo dos anos, principalmente quando a tutela do governo japonês

perde força. Ela aponta o boicote à CAC como um exemplo de união dos imigrantes japoneses e do respeito que eles adquiriram perante a sociedade brasileira, visto que a compra de seus produtos não deixou de ser realizada mesmo sem a intermediação dos comerciantes. Sakurai sugere que isso demonstra como a imagem do japonês não estava mais relacionada à do “imigrante”, do “alienígena”, mas sim à do “agricultor”. Lesser (2001) argumenta que o resultado final do boicote e a criação de um sistema permanente de distribuição reforçaram o poder que o imigrante japonês construiu na agricultura e no comércio brasileiro. O evento muda a relação da CAC com os intermediários e os comerciantes, ganhando o seu respeito e demonstrando a força que o sistema cooperativista poderia ter.

Taniguti (2015, pp.125-126) destaca o evento do boicote como um momento em que é possível perceber a atuação central de alguns gestores da CAC, como Kenkiti Simomoto. Segundo ele, em meio ao impasse com os comerciantes brasileiros, estes gestores entenderam que, por conta dos argumentos e dos conflitos étnicos que poderiam surgir, a presença e a ajuda de entidades oficiais, como o Consulado Japonês e o Departamento de Assistência ao Cooperativismo (DAC), foram imprescindíveis para a resolução do problema. Com a direção da CAC composta por japoneses natos, a interferência de “órgãos diplomáticos japoneses e órgãos setoriais brasileiros” foi fundamental para que o boicote fosse solucionado de forma positiva para os imigrantes, sem acusações de caráter preconceituoso étnico.

A situação do boicote deixa claro como o processo de assimilação do imigrante japonês no Brasil foi difícil. Houve conflitos com a população local, gerados por diferenças linguísticas e pelo poderio econômico que o japonês, na figura da CAC, estava adquirindo. Tanto a cooperativa como o imigrante saem do embate com a imagem fortalecida perante a sociedade brasileira. Ambos, ao colocarem o consumidor em primeiro lugar, isto é, acharem uma forma alternativa de fazer o produto chegar ao consumidor, e buscarem resolver o conflito diplomaticamente por meio das autoridades, ganharam respeito entre os brasileiros. Em um contexto em que a presença do imigrante japonês no Brasil era questionada, a atitude da CAC e dos seus cooperados demonstra as vantagens de tê-los em solo nacional. Ao mesmo tempo, a instituição garante seu espaço junto ao Estado brasileiro nos anos seguintes, garantindo que os seus interesses econômicos fossem ouvidos e considerados, inclusive durante o período da Segunda Guerra, quando o imigrante japonês sofreu com repressões e perseguições.

A CAC teria sido importante para o imaginário do imigrante japonês, segundo Taniguti (2015), por representar simbolicamente uma legitimação da sua presença no país. Ela

seria um dos melhores exemplos da experiência bem-sucedida da imigração japonesa no país e do próprio imigrante enquanto agricultor e empresário, e seria ainda um exemplo da assimilação deste grupo à sociedade brasileira, contradizendo diretamente as acusações de que os japoneses seriam “inassimiláveis”. Segundo Taniguti (2015, p.2), a CAC seria uma dos “três baluartes” que alimentaram o imaginário coletivo do imigrante japonês no Brasil, ao lado da Cooperativa Agrícola Sul-Brasil e do Banco América do Sul. A criação da CAC se inseria num contexto de projetos que auxiliavam a integração da população japonesa à sociedade brasileira.

O movimento frustrado do boicote é classificado por Saito como “um efeito mais consolidador do que propriamente destrutivo” (SAITO, 1956, p. 148), e, depois dele, aumenta o número de brasileiros associados à CAC<sup>187</sup>. Saito aponta que isso se deve, provavelmente, a dois motivos: primeiramente, pela ampla difusão das notícias sobre o desfecho do boicote, com vitória da CAC, que permaneceu ao lado de seus cooperados; e, em segundo lugar, maior abertura da cooperativa aos brasileiros. De acordo com os relatos feitos ao autor, durante o boicote, o maior medo da direção da CAC era “que o conflito assumisse ou a ele fosse atribuído um caráter de conflito étnico entre os lavradores japoneses e comerciantes brasileiros, como pretendiam alguns jornais” (SAITO, 1956, p. 138). Por isso, é encorajada pela direção a admissão de cooperados brasileiros. Dessa forma, a situação do boicote levou à *assimilação* dos japoneses, sendo eles mais aceitos na sociedade brasileira<sup>188</sup>.

Poucos depois do movimento do boicote, em 1937, as leis de nacionalização do Estado Novo são aprovadas, e passou-se a proibir escolas e imprensa em língua estrangeira. Em 1942, com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em oposição à tríade Japão, Alemanha e Itália, estas restrições se tornam mais rigorosas sobretudo contra os imigrantes desses países (SEYFERTH, 1997). A partir disso, um ambiente que já tensionado com o preconceito étnico fica ainda pior. Além das regras citadas, o governo passa a cercar empresas que fossem lideradas por pessoas de origem japonesa, italiana ou alemã. Nesse contexto, a CAC se adianta à lei e muda os seus gestores japoneses por brasileiros. Assim, ela se destaca entre outras empresas comandadas por estrangeiros e a sua atitude serve de exemplo a ser seguido por outras cooperativas e empresas. Essa troca de lideranças, além de

---

<sup>187</sup> Antes do boicote havia cinco brasileiros associados à CAC. Depois, esse número passa para 24, de um total de 580 associados (SAITO, 1956, pp. 138).

<sup>188</sup> Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, a diretoria da CAC passa a ser composta por brasileiros, como forma de se acomodar à nova situação do país (de medo e preconceito com relação aos japoneses no Brasil, o que Saito não comenta em seu trabalho).

ser politicamente inteligente, foi bem-sucedida também na área da economia, que passou a receber mais apoio do Estado brasileiro (TANIGUTI, 2015, p. 137).

Interessado em mostrar o sucesso econômico da cooperativa como forma de comprovar a assimilação destes imigrantes, Saito encerra o seu livro apontando dados “atualizados” da CAC, a fim de mostrar como ela havia crescido e se inserido positivamente na agricultura brasileira. O sociólogo apresenta a quantidade de cooperados (4.868), os principais produtos vendidos (batata, ovo, tomate, banana, chá, algodão, milho, repolho e hortelã), as divisões administrativas e espaciais, entre outras informações. Destaca-se ainda que as comunicações importantes eram feitas tanto em português como em japonês. Dessa forma, Saito encerra mostrando que a CAC gerava benefícios para a sociedade brasileira, principalmente a paulista, e que ela teria se firmado por ter conseguido se assimilar à sociedade brasileira, mantendo algumas características do sistema trazido do Japão, como a sua hierarquização e a presença da língua japonesa.

Na conclusão do livro, Saito destaca a importância de haver um campo preparado para receber o sistema cooperativista em Cotia, pela forma como a comunidade japonesa se organizou, com sanções em pleno funcionamento e um alto grau de coesão grupal (SAITO, 1956, p. 147). Ressalta também a influência do desenvolvimento da cooperativa na agricultura paulista, ao recuperar uma área de produção agrícola próxima à capital e às suas cidades satélites, cujas populações estavam aumentando com a industrialização e a urbanização. Essa proximidade com centros urbanos ajudou a modificar alguns hábitos alimentares das suas populações, que passaram a ter acesso constante à batata, tomate, ovos, frutas e verduras. A nova modalidade de agricultura trouxe novos equipamentos tecnológicos e novos tipos de organização que permitiram a sistematização do transporte, do reajustamento das relações dos lavradores com o mercado e de um sistema estável de crédito.

Por fim, ele atenta para o fato de que seu trabalho seria um estudo de caso, e que, para se chegar a melhores conclusões sobre a correlação da organização social com o complexo cultural do cooperativismo, seriam necessários outros estudos sobre as condições do meio rural. No prefácio do livro, Pierson também destaca a possibilidade de o trabalho sobre Cotia ser visto como um estudo de caso. Segundo ele, o trabalho de Saito seria apenas um entre outros que deveriam compor um quadro maior da sociedade brasileira, focando nos problemas do meio rural, na assimilação de estrangeiros e na questão das mudanças sociais (PIERSON, 1956, p. 11). Pierson entendia, portanto, que a praticidade do estudo de Saito viria com a sua comparação com outros estudos, para que se pudesse ter um quadro mais amplo da situação

dos imigrantes no Brasil e entender como se dava o processo de assimilação de cada grupo étnico.

Em relação a este processo, Saito aponta que era cada vez mais frequente os japoneses e seus descendentes falarem português e comerem feijão e farofa (ou seja, os japoneses estavam se aculturando), mas que também mantinham alguns traços da cultura japonesa, como a forma de funcionamento da CAC. É importante destacar que, conforme Saito vai apresentar no livro *O Japonês no Brasil*, a assimilação não seria simplesmente o processo de perder as características da cultura de origem assumindo as da cultura adotiva, como alguns trabalhos sugeriam, mas sim conservar características de ambas as culturas (SAITO, 1961, p. 212).

Ao fazer um balanço do uso do conceito de assimilação ao longo da história do Brasil, Truzzi (2012) identifica algumas críticas feitas ao seu uso nos trabalhos de Willems e outros autores que escreveram entre as décadas de 1940 e 1960. Esses intelectuais argumentariam, segundo as críticas, que os imigrantes deviam abandonar parte de sua identidade étnica para se inserirem na sociedade dominante. Eles ainda foram acusados de incentivar os grupos étnicos de esconderem os seus traços culturais de origem e entenderem a assimilação como inevitável (TRUZZI, 2012, p. 534).

Contudo, ao analisarmos os trabalhos de Saito, percebemos que ele defendia a ideia de que o processo de assimilação gerava uma nova cultura, com traços tanto da cultura japonesa como da brasileira, por exemplo, sem haver a insistência no abandono das características de origem, mas sim a adaptação de algumas delas. Isto é, ele não defendia que o imigrante abandonasse a língua do país nativo; pelo contrário, julgava importante que os descendentes a apreendessem, mas também deveriam adotar novos hábitos alimentares e adaptar comportamentos, como vestimentas. Da mesma forma, ele entende o processo como inevitável, porque, ao entrar em contato com a cultural local, o imigrante não conseguiria permanecer imutável — alguma adaptação cultural seria feita. Do lado contrário, e de modo semelhante, a sociedade local não conseguiria ignorar a presença de outra cultura em seu meio e também seria alterada, em maior ou menos escala.

A escolha de Cotia como campo de pesquisa se deu por conta da experiência profissional e pessoal de Saito, dada a importância que a CAC guardava dentro da comunidade japonesa, além da imagem que a sociedade brasileira conservava dos imigrantes japoneses. Ou seja, assim como no próximo livro a ser analisado, o sociólogo busca mostrar

vantagens da presença dos imigrantes no Brasil em virtude do processo de assimilação bem-sucedido pelo qual já tinham passado, com a sua inserção na sociedade brasileira acompanhando o desenvolvimento do país.

### **3.2. O Japonês no Brasil: incorporação e mobilidade**

No início de 1959, Saito entra com um pedido na ELSP para estender por mais seis meses a sua estadia no Japão para que pudesse elaborar a sua tese de doutoramento em Economia e apresentá-la até o início de 1960<sup>189</sup>. A partir disso, ele passa a redigir a sua tese sobre os “Estudos dos processos de fixação e a mobilidade do imigrante” e a defende no final de 1959, retornando ao Brasil ainda no mesmo ano. Ele publica, em 1961, um livro em português, que será analisado a seguir, baseado em parte de sua pesquisa de doutorado. Ao compararmos a estrutura de capítulos de sua tese aos capítulos do livro, a grande diferença está no fato de que Saito dá mais espaço para a contextualização histórica do Brasil no trabalho com o qual obteve o grau de doutoramento. Com capítulos sobre a “Imigração europeia no Brasil”, “O regime de propriedade e o desenvolvimento da econômica cafeeira no Estado de São Paulo”, e “Os estágios de colonização do Interior paulista e dos Estados vizinhos e os japoneses”<sup>190</sup>, ele passou mais tempo explicando o funcionamento da sociedade brasileira em sua tese do que no livro. Todos os três temas dos capítulos em questão são tratados no livro, contudo, eles não ganham seções próprias. Eles estão inseridos em meio ao seu texto, dirigido para brasileiros já que teriam um conhecimento prévio da história e da estrutura social do país, diferentemente dos professores no Japão que analisaram a tese de doutorado. Após obter o título de Doutor, Saito retorna ao Brasil, onde dá aulas na ELSP até o final da década de 1960.

O livro baseado na tese de doutorado de Saito chama-se *O Japonês no Brasil — estudo de mobilidade e fixação*, publicado em 1961. Neste trabalho, o autor se propõe a pensar os processos de mobilidade social, que ele chama de status<sup>191</sup>, e também espacial dos imigrantes japoneses algumas décadas após a sua chegada ao Brasil. Dividido em duas partes, Saito trata, primeiramente, da história da imigração japonesa, as adaptações daqueles que emigraram e as mudanças de hábitos (ou seja, os processos de acomodação e assimilação dos imigrantes

---

<sup>189</sup> Documento de Hiroshi Saito para a Escola de Sociologia e Política. Março de 1959. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>190</sup> Relatório Mensal. Julho de 1959. FDP/AEL/Unicamp.

<sup>191</sup> Saito utiliza mobilidade de status como sinônimo de mobilidade social, isto é, a pessoa ou o grupo ascende ou descende socialmente, mudando o seu valor perante a sociedade.

japoneses); depois, fixa-se na mobilidade destas pessoas pelo país, principalmente dentro do estado de São Paulo.

Na introdução, Saito explica que o seu objetivo principal era “apreender e analisar os processos de mobilidade e fixação por que passam os imigrantes num país receptor”, no caso, os imigrantes japoneses no Brasil. Para alcançar este objetivo, o autor examinou o lugar do japonês dentro do quadro de migrações humanas e relacionou o imigrante aos problemas gerais da imigração (SAITO, 1961, p. 9). Assim, Saito trata da história da imigração japonesa no mundo, e em especial no Brasil, considerando os anos iniciais, as principais adaptações, para então pensar em como se deu o seu desenvolvimento econômico.

Segundo o sociólogo, apesar do desejo dos imigrantes de que a mudança para o Brasil fosse temporária, muitos foram forçados a permanecer no país definitivamente. A partir disso, percebeu-se que os japoneses tinham uma alta taxa de fixabilidade. No entanto, Saito afirma que apenas constatar a fixação não é suficiente; seria preciso analisar o processo que a antecederia. Ele explica ainda que em seu trabalho não se procura encarar a fixação:

[...] como estado ou situação, mas tentar compreendê-la como processo socioeconômico por meio do qual os imigrados, abandonando o plano inicial de migração temporária e de retorno ao país natal, chegaram ao resultado de migração permanente. É essa também a razão por que pretendemos correlacionar, de maneira paralela, o processo de mobilidade ao de fixação<sup>192</sup>.<sup>193</sup>.

Nessa esteira, por tentar entender o processo que precederia a fixação do imigrante, o trabalho de Saito começa descrevendo, analisando e interpretando a vida dos imigrados. No entanto, é possível afirmar que o seu estudo não se atém apenas à análise dos processos de assimilação e aculturação, pois isso já teria sido feito antes, preocupando-se antes com o fator econômico do dia a dia dos imigrantes. Saito afirma que o seu trabalho tem três chaves principais: a adaptação ao novo meio, o fator econômico e o fator social. A primeira chave busca compreender o processo de adaptação biológica, de técnicas de subsistência, além da

---

<sup>192</sup> Segundo Saito: “O conceito de fixação não está explícito nem suficientemente definido pelos estudiosos. Antes de tudo, vale dizer que a fixação não é sinônimo de estabilidade, tomada no sentido de base e segurança econômica. Esta é condição importante, mas não necessária e suficiente. De outro lado, o fator psicológico, embora não essencial, não deve ser subestimado. Fixação no espaço físico não implica em estabilidade ocupacional e econômica, isto é, ela só se consuma, quando se verifica estabilidade simultânea de vários elementos, além do econômico, que são condicionados pelo processo de mobilidade. Ligada a esses problemas está também, a adaptação biológica, especialmente no que se refere à saúde pública. Assim, o condicionamento do meio implica não só na adequação das condições de existência biológica, mas, por seu intermédio, na imposição de influências decisivas no processo de fixação.” (1961, p. 15).

<sup>193</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961, p. 12.

acomodação ao novo habitat, enquanto as outras duas se voltam aos fatores econômicos e sociais para a análise da mobilidade espacial, ocupacional e de status (SAITO, 1961, p. 15).

Sendo assim, o autor se propõe a fazer um trabalho com uma preocupação diferente do seu trabalho anterior sobre a CAC, “retirando” a centralidade do processo de assimilação dos imigrantes de sua análise, apesar da adaptação biológica ser considerada parte deste processo. Com isso, Saito afirma utilizar dados e informações das seguintes pesquisas apresentadas abaixo em seu trabalho, que serão analisados em seguida:

- 1) De outubro de 1952 a março de 1953 — Estudo de oito núcleos japoneses nos Estados de São Paulo, Paraná, Pará e Amazonas, em colaboração com Seiichi Izumi, da Universidade de Tóquio, a quem a UNESCO confiou a pesquisa;
- 2) De 1953 a 1954 — Estudo sobre a formação e desenvolvimento da Cooperativa Agrícola de Cotia em São Paulo;
- 3) De fevereiro a setembro de 1955 — Pesquisa, a pedido do INIC, sobre imigrantes recém-chegados aos núcleos coloniais de Una (Bahia) e Dourados (Mato Grosso);
- 4) De outubro de 1955 a março de 1956 — Participando da missão científica chefiada por Seiichi Izumi, para estudo de uma comunidade de origem polonesa no Sul do Paraná;
- 5) De agosto a novembro de 1956 — Estudo de colonos japoneses encaminhados para os seguintes núcleos: Taião (Território do Rio Branco), Monte Alegre (Pará) e Matapi (Território do Amapá).<sup>194</sup>.

Tais pesquisas tinham sido realizadas por Saito ao longo da década de 1950, e a maioria tinha acontecido por convites de instituições e professores, como é o caso da pesquisa em Una e das pesquisas com Izumi. Ao juntar as diferentes informações coletadas em campo para uma análise única, a imigração japonesa é avaliada como um todo, conforme aponta Cardoso (1963). Segundo a antropóloga, Saito tomou a imigração como fenômeno global, examinando “ao mesmo tempo as suas condições, as suas causas e as peculiaridades do ajustamento e do sucesso alcançado pelo japonês no Brasil” (CARDOSO, 1963, p. 119). O livro ainda revela, de acordo com Pierson (1963, p. 165), “a vantagem metodológica de serem combinadas, em trabalhos de pesquisa, a intimidade e a objetividade”. A intimidade trazia a experiência (visto que Saito era um imigrante japonês), e a objetividade trazia o olhar científico perante a comunidade japonesa adquirido em seus anos de estudos. Assim, o livro *O Japonês no Brasil* traria uma compilação daquilo que Saito havia vivenciado, aprendido e pesquisado sobre a inserção dos imigrantes japoneses na sociedade brasileira.

---

<sup>194</sup> Ibidem, pp. 16-17.

### **3.2.1. A inserção do imigrante**

Saito inicia a sua análise fazendo um resumo da imigração japonesa no mundo, começando pelo Havaí em 1868, avançando para os Estados Unidos e Canadá, para depois chegar à América do Sul. Não cabe aqui entrar em detalhes, a não ser para destacar que um dos pontos da análise histórica de Saito é a diferença de ambiente encontrado pelos imigrantes japoneses nos Estados Unidos e no Brasil. Aqui, os salários seriam mais baixos e as condições de trabalho e de recepção qualitativamente inferiores se comparadas àquelas oferecidas nos Estados Unidos, onde muito japoneses imigravam e em pouco tempo conseguiam retornar com capital suficiente para viverem confortavelmente no Japão. Foram poucos os japoneses que vieram para o Brasil e conseguiram o mesmo feito.

Saito ainda traz, no primeiro capítulo do livro, uma discussão sobre o papel que os imigrantes japoneses desempenharam na história imigratória do Brasil se comparados a outros grupos imigratórios, como os italianos, alemães, portugueses e espanhóis. Entre as últimas décadas do século XIX e o início dos anos de 1970, chegaram ao Brasil cerca de cinco milhões de estrangeiros, dos quais 2,8 milhões foram para o estado de São Paulo (36% de italianos, 20% de portugueses, 16% de espanhóis, 8% de japoneses, e os demais pertenciam a outras nacionalidades) (BASSANEZI [et al.], 2008, p.18). Como muitos dos imigrantes europeus estavam no país desde meados do século XIX, quando os primeiros japoneses chegam, a maioria já havia deixado a vida do colono e se tornado arrendatário, proprietário ou mudado para centro urbanos. É nesse contexto que os japoneses substituem essa mão de obra nas fazendas de café (SAITO, 1961, p. 45).

No segundo capítulo do livro, o autor trata da composição das famílias dos imigrantes japoneses no Brasil, cuja descendência direta não passava da terceira geração aqui erradicada. Utilizando as amostras das pesquisas realizadas com Izumi entre 1952 e 1953, Saito conclui que 17,7% dos imigrantes japoneses tinham mais de 40 anos, sendo que todos eles nasceram no Japão. A camada “marginal” (composta de pessoas entre 25 e 39 anos) possuía 15,2% dos imigrantes, sendo 13% nascidos no Japão e 2,2% no Brasil. Esta é a mesma camada da qual tratam Izumi & Saito (1953). Nesse grupo, as pessoas nasceram no Japão e vieram para o Brasil ainda crianças. Portanto, a sua personalidade e a atitude estariam mais próximas à cultura brasileira do que à japonesa. Finalmente, a camada dos mais jovens (aqueles que têm entre zero e 24 anos) representa 60,4% da população de origem japonesa, sendo que apenas 5,6% nasceram no Japão.

Saito diferencia três períodos da imigração japonesa para o Brasil, tal como fizera no trabalho sobre Cotia. No primeiro momento (1908-1925), os colonos japoneses se caracterizavam pela origem da zona rural japonesa, “pela procura de empregos de rendimento maior quer nas fazendas quer nos ofícios urbanos” e pela alta de taxa de famílias compostas, com poucas mulheres e raros casos com idosos e crianças. No segundo (1926-1941), os colonos se caracterizavam pela busca de novos rumos nas “zonas pioneiras onde podiam eles se dedicar com maior rendimento à produção agrícola de caráter mercantilista”, isto é, de caráter capitalista, e uma parte considerável dessas pessoas vinha dos centros urbanos no Japão e trazia a família inteira, não apenas aqueles que tivessem condições de trabalhar na lavoura (SAITO, 1961, p. 70). No terceiro período (no pós-guerra), os colonos japoneses, vindos em sua maioria dos centros urbanos, vêm para o Brasil com o intuito de permanecer, ao contrário dos imigrantes dos períodos anteriores, e formam famílias compostas apenas para cumprir as exigências da legislação brasileira, e não mais apenas para ter mais pessoas capazes de trabalhar duro e juntar dinheiro mais rápido (SAITO, 1961, p. 72).

Independentemente da época em que chegaram ao Brasil, os planos dos imigrantes japoneses tiveram que ser alterados pelas dificuldades nas “adaptações ao novo habitat” (principalmente no que diz respeito à fisiologia), entre outras, como Saito mostra no seu terceiro capítulo. Primeiramente, antes de chegar ao Brasil, os imigrantes enfrentavam as péssimas condições dos navios nos quais eram transportados na viagem de aproximadamente 60 dias, passando pela Cidade do Cabo, na África do Sul. Era comum a presença de doenças contagiosas e mortes durante a jornada, sendo alguns navios vistoriados pelas autoridades brasileiras antes de aportarem no litoral brasileiro<sup>195</sup> (SAITO, 1961, p. 77). A quarentena de navios era comum durante o século XIX, quando a circulação de pessoas, e conseqüentemente, a circulação de doenças, tornou-se mais intensa (HARRISON, 2006)<sup>196</sup>.

---

<sup>195</sup> De acordo com Saito, 1918 e 1919 foram os anos em que houve mais casos de óbitos por doenças nos navios de imigrantes japoneses. Em 1918, o navio Wasaka-Marú transportava 1.800 colonos e teve um surto de encefalite, obrigando-o a fazer inúmeras escalas, levando mais de 80 dias para chegar ao porto de Santos com um total de 53 óbitos (SAITO, 1961, pp. 77).

<sup>196</sup> Harrison ainda destaca que muitas vezes a quarentena de um navio gerava problemas diplomáticos entre os países envolvidos, sendo, inclusive, utilizada como moeda de barganha e de negociações econômicas. O medo da cólera, por exemplo, levou diversos países a segurar a entrada de navios em seus portos, prejudicando a economia do seu país de origem e, ao mesmo tempo, podendo aumentar a competição econômica por determinado produto. A partir do momento em que um navio grego não conseguiu entregar especiarias na Holanda, por exemplo, a Itália poderia tentar se tornar parceira econômica dos Países Baixos com intuito de fornecer o produto que lhes faltava (HARRISON, 2006). Saito, no entanto, não entra em detalhes sobre os casos de navios com imigrantes japoneses colocados em quarentena, mas, considerando as objeções que havia sobre a entrada destes estrangeiros no Brasil, não seria de se estranhar que a quarentena fosse utilizada para além de motivos sanitários pelo governo brasileiro.

A partir do segundo período da imigração, as viagens passam a ser realizadas via Canal do Panamá, encurtando a jornada para 40 dias e diminuindo os casos de doenças a bordo.

A intensificação da entrada de estrangeiros no Brasil a partir da segunda metade do século XIX trouxe alguns problemas sanitários para o país, pois os imigrantes traziam doenças até então ausentes aqui (como, por exemplo, a escarlatina, difteria, varíola e cólera), além de ajudar a espalhar para o interior outras doenças que estavam concentradas nas cidades litorâneas. Mas, em contrapartida, estes mesmos imigrantes sofriam com doenças já presentes no Brasil e com as quais eles não tinham tido contato prévio, como é o caso da febre amarela. Desse modo, a entrada de imigrantes no país acarretou sucessivas epidemias (TELAROLLI, 1996, p. 267). Foi também durante este mesmo período que houve o crescimento da malha ferroviária para o interior do Brasil, permitindo que não só pessoas infectadas circulassem por mais e mais lugares do território nacional, como o próprio mosquito, vírus ou qualquer outro o agente transmissor das doenças (TELAROLLI, 1996, p. 270). Portanto, a ferrovia era responsável tanto pela dispersão dos imigrantes pelo interior do país como de doenças, dificultando a assimilação desses novos habitantes no território nacional.

Após a chegada ao território brasileiro, Saito verificou que a “adaptação às condições locais de habitat” levava em média de dois a três anos. Aqueles imigrantes que se estabeleceram em zonas pioneiras, isto é, não colonizadas até então, tinham condições de vida bastante precárias, precipitando o processo de adaptação. O autor percebe que as doenças que castigaram os imigrantes do primeiro período, como a malária, não atingiram tão fortemente imigrantes de períodos posteriores. Isso porque as experiências adquiridas por eles mudavam determinados hábitos, como não deixar a água parada nas plantações de arroz, diminuindo a presença de mosquitos (SAITO, 1961, pp. 78-79). A malária é uma das doenças mais emblemáticas entre os imigrantes japoneses, pois o seu combate exigia tanto medidas preventivas como mudanças nos padrões de comportamento da cultura japonesa (SAITO, 1961, p. 81).

A malária, no entanto, não era uma doença que atingia só os imigrantes japoneses no Brasil. A campanha contra a malária liderada pelos Estados Unidos em países como Vietnã e Tailândia tinha, por detrás dela, o objetivo de impedir que o comunismo fosse bem-sucedido nestes locais. Em meio à Guerra Fria, a presença americana (mesmo que na saúde) reforçava o seu poder sobre a região. Além disso, com uma população saudável e apta para o trabalho o capitalismo tinha mais chances de vingar (PACKARD, 1997). Assim, o destaque que a malária ganha na questão da saúde do imigrante de maneira geral no trabalho de Saito pode

ser explicado pelo contexto de sua produção. Haveria a preocupação em mostrar com os seus trabalhos os benefícios que os japoneses trariam para o Brasil, mas, para isso, eles precisavam estar saudáveis para conseguirem trabalhar e colaborar com o crescimento econômico do país.

No quarto e último capítulo da primeira parte do seu livro, Saito trata das técnicas de subsistência dos imigrantes japoneses, que se referem, principalmente, à adaptação, à alimentação e à habitação. O autor define essas técnicas como

meios tecnológicos pelos quais o indivíduos ou grupos de indivíduos agem e se acomodam em relação às condições do habitat a fim de assegurar a sua subsistência. Assim, de um lado, se acham relacionadas com os processos de adaptação no sentido de ajustamento individual e grupal às condições de “habitat”. De outro influenciam o processo de acomodação social no sentido de ajustamento tecnológico e manutenção da vida grupal. Todavia, em contraste com a adaptação e a acomodação social que são processos, as técnicas de subsistência são consideradas meios.<sup>197</sup>

A partir disso, Saito inicia a sua análise pela técnica de subsistência da alimentação, considerada por ele como “um dos elementos mais importantes dentre as técnicas de subsistência” (SAITO, 1961, p. 93). Tradicionalmente, o japonês tem a alimentação baseada no arroz, que teria uma presença limitada nas regiões Norte e Nordeste do país naquele momento, obrigando os imigrantes a consumirem mandioca, alimento até então desconhecido por eles. Outra dificuldade inicial seria o abundante uso de gorduras e óleos na preparação e no tempero das comidas. As mudanças bruscas e repentinas nos alimentos consumidos pelos imigrantes japoneses seriam prejudiciais tanto do ponto de vista social, posto que retardasse o processo de assimilação ao exercer um efeito psicológico negativo, como do ponto de vista nutritivo, ao modificar os nutrientes recebidos pelo organismo (SAITO, 1961, pp. 94-95). Apresentamos abaixo uma tabela com dados da pesquisa realizada por Saito e Izumi, entre 1952 e 1953, em relação à dieta dos imigrantes<sup>198</sup> para iluminar o tema:

Tabela 2 - Preferência de cozinha<sup>199</sup>

a -	Prefiro a cozinha brasileira	14,1%
b -	Prefiro a brasileira, mas alternada às vezes com a japonesa	33,5%
c -	Gosto de ambas	4,4%
d -	Prefiro a japonesa, mas alternada às vezes com a brasileira	46,4%

<sup>197</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Op. cit., p. 92.

<sup>198</sup> A amostra da pesquisa de Izumi e Saito é composta por 233 famílias, ou seja, 1.806 pessoas (SAITO, 1961, p. 17).

<sup>199</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Op. cit., p. 97.

e -	Prefiro a japonesa	1,1%
f -	Ignorados	0,5%

A tabela mostra que haveria uma dualidade na vida alimentar dos imigrantes e de seus descendentes, havendo a presença simultânea das duas cozinhas, a brasileira e a japonesa. As mudanças alimentares não seriam espontâneas, e logo que possível os imigrantes tentavam reconstituir alguns dos padrões alimentares japoneses. Saito afirma que o regime alimentar constituiria “um dos padrões culturais de mais demorada e mais difícil aculturação” e que “todo esse processo complicado e demorado” se daria por conta da “ausência de equivalentes entre os traços das duas culturas, no tocante à alimentação” (SAITO, 1961, pp. 96-97). Isto é, pelas grandes diferenças de hábitos alimentares e de produtos disponíveis, as dificuldades de adaptação ao regime alimentar brasileiro seriam maiores ainda.

Pela lógica capitalista, quanto mais saudável o indivíduo, mais ele trabalharia e acumularia recursos. Este não era o pensamento do imigrante japonês, visto que ele deixava de se alimentar para economizar dinheiro. De modo contrário, tal visão tendia a ser o pensamento que mobilizava as campanhas sanitaristas no país e a lógica do desenvolvimentismo, dentro da qual um país saudável estaria mais apto para o desenvolvimento econômico (ROSEN, 1980, p. 87). Este também era o posicionamento de organizações internacionais, especialmente as sanitárias ligadas ao governo norte-americano, para quem o desenvolvimento colocaria países pobres no caminho para o Primeiro Mundo, os distanciando, conseqüentemente, do sistema socialista (HOCHMAN, 2009, p. 318).

A questão sanitária também figura entre as observações de Saito: as condições de higiene variavam de acordo com o local de estabelecimento do imigrante recém-chegado, pois em alguns lugares, por exemplo, o banho diário era possível e a presença de fossas comum, enquanto em outros não (SAITO, 1961, pp. 105-106). A higiene do imigrante dependia das condições e dos hábitos dos moradores locais ao seu redor. Assim, após mostrar as características gerais dos imigrantes japoneses, as suas adaptações biológicas e o seu meio, Saito encerra esta seção e inicia a sua análise sobre a estrutura socioeconômica do imigrante e o seu processo de mobilidade dentro do território brasileiro.

### 3.2.2. A ascensão do japonês na sociedade brasileira

Saito inicia o seu quinto capítulo afirmando que, ao analisar os processos de mobilidade e fixação dos imigrantes japoneses no Brasil, é preciso entender as condições históricas e ecológicas que permearam o fenômeno. Em relação às condições históricas, Saito aponta como principal a expansão da economia cafeeira, que seria o centro econômico e político do país desde o século XIX, especialmente quando se trata da imigração e da colonização no estado de São Paulo. O imigrante seria “um elemento de produção que constituiu um dos pilares dessa viga-mestra da economia brasileira” (SAITO, 1961, p. 111).

A relação entre o imigrante e a plantação de café é indissociável, porque ainda no século XIX, ao perceberem que a escravidão estava destinada ao fim, os fazendeiros paulistas insistiram que houvesse incentivo do governo brasileiro para atrair imigrantes. A imigração de estrangeiro no Brasil já estava em curso por meio de políticas estatais desde 1808, no entanto, é somente com a possibilidade do uso da sua mão de obra nas grandes lavouras de café no oeste paulista que ela se intensifica (HOLLOWAY, 1984). Além disso, os fazendeiros preferiam o imigrante ao nativo por acreditar que o primeiro seria mais obediente, competente e faria um plantio organizado, ao contrário do segundo que serviria para trabalhos pesados, como a derrubada de matas virgens (SKIDMORE, 2012)<sup>200</sup>.

Entre as condições históricas, Saito destaca ainda o regime de propriedade de terra no Brasil e o desenvolvimento do meio de transporte. O primeiro se caracteriza pelas grandes propriedades rurais, o que dificultava, até o início do século XX, um surto de pequenas propriedades. O segundo está relacionado ao desenvolvimento da ferrovia, pois a sua expansão pelo interior do país permitiu um novo sistema de loteamento de terras (SAITO, 1961 p. 112). É interessante que um dos principais símbolos da modernização do século XIX, a ferrovia, também é uma das principais ferramentas de incentivo para o avanço da cafeicultura no interior do estado de São Paulo e, conseqüentemente, da imigração. O trem facilitava a comunicação e a troca comercial entre as fazendas de café, a capital paulista e o porto de Santos, diminuindo o custo da produção e do produto e favorecendo o acesso dos imigrantes às fazendas (TELAROLLI, 1996, p. 275).

---

<sup>200</sup> Não interessa aqui discutir os outros objetivos do governo brasileiro com a política de imigração; é necessário apenas considerar que ela também dizia respeito à crença que havia entre intelectuais e políticos da necessidade do “branqueamento” da população brasileira para o desenvolvimento do país, havendo, assim, principalmente no final do século XIX e início do XX, uma preferência por imigrantes europeus (OLIVEIRA, 2002; SKIDMORE, 2012).

Ao chegarem ao Brasil, que começava a passar pelo processo de modernização da sua sociedade, grandes propriedades foram adquiridas por empresas de terra e colonização<sup>201</sup>. Tais empresas demarcavam e revendiam lotes menores para pequenos proprietários, surgindo, assim, novas perspectivas para o imigrado que não desejava permanecer colono de café (SAITO, 1961; HOLLOWAY, 1984). Juntando as condições históricas com as ecológicas, o imigrante japonês enxergava na possibilidade de se tornar proprietário de terras uma forma rápida e fácil de enriquecer e poder retornar ao Japão.

Saito explica que a maioria dos imigrantes japoneses que se deslocou dentro do território brasileiro o fez, num primeiro momento, pelas insatisfações com as condições de trabalhos e os baixos salários encontrados nas fazendas dentro das quais foram alocados. Além disso, muitas vezes os fazendeiros eram desrespeitosos e abusivos, o que, segundo Saito, acontecia por conta da relação de trabalho com a qual eles estavam acostumados no sistema escravista. Sendo assim, muitos japoneses fugiam das fazendas para tentar fazer a vida em outros locais e buscar a oportunidade de se tornarem proprietários de terras. Trazemos abaixo um relato apresentado por Saito de um imigrante que chegou ao país no início da década de 1910:

Na Fazenda Dumont ganhava-se 800 réis pela colheita de um saco de café. Eu e minha mulher com esforço sobre-humano apanhávamos dois sacos. Porém, como era mais vantajoso, eu trabalhava como assalariado no terreiro e a minha mulher como “catadora” na máquina de beneficiar café. As 52 famílias, que para cá vieram, depois de dois meses de permanência, resolveram deixar a fazenda e voltar para a Hospedaria de Imigrantes em São Paulo.

Após dez dias de alojamento na Hospedaria, nós, os da província de Fukushima, fomos encaminhados para a Fazenda Sobrado, na estação 13 de Maio, na Sorocabana. Aqui as condições eram mais amenas; colhíamos 4 sacos de café por dia, portanto gostamos deste lugar e resolvemos continuar como colonos.

Ganhávamos como “mesada” 80 mil-réis pelo tratamento de 1.000 pés de café; recebíamos 25 mil-réis por mês. Vinte mil-réis eram suficientes para nossas despesas. Além disso, tínhamos renda proveniente da roçada e da colheita. A partir do ano seguinte conseguimos enviar para o Japão cerca de 500 mil-réis todos os anos. O valor do mil-réis oscilava muito nesse tempo, porém, essa quantia que remetíamos ao Japão ficou célebre e era motivo de grandes comentários no povoado. Então muitas pessoas manifestaram o desejo de serem chamadas; durante nossa estada de dez anos nessa fazenda, conseguimos atrair mais de dez famílias de nossa aldeia. Apareceu, nessa ocasião, um corretor oferecendo lotes de terra na colônia Vai-e-Vem

---

<sup>201</sup> Ramos (1947, p. 328) destaca que a aquisição de terras pelas empresas de colonização facilitava o acesso mais direto do imigrante japonês à propriedade de terras agrícola.

(Álvares Machado). Vinte famílias, incluindo-se a nossa, adquiriram cada uma um lote de 10 alqueires<sup>202</sup>.

O relato ilustra as dificuldades do trabalho nas fazendas, principalmente no momento de chegada, e mostra que mesmo que a vida como colono fosse satisfatória, não era suficiente para o imigrante japonês, que desejava enriquecer, e via na propriedade de terras o melhor caminho. Contudo, as constantes mudanças de residência dos imigrantes eram criticadas pelos fazendeiros e pelas autoridades brasileiras, sendo o governo japonês forçado a interferir, impedindo ou negociando a mudança do local de trabalho. Saito se posiciona argumentando que a atitude dos imigrantes japoneses era compreensível, principalmente por conta das condições de trabalho e das habitações encontradas por eles e a falta de expectativa de realização dos seus planos nessas condições. Por isso, diz ele, a conduta do imigrante japonês na busca por melhores salários era justificada (SAITO, 1961, p. 130).

A mobilidade espacial, que poderia levar à social, era motivada por melhores oportunidades de trabalho e estava inserida no contexto da agricultura, principalmente com a expansão da cafeicultura e do “surto de outras agriculturas comerciais” (SAITO, 1961, p. 131). Em sua análise, Saito divide a experiência de mobilidade social e espacial do imigrante japonês em três etapas: a primeira de 1908 a 1930; a segunda de 1930 até a Segunda Guerra Mundial; e a terceira durante e depois da guerra. Antes de iniciar a sua análise, o autor destaca dois aspectos do processo de mobilidade: um interno ao grupo de imigrantes, em que “a mobilidade de ocupação e de status acompanhou, inevitavelmente, os deslocamentos no espaço”, e outro externo, no qual a mobilidade tinha interferência das transformações na estrutura socioeconômica da sociedade dominante<sup>203</sup> (SAITO, 1961, p. 131). Significa dizer que a mobilidade dos japoneses acontece junto com mudanças na sociedade brasileira, como a modernização da agricultura, a industrialização e a urbanização, mostrando que o movimento feito pelos japoneses estava diretamente relacionado ao contexto nacional.

A primeira etapa do processo de mobilidade dos imigrantes japoneses foi caracterizada pela mudança de perspectiva do imigrado de que não seria possível o retorno rápido para o Japão por conta do baixo nível de renda do trabalho assalariado. Assim, ele passa a se preocupar em ter alguma independência para poder produzir em nível comercial, aproveitando ao máximo a mão de obra familiar (SAITO, 1961, p. 132). Por isso, o imigrante procura

---

<sup>202</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Op. cit., pp. 124-125.

<sup>203</sup> Vale lembrar aqui a sugestão feita por Morio Ono (1956) em sua apresentação no I Painel Nipo-Brasileiro, na qual ele propõe que as pesquisas sobre imigração considerassem o contexto socioeconômico do país onde ela acontecia.

“crescer” de colono para arrendatário e depois proprietário, sendo que essas etapas do processo dificilmente aconteciam no mesmo lugar. Antes da crise econômica de 1929, a maioria dos imigrantes desejava adquirir terras para poder aumentar a sua produção em nível comercial e ter um acúmulo maior de renda; eram, na verdade, poucos os que adquiriam terras como meio de fixação, apesar de existirem aqueles que insistiam na desistência do objetivo de imigração temporária, dadas as dificuldades encontradas até então.

Na segunda etapa da mobilidade, o posicionamento dos japoneses teria mudado, principalmente por conta das dificuldades econômicas na cafeicultura. Por exemplo, o governo brasileiro proíbe novas áreas de plantação de café por conta da queda na exportação do produto e a enorme safra excedente. Assim, a principal solução encontrada foi deslocar-se para o norte do Paraná (onde havia a terra roxa, muito fértil), para zonas recém-desbravadas da Alta Paulistana e da Sorocabana e para as cercanias da capital paulista (SAITO, 1961, p. 138). O desenvolvimento da agricultura de tipo suburbana foi muito forte neste momento e acompanhava o crescimento da capital e de suas cidades-satélites, com o consequente aumento na demanda por alimentos nesses locais. Vale destacar que é neste momento que cooperativas como a de Cotia ganham força (SAITO, 1961, p.145), alterando os hábitos no regime alimentar da população urbana. A tabela apresentada por Saito ilustra a mudança dos japoneses para as regiões próximas a capital de São Paulo:

Tabela 3 - Localização de japoneses ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil nos anos de 1930-35 e 1940<sup>204</sup>

Localidades \ Ano	1930 (pessoas)	1935 (pessoas)	1940 (pessoas)
Itaquera	30	65	110
São Miguel	10	10	20
Suzano	37	125	305
Mogi das Cruzes	91	240	325
Jacareí	2	30	75
Taubaté	5	15	20
Tremembé	8	10	25
Pindamonhangaba	5	8	15

O aumento da população japonesa nestas cidades só acontece na terceira etapa, quando a mobilidade do imigrante japonês apresenta duas tendências: a migração rural-urbana para a cidade São Paulo e adjacências e a migração do interior de São Paulo para zonas pioneiras, tanto dentro do estado como em estados vizinhos. O crescimento da população japonesa na

<sup>204</sup> Fonte: SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Op. cit., pp. 144.

capital é tamanho que, em 1935, 0,46% dos japoneses e seus descendentes moravam na cidade São Paulo, e, em 1948, esse número aumenta para 22,22% (SAITO, 1961, p. 146). Nessa mesma época, estados como Paraná, Goiás e Mato Grosso recebem imigrantes japoneses em busca de novas terras a serem exploradas, e assim como em São Paulo, tendem a se concentrar nas regiões próximas a centros urbanos. No entanto, Saito destaca que este não é um movimento exclusivo da população japonesa, mas sim uma tendência mais ampla por conta do intenso processo de industrialização e urbanização pelo qual passavam essas cidades, causando aumento da quantidade de empregos e de oportunidades disponíveis.

As movimentações do imigrante japonês eram condicionadas, segundo Saito, por dois fatores principais: o fator relacionado à produção agrícola e o fator sociodemográfico. O primeiro é definido pelas técnicas de produção, produtividade do solo e formas de exploração agrícolas. Isto é, buscavam-se sempre os locais onde houvesse o maior rendimento comercial, quer isso implicasse ser um pequeno produtor de café ou um arrendatário de algodão. No entanto, boa parte das propriedades que foram exploradas nos primeiros 30 anos da imigração japonesa tornou-se improdutivo por conta da sua intensa exploração, obrigando os japoneses a buscarem novas terras (SAITO, 1961, p. 152).

O segundo fator estaria diretamente relacionado à mudança verificada na atitude do japonês com o fim da Segunda Guerra Mundial, pois a derrota do Japão teria extinguido a sua esperança de retorno à terra natal. Segundo os dados apresentados por Saito, em 1939<sup>205</sup>, 90% dos imigrantes japoneses e seus descendentes no país pretendia retornar para o Japão; mas, em 1952-53<sup>206</sup>, quase 90% estavam decididos a permanecer no Brasil (SAITO, 1961, p. 155). Saito acrescenta que essa mudança de posicionamento também se verificou porque muitos dos que responderam a pesquisa em 1952-53 nasceram no Brasil, ou vieram para cá muito jovens, e não necessariamente partilhavam dos planos de seus pais de retorno ao Japão (1961, p. 156). Cardoso (2011a) completa que o desfecho da guerra teria aumentado a ligação do *nissei* com o Brasil, pois os filhos dos imigrantes teriam descoberto nesse momento as vantagens de ser brasileiro, distanciando-se dos objetivos e das crenças de seus pais.

Questão semelhante foi encontrada por Willems, ao estudar descendentes alemães no sul do país. Segundo ele, antes da guerra, a maioria dos alunos de uma escola em Blumenau desejava ser considerada alemã; ao final dela, porém, a maioria desejava ser vista como

---

<sup>205</sup> Os dados são originários de um inquérito realizado em 1939 e publicado em japonês por Shungoro Wako, sob o título *Bauru Kannai no Hojin*, e estão presentes no trabalho de Saito.

<sup>206</sup> Os dados se referem à pesquisa feita por Saito e Izumi entre 1952 e 1953.

brasileira. Isso porque com a campanha brasileira contra a Alemanha, eles se sentiriam mais seguros e confortáveis sendo considerados brasileiros, fugindo da possibilidade de repressão por parte do governo (WILLEMS, 1940, p. 142). Essa mudança é caracterizada por Willems como uma “ambivalência de atitudes”, em que o jovem imigrante tem ao mesmo tempo repulsa e simpatia pela cultura hegemônica ao seu redor (WILLEMS, 1940, p. 128). Essa ambivalência estaria presente principalmente no imigrante marginal, que estaria entre duas culturais, sendo também alheio a ambas e com um forte sentimento de inferioridade e confusão mental (WILLEMS, 1940, p. 105).

No sexto capítulo do livro, Saito analisa as três mobilidades (espacial, ocupacional e social) que ocorreram entre os imigrantes japoneses. Na primeira, ele destaca que o processo de mobilidade moveu os japoneses não só dentro do estado de São Paulo, mas também fora dele. Em 1932, 90% da população japonesa no Brasil se concentrava no estado de São Paulo; em 1935, esse número aumenta para 94%<sup>207</sup>, e, em 1958, ele cai para 77% (SAITO, 1961, p. 1958). Essa queda se dá pela mudança de muitos japoneses e descendentes para a zona pioneira do norte do Paraná e de outros estados, como podemos ver na tabela abaixo.

Tabela 4 - Distribuição de população de origem japonesa, segunda as unidades federadas (1923-1958)<sup>208</sup>.

Unidades federadas	1923	1932	1935	1940	1958
São Paulo	34.707	120.285	163.132	193.364	325.899
Paraná <sup>209</sup>	2.126	3.967	6.079	4.300	77.846
Minas Gerais	1.012	1.997	1.682	1.922	2.885
Mato Grosso	1.143	2.337	----- <sup>210</sup>	3.710	8.926
Goiás	-----	874	131	297	1.797
Rio de Janeiro e cercanias	261	389	768	1.191	5.805
Pará, Amazonas	-----	1.461	1.598	845	5.249
Outros estados	-----	1.868	30	221	1.744
Total	39.249	133.358	173.420	205.850	430.151

Vale destacar o aumento na quantidade de pessoas de origem japonesa em estados para além de São Paulo no período do pós-Segunda Guerra, principalmente no Paraná. No entanto, com esta tabela fica ainda mais perceptível a concentração em São Paulo, sendo que,

<sup>207</sup> O principal motivo para este aumento num curto espaço de tempo é o fato de que o auge da entrada de imigrante japoneses no Brasil ocorreu entre 1928 e 1934, quando chegaram 108.256 pessoas, representando 57,3% do total imigrado antes da Segunda Guerra (SAITO, 1961, p. 34).

<sup>208</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Op. cit., pp. 159.

<sup>209</sup> A tabela apresentada por Saito inclui os dados do Rio Grande do Sul dentro dos números do Paraná.

<sup>210</sup> “Neste ano, Mato Grosso foi incluído na zona Noroeste do Estado de São Paulo, pelo zoneamento adotado pelo Consulado Japonês” (SAITO, 1961, p. 159).

em 1958, 34% dessas pessoas moravam na região metropolitana da capital<sup>211</sup>, em oposição aos 4,2% em 1932. A mobilidade para a cidade de São Paulo, assim como para outras cidades, como Campinas, implicou também na mobilidade ocupacional, levando aos poucos o abandono da agricultura para outras atividades comerciais. Em 1920, 96% dos imigrantes japoneses trabalhavam na agricultura e, em 1958, esse número cai para 60,7%.

Por outro lado, a presença de japoneses no comércio e na indústria aumenta, visto que, em 1920, apenas 2,2% destes imigrantes japoneses trabalhavam no setor do comércio ou industrial. Em compensação, em 1958, este número é de quase 40% (SAITO, 1961, p. 174). Ainda assim, é possível perceber a concentração na agricultura, o que mostraria, segundo Saito, que a econômica brasileira seria *dual*. Isto é, haveria uma polarização no Brasil entre o sistema de caráter pré-capitalista, presente principalmente na zona rural, e o capitalista moderno, com a presença de indústrias nos centros urbanos (SAITO, 1961, p. 176). O olhar de Saito para os processos sociológicos é bastante influenciado pelos temas, dilemas e propostas da sociologia da época, que tinha uma tradição herdada principalmente da academia norte-americana que tratava as sociedades latino-americanas como duais.

A perspectiva de Saito em relação aos processos de urbanização e industrialização era recorrente nos trabalhos sociológicos nesse momento e fazia parte de uma mentalidade que acompanhava as considerações sobre desenvolvimento e modernização. Essa interpretação se apoiava numa forma evolutiva de pensar a sociedade, como se houvesse propriedades específicas arcaicas e propriedades específicas modernas, constituindo-se uma escalada em que uma categoria, gradativamente, daria lugar à outra até finalmente superá-la. Porém, alguns intelectuais brasileiros não concordam que o sistema funciona tão dicotomicamente (BRASIL, 2013). Para Costa Pinto, por exemplo, há um conjunto de ambivalências, em que o tradicional se faz presente no moderno<sup>212</sup> (BOAS, 2006, p. 104).

Na interpretação de Saito, a dualidade entre o arcaico e o moderno é fortalecida após a Segunda Guerra Mundial, quando os japoneses passam a se deslocar do campo para a cidade em maior quantidade. Mas, mais uma vez, essas mudanças que Saito encontra não são

---

<sup>211</sup> Saito traz uma tabela com a distribuição da população de origem japonesa no estado de São Paulo na página 160 do seu livro.

<sup>212</sup> Para Costa Pinto, os conflitos são parte constitutiva da sociedade, principalmente em momentos de mudança, e não haveria a “possibilidade de uma ‘integração’ lenta e funcional de todas as esferas diferenciadas da vida social sem o enfrentamento de preconceitos, resistências e obstáculos” (BOAS, 2006, pp. 104). Isso significa que a dualidade enxergada por Saito, por exemplo, não é, para Costa Pinto, tão dicotômica, e mesmo sem o processo de mudanças, os conflitos estão presentes tanto no moderno como no tradicional.

exclusivas da população japonesa; antes, elas ocorrem na sociedade brasileira como um todo. Isto é, a mobilidade espacial e ocupacional destes imigrantes condiz com o que acontecia no restante do Brasil: mudança para os centros urbanos e empregos não mais relacionados à agricultura. Isso significa que o grupo de origem estrangeira não estava alheio “ao desenvolvimento em sequência da marcha do capitalismo” (SAITO, 1961, p. 177). O fato de o japonês acompanhar esse movimento no país e agir de acordo mostraria que ele estava integrado à sociedade brasileira e não escapava dessas mudanças ao ascender socialmente. A ascensão, no entanto, aconteceu para alguns imigrantes, mas não para outros.

De acordo com os dados de Saito, 66% dos imigrantes japoneses pesquisados teriam ascendido socialmente no Brasil<sup>213</sup>, enquanto poucos teriam descendido (5,5%), ou ascendido e depois descendido (5,8%)<sup>214</sup>. Haveria também os que ascenderam, descenderam e voltaram a ascender (8,1%). Além disso, havia ainda imigrantes que não ascenderam nem descenderam<sup>215</sup> (10,9%)<sup>216</sup>. A maioria dos casos de ascensão foi verificada entre os japoneses que seguiram o caminho colono-arrendatário-proprietário na agricultura, e, após ele se tornar proprietário, a tendência à mobilidade espacial caía significativamente. Além disso, os motivos da busca pela ascensão mudam do período antes da Guerra, quando se buscava obter sucesso e voltar para o Japão, e, depois, quando se desejava conquistar o seu espaço na sociedade brasileira (SAITO, 1961, p. 194).

Num contexto mais amplo, o livro de Saito apresenta alguns fatores definidores do desenvolvimento da sociedade brasileira a partir da análise da mobilidade dos imigrantes japoneses no país. Tais fatores, que estão relacionados aos processos de urbanização, industrialização, mobilidade social e estrutura ocupacional na sociedade, são identificados por Oliveira (1995b) ao analisar artigos que buscavam entender o processo de desenvolvimento de países como o Brasil, publicados na revista *América Latina* ao longo da década de 1960 (OLIVEIRA, 1995b, p. 281). Ao separar o processo de mobilidade dos imigrantes japoneses em três tipos, Saito faz referência justamente a estes tipos de fatores. A mobilidade espacial

---

<sup>213</sup> A ascensão é considerada para aqueles que teriam ascendido de trabalhador a pequeno produtor, ou até mesmo a empreendedor capitalista.

<sup>214</sup> A amostra da pesquisa de Izumi e Saito é de 233 famílias, ou seja, 1.806 pessoas (SAITO, 1961, pp. 17).

<sup>215</sup> Estes seriam os chamados “estacionários” por Saito, que seriam aqueles que não ascenderam depois de um determinado estágio, ficaram estacionados, antes de atingir pequeno produtor.

<sup>216</sup> Por fim, havia os imigrantes interpretados por Saito como muitos instáveis (1,2%) e alguns sem classificação (2,6%).

está diretamente relacionada à urbanização e à industrialização dos centros urbanos brasileiros, principalmente da cidade de São Paulo após o fim do Estado Novo.

Em relação à mobilidade social, é possível perceber que a maioria dos japoneses ascendeu socialmente ao longo do tempo. A partir da análise dos artigos, Oliveira (1995, p. 283) destaca que na sociedade desenvolvida a atribuição de um status aconteceria de acordo com o desempenho alcançado por um indivíduo na vida social, enquanto que na sociedade tradicional, o status seria determinado pelo nascimento. Além disso, na sociedade desenvolvida, o trabalho era visto como uma carreira, autônomo de outras pessoas, tendo sido escolhido independentemente da profissão dos pais e com aspiração constante de mudança para uma posição ou emprego melhor (OLIVEIRA, 1995b, p. 284) <sup>217</sup>. Essa mudança ocupacional aparece no trabalho de Saito quando o filho do imigrante japonês sai da lavoura e vai para a cidade cursar uma faculdade ou trabalhar no comércio, por exemplo.

Outros fatores poderiam favorecer ou dificultar o desenvolvimento, segundo Oliveira (1995b, p. 285), como a educação, o padrão comportamental, a organização política e a estrutura agrária. O desenvolvimento dependeria de uma mudança de mentalidade e padrão de comportamento da sociedade, para que fosse possível a introdução de novas tecnologias. Eram necessários indivíduos motivados a mudarem suas atitudes e a inovarem suas técnicas para que novas formas de empreendimentos econômicos fossem possíveis e levassem ao desenvolvimento e à superação do atraso de um determinado local (OLIVEIRA, 1995b, pp. 286-287). A estrutura agrária, por sua vez, poderia impedir o desenvolvimento por meio de comportamentos tradicionais e resistências a mudanças, por exemplo. Ela determinava o comportamento das populações rurais diante de mudanças e inovações trazidas pela modernidade, assim como iniciava processos de mobilidade social e mudanças na estrutura ocupacional da população do país (OLIVEIRA, 1995b, p. 289) <sup>218</sup>.

Desse modo, o foco do trabalho de Saito nos processos de mobilidade, sobretudo na mudança do campo para a cidade, estava relacionado às preocupações do seu contexto de produção nas décadas de 1950 e 1960. Preocupações estas tanto em relação a possíveis

---

<sup>217</sup> Na sociedade tradicional, o trabalho determina a vida da pessoa, principalmente o seu status geral. Há uma forte tendência de os filhos seguirem as profissões dos pais e o “predomínio de laços pessoais nas relações de trabalho” (OLIVEIRA, 1995b, pp. 284).

<sup>218</sup> Oliveira (1995b) cita diversos cientistas sociais que se debruçaram sobre a sociologia do desenvolvimento entre 1950 e 1970, analisando os seus trabalhos a partir de suas publicações na revista *América Latina*. Entre os autores analisados, podemos citar, por exemplo: Noberto Ras, Jean Casimir, Bert Hoselitz, José de Souza Martins, Manoel Diéguez Jr., Octávio Ianni, entre outros.

conflitos nas comunidades imigrantes japonesas e à busca por soluções para eles, conforme orientado pela UNESCO, como em relação ao desenvolvimento do Brasil. Ao abordar questões sobre mobilidade, problemas agrários e desenvolvimento, Saito traz para o seu trabalho preocupações frequentes na sociedade e na sociologia brasileira. Ao conseguir fazer essas aproximações, ele mostra que as experiências pelas quais os imigrantes japoneses e seus descendentes passavam naquele momento não eram mais exclusivas do processo imigratório, e sim de um contexto nacional. Ou seja, estes estrangeiros estariam inseridos na sociedade a tal ponto que os seus problemas eram os mesmos que os dos brasileiros.

### **3.2.3. De imigrante a trabalhador**

As correlações entre os processos de mobilidade e de assimilação (SAITO, 1961, p. 209) ficam ainda mais forte se considerarmos que os imigrantes que se deslocaram para a cidade São Paulo e mudaram de ocupação estavam mais próximos da sociedade brasileira do que da japonesa. Assim, a dinâmica da mobilidade estabelecia relação mais íntima com o “mundo de fora”, com a sociedade dominante, o que traria, no entanto, um impacto, causando tensão cultural. Considerando isso, o último capítulo do estudo de Saito trata das mudanças que ocorrem na estrutura da sociedade imigrante japonesa a partir do momento em que elas passam pelos processos de mobilidade.

Segundo Saito, todo imigrante “é portador da chamada ‘bagagem cultural’, que em princípio é uma miniatura da herança cultural da sociedade materna à qual o indivíduo ou o grupo de indivíduos se acha ligado”. No entanto, não seria possível reproduzir todos os aspectos da sua cultura de origem, e o imigrante precisaria reformular e reorganizar socialmente o que seria processado dentro do novo contexto socioeconômico em que estivesse inserido. A reorganização social tem como função principal amenizar o impacto cultural e prevenir a desintegração social do grupo, sendo condicionada pelas características sociológicas dos imigrantes e pela estrutura socioeconômica do país adotivo (SAITO, 1961, p. 210). A “distância cultural” que separa os brasileiros dos japoneses aumentou o impacto inicial exigindo um esforço maior de sobrevivência do que de outros grupos imigrantes. Esse esforço criou “uma faixa-de-segurança”, como discutido por Willems (1948), que distanciava os japoneses dos brasileiros, tal como uma forma de proteger os imigrantes que chegassem depois (SAITO, 1961, p. 212).

Desse modo, o imigrante possuía uma estrutura que permitia a continuidade no desenvolvimento de “mecanismos internos de manutenção e diferenciação cultural” durante esse impacto, e a comunidade japonesa (ou étnica, no quadro mais geral) possuía um “caráter dual”, adquirindo características das duas sociedades com as quais tinha contato, a dominante e a de origem. No entanto, Saito afirma que esta dualidade era dinâmica, pois, “por intermédio da mobilidade de status e de ocupação, seus membros conseguem desvencilhar-se dos liames, que os prendiam à sociedade materna, e cingir-se à dominante” (SAITO, 1961, p. 212). Ou seja, os processos de mobilidade apresentados por Saito permitiram, ou, pelo menos, facilitaram, a assimilação dos japoneses à sociedade brasileira. A mobilidade apenas foi possível porque a organização social da comunidade imigrante japonesa no Brasil o preparou e o introduziu aos poucos à sociedade. Dessa forma, Saito conclui que:

Encarada assim, a comunidade dispõe funções de dois gumes: a da “faixa-de-segurança” para proteger os imigrados novatos na sua travessia de uma cultura para a outra, bem como a de “cabeça-de-ponte” para ajudar os veteranos a fincar pé no solo adotivo<sup>219</sup>.

Isso significa que a comunidade japonesa agiu, por um lado, como protetora dos recém-chegados, procurando garantir que houvesse um baixo nível de choque cultural ao prover um ambiente conhecido, com a cultura japonesa, a qual eles obviamente já conheciam. Por outro lado, era também função da comunidade preparar o imigrante que já estava aqui há um tempo para a sua inserção na sociedade brasileira, garantindo que ele soubesse como agir e se portar quando em contato com os brasileiros. Sendo assim, a comunidade servia como uma ponte entre o imigrante e a sociedade brasileira, pronta para protegê-lo, caso fosse necessário.

As alterações sofridas pela comunidade japonesa na reconstituição de imagens e de elementos com base na sociedade brasileira durante o seu processo de formação integram os processos de assimilação e aculturação (SAITO, 1961, pp. 212-213). Dessa forma, durante a reorganização social, o controle interno e as relações dos imigrantes com o “mundo de fora” fazem parte do processo de adaptação à sociedade brasileira. O controle interno tem como base instituições e padrões de comportamento japoneses, e o externo, as regras econômicas da sociedade dominante (SAITO, 1961, p. 217). Alguns desses controles internos estavam relacionados à educação e à manutenção da cultura japonesa entre os jovens.

---

<sup>219</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Op. cit., pp. 212.

Deste modo, a escola ocupava, assim, um lugar central na comunidade japonesa, sendo ela o centro das atividades e da vida social dos imigrantes, responsável pelo ensinamento de tradições japonesas e padrões culturais brasileiros para crianças e jovens. Ao ensinar o português, ela teve um papel fundamental no processo de integração e assimilação dos jovens japoneses à sociedade brasileira. Ou seja, a mobilidade dos japoneses, em parte, foi iniciada na escola com o afastamento e desapego dos filhos pelas tradições japonesas.

Ainda, no Estado Novo, quando as escolas estrangeiras são fechadas ou nacionalizadas, os alunos japoneses passam a ter pela experiência escolar maior contato com o meio social brasileiro, causando, por exemplo, conflitos geracionais entre pais e filhos. Estes conflitos tornariam, segundo Saito (1961, p. 219), a transição para o Brasil longa e penosa, especialmente durante e depois da Segunda Guerra Mundial, quando muitos imigrantes se mudam para centros urbanos, principalmente para São Paulo. Eles seguiam o movimento de urbanização das cidades brasileiras, causando a desintegração de formas associativas da comunidade japonesa, das quais os japoneses estavam cada vez menos dependentes economicamente. Para Saito, este movimento significa que as pessoas estavam mais aptas e dispostas a se integrarem à sociedade dominante e cada vez menos sob o controle da comunidade étnica à qual estavam ligados (SAITO, 1961, p. 220).

Assim, o movimento do campo para a cidade também é destacado por Saito porque muitas das tradições japonesas foram deixadas de lado, principalmente aquelas relacionadas ao forte poder patriarcal que havia nessas famílias, já que a cidade seria menos conservadora do que o campo. Dessa forma, os processos de mobilidades dos imigrantes japoneses e de seus descendentes eram essenciais para a sua assimilação à sociedade brasileira (SAITO, 1961, p. 220). Cardoso destaca que a expectativa de ascensão social e econômica dos jovens de origem japonesa era muitas vezes utilizada como argumento pela comunidade para permitir e incentivar a sua integração à sociedade hegemônica. O êxito econômico era mais importante do que a manutenção das tradições japonesas, e quando esse sucesso era alcançado significava a sua quebra ou o abandono para esses jovens no Brasil (CARDOSO, 2011a; CARDOSO, 2011b).

Saito conclui o livro trazendo uma reflexão sobre os processos de assimilação e de aculturação, conforme entendidos por Park, na experiência da sociedade japonesa no Brasil, especificamente aquela relacionada aos fluxos de mobilidades e fixação pelos quais ela passou. Assim, o autor entende que, num primeiro momento, a sociedade brasileira teria mostrado curiosidade e simpatia para com o imigrante japonês, para depois iniciar a

*competição*, no campo econômico, e o *conflito*, com hostilidade e discriminação. Superadas estas fases, chega-se à acomodação, “quando os sentimentos de justiça são invocados”, e, por fim, atinge-se a última fase do ciclo, na qual haveria a “integração grupal”, isto é, a assimilação à sociedade brasileira (SAITO, 1961, p. 223). Considerando o movimento como um todo, Saito define que o processo de assimilação seria a:

Transformação em que a comunidade, caracterizada no início pela reconstituição de elementos e padrões japoneses, passa depois a vincular-se intimamente à sociedade dominante, apresentando simultaneamente o caráter de ambas as culturas.<sup>220</sup>

Assim, o indivíduo que passou pelo processo de assimilação guarda marcas das duas culturas com as quais travou contato, mesmo que a cultura hegemônica estivesse mais presente no seu dia a dia. O autor conclui que, com a estabilização dos processos de mobilidade pelos quais os japoneses passaram no Brasil e o conseqüente amadurecimento das novas gerações, moldadas mais pelos padrões da cultura brasileira do que da japonesa, os imigrantes tenderiam a se homogeneizar na sociedade dominante. Por isso, os conflitos econômicos que surgem não seriam mais “interpretados como em termos de *competição* entre o alienígena e o nativo, mas no plano geral e nacional” (SAITO, 1961, p. 225). Desse modo, o jovem de origem japonesa, após passar pelos processos de mobilidade e se fixar no meio urbano, pode deixar de ser considerado imigrante japonês para ser trabalhador brasileiro.

### **3.3. Poloneses em Contenda: Igreja, civilização e assimilação**

A assimilação entendida deste modo também é percebida por Saito entre os imigrantes poloneses em Contenda<sup>221</sup> (PR). Foram eles objeto de seu estudo realizado dentro do projeto de pesquisas de Izumi, financiado pelo Instituto para o Estado da Migração Internacional, da Universidade de Tóquio, e pela ELSP, conforme comentado no capítulo dois desta dissertação. O livro em português foi publicado em 1963 e traz o relatório elaborado por Saito. A pesquisa de campo foi realizada entre dezembro de 1955 e janeiro de 1956, buscando investigar o processo de adaptação dos imigrantes poloneses na região escolhida e as mudanças culturais causadas por meio de sua chegada, a fim de comparar a experiência de adaptação desse grupo ao japonês. Segundo Saito, o objetivo era associar o estudo de

---

<sup>220</sup> Ibidem.

<sup>221</sup> Na língua portuguesa, a palavra “contenda” quer dizer conflito, disputa, guerra, luta (MICHAELIS, 2015). No entanto, de acordo com Moreira (1995, pp. 18), o nome da cidade se origina do nome de um riacho próximo, onde aconteceram as primeiras povoações do local. Este riacho recebeu o nome de Contenda por conta de conflitos entre jesuítas e posseiros quando aqueles tentavam catequizar indígenas na região no século XVIII.

comunidade ao de assimilação e aculturação, no entanto isso não foi possível por conta das limitações do campo, como o tempo muito curto para uma pesquisa de campo e o difícil contato com os imigrantes, pois muitos falavam polonês entre si (SAITO, 1963, p. 7).

Os primeiros imigrantes poloneses chegaram ao país a partir da segunda metade do século XIX, e o Paraná foi o estado que mais os recebeu. Entre 1870 e 1914 aproximadamente 105 mil poloneses chegaram ao Brasil, sendo que 41.646 (39,7%) se instalaram em Curitiba e em seus arredores (OLIVEIRA, 2010, p. 83). A grande maioria se estabeleceu no meio rural dos estados do sul do país, e, mais de meio século depois da sua chegada, era possível perceber uma diversificação espacial e ocupacional, além da “persistência e conservação da organização social e dos padrões de comportamento baseados na cultural campesina polonesa” (SAITO, 1963, p. 11).

O Paraná começou a ser colonizado a partir 1829, quando se instalaram imigrantes alemães em terras até então não exploradas, principalmente no interior do estado. Em 1854, o estado se torna independente de São Paulo, período durante o qual foi desenvolvido o cultivo e a exploração da erva-mate (OLIVEIRA, 2009). Esta foi uma das últimas províncias na época do império a conquistar autonomia política e para evitar novamente a dominação, seja por São Paulo, Santa Catarina ou Argentina, era fundamental o povoamento de seu território. Sendo assim, o governo paranaense incentivou a imigração e a colonização de terras a partir de meados do século XIX até 1930, quando Getúlio Vargas assume a presidência e a política imigratória se torna mais restritiva. Com o tempo, o desenvolvimento da indústria local se dá com o dinheiro gerado pelo cultivo da erva-mate, além de serrarias e carpintarias (ROSEVICS, 2009).

A história do município de Contenda<sup>222</sup> é comentada no primeiro capítulo do livro. Os outros capítulos do livro são “A organização política”, “Técnicas de subsistência” e “Aspectos da diferenciação social”, além do prefácio e da introdução. Nas palavras de Saito, o objeto de estudo da pesquisa é “uma comunidade rural de descendentes poloneses”, no entanto, como um dos objetivos era a observação participante da interação destes grupos na organização política local, a pesquisa se estendeu para todo o município de Contenda, impedindo “a realização de uma pesquisa mais intensiva”. Outro objetivo do trabalho era “apreender certos aspectos do processo de aculturação em sua relação com a estrutura social”, mas Saito afirma

---

<sup>222</sup> A região onde Contenda está localizada foi uma das primeiras regiões do estado a se desenvolver, tanto no meio agrícola, como no industrial e urbano, e é conhecida como “Paraná tradicional”, abrangendo as regiões de Campos Gerais, Curitiba e seu entorno e o litoral. (NIEHUES, 2014, pp. 455).

não saber até que ponto isso foi alcançado e que, se o trabalho possuísse algum mérito, tratava-se do seu caráter precursor nos estudos poloneses no país (SAITO, 1963, p. 11).

Até então havia poucos estudos sobre estes imigrantes no país, entre eles o de Otávio Ianni<sup>223</sup>. O sociólogo estudou, em 1955, os imigrantes poloneses em Curitiba, dentro do contexto das pesquisas sobre relações raciais na década de 1950 no país<sup>224</sup>, encontrando evidências de que haveria mais preconceito em relação aos poloneses do que em relação aos afrodescendentes na cidade. Ianni conclui que o “polaco” seria aquele que não é nem mais polonês nem ainda brasileiro; ele estaria num limbo onde os grupos dominantes controlariam o lugar social que ele ocupava na sociedade paranaense (IANNI, 1987; OLIVEIRA, 2015)<sup>225</sup>.

A pesquisa de Ianni se insere no contexto da década de 1950, quando ocorria um processo de dinamização da economia paranaense, com a expansão e a modernização do “norte pioneiro” e da zona metropolitana de Curitiba, onde fica Contenda. Esse processo trouxe imigrantes internos para o norte do estado, gerando problemas sociais, como criminalidade, conflitos sociais, demandas por escola e saúde, entre outros. Assim, os problemas sociais no Paraná identificados por Ianni não tinham origem em questões culturais (como a aculturação e a assimilação), mas sim em problemas econômicos, por conta de transformações pelas quais o estado passava (MEUCCI, 2007). Essa compreensão de Ianni em relação à sociedade paranaense mostra a diferença entre a Sociologia feita por ele (na USP) e por Saito (na ELSP): o primeiro se aproxima da Economia para interpretar a sociedade, estando preocupado com as estruturas da mesma e as utilizando para as suas explicações; Saito, por sua vez, se aproxima da Antropologia cultural, na qual a sua interpretação se baseava na cultura, que determinaria comportamentos e atitudes.

---

<sup>223</sup> Saito comenta brevemente, apesar de não citar o seu autor, este trabalho, afirmando que, segundo “pesquisa recente”, os imigrantes poloneses que mudaram para Curitiba sofreriam preconceito dos moradores locais, dificultando o processo de ascensão social (SAITO, 1963, pp. 11). Provavelmente, ele está se referindo ao trabalho de Ianni.

<sup>224</sup> Após a conclusão do Projeto UNESCO, que foi uma pesquisa sobre relações raciais no Brasil nos primeiros anos da década de 1950, financiada pelo órgão da ONU (MAIO, 1999), Florestan Fernandes organizou uma nova pesquisa, ainda na década de 1950, desta vez para estudar as relações raciais nos estados do sul do país. A pesquisa foi apoiada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e por Charles Wagley. Foram estudadas as cidades de Porto Alegre (RS), Pelotas (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR), e as pesquisas foram realizadas por Fernando Henrique Cardoso, Renato Jardim Moreira e Octávio Ianni (OLIVEIRA, 2015).

<sup>225</sup> A pesquisa de Ianni sobre os poloneses foi publicada pela primeira vez no artigo “O estudo da situação racial brasileira”, em 1958, na *Revista Brasiliense*; depois, em 1960, sob o título “Do polonês ao polaco”, na *Revista do Museu Paulista*. Por fim, foi publicado no livro *Raça e classes sociais no Brasil*, pela primeira vez em 1966 (OLIVEIRA, 2015, pp. 801-802).

Considerando a importância do estado do Paraná para a imigração polonesa no Brasil, Contenda se destaca como um dos locais mais antigos de colonização destes imigrantes (SAITO, 1963, p. 81). Os poloneses que se estabeleceram no estado ficaram em sua maioria em colônias quase homogêneas na cidade de Curitiba ou nos seus arredores, e pela proximidade com o meio urbano, eles tinham contato com os brasileiros locais, em virtude de relações comerciais e sociais (OLIVEIRA, 2009, p. 220). A região de Contenda se localiza a 40 quilômetros a sudeste de Curitiba e era coberta por araucárias até o início da exploração agrícola da região. O município fazia fronteira com duas estradas que a ligavam a Curitiba e a Santa Catarina, e as casas lembravam construções europeias com telhados muito inclinados, segundo a descrição do Saito. Ele ainda destaca o número restrito de negros, em oposição grande número de brancos circulando pela região. Saito descreve que:

As moradias são cercadas por pequeno campo, bem tratado, onde vacas leiteiras pastam. Via de regra, as casas possuem, à frente, um terreno limpo e, na parte traseira, pomares. Situam-se, geralmente, à beira de riachos onde é comum a presença de bandos de patos. De quando em vez, carroções, alguns deles cobertos, puxados por dois animais, transitam pelos caminhos da roça, guiados por moças ou rapazes loiros.<sup>226</sup>

A organização das plantações e a limpeza das casas são destacadas por Saito e colocadas em confronto às casas dos brasileiros com mato alto e falta de higiene. Esse tipo de diferenciação também aparece nos trabalhos do autor sobre os imigrantes japoneses, reforçando a ideia, que será mais explorada à frente, de que os estrangeiros traziam a civilização e a modernidade para o meio rural brasileiro. Destaca-se ainda, no trecho acima, a diferenciação racial marcada por Saito, em que o branco imigrante seria organizado, limpo e civilizado, enquanto o negro ou pardo brasileiro seria o oposto.

Outro fator a ser destacado é a reemigração interna dos poloneses no país adotivo, que era comum. Isto porque eles tinham por objetivo se tornarem proprietários de terras e deixá-las de heranças a seus filhos. Sendo assim, buscavam-se sempre as propriedades grandes para poderem ser divididas entre os descendentes (WEBER, 2011). No caso dos poloneses de Contenda, eles reemigraram vindos da região vizinha, Tomás Coelho, em busca de terras menos exploradas e mais férteis (SAITO, 1963, p. 19).

Assim como aconteceu com os japoneses em Cotia, os poloneses em Contenda logo arrendaram propriedades e contrataram a mão de obra local. A relação com o morador local é caracterizada por Saito como “simbiótica de natureza ecológica” (SAITO, 1963, p. 20), termo

---

<sup>226</sup> SAITO, Hiroshi. *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1963, p. 16.

utilizado também por Pierson. Segundo o sociólogo norte-americano, este tipo de relação seria “a reação mútua que se passa entre pessoas através de ‘símbolos significativos’”, que, por sua vez, são símbolos, atitudes, condutas conhecidas pelo homem (PIERSON, 1964, p. 185). No caso de Contenda, Saito percebe a relação simbiótica nas trocas de posse de terras entre os brasileiros e os poloneses. Os primeiros exploram a terra virgem e extraem a madeira; já os segundos exploram a terra para o plantio, tendo muitas vezes comprado aquelas que já haviam sido exploradas (e o terreno preparado) pelos brasileiros (SAITO, 1963, p. 21).

Ainda tratando da relação entre os imigrantes e os moradores locais, Saito observa a organização política da cidade de Contenda, começando pela administração das escolas: nas estaduais, havia maior quantidade de professores brasileiros; já nas municipais (onde os moradores tinham mais controle), havia mais professores de origem polonesa (SAITO, 1963, p. 25)<sup>227</sup>. Sobre o comportamento político na cidade, Saito percebeu que a maioria dos representantes tinha descendência polonesa, inclusive o prefeito, e a União Democrática Nacional (UDN) tinha o maior apoio popular (SAITO, 1963, p. 28).

O partido foi criado em 1945, aglutinando forças entre os proprietários de terras e de indústrias e o capital estrangeiro insatisfeitos com o governo federal. Os seus membros eram liberais e moralistas, vinculados aos militares e às aspirações da classe média, opondo-se à intervenção do Estado na economia (BENEVIDES, 1981). Ao se colocar em oposição a Getúlio Vargas, a UDN costumava ter o apoio de alguns grupos imigrantes, como era o caso dos poloneses em Contenda. Isso era uma consequência, principalmente, das políticas de nacionalização de Vargas, que eram repressivas com os estrangeiros no país, obrigando-os a mudarem hábitos e padrões culturais (SEYFERTH, 1997, p. 97).

Uma das críticas que se fazia ao comportamento político dos poloneses era de que eles seriam controlados pela Igreja católica, conforme relato de um político do PSD (Partido Social Democrático) derrotado nas últimas eleições:

“O polaco é ignorante e obedece a tudo quanto a Igreja manda e aqui é a Igreja que dirige as eleições. A UDN é forte porque conta com o apoio da Igreja. Quando o candidato a deputado, de origem polonesa, faz seus comícios, vem acompanhado de padre”<sup>228</sup>.

---

<sup>227</sup> Exemplificando a presença destes imigrantes no meio educacional, em 1937, havia 167 escolas polonesas no Paraná, sendo 137 leigas e 30 religiosas. Desse total, 143 eram bilíngues, 14 davam aulas somente em português e dez em polonês. Porém, em 1938, com as leis de nacionalização do governo Vargas, é proibido o uso de línguas estrangeiras em qualquer local público, inclusive escolas, fechando-se a maioria delas (OLVEIRA, 2010, p. 88).

<sup>228</sup> SAITO, Hiroshi. *Contenda*. Op. cit., p. 30.

O controle da Igreja sobre os poloneses será explorado adiante, mas vale adiantar a comparação feita por Saito, no trabalho sobre a CAC, em que se enxerga correlação entre o vínculo dos japoneses com a escola e o dos imigrantes europeus com a Igreja. Cada uma dessas instituições respectivamente seria o centro aglutinador e responsável pelas atividades comunitárias dos grupos imigrantes. Havia uma disputa entre os poloneses e os moradores brasileiros pelo poder político, e, por conta da maior quantidade de moradores de descendência polonesa e do apoio, inclusive financeiro, da Igreja, eles ganhavam constantemente as eleições, reforçando a crítica relatada acima (SAITO, 1963, pp. 30-31).

Após analisar o comportamento político, Saito foca nas técnicas de subsistência dos poloneses, ou seja, na análise das casas, dos hábitos alimentares, das técnicas agrícolas, do funcionamento da agricultura, da indústria e do comércio por parte dos imigrantes poloneses. Note-se que as técnicas de subsistência também são destaque nos outros trabalhos de Saito, principalmente no livro *O Japonês no Brasil* (1961), no qual ele traz tabelas sobre os hábitos alimentares. No trabalho de *Contenda*, Saito comenta algumas características, como o hábito de se tomar chimarrão adquirido pelo polonês, além do consumo de polenta, arroz e feijão, típicos dos estados do sul do Brasil.

As casas dos poloneses, na percepção de Saito, eram mais cuidadas do que a dos moradores locais, chamados de “caboclos”, assim como as plantações, que seriam mais bem planejadas. Um hábito cultural adquirido pelos poloneses seria a ausência de fossas, também ausente nas casas dos caboclos. É interessante perceber aqui que, assim como acontece com os imigrantes japoneses (SAITO, 1961), o autor destaca a ausência de higiene pessoal como um dos hábitos adquiridos a partir do contato com a população local brasileira. Outra semelhança é que haveria mudanças nos hábitos tradicionais daqueles que iam trabalhar ou estudar no meio urbano. Segundo o autor:

A mudança de hábitos tradicionais é provocada, assim, de maneira gradativa, mas firme. A facilidade de transporte para outros centros urbanos, principalmente para Curitiba, o desenvolvimento de pequenas indústrias locais, que empregam moças, e a prestação do Serviço Militar, por parte dos rapazes, são fatores, entre outros, que trazem as influências urbanísticas e a propagação de novas ideias e hábitos.<sup>229</sup>

Assim, a mudança nos hábitos e comportamentais era inexorável, isto é, inescapável, e um dos vetores do desenvolvimento desta sociedade, sendo acelerada pelo contato do jovem com o meio urbano, mais moderno. Ali, o descendente perderia parte de seus traços culturais

---

<sup>229</sup>Ibidem, p. 36.

poloneses passados por seus pais. Saito não comenta se essa mudança gerava problemas geracionais, mas pode-se deduzir que sim, tal como houve entre os japoneses (WILLEMS, 1948; SAITO, 1956; SAITO, 1961). Nos estudos de Saito (1961), a mobilidade espacial é o principal fator de desmembramento das famílias japonesas e das mudanças de atitudes dos mais jovens, que, ao mudarem para os centros urbanos, têm mais contato com a sociedade brasileira e inevitavelmente adquirem os seus traços. Willems (1948, p. 107) argumenta que uma das consequências da mudança deste jovem japonês seria o seu contato com outros grupos étnicos e a miscigenação, que só acontecia a partir do momento em que havia uma ruptura na estrutura familiar.

Ao comparar as técnicas agrícolas dos brasileiros e dos poloneses, Saito conclui que os últimos tinham “atividades mais intensas e diversificadas, mostrando-se superiores no manejo de técnicas e instrumentos” (SAITO, 1963, p. 44). No entanto, se comparados com o progresso tecnológico do Brasil naquele período, os poloneses estariam atrasados, o que seria explicado, segundo Saito, pelo estado de isolamento em que viveram por algumas décadas após o seu estabelecimento inicial. O autor completa que:

A introdução, em anos recentes, de tratores, a adoção das máquinas de malhação, bem como a aplicação mais intensiva de fertilizantes, fungicidas e inseticidas, corresponde mais ou menos à época da inauguração da Estrada “Estratégica” [1950]; tais fatos podem constituir indícios seguros do início da modernização dessa área.<sup>230</sup>

Entre os estabelecimentos industriais, a quase totalidade era comandada por poloneses, que utilizam a mão de obra brasileira barata. Segundo Saito (1963, p. 46), desde que os imigrantes poloneses chegaram em maior número à localidade, os brasileiros se deslocaram para centros urbanos, principalmente Curitiba, deixando a cidade com a mão de obra barata daqueles que não tinham condições de sair. É importante destacar, no entanto, que, apesar do baixo desenvolvimento da indústria e do comércio, ele aconteceu, assim como era comum em locais que recebiam imigrantes.

No capítulo quarto do livro, Saito foca nos aspectos de diferenciação social dos poloneses em Contenda. Ele afirma que os poloneses tinham “fome de terra” e queriam se tornar proprietários o quanto antes. Para Saito, isso provavelmente acontecia por conta da condição servil à qual estariam sujeitos antes de emigrarem para o Brasil, além do intenso desejo de ascensão. Para tanto, eles viviam em situações precaríssimas, até conseguir capital suficiente para adquirir propriedades e montar fazendas (ou sítios) lucrativas. De acordo com

---

<sup>230</sup>Ibidem, p. 46.

as observações de Saito (1963, p. 51), os poloneses economizavam em tudo o que podiam, como alimentação e conforto, vendendo inclusive objetos não essenciais.

Essa economia extrema de dinheiro também é notada por Saito quando se tratando dos imigrantes japoneses, dentre os quais muitos passavam fome e ficavam desnutridos ou doentes pela falta de nutrientes, ao mesmo tempo em que ascendiam socialmente. O luxo também estava ausente entre os imigrantes em Cotia, que muitas vezes dormiam no chão e tinham poucas peças de roupas. É interessante perceber, no entanto, que os motivos pelos quais os dois grupos de estrangeiros economizavam dinheiro são diferentes. Entre os poloneses, o objetivo era se tornar proprietário de terras para garantir um lugar para sua família morar e também a estabilidade financeira<sup>231</sup>. Entre os japoneses, buscava-se juntar o máximo de dinheiro para retornarem ao Japão numa condição financeira melhor do que a que tinham quando deixado o país.

Quando os poloneses conseguiam comprar suas terras, os antigos proprietários, caboclos, deviam mudar-se. Alguns permaneciam em Contenda e trabalhavam para os poloneses, comprando outras propriedades. Dessa forma, assim como aconteceu com imigrantes italianos em São Paulo (HOLLOWAY, 1984), os poloneses ascendiam e deixavam de ser empregados para virarem proprietários, enquanto que os brasileiros que moravam em Contenda faziam o movimento contrário. Assim, apesar de o imigrante, no entendimento de Saito (1963, p. 52), trazer civilização e desenvolvimento para o lugar onde está estabelecido, não necessariamente isso é bom para o morador local. Como consequência, muitos brasileiros se mudaram para os centros urbanos, intensificando o processo de urbanização no país entre as décadas de 1930 e 1950. Ocorre ainda a desintegração de padrões tradicionais, como a mulher trabalhando fora de casa, por exemplo, e a desorganização familiar<sup>232</sup>. Por outro lado, entre os brasileiros que ficaram em Contenda, os “padrões tradicionais de cultura” se mantiveram intactos (SAITO, 1963, p. 53).

Outra relação importante encontrada por Saito ocorre entre os imigrantes poloneses e a Igreja Católica, deslindando como esta interfere no funcionamento da cidade. Conforme adiantado, a Igreja tinha um forte poder sobre a política local e controlava o cotidiano, as festas e os comportamentos da população polonesa. Assim, ela teria um papel importante na organização e no controle social dessa comunidade, além de ser uma mantenedora das suas

---

<sup>231</sup> Em momento algum Saito comenta o desejo de retorno ao país de origem por parte dos poloneses no Brasil.

<sup>232</sup> Questão semelhante foi observada por Willems (1948), ao relatar o menor controle parental dos japoneses sobre os filhos quando estes moravam nos centros urbanos e não mais no meio rural.

tradições<sup>233</sup>, sendo, inclusive, parte das missas dirigidas em polonês. Por conta disso, as características da cultura original desses imigrantes não teriam sofrido mudanças significativas ao longo dos anos<sup>234</sup>. Desse modo, segundo Saito, “a igreja contribuiu positivamente para a preservação dos padrões e elementos culturais dos poloneses” (SAITO, 1963, p. 60)<sup>235</sup>. Percebe-se aqui a importância dada pelo autor à preservação da cultura de origem do imigrante, apesar de defender a necessidade de assimilação e de adoção de hábitos locais.

A igreja também é a principal responsável pelos registros de casamentos, apesar de Saito encontrá-los também nos cartórios civis em anos recentes. Através deles, percebeu-se que o casamento entre poloneses e pessoas negras era raro, e os brasileiros se casavam mais novos do que os imigrantes<sup>236</sup>. Sobre o casamento misto, Saito conclui que entre os imigrantes da primeira geração, o casamento com brasileiros era quase nulo, e ocorreram alguns poucos casamentos entre imigrantes ou descendentes de alemães, austríacos e russos. Já na segunda geração, este quadro se altera um pouco, sendo registrados casamentos com brasileiros, principalmente a partir da década de 1930. Para Saito, isso poderia ser reflexo das políticas de nacionalização do Estado Novo, da população polonesa chamada por ele também de “assimilação forçada”. Nas palavras do autor, “a situação política em que foi colocada a população polonesa pode ter sido projetada nesses casos” (SAITO, 1963, p. 70). Ele observa também que os casamentos mistos entre poloneses e brasileiros aconteceriam mais frequentemente nos bairros onde a população imigrante era menor e, conseqüentemente, a manutenção das tradições menos controlada e o contato com brasileiros mais intenso.

---

<sup>233</sup> Uma das tradições mantidas seria a chamada "Kolenda", em que a Igreja visitava todos os paroquianos da cidade. Ela acontece entre o Natal e fevereiro, quando a cidade se mobiliza para tal evento. Contudo, a tradição, aparentemente, se restringia aos poloneses, pois não se visitou casas brasileiras, conforme observou Saito (SAITO, 1963, pp.58-59)

<sup>234</sup> Questão semelhante é encontrada por Willems (1940, pp. 234) ao estudar os imigrantes alemães no sul do Brasil, onde a Igreja tinha o papel de mantenedora das tradições culturais alemãs. O contato do imigrante com a Igreja facilitaria o contato com a língua e com os costumes do seu país de origem. A língua alemã, principalmente, se destacaria por ser o meio de difusão das doutrinas religiosas.

<sup>235</sup> No entanto, Oliveira (2010, pp. 88-89) questiona essa crítica feita sobre a relação do polonês com a Igreja ao mostrar que apenas 17% das escolas polonesas não eram laicas e, que, na verdade, a Igreja Católica não “se confundia com o próprio sentimento de identidade das comunidades de imigrantes”.

<sup>236</sup> O retardamento do casamento entre os poloneses devia-se a três fatores: (a) Quando a mão de obra da mulher (filhas e mulheres solteiras) era importante na família camponesa; (b) “Persistência de certos padrões relacionados com o matrimônio”, como o dote; (c) Os pais costumavam dar parte de suas propriedades rurais para o casal começar a vida, e na ausência delas, evitava-se ao máximo o casamento (SAITO, 1963, pp. 66). Ou seja, os poloneses se casariam mais velhos por conta da necessidade econômica e por força das suas tradições.

Outro ponto destacado pelo autor é que os imigrantes poloneses aceitavam se casar com pessoas de outras origens étnicas, mas não de outra cor de pele. Ou seja, “o preconceito de cor prevalece sobre o da origem” (SAITO, 1963, p. 72). Isso significa que mesmo que houvesse divergências históricas entre os grupos, como era o caso dos conflitos com os alemães, o imigrante polonês preferiria se unir a uma pessoa de outra nacionalidade a casar com uma pessoa negra. Assim, o imigrante toma para si o preconceito racial contra o negro que já existia no Brasil antes da sua chegada ao país.

Saito conclui o livro comentando que depois da lei de nacionalização e do fechamento das escolas polonesas em Contenda, a língua polonesa era ensinada, em geral, em casa e costumava ser a língua falada pelas pessoas mais velhas da família. Na zona urbana, no entanto, a criança aprende desde cedo o português, sendo comum não dominar o idioma polonês (SAITO, 1963, p. 80). O aprendizado da língua do país de origem em casa e do país adotivo na escola é abordado diversas vezes por Saito (1961), sendo esta uma das formas de perceber o processo de assimilação dos filhos dos imigrantes no país. O tema também é muito destacado por Willems ao mostrar que muitas crianças japonesas não sabiam falar japonês, ou, se sabiam, não falavam entre si, apenas com pessoas mais velhas. Ele encontrou casos também de crianças que falavam português com os pais, e estes por sua vez respondiam em japonês aos seus filhos (WILLEMS, 1948).

Isso significa que a cultura de origem seria fortemente conservada pelas pessoas mais velhas, mas não pelos jovens, como a comunidade desejaria, principalmente pela dificuldade de evitar que estes jovens tivessem contato com a cultura brasileira. Ao mesmo tempo, para os jovens, a cultura de origem lhes seria menos identitária do que a brasileira, uma vez que a sua relação com o país de origem era frágil e imaginária, em oposição ao Brasil, que era presente e cotidiano. De acordo com Willems (1940, p. 301), a língua teria um efeito nacionalizante e integrador, além de ser fundamental para formação das identidades nacionais e para o processo de assimilação de imigrantes e seus descendentes. Isso porque a partir dela é possível entender os símbolos culturais da sociedade em questão, permitindo que o imigrante se socialize sem intermediários com o morador local.

Por fim, Saito conclui que os imigrantes teriam uma posição de “força renovadora” no cenário político, em oposição à “força conservadora” dos brasileiros em Contenda, liderada por famílias tradicionais (SAITO, 1963, p. 81). A noção de que o imigrante traz o novo para a comunidade onde se instala aparece em outros trabalhos de Saito, como pudemos observar, especialmente em Cotia, onde o japonês inova a forma de funcionamento da agricultura

naquele local. A expectativa de que o estrangeiro trouxesse a civilização para o Brasil está marcada nos discursos do início do século XX, junto com a ideia de que o imigrante era o ser moderno que ajudaria a desenvolver o país (LESSER, 2015, pp. 28-29). É por esta chave que Saito busca mostrar que tanto o japonês como o polonês teriam colaborado com este desejo ao causarem a mudança social e trazerem a modernização para os locais onde se estabeleceram.

A “força renovadora” do polonês em Contenda mostrava que o imigrante representaria um elemento de mudança, em oposição ao morador local, que seria conservador. Em relação às alterações produzidas pelos poloneses, Saito afirma que a principal foi a necessidade apresentada pelos caboclos que vendiam as suas terras de se mudarem para as cidades. Contudo, os poloneses também sofreram mudanças culturais a partir do contato com os caboclos. Segundo Saito:

[...] a adoção e reinterpretação dos traços e padrões da cultura cabocla são também notáveis. Entre os traços adotados, citam-se o chimarrão, feijão preto, o fumo em corda, de fabricação caseira. Adotou-se, igualmente, o traço caboclo com respeito a poços e fossas, os quais são totalmente ausentes entre os sitiantes de origem polonesa.<sup>237</sup>

Assim, após descrever como se deu o processo de assimilação dos poloneses no Brasil, Saito mostra que ocorreram mudanças e que, por mais que o caboclo tenha adotado alguns traços culturais do polonês, o contrário seria mais impactante, visto que se tratava da cultura hegemônica. Isso mostra que mesmo sendo a maioria da população em Contenda, os poloneses estavam inseridos no estado do Paraná em meio à cultura e à sociedade brasileira, e isso seria mais forte no processo de assimilação. Os poloneses seriam equivalentes aos japoneses em Contenda, e estudá-los naquele contexto seria uma forma de entender como os processos pelos quais os japoneses passavam em outros locais aconteciam ali. Estas experiências seriam comparadas em busca de caminhos ideais para lidar com os processos de assimilação dos imigrantes no país. Dessa forma, o livro de Saito teria um claro objetivo de fornecer conhecimento sobre uma determinada localidade e um grupo, conforme descrito no projeto de pesquisa enviado a ELSP<sup>238</sup>. A partir disso, concluímos o terceiro capítulo a seguir buscando contrastar os livros do autor analisados.

---

<sup>237</sup> SAITO, Hiroshi. *Contenda*. Op. cit., pp. 84.

<sup>238</sup> Projeto de pesquisa de Hiroshi Saito para a Escola de Sociologia e Política. 20 de março de 1957. FDP/AEL/Unicamp.

### 3.4. Três estudos: diferenças e semelhanças

Os trabalhos analisados de Saito trazem alguns temas centrais em comum: o conflito, o desenvolvimento, a assimilação e o engajamento. Os três primeiros estavam em concordância com a preocupação do contexto de produção intelectual que dominou as décadas de 1950 e 1960, visto o foco que se conservava em relação a pesquisas sobre conflitos raciais e sociais e as suas possíveis consequências, conforme explorado no capítulo anterior. Dessa forma, o Brasil passou a ser visto como um “laboratório social” para estas instituições internacionais, isto é, “um campo de experimentação de interações raciais e culturais” (MAIO, 2015, p. 372), Cotia, Contenda e os locais presentes nas pesquisas de *O Japonês no Brasil* seriam os laboratórios de Saito. Neles, o sociólogo poderia identificar os processos de assimilação dos imigrantes, os conflitos que surgiam ou poderiam surgir ao longo destes processos e as mudanças sociais nas quais eles mais influenciavam ou sofriam influência. Por esta chave, o desenvolvimento seria um fator determinante para a assimilação, pois ela acontecia mais rapidamente nos centros urbanos para onde os imigrantes e seus descendentes estavam se mudando conforme a intensificação do processo modernização da sociedade brasileira.

Comparando os livros, o trabalho sobre a CAC poderia ser pensado como um estudo aprofundado que se ateve ao local e à forma como os imigrantes japoneses se assimilaram, enquanto o livro de 1961 traz não só a pesquisa de Cotia, mas também outras realizadas por Saito com o mesmo intuito. Portanto, *O Japonês no Brasil* seria um segundo momento da experiência de pesquisa, quando se uniram diferentes estudos construindo uma visão ampla sobre o imigrante japonês no Brasil. Além de se complementarem, os dois livros possuem outras semelhanças. Em ambos os trabalhos, Saito busca mostrar que a presença do japonês no Brasil não seria um peso para a sociedade brasileira, lembrando aqui os discursos contra a entrada desses imigrantes na sociedade brasileira quando o autor emigrou para o país.

É importante destacar, todavia, que, no trabalho de 1956, a preocupação em mostrar as vantagens trazidas pelos japoneses à sociedade brasileira está mais presente, enquanto em 1961 a sua preocupação central seria demonstrar a capacidade dos imigrantes de se integrarem à sociedade e à economia brasileira para se tornarem bem-sucedidos. Dessa forma, é possível enxergar uma linha temporal do desenvolvimento do imigrante japonês no Brasil ao analisarmos tais trabalhos, pois num primeiro estudo se investiga como eles adaptando-se adaptavam ao novo meio e quais foram os seus mecanismos de resistência ou não às mudanças que lhes eram impostas pelo processo de assimilação. Mais tarde, faz-se um estudo

baseado no momento posterior destes imigrantes no país, quando eles estão se desenvolvendo social e economicamente em concomitância com a estrutura socioeconômica brasileira.

O trabalho sobre Contenda, por sua vez, é mais descritivo, com intensa apresentação de dados, relatos e observações. Nele, Saito observa pontos de semelhança entre a imigração dos poloneses e a dos japoneses, o que fazia sentido, já que o objetivo era comparar as experiências dos dois grupos. O trabalho de 1963 está em concordância com os outros dois analisados ao trazer perguntas semelhantes e dados comparáveis, além da tentativa de mostrar que os grupos analisados, durante e depois do processo de assimilação, mantinham características das duas culturas com que tinham contato. Assim, identificamos que nos três trabalhos Saito chega à mesma conclusão sobre o processo investigado.

A partir de suas considerações, Saito cria contribuir para a aceitação dos imigrantes, particularmente os japoneses, pela sociedade brasileira, mostrando que essas pessoas não só seriam capazes de se adaptarem ao meio nacional, mas também de auxiliar no desenvolvimento do país, sobretudo no que concernia à economia. O engajamento de Saito, o quarto tema que une os trabalhos, estava diretamente relacionada ao combate de discursos preconceituosos que existiam em alguns setores da sociedade brasileira contra alguns grupos imigrantes, principalmente os japoneses. Além disso, ele tinha a preocupação de mostrar que os problemas que haviam ocorrido no contexto do pós-guerra, como a Shindô-Renmei, envolveriam poucas pessoas dos grupos de imigrantes, e que na verdade não haveria, de uma maneira geral, nas comunidades japonesas no Brasil, por exemplo, situações de conflitos que poderiam preocupar a UNESCO ou outras organizações nacionais e internacionais.

## Considerações finais

O objetivo desta dissertação foi analisar alguns trabalhos de Hiroshi Saito sobre imigrantes enquanto ele frequentava a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Procuramos mostrar que estes estudos somente foram possíveis dados três motivos: pelo fato de Saito ser um imigrante japonês, pelas pesquisas empíricas que ocorriam na ELSP, com foco inclusive no processo de assimilação dos imigrantes no Brasil, e, por fim, pelo interesse da UNESCO em estudar situações e possíveis soluções para conflitos étnico-raciais no mundo, enxergando o país como um possível exemplo de relações harmoniosas entre diferentes grupos étnicos.

No primeiro capítulo, vimos que Saito defendia a necessidade de mais estudos sobre os japoneses no Brasil, utilizando-se inclusive de discursos de intelectuais brasileiros, como Arthur Ramos, para legitimar a sua avaliação do campo das Ciências Sociais no Brasil. Tal campo, aliás, foi em parte determinado pela criação da ELSP, entre outras instituições, e, por isso, apresentamos o contexto universitário dos anos prévios à entrada de Saito e na época em que era aluno da instituição. Com isso, entendemos as teorias e os conceitos que definiam as Ciências Sociais praticadas na instituição e nos trabalhos do sociólogo. Nesse momento, pesquisas empíricas lideradas por professores como Donald Pierson e Emilio Willems, por exemplo, investigavam o impacto de mudanças sociais em comunidade tradicionais, gerados por conta do processo de modernização, urbanização e industrialização pelo qual o Brasil passava. Contudo, conforme Willems e Saito mostram, essas mudanças não impactam apenas as comunidades locais; elas alteram também os agentes que as causam, como, por exemplo, os imigrantes. Os processos de assimilação pelos quais os estrangeiros passam são destaques em vários trabalhos dos dois sociólogos, assim como a militância ao demonstrar que os imigrantes introduziam inovações e impulsionavam o desenvolvimento do país.

No capítulo dois, por seu turno, centramo-nos na década de 1950, quando os imigrantes japoneses passam a ter a atenção de alguns estudos financiados pela UNESCO, estudos estes liderados principalmente pelo sociólogo japonês Seiichi Izumi, com o intuito de identificar situações de conflitos étnico-raciais. No contexto do pós-Segunda Guerra Mundial, buscava-se mostrar que as diferenças entre os homens não eram definidas pela raça, mas sim por nacionalidades e características culturais. Pesquisas como a apresentada por Izumi e Saito em 1953, por exemplo, comprovam que havia conflitos na comunidade japonesa no Brasil, especialmente relacionados a diferenças geracionais entre os imigrantes e seus filhos, em que

um desejava manter as tradições culturais japonesas e o outro aderir às características da cultura brasileira. Mas, de maneira geral, a comunidade imigrante japonesa era assimilada à sociedade local. Em meio a estas pesquisas com a participação de cientistas sociais japoneses, um evento é organizado na ELSP para debater os estudos de comunidade e de assimilação no Brasil e no Japão, momento em que Saito se destaca coordenando mesas e traduzindo trabalhos, além de apresentar uma pesquisa própria. A partir desse contato com o meio universitário japonês, Saito é convidado para uma experiência de intercâmbio no Japão, onde pesquisou em comunidades de emigrantes, isto é, os lugares de onde os imigrantes que estavam no Brasil tinham saído, além de ministrar cursos e palestras, e de participar de eventos. No país natal buscou características culturais, hábitos e comportamentos para comparar com o que observava em relação aos imigrantes japoneses no Brasil. Com isso, estaria procurando perceber em que estágio estava o processo de assimilação e quais características culturais teriam sido abandonadas ou mantidas.

Após contextualizarmos as experiências intelectuais de Saito na ELSP, com foco voltado às pesquisas sobre japoneses, e no Japão, analisamos, no terceiro capítulo, as três obras publicadas por ele enquanto fazia parte do quadro de alunos e professores da ELSP. Em *O cooperativismo na região de Cotia: Estudo de transplantação cultural* (1956), Saito sustenta que a sociedade de Cotia era caracterizada como *folk* tradicional. O imigrante japonês desempenhava, nesse processo, o papel de agente modernizador, que ajuda a desenvolver o local, não só econômica, mas culturalmente, a partir do momento em que se estabelece na região. Ele traria características do processo de modernização pelo qual o Japão teria passado, tendo como uma de suas consequências a introdução do sistema cooperativista de produção. Por ter uma experiência positiva com o sistema, o japonês o introduz em Cotia para lhe ajudar a conseguir competir no sistema capitalista brasileiro. Só que para isso foi preciso adaptar o cooperativismo à organização econômica e à sociedade brasileira, ou seja, para que o imigrante conseguisse ser integrado ele teve que mudar hábitos e costumes.

No segundo trabalho, *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação* (1961), Saito analisou o caminho percorrido pelo imigrante japonês desde as primeiras adaptações ao meio ambiente, com mudanças nos hábitos alimentares, até a sua ascensão social, quando saiu do meio rural e deixou de ter a agricultura como fonte de renda primária. Ao final deste processo, ele interpreta que a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial foi um momento de ruptura para o imigrante japonês, que vê o seu sonho de retorno ao país natal se distanciar e precisa readaptar suas expectativas em relação ao futuro, que agora incluía fazer do Brasil sua

residência permanente. Com isso, muitos imigrantes e descendentes buscam melhorar seu nível educacional a fim de conseguirem empregos de prestígio que trouxessem mais benefícios ou que fossem mais estáveis do que a agricultura. Isso gera uma mudança em direção aos centros urbanos e, conseqüentemente, um maior contato com a população brasileira, acelerando o processo de assimilação. No entanto, Saito argumenta que o movimento do campo para a cidade, assim como a profissionalização da mão de obra e a ascensão social, não são exclusividades da comunidade japonesa no país; pelo contrário, tratava-se de um movimento nacional. Assim, o imigrante japonês trilha um caminho similar ao do brasileiro, o que evidenciava a sua assimilação junto à sociedade brasileira.

No terceiro e último trabalho analisado, *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná* (1963), temos uma visão mais geral do que Saito considera ser características do processo imigratório. Ao pesquisar os poloneses na cidade de Contenda a fim de comparar as suas experiências com as dos imigrantes japoneses, o autor se debruça, por exemplo, sobre as inovações trazidas pelos estrangeiros na região e reforça a ideia de que eles seriam agentes modernizadores, civilizadores de comunidades pouco desenvolvidas, tradicionais. Ao representar o que Saito interpreta ser uma “força renovadora” na política de Contenda, o imigrante polonês estava participando ativamente da vida cotidiana da localidade, influenciando tomadas de decisões e seu desenvolvimento econômico. Essa participação seria uma das comprovações da assimilação desse imigrante junto à sociedade local, posição que ele adquire a partir da importância das atividades comerciais para a economia da região. Assim, tanto o polonês como o japonês são inseridos na sociedade, primeiramente, pelo nível econômico, mas para isso mudanças culturais nos seus hábitos já tiveram que ocorrer. Portanto, o sucesso econômico, que traz benefícios e desenvolvimento para uma determinada localidade, depende do seu processo de assimilação. Na análise de Saito sobre a CAC podemos enxergar a sua interpretação da sociedade brasileira, em que o imigrante bem-sucedido acontece no Brasil moderno.

No terceiro e último trabalho analisado, *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná* (1963), temos uma visão mais geral do que Saito considera ser características do processo imigratório. Ao pesquisar os poloneses na cidade de Contenda a fim de comparar as suas experiências com as dos imigrantes japoneses, o autor se debruça, por exemplo, sobre as inovações trazidas pelos estrangeiros na região e reforça a ideia de que eles seriam agentes modernizadores, civilizadores de comunidades pouco desenvolvidas, tradicionais. Ao representar o que Saito interpreta ser uma “força renovadora” na política de Contenda, o

imigrante polonês estava participando ativamente da vida cotidiana da localidade, influenciando tomadas de decisões e seu desenvolvimento econômico. Essa participação seria uma das comprovações da assimilação desse imigrante junto à sociedade local, posição que ele adquire a partir da importância das atividades comerciais para a economia da região. Assim, tanto o polonês como o japonês são inseridos na sociedade, primeiramente, pelo nível econômico, mas para isso mudanças culturais nos seus hábitos já tiveram que ocorrer. Portanto, o sucesso econômico, que traz benefícios e desenvolvimento para uma determinada localidade, depende do seu processo de assimilação. Na análise de Saito sobre a CAC podemos enxergar a sua interpretação da sociedade brasileira, em que o imigrante bem-sucedido acontece no Brasil moderno.

Se considerarmos algumas das críticas ao uso do conceito de assimilação, conforme apontado na introdução desta, percebe-se que no primeiro trabalho, sobre a CAC, Saito não considera de forma ampliada a sociedade local como um agente direto no processo de assimilação dos imigrantes japoneses no Brasil. Este estudo tem como foco a forma como se dá a interação entre os imigrantes e a sociedade brasileira, mas sob um ponto de vista unilateral, focando apenas na experiência do japonês. O segundo estudo, apresentado no livro *O Japonês no Brasil*, introduz a ideia de que o crescimento econômico do Brasil ajudaria a diminuir os conflitos entre o imigrante e a sociedade local, pois, de certo modo, haveria oportunidades para ambos. Considerando as críticas feitas ao conceito de assimilação, pode-se apontar que o segundo trabalho, mais amadurecido, não interpreta que somente os fatores culturais são relevantes para a análise da incorporação do imigrante à sociedade brasileira, mas também os fatores econômicos<sup>239</sup>. No entanto, o conceito de assimilação por si só não dá conta dos trabalhos de Saito nem das dinâmicas das comunidades imigrantes, principalmente se formos trazê-los para comparações com estudos contemporâneos, por exemplo. Neste caso, é importante fazer uso de conceitos como “identidade étnica”, “pluralidade”, “trajetória de vida”, entre outros<sup>240</sup>. O conceito de assimilação, na forma como ele é interpretado nos estudos de Saito, serve, para além das suas análises, para explicar a sua própria experiência de vida e (re)afirmar a sua identidade japonesa.

---

<sup>239</sup> No caso do estudo de Cotia, os fatores econômicos são considerados, contudo, os culturais são apresentados como mais relevantes para a sua análise naquele momento.

<sup>240</sup> Alguns destes conceitos e a reformulação do conceito de assimilação para os dias atuais são discutidos por Truzzi, 2012.

Saito era um imigrante japonês que se formou sociólogo no Brasil e investigou por muitos anos o processo de inserção de sua comunidade na sociedade brasileira. Seu engajamento com a produção de conhecimento e com o comprometimento social não parava nas publicações acadêmicas. A partir de meados da década de 1960 até pouco antes de seu falecimento, em 1983, Saito participava de palestras e eventos que ocorriam na comunidade japonesa, geralmente para discutir a economia, aspectos socioculturais brasileiros e japoneses e as possibilidades de desenvolvimento técnico do setor agrícola. Nas palestras também costumava falar de uma das suas grandes preocupações: a assimilação, perspectiva dentro da qual seria difícil enxergar a linha limite entre a integração dos descendentes japoneses na sociedade brasileira e a perda das especificidades da cultura nipônica (CASTRO, 1994, pp. 143-145).

É verdade que em nenhum de seus trabalhos Saito trata diretamente do preconceito e da repressão enfrentadas pelos imigrantes japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, apesar de abordar pontualmente a reação de alguns membros da comunidade japonesa em função desses acontecimentos, como é o caso do trabalho sobre a associação Shindô-Renmei. No entanto, fica mais do que claro que Saito milita constantemente em defesa dos japoneses e dos imigrantes em geral, buscando mostrar a sua capacidade de assimilação e os benefícios da sua presença no Brasil. Todos os seus estudos defendem, de alguma forma, a bandeira de que foi positivo para o país receber imigrantes, por mais que não tenha sido um processo de fácil adaptação. Saito ainda procura mostrar que os japoneses (e não só) seriam capazes de se assimilar, passando pelo processo que “resultaria” na presença de características e de traços de ambas as culturas envolvidas na personalidade do indivíduo de origem estrangeira.

De certo modo, ao fazer isso, Saito está buscando, em parte, legitimar não a presença do imigrante em geral, e mais especificamente do imigrante japonês. Mais profundamente, o sociólogo busca ainda o seu lugar como indivíduo estrangeiro pertencente a um grupo que, especialmente entre as décadas de 1920 e 1940, foi menosprezado e alvo de críticas por parte da opinião pública brasileira. Toda análise de obras nas Ciências Sociais exige a identificação do contexto de produção: onde o seu autor estava inserido quando realizou a pesquisa, com quem tinha contato, etc. Contudo, mais do que o contexto acadêmico e socioeconômico em que estava situado, a história de vida de uma pessoa é igualmente definidora de suas interpretações e preocupações. Saito, por exemplo, tinha passado pelo processo de assimilação descrito e colocado em prática a ideia de que a comunidade japonesa deveria se

ajudar ao fazer palestras e eventos voltados para os imigrantes e seus descendentes. Sobre essa junção do interesse pessoal ao intelectual, Saito escreve:

Como filho de imigrante, cuja família — como tantas outras que para aqui vieram quer da Europa quer da Ásia — buscara nesta terra vida humilde mas pacífica, despertou em mim desde cedo o interesse de observar a situação e viver a sensação daqueles que experimentam a vida do imigrado. Era como que um privilégio de que eu poderia lançar mão, na tentativa daquilo que o antropólogo ou sociólogo tem de interesse perene: compreender o semelhante.<sup>241</sup>.

É interessante perceber que Saito se identifica enquanto filho de imigrante, mas não necessariamente como um também. Podemos supor que ele se identificava menos como imigrante, e mais como membro da camada marginal localizada por ele e Izumi no trabalho de 1953. A categoria, conforme definida pelos autores, referia-se a pessoas que ou nasceram aqui logo que os pais chegaram, ou emigraram ainda jovens (no caso, ele tinha 14 anos), conservando traços tanto da cultura japonesa como da brasileira. Estes indivíduos estariam entre os dois países, dominavam ambas as línguas, mas sofriam, pois ao mesmo tempo sentiam que não pertenciam a nenhuma das duas culturas. Além disso, conforme Stonequist (1935) destaca, os indivíduos marginais tenderiam a buscar mais frequentemente a cultura hegemônica do que de origem. No caso do imigrante ou do descendente japonês, haveria a preferência de adotar hábitos brasileiros para facilitar a sua inserção na sociedade local. Isso gerava conflitos dentro das famílias, sobretudo com pessoas mais velhas que se mantinham intensamente ligadas à cultura de origem e cobravam o mesmo tipo de comprometimento dos seus filhos. Tendo em vista a experiência pessoal de Saito, é compreensível a sua preocupação com os conflitos geracionais entre os imigrantes e seus descendentes e com a sociedade local.

Assim, Saito é um exemplo da sua própria definição de assimilação, conjugando características das duas culturas, a japonesa e a brasileira, para se firmar enquanto sociólogo especialista em estudos sobre japoneses no Brasil. Além disso, a sua própria presença, como aluno e professor, na ELSP, comprova que ele se assimilou à sociedade dominante, aderindo aos costumes do meio universitário brasileiro, como escrever em português, por exemplo. Por outro lado, ao focar os seus estudos nos imigrantes japoneses, reforçam-se para si e para outros as suas origens. O intelectual faz uso dos instrumentos da Sociologia e da Antropologia brasileiras para compreender a sociedade ao seu redor, como os grupos se inserem nela e os processos pelos quais ele e outros imigrantes passavam, buscando formas de minimizar os

---

<sup>241</sup> SAITO, Hiroshi. *O Japonês no Brasil*. Op. cit., p. 7.

traumas gerados durante a assimilação. Dessa maneira, ao estudar a imigração japonesa no Brasil, Saito está se firmando tanto como imigrante japonês como sociólogo brasileiro.

## Referências bibliográficas

### Arquivos

Arquivo Edgard Leuenroth — Unicamp, Campinas (SP)

- Fundo Donald Pierson

Biblioteca IFCS — UFRJ, Rio de Janeiro (RJ)

- Revista de Imigração e Colonização

Casa de Oswaldo Cruz — FIOCRUZ, Rio de Janeiro (RJ)

- Fundo Oracy Nogueira

Centro de Documentação e Memória (CEDOC) — FESPESP, São Paulo (SP)

- Acervo de Hiroshi Saito

- Anuários da ELSP

Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, São Paulo (SP)

- Acervo de Hiroshi Saito

Museu da Imigração Japonesa, São Paulo (SP)

- Jornal Paulista

FESPESP. *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo — sétimo ano letivo — 1940*. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1940.

FESPESP. *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo — nono ano letivo — 1942*. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1942.

FESPESP. *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo — décimo terceiro ano letivo — 1946*. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1946.

FESPESP. *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo — décimo quarto ano letivo — 1948*. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1948.

FESPESP. *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo — décimo quinto ano letivo — 1949*. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1949.

FESPESP. *Anuário da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo — vigésimo nono ano letivo — 1962*. Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1962.

## **Entrevistas**

JUNQUEIRA, Carmen S. A.. Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira: entrevista [25 de novembro de 2015]. Entrevistador: Aline de Sá Cotrim.

JUNQUEIRA, Carmen S. A.. Carmen Sylvia de Alvarenga Junqueira: entrevista [28 de janeiro de 2016]. Entrevistador: Aline de Sá Cotrim.

PEREIRA, João B. B.. João Baptista Borges Pereira: entrevista [28 de janeiro de 2016]. Entrevistador: Aline de Sá Cotrim.

## **Trabalhos de Hiroshi Saito**

IZUMI, Seiichi; SAITO, Hiroshi. Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil. *Sociologia*, v. 15, n. 3, 1953, pp. 451-462.

MULLER, Antônio Rubbo; SAITO, Hiroshi (Org.). *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956.

MULLER, Antônio Rubbo;. SAITO, Hiroshi (Org.). *Memória do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo segundo: Estudos de assimilação de imigrantes no Brasil*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956.

SAITO, Hiroshi. Compreensão recíproca. *Jornal Paulista*. São Paulo, p. 1, 01 jan. 1948a.

\_\_\_\_\_. Um retrospecto. *Jornal Paulista*. São Paulo, p. 1, 18 de maio de 1948b.

\_\_\_\_\_. O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo. *Sociologia*, v. 15, n. 2, 1953, pp. 109-130.

\_\_\_\_\_. *O Cooperativismo na Região de Cotia: estudo de transplantação cultural*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956.

\_\_\_\_\_. Mobilidade e Assimilação de Imigrantes Japoneses. In: MULLER, Antônio Rubbo; SAITO, Hiroshi (Org.). *Memória do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo segundo: Estudos de assimilação de imigrantes no Brasil*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956b, pp. 28-35.

\_\_\_\_\_. A imigração e os problemas de população no Japão. *O Observador Econômico e Financeiro*, Ano XIII, n. 272, out. 1958, pp. 14-22.

\_\_\_\_\_. A família do imigrante japonês para o Brasil. *Sociologia*, v. 22, n. 1, 1960a, pp. 12-28.

\_\_\_\_\_. Mobilidade de ocupação e de status de um grupo de imigrantes. *Sociologia*, v. 22, n. 3, 1960b, pp. 241-253.

\_\_\_\_\_. *O Japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961.

\_\_\_\_\_. *Contenda — assimilação de poloneses no Paraná*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1963.

\_\_\_\_\_. *O cooperativismo e a comunidade — caso da cooperativa agrícola de Cotia*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1964.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1973a, pp. 7-10.

\_\_\_\_\_. Japoneses no Brasil e no Peru. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1973b, pp. 522-530.

\_\_\_\_\_. (org.). *A presença japonesa no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1980.

SAITO, Hiroshi; IKUSHIMA, Yoshiro. Estudos sobre Brasil e América Latina no Japão. *Sociologia*, v. 20, n. 2, 1958, pp. 222-232.

SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1973.

WILLEMS, Emílio; SAITO, Hiroshi. Shindô-Renmei: um problema de aculturação. *Sociologia*, v. 9, n. 2, 1947, pp. 133-152.

## **Bibliografia**

ALMEIDA, Rodrigo Estramanho de. Os artigos de ciência política na revista *Sociologia* (1939-1966). In: SILVA, Isabela Oliveira Pereira da; ALMEIDA, Rodrigo Estramanho de. (Org.). *As ciências sociais em revista: temas e debates na revista Sociologia (1939-1966)*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2015, pp. 89-120.

ALVES, A. M.. Alguns temas e problemas da sociologia no Brasil: uma análise de conteúdo da Revista *Sociologia* (1939-1941). In: SILVA, Isabela Oliveira Pereira da; ALMEIDA, Rodrigo Estramanho de. (Org.). *As Ciências Sociais em revista: temas e debates na Revista Sociologia (1939-1966)*. São Paulo: Sociologia e Política, 2015, pp. 179-225.

ANDO, Zempati. *Pioneirismo e Cooperativismo. História da Cooperativa Agrícola de Cotia*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BALDUS, Herbert. WILLEMS, Emilio. *Dicionário de etnologia e sociologia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo et al. (Org.). *Atlas da imigração internacional em São Paulo 1850-1950*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

BASTIDE, Roger. Os suicídios em São Paulo, segundo a cor. *Boletim de Sociologia da Universidade de São Paulo*, São Paulo, USP, n.71, 1951, pp.1-49.

BENEDICT, Ruth. *O Crisântemo e a Espada - Padrões da Cultura Japonesa*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo: Ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BERLINCK, Cyro. Prefácio. In: MULLER, Antônio Rubbo; SAITO, Hiroshi (Org.). *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956a, p. 9.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: MULLER, Antônio Rubbo; SAITO, Hiroshi. (Org.) *Memória do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo segundo: Estudos de assimilação de imigrantes no Brasil*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956b, p. 9.

\_\_\_\_\_. Notas e Comentários: Rumos da pesquisa social no Brasil. *Sociologia*, v. 23, n. 4, 1961, pp. 371-374.

BERLINCK, Manoel T. Hiroshi Saito e a sociologia. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 21 nov. 1983, p. 10.

BRASIL JR., Antônio. A reinvenção da sociologia da modernização: Luiz Costa Pinto e Florestan Fernandes. *Trabalho, Educação e Saúde (Online)*, v. 11, 2013, pp. 229-249.

CAMPOS, Raquel Discini de. Um intelectual viajante: Floriano de Lemos no sertão paulista (1926-1930). *Revista Brasileira de História*, vol. 30, n. 60, 2010.

CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. Bibliografia — Hiroshi Saito. O japonês no Brasil [resenha]. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 11 [n. 1 e 2], 1963, pp. 119-120.

\_\_\_\_\_. O papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses [1959]. In: \_\_\_\_\_. *Obras reunidas*. São Paulo: Mameluco, 2011a, pp. 53-79.

\_\_\_\_\_. O agricultor e o profissional liberal entre os japoneses no Brasil [1963]. In: \_\_\_\_\_. São Paulo: Mameluco, 2011b, pp. 80-88.

CASTRO, Celso. *Antropologia Cultural — Franz Boas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

CASTRO, Marco Luiz de. *Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória de vida de Hiroshi Saito*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O aspecto humano de nossos dados: a relação Pierson-Nogueira, a etnografia e o estudo das relações raciais. In: MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Gláucia. (Org.). *Ideias de modernidade e sociologia no Brasil. Ensaios sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Editora da Universidade - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, pp. 185-202.

\_\_\_\_\_. A contemporaneidade da tradição intelectual da Escola Livre de Sociologia e Política: a obra de Oracy Nogueira. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. 2ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009, pp. 101-114.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: NOGUEIRA, Oracy. *Vozes de Campos do Jordão: experiências sociais e psíquicas do tuberculoso pulmonar no estado de São Paulo*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009b.

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA DOS 80 ANOS DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL. *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960): Testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. São Paulo: Vértice, 1987.

CORREIO DA MANHÃ. Daqui um ano: Novo Congresso Internacional do Rio. *Correio do Amanhã*. Rio de Janeiro, p. 3,06 ago., 1955.

COSTA, Esdras Borges. A formação do cientista social: teoria social e pesquisa de campo. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. São Paulo: Sociologia e Política, 2009, pp. 59-67.

COULON, Alain. *L'École de Chicago*. Paris: PUF, 1992.

COUTO, Miguel. *Seleção Social*. Rio de Janeiro: Editora Irmãos Pongetti, 1942.

CUETO, Marcos. Los ciclos de la erradicación: la Fundación Rockefeller y la salud pública latinoamericana, 1918-1940. In: CUETO, Marcos (ed.). *Salud, Cultura e Sociedad en America Latina*. Lima: IEP/OPS, 1996, pp.179-201.

DEL VECCHIO, Ângelo. Preâmbulo: As influências presentes nos anos de formação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. 2ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009, pp. 11-26.

DEL VECCHIO, Ângelo. DIÉGUEZ, Carla. *As pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo: Horace Davis e Samuel Lowrie, pioneiros da Sociologia aplicada no Brasil*. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2008.

DEZEM, Rogério. *Inventário Deops: módulo III, japoneses: Shindô-Renmei: terrorismo e repressão*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2000.

\_\_\_\_\_. Um exemplo singular de política emigratória: subsídios para compreender o processo de formação dos núcleos *Ijûchi* de colonização japonesa no estado de São Paulo

(1910-1930). In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (Org.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memórias e arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2008, pp. 151-166.

DIÉGUEZ, Manoel. Estudos de Assimilação Cultural no Brasil. BERLINCK, Cyro. Prefácio. In: MULLER, Antônio Rubbo. SAITO, Hiroshi (Org.). *Memória do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo segundo: Estudos de assimilação de imigrantes no Brasil*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956b, pp. 15-27.

DOMINGUES, José Maurício. Desenvolvimento, modernidade e subjetividade. In: MAIO, Marcos Chor; VILLAS BÔAS, Glaucia. (Org.). *Ideias de modernidade e sociologia no Brasil. Ensaio sobre Luiz Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre: Editora da Universidade - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999, pp. 71-86.

DURKHEIM, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Quadrige/PUF, 1995, 8ed. \_\_\_\_\_ . *Le Suicide*. 11 ed. Paris: Quadrige/ PUF, 2002.

EDUARDO, Octávio da Costa. O processo de construção institucional. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. 2ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2009, pp. 45-51.

EMBREE, John F. *Suye Mura — a Japanese village*. Chicago: The University of Chicago Press, 1939.

EUFRÁSIO, Mário. A Escola Livre de Sociologia e Política e a Escola Paulista de Sociologia: um curto comentário e um breve depoimento. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). *A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. São Paulo: Sociologia e Política, 2009, pp. 115-126.

GAMOU, Massoa. Comunidade de Tatikawa. In: MULLER, Antônio Rubbo. SAITO, Hiroshi (Org.). *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro - Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956.

GERALDO, Endrica. A "lei de cotas" de 1934: controle de estrangeiros no Brasil. *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth (UNICAMP)*, v. 15, 2009, pp. 171-209.

GREEN, Nancy L.. Time and the study of assimilation. *Rethinking History*, v.10, n. 2, jun. 2006, pp. 239-258.

GUIDI, Maria Laís M. Elementos de análise dos ‘Estudos de Comunidade’ realizados no Brasil e publicados de 1948 a 1960. *Educação e Ciências Sociais*, vol. 10, n. 19, jan. 1962, pp. 45-87.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-brasileiros, 1987.

HARRISON, Mark. Disease, diplomacy and international commerce: the origins of international sanitary regulation in the nineteenth century. *Journal of Global History*. Vol. 1, 2006, pp. 197-217.

HATANAKA, Maria Lúcia Eiko. *O Processo Judicial da Shindo-Remmei: um fragmento da história dos imigrantes japoneses no Brasil*. São Paulo: Fundação Japão, Annablume Editora, 2002.

HOCHMAN, Gilberto. "O Brasil não é só doença": o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 16, 2009, pp. 313-331.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Tentativas de Mitologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva. (“Tradição e Transição I, II e III”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 10, 17 e 24 de outubro de 1948), 1979.

HOLLOWAY, Thomas H.. *Imigrantes para o café: café e sociedade em São Paulo, 1886-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IANNI, Octávio. “Estudo de comunidade e conhecimento científico”. *Revista de Antropologia*, vol. 9, n. 1-2, 1961.

\_\_\_\_\_. A situação social do polonês. In: IANNI, Otávio. *Raças e classes sociais no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp. 167-195.

IZUMI, Seiichi. Estudos de Comunidade no Japão. In: MULLER, Antônio Rubbo. SAITO, Hiroshi (Org.). *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro - Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956a, 29-35.

\_\_\_\_\_. Aspectos da vida do japonês no Brasil. In: MULLER, Antônio Rubbo. SAITO, Hiroshi (Org.). *Memória do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo segundo: Estudos de assimilação de imigrantes no Brasil*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956b, pp. 36-43.

KANO, Chiaki. Seiichi Izumi, 1915-1970. *American Antiquity*, Vol. 37, No. 1, Jan., 1972, pp. 82-85.

KIMURA, Rosangela. Shindô Renmei. Défaite de 1945 et conflits intra-communautaires chez les japonais du Brésil. *Cahiers du Brésil Contemporain*, n° 71/72, 2008, pp. 123-150.

KINGSBERG, Miriam. Becoming Brazilian to Be Japanese: Emigrant Assimilation, Cultural Anthropology, and National Identity. *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 56 No. 1, 2014, pp. 67-97.

KODAMA, Kaori. Imigração japonesa: debates médicos sobre raça e saúde. In: BENCHIMOL, Jaime *et al.*. *Cerejeiras e cafezais: relações médico-científicas entre Brasil e Japão e a saga de Hideyo Noguchi*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2009, pp. 43-61.

LANZA, André Luiz; LAMOUNIER, Maria Lucia. Café, imigrantes e empresas no nordeste de São Paulo (Ribeirão Preto, 1890-1930). *História Econômica & História de Empresas*, vol. 17, n. 2, 2014, pp. 567-604.

\_\_\_\_\_. A América Latina como destino dos imigrantes: Brasil e Argentina (1870 - 1930). *Cadernos PROLAM/USP*, v. 14, 2015, pp. 93-110.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *A invenção da brasilidade: identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração*. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

LIMONGI, Fernando. Mentores e Clientela da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil/ Vol.1*. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1989, pp. 111-187.

\_\_\_\_\_. Revista Sociologia. In: Isabela Oliveira Pereira da Silva, Rodrigo Estramano de Almeida. (Org.). *As Ciências Sociais em revista: temas e debates na Revista Sociologia (1939-1966)*. 1ed. São Paulo: Sociologia e Política, 2015, pp. 153-177.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva *A Campanha Continental para a erradicação do Aedes aegypti da OPAS e a Cooperação Internacional em Saúde nas Américas (1918-1968)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2013.

MAGALHÃES, Rodrigo Cesar da Silva; MAIO, Marcos Chor. Desenvolvimento, ciência e política: o debate sobre a criação do Instituto Internacional da Hiléia Amazônica. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, suplemento, dez. 2007, pp.169-189.

MAIO, Marcos Chor. O Brasil no concerto das nações: a luta contra o racismo nos primórdios da UNESCO. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* (Impresso), Rio de Janeiro, v. 5, 1998.

\_\_\_\_\_. O Projeto UNESCO e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.14, n.41, 1999, pp. 141-158.

\_\_\_\_\_. UNESCO and The Study of Race Relations in Brazil: National or Regional Issue?. *Latin American Research Review*, University of New Mexico, v. 36, n.2, 2001, pp. 118-136.

\_\_\_\_\_. Caminhos de Arthur Ramos: a busca do Brasil como projeto civilizatório. In HOCHMAN, Gilberto. LIMA, Nísia Trindade. *Médicos intérpretes do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2015, pp. 362-389.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. Cientificismo e Antirracismo no Pós-2ª Guerra Mundial: uma análise das primeiras Declarações sobre Raça da UNESCO. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. (Org.). *Raça como Questão: História, Ciência e Identidades no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010, pp. 145-171.

MAIO, Marcos Chor; OLIVEIRA, Nemeu da Silva; LOPES, Thiago da Costa. Donald Pierson e o Projeto do Vale do Rio São Francisco: Cientistas Sociais em Ação na Era do Desenvolvimento. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, 2013, pp. 245-284.

MASSI, Fernanda. Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sergio (Org.). *História das Ciências Sociais no Brasil/ Vol.1*. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda., 1989, pp. 410-460.

MEUCCI, Simone. Octavio Ianni em Curitiba: dilemas e nexos entre ciência social, ideais de modernidade e identidade regional. *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia - Resumos*, v. 1, 2007, pp. 378-378.

MIZUBUTI, Satie. Sobre a Formação da Mão de Obra Industrial no Brasil e a Imigração Estrangeira: 1890 - 1930. *GEOgraphia (UFF)*, v. 5, 2001, pp. 61-73.

MORAIS, Fernando. *Corações Sujos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011,

MOREIRA, Hildemar Cardoso. *Contenda: Sua história e sua gente*. Lapa: Gráfica Autêntica, 1995.

MOREIRA, Maria Sylvia Franco. “O estudo sociológico de comunidades”. *Revista de Antropologia*, vol. 11, n. 1-2, 1963.

NIEHUES, Leandro Garcia. A industrialização do Paraná: abordagens de um processo de desenvolvimento concentrado. *Geographia Opportuno Tempore*, Londrina, v. 1, número especial, jul./dez. 2014, pp. 454-466.

NOGUEIRA, Oracy. Os Estudos de Comunidade no Brasil. *Revista de Antropologia*, vol. 3, n. 2, 1955.

\_\_\_\_\_. Estudo de Comunidade no Brasil. In: MULLER, Antônio Rubbo. SAITO, Hiroshi (Org.). *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro - Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956, pp. 15-27.

\_\_\_\_\_. A sociologia de Hiroshi Saito. *Folha de São Paulo*, 17 de novembro de 1983, p. 3.

\_\_\_\_\_. Hiroshi Saito: 1919-1983. São Paulo: *Revista de Antropologia*. Vol. 27/28 (1984/1985), pp. 447-449.

NOVA, Sebastião Vila. *Donald Pierson e a Escola de Chicago na Sociologia Brasileira: Entre humanistas e messiânicos*. Lisboa: Vega, 1998.

NUCCI, Priscila. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil — textos e silêncios*. São Paulo: Annablume, 2010.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995a.

\_\_\_\_\_. As ciências sociais no Rio de Janeiro. In: MICELI, Sergio. (Org.). *História das ciências sociais*. São Paulo: Sumaré, 1995b, v. 2, pp. 233-307.

\_\_\_\_\_. *O Brasil dos imigrantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Márcio de. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1871-1914. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, pp. 218-237.

\_\_\_\_\_. Organizações sociais dos imigrantes poloneses e seus descendentes em Curitiba (Brasil, 1890-1938). In: MARTINS, Ismênia de Lima; HECKER,

Alexandre. *E/imigrações: histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão e Arte, 2010, pp. 83-98.

\_\_\_\_\_. A inesperada descoberta de Otávio Ianni sobre preconceito contra descendentes de imigrantes poloneses em Curitiba. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 30, n. 3, dez. 2015, pp. 799-817.

ONO, Morio. Atitude básica do pesquisador. In: MULLER, Antônio Rubbo; SAITO, Hiroshi (Org.). *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro - Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956, pp. 36-39.

PACKARD, Randall M. Malaria Dreams: Postwar Visions of World. *Medical Anthropology*, 17, 1997, pp. 279-296.

PALMER, Steve. Saúde imperial e educação popular: a Fundação Rockefeller na Costa Rica em uma perspectiva centro-americana, 1914-1921. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, Controlar, Curar. Ensaio históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.

PARK, Robert E; BURGESS, Ernest W. “Competição, conflito, acomodação e assimilação”. *RBSE — Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 38, ago. 2014, pp. 129-138,

PERU. Embajada del Peru em Japon. Panel 15: Biografía de Seiichi Izumi. 2008. Disponível em: <http://embajadadelperuenjapon.org/pdf/panel15.pdf>. Acesso em: 16 de junho de 2016.

PIERSON, Donald. *Branços e Pretos na Bahia*. São Paulo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: SAITO, Hiroshi. O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural I. *Sociologia*, v. 16, n. 3, 1954, pp. 248-283.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: SAITO, Hiroshi. *O cooperativismo na região de Cotia: Estudo de transplantação cultural*. São Paulo: Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 1956, pp. 9-12.

\_\_\_\_\_. Resenhas Bibliográficas: O japonês no Brasil: estudo de mobilidade e fixação. Pelo Professor Hiroshi Saito Ph. D. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961. 238 págs., com capa de Yuji Tamaki. *Sociologia*, v. 25, n. 2, 1963, pp. 163-169.

\_\_\_\_\_. *Teoria e Pesquisa em Sociologia*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1964.

- \_\_\_\_\_. Algumas atividades no Brasil em prol da Antropologia e outras ciências. In: CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960): Testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. São Paulo: Vértice, 1987, pp. 29-116.
- PINHO, Diva Benevides. *Dicionário de Cooperativismo*. São Paulo: E. Dotto Garcia Ltda., 1961.
- PRADO JÚNIOR, Caio. “Métodos Sociológicos”. *Fundamentos*. N°s 7-8, Dez. 1948/Jan, 1949.
- PRICE, David. *Cold War Anthropology: The CIA, the Pentagon, and the Growth of Dual Use Anthropology*. Durham e Londres: Duke University Press Books, 2016.
- QUEIROZ, Thaíla Guimarães. As restrições imigratórias na “Revista de Imigração e Colonização” (1940-1945). *Recôncavo*, vol. 3, n. 5, jul-dez, 2013.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à Antropologia Brasileira — volume II — As culturas europeias e os contatos raciais e culturais*. Rio de Janeiro: CEB, 1947.
- REDFIELD, Robert; LINTON, Ralph; HERSKOVITS, Melville. Memorandum for the study of acculturation. *American Anthropologist*, 1936.
- ROSEN, George. *Da Polícia Médica à Medicina Social*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- ROSEVICS, Larissa. *O Instituto Histórico Geográfico Paranaense e a construção de um imaginário regional*. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- SAKURAI, Celia. *Imigração tutelada, os japoneses no Brasil*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- SAMPAIO-SILVA, Orlando. O antropólogo Herbert Baldus. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 43, n.2, 2000.
- SCHADEN, Egon. Aculturação de alemães e japoneses no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 4, 1956, pp. 41-46.
- SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, 1997, pp. 95-131.
- SIMÕES, Júlio Assis. Apresentação: Um ponto de vista sobre a trajetória da Escola de Sociologia e Política. In: KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Júlio Assis. (Org.). A

*Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação 1933-1953*. São Paulo: Sociologia e Política, 2009, pp. 35-42.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Ismara Izepe de. O rigor da intolerância: a seleção dos imigrantes espanhóis realizada pelo Ministério das Relações Exteriores e pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização (1950-1960). *Extensão e Cultura* (UFG), v. 3, 2010, pp. 113-121.

STONEQUIST, Everett. The Problem of the Marginal Man. *American Journal of Sociology*, v. 41, n. 1, Jul., 1935, pp. 1-121.

TANIGUTI, Gustavo Takeshy. *Cotia: imigração, política e cultura*. 2015. 345 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

TANIGUTI, G. T.; JESUS, M. G.. Sociologie de l'immigrant: Hiroshi Saito et l'institutionnalisation des études sur les Japonais du Brésil (1940-1960). *Brésil(s)*, v. 2, 2012, pp. 201-224.

TELAROLLI Jr., Rodolpho. Imigração e epidemias no estado de São Paulo. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, III (2), Jul.-Oct. 1996, pp. 265-283.

TRUZZI, Oswaldo. Assimilação ressignificada: novas interpretações de um velho conceito. *DADOS*, Rio de Janeiro, vol. 55, n 2, 2012, pp. 517-553.

TSUKAMOTO, Tetsundo. América-Mura, uma comunidade de emigrantes. In: MULLER, Antônio Rubbo; SAITO, Hiroshi (Org.). *Memórias do I Painel Nipo-Brasileiro - Tomo primeiro: estudos de comunidade no Brasil e no Japão*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956a, pp. 40-44.

\_\_\_\_\_. Japoneses no Norte do Paraná. In: MULLER, Antônio Rubbo; SAITO, Hiroshi (Org.). *Memória do I Painel Nipo-Brasileiro — Tomo segundo: Estudos de assimilação de imigrantes no Brasil*. São Paulo: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, 1956b, pp. 50-55.

UNESCO. La Conférence sur l'intégration culturelle des immigrants, La Havane, avril 1956. *Le Bulletin International de Sciences Sociales*, Paris, v. 9, n. 1, mar. 1957, pp. 137-148.

VALLADARES, Lícia Prado. Apresentação. In: VALLADARES, Lícia do Prado. *A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UFMG/IUPERJ, 2005.

VELHO, Gilberto. Reflexões sobre a Escola de Chicago. In: VALLADARES, Lícia do Prado. *A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Editora da UFMG/IUPERJ, 2005.

VIANNA, Francisco José Oliveira. *Raça e assimilação*. 2a ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

VILLAS BÔAS, Gláucia K.. De Berlim a Brusque de São Paulo a Nashville: A Sociologia de Emílio Willems Entre Fronteiras. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v. 12, 2000, pp. 171-188.

\_\_\_\_\_. *Mudança provocada. Passado e futuro no pensamento sociológico brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

WAGLEY, Charles. Estudos de Comunidade no Brasil sob perspectiva nacional. *Sociologia*, São Paulo, v. 16, n. 2, maio 1954, pp. 3-22.

WEBER, 2011. Historiografia da imigração polonesa: entre números e identidades. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História — ANPUH*. São Paulo, julho, 2011.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e Populações Marginais no Brasil: Estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

\_\_\_\_\_. Recreação e assimilação: entre imigrantes alemães e japoneses e seus descendentes. *Sociologia*, v. 3, n. 4, 1941, pp. 302-310.

\_\_\_\_\_. A assimilação dos judeus. *Sociologia*, v. 7, n. 1/2, p. 54 - 67, 1945.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da aculturação dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: USP, 1948.

\_\_\_\_\_. O Problema da Imigração Japonesa. *Revista de Imigração e Colonização*. Rio de Janeiro, jun. 1946, pp. 276-278.

\_\_\_\_\_. Problemas de imigração III — A contribuição das Ciências Sociais. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 out. 1947a, p. 8.

\_\_\_\_\_. Problemas de Imigração VI — aspectos básicos da assimilação. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 08 nov. 1947b, p. 2.

\_\_\_\_\_. Problemas de Imigração VI — aspectos básicos da assimilação. *Revista de Imigração e Colonização*. Rio de Janeiro, dez. 1947c, pp. 101-103.

\_\_\_\_\_. *Uma vila brasileira: Tradição e transição*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

\_\_\_\_\_. Dezoito anos no Brasil. Resumo de atividades didáticas e científicas. In: CORRÊA, Mariza. *História da Antropologia no Brasil (1930-1960): Testemunhos: Emílio Willems e Donald Pierson*. São Paulo: Vértice, 1987, pp. 117-127.

WILLEMS, Emílio. BALDUS, Herbert. Mudança cultural entre imigrantes japoneses no Brasil, no Vale do Ribeiro de São Paulo. *Plural*, v. 19, 2012 [1942], pp. 139-148.

WORTMANN, Klaus. A Antropologia Brasileira e os Estudos de Comunidade. *Universitas*, n. 11, 1972, pp. 103-140.

**Anexo 1 – Principais marcos da História da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito**

Ano	1868	1886	1898	1908	1914	1916	1917
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>	-Restauração de Meiji	- Início do movimento imigratório de japoneses para o Havai.	- Início da imigração japonesa para o Peru.	- 18 de junho: chega ao Porto de Santos o navio <i>Kasato-Maru</i> trazendo os primeiros imigrantes japoneses para o Brasil.	- Chegada dos primeiros imigrantes japoneses à Cotia.	- Criação da Associação Japonesa na comunidade japonesa em Cotia.	- Criação de uma escola que ensinava português e japonês para os filhos dos imigrantes japoneses em Cotia.
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>							
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>							

Ano	1919	1926	1927	1932	1933	1934
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>			- Setembro: fundação da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC).			- Movimento de boicote dos produtos da CAC por parte dos comerciantes paulistanos e resolução do conflito.  - Aprovação da lei que limita a entrada de imigrantes no território brasileiro.
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	- 02 de janeiro: nascimento em Uriuno, província de Miyazaki, no Japão.	- Entra para a Escola Primária de Uriuno, na Japão.		- Interrompe os estudos na Escola Ginásial de Uriuno, no Japão.	- 11 de janeiro: chegada da família Saito ao Brasil a bordo do navio Afrika Maru.  - 14 de janeiro: chegada à Fazenda Fonseca, em Serra Azul (SP).  - Saito vai para a Escola M'Boy.	
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>						

Ano	1935	1937	1940	1942	1943	1944	1945
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>		- Aprovação das leis de nacionalização, no Estado Novo.		- Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em lado oposto ao Japão.  - Interrupção da imigração japonesa para o Brasil		- Criação da associação secreta Shindô-Renmei.	- Fim da Segunda Guerra Mundial e derrota do Japão.
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	- Termina os estudos na Escola M'Boy.		- 30 de junho: Saito se casa com Shizu Saito.  - Primeiros anos da década de 1940: Saito trabalho na Câmara do Comércio Japonesa.		- Foi informante de Willems em pesquisas sobre japoneses.		
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>							

Ano	1946	1947	1949	1950	1951	1952
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>					- Retomada da imigração japonesa para o Brasil.	
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	- 15 de julho: começa oficialmente em encontros do Doyokai, na casa de Hachiya-san.	- Participa da inauguração do Jornal Paulista. - Ingressa como aluno de Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política.	Saito trava contato com Pierson.	Saito torna-se aluno regular da ELSP.	- Se forma na graduação de Ciências Sociais na ELSP.	- Setembro: começa a trabalhar como assistente de pesquisa de Izumi. - Pesquisa sobre aculturação dos japoneses nos estados de São Paulo, Paraná, Pará e Amazonas.
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>		- Artigo "Shindô-Renmei: um problema de aculturação" em coautoria com Willems, em Sociologia.				

Ano	1953	1954	1955	1956
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>				
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Março: fim da pesquisa com Izumi.</li> <li>- Início da pesquisa sobre o cooperativismo no estado de São Paulo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicia o mestrado na ELSP (bolsa CAPES).</li> <li>- Pesquisa nos núcleos coloniais do estado de Mato Grosso, Bahia, São Paulo e Paraná (Patrocínio do INIC).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Viagem de estudo à Bolívia e ao Peru.</li> <li>- Pesquisa nos núcleos coloniais dos territórios de Roraima, Amapá e estados do Pará e Amazonas.</li> <li>- Pesquisa sobre os poloneses no Paraná.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Termina o mestrado na ELSP.</li> <li>- Termina a pesquisa sobre os poloneses no Paraná.</li> </ul>
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capítulo “Introduction as to Cultural Anthropology and Sociology”.</li> <li>- Artigo “Brazil ni okeru jinruigaku ouobi shakaigaku”, em Mizoki gaku kenkyu (em japonês).</li> <li>- Artigo “Pesquisas sobre a aculturação de japoneses no Brasil”, em Sociologia.</li> <li>- Artigo “Suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo”, em Sociologia.</li> <li>- Artigo “Sociological researches of the Japanese Immigrants in Brasil”, em The Japanese Review.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro Amazon Sono Fudo to Niponjin (em japonês).</li> <li>- Artigo “Brazil”, em Sekai Bunka Chiri Teikei (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Nippon-Imim wo meguru Yoron no Sui”, em Brasil no Iminmondai (em japonês).</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro O Cooperativismo na Região de Cotia: estudo de transplantação cultural.</li> <li>- Capítulo “Minami Bahia no Cacao-chitai”, em Nordeste no fudo to shakai (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Mobilidade e assimilação dos imigrantes japoneses”, em Memórias do Primeiro Painei Nipo-Brasileiro.</li> </ul>

Ano	1957	1958	1959
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>		- Comemoração do cinquentenário da imigração japonesa no Brasil com a participação do príncipe Mikasa.	
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<p>- Viagem aos EUA (Universidades de Columbia, Havard, Berkeley e Los Angeles).</p> <p>- Leciona no “The Research Institute for Economics and Business Administration” da Universidade Tóquio (bolsista individual de viagem e pesquisa no Japão da Fundação Rockefeller).</p> <p>- Fevereiro: viaja para assumir o cargo de professor-visitante na Universidade de Kobe.</p> <p>- Abril: começa a lecionar no Japão no curso sobre “Sociedade e Cultura na América Latina”.</p> <p>- Pesquisa no Japão em comunidades rurais e sobre a aculturação dos católicos japoneses, termina em 1959.</p>		- Retorna do Japão com o título de Doutor em Economia e se torna de professor da ELSP
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<p>- Artigo “Sengo Imin no Teichaku to Doka”, em Imin (em japonês).</p> <p>- Capítulo “Ryudo Hojin Ijusha: Para-shu Monte Alegre Shokuminchi”, em Amazon no shizen shakai (em japonês).</p> <p>- Capítulo “Amazon Hankyo no Ijusha”, em Amazon no shizen to shakai (em japonês).</p> <p>- Artigo “Habitação rural dos japoneses nos estados de São Paulo e Paraná”, em Anais da II reunião brasileira de Antropologia.</p> <p>- Artigo “Japanese immigrants in Brazil: its problems and trends”, em Report presented at the Third International Catholic Migration Congress (Itália).</p> <p>- Capítulo “Amazon henkyo no ijusha”, em Amazon no shizen to shakai (em japonês).</p> <p>- Artigo “Sengoimin no teichaku to doka Dourados oyobi Uma skokuminchi no jirei”, em Imin (em japonês).</p>	<p>- Artigo “Ijusha no boson”, em International Economic Review (em japonês).</p> <p>- Artigo “Ijusha no Tekyo-katei no okeru Sho-mondai”, em Kokusai Iju (em japonês).</p> <p>- Artigo “A assimilação do imigrante japonês no Brasil”, em Kobe Economic &amp; Business Review.</p> <p>- Artigo “Tipos e formas e emigração e processos de seleção, em Observador Econômico e Financeiro.</p> <p>- Artigo “A emigração e os problemas da população no Japão”, em Observador Econômico e Financeiro.</p> <p>- Artigo “Estudos sobre o Brasil e a América Latina e o Japão”, em Sociologia.</p> <p>- Artigo “Alguns aspectos da adaptação de imigrantes japoneses no Brasil”, em Sociologia.</p>	<p>- Capítulo “Portugal shokuminchi” e “Atashii shakai”, em Sekaishi Bunkashi. Teikei (em japonês).</p> <p>- Artigo “Shakai kaiso to Jinshu kankei”, em Kokumin Keizei Zasshi (em japonês).</p> <p>- Artigo “Ijusha to Kyodo Kumiai”, em International Economic Review (em japonês).</p> <p>- Artigo “Hojin Ijusha Kazoku no Keishiki Kosei to Kadoryoku”, em Kokumin Keizei Zasshi (em japonês).</p> <p>- Artigo “Alguns aspectos da mobilidade dos japoneses no Brasil”, em Kobe Economic &amp; Business Review.</p>

Ano	1960	1961	1962
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>			
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>		<p>Retorna a CAC para nova pesquisa.</p> <p>- Viagem de pesquisa no Paraguai (2 meses), sobre aculturação dos japoneses, e na Argentina.</p> <p>- Diretor da Escola Pós-Graduada de Ciências Sociais da ELSP (até 1964).</p>	<p>- Fim da segunda pesquisa na CAC.</p> <p>- Foi bolsista da OGA (União Pan-americana) para pesquisa no Peru sobre a população de origem japonesa (3 meses).</p>
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<p>Livro Brasil no Niponjin (em japonês).</p> <p>- Artigo “Shudan Nyushoku to Bunsan Nyushoku to Busan Nyushoku no Mondaiten”, em Nambei no Keizai to Imin (em japonês).</p> <p>- Artigo “Mobilidade de ocupação e de status de um grupo de imigrantes”, em Sociologia.</p> <p>- Artigo “Família do imigrante japonês para o Brasil”, em Sociologia.</p> <p>- Artigo “Some aspects of the spatial mobility of Japanese immigrants in Brazil”, em International Economic Review.</p>	<p>- Livro Kumiai to Chiki Shakai (em japonês).</p> <p>- Livro Kuroshima: Dekasegui to Iju no Shima (em japonês).</p> <p>- Livro O Japonês no Brasil.</p> <p>- Artigo “Latin America no Shakai Minzoku Shuraku”, em Shinsekai Chiri (em japonês).</p> <p>- Artigo “Ijusha Shakai no Sho-shudan”, em Kokusai iju (em japonês).</p>	<p>- Artigo “Brazil seikai saikin no doko”, em Latin America kenkyu (em japonês).</p>

Ano	1963	1964	1965
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>			
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leciona no curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica até 1964.</li> <li>- Viagem ao México para participar como membro da delegação brasileira junto ao Congresso Mexicano de Reforma Agrária.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leciona no curso de Ciências Sociais Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santo André.</li> </ul>
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro Contenda: assimilação de poloneses no Paraná.</li> <li>- Artigo “Peru Zaiju Nikkeijin no Jinko to Kazoku”, em Latin America kenkyu (em japonês).</li> <li>- Artigo “A aculturação de japoneses no Brasil e no Peru”, em Revista do Museu Paulista.</li> <li>- Capítulo “Gaikoku imin no eikyō”, em Minami Rio Grande no Shakai no Sangyo (em japonês).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Artigo “Brazil no Nationalism”, em Latin America kenkyu (em japonês).</li> <li>- Artigo “Cooperativa Agrícola de Cotia no Brasil”, em Las Cooperativas como metodo de desarrollo de regiones y comunidades.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro O cooperativismo e a comunidade.</li> <li>- Artigo “Brazil no okeru gaikoku imin no kenkyo”, em Latin America kenkyu (em japonês).</li> </ul>

Ano	1966	1967	1968	1969
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>				
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<p>- Janeiro a abril: professor-visitante associado do Departamento de Sociologia da Universidade da Flórida.</p> <p>- Março: participação do Conference on the Highland Communities of Latin America, Cornell University.</p> <p>- Maio: viagem à Inglaterra e visita à London School of Economics.</p>	<p>- Leciona no curso de Ciências Sociais Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Osasco, até 1969.</p>	<p>- Viaja ao Japão e participa do VII Congresso Internacional de Ciências Antropológicas e Etnológicas, em Tóquio.</p>	<p>- Começa a lecionar na ECA.</p>
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<p>- Livro Beikoku Shuyo Daigaku ni Okery latin America Kenkyu (em japonês).</p> <p>- Capítulo “Brazil shakai to shusse shugi”, em Kenkyu report (em japonês).</p> <p>- Artigo “Beikoku shuyo daigaku ni okery Latin America kenkyu”, em Latin America Kyokai (em japonês).</p>	<p>- Livro The Japanese and their descendents em Brazil: an annotated bibliography (em japonês).</p> <p>- Capítulo “Japoneses e seus descendentes no Brasil”, em Livro do Ano Barsa.</p>	<p>- Capítulo “O japonês no estado de São Paulo”, em São Paulo, espírito, povo e instituições.</p>	<p>- Livro Vargas Igo: Brazil no Seiji to Shakai (em japonês).</p> <p>- Capítulo “Brazil no Nikkei Colonia”, em Brazil Iju 60-nen (em japonês).</p>

Ano	1970	1971	1972	1973	1974
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>					
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Se desliga da ELSP.</li> <li>- Novembro: participação como “Foreign Fellow” no Congresso Americano de Antropologia, San Diego, Califórnia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisa sobre os problemas de desenvolvimento rural (até 1974).</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Viagem ao Japão e aos EUA para coleta de subsídios para pesquisas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Viagens ao Paraná e Santa Catarina.</li> <li>- Viagem ao Panamá para o seminário sobre minorias étnicas.</li> <li>- Bolsista do “The Developing Economics” do Tóquio, como “visiting researcher”, até 1975.</li> </ul>
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Artigo “Kachigumi-a collective delusion among the Japanese and their descendants in Brazil”, em Canadian Psychiatric Association Journal.</li> <li>- Artigo “Subsídios para o estudo dos hábitos alimentares em São Paulo”, em Ciências Econômicas e Sociais.</li> <li>- Artigo “Situação do ensino primário em Osasco”, em Ciências Econômicas e Sociais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Artigo “Brazil no toshi to nosson”, em Kenkyu Report (em japonês).</li> <li>- Artigo “Ensaio de uma pesquisa de ‘força de trabalho’ no município de Osasco”, em Ciências Econômicas e Sociais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro O Brasil rural e o Brasil urbano.</li> <li>- Artigo “A sociedade japonesa e seu caminho de industrialização”, em Ciências Econômicas e Sociais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Artigo “Prodoeste keikaku tokuni doro mono seibi ni tsuite”, em Kenkyu Report (em japonês).</li> <li>- Artigo “Chi-ili kaihatsu to indio”, em Kenkyu Report (em japonês).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro Atarashii Brazil (em japonês).</li> <li>- Livro Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil.</li> <li>- Artigo “Minami America no Shakai-Gaku”, em Shakai-gaku Koza: Rekishi (em japonês).</li> <li>- Artigo “Brazil no nogyo Kaihatsu to nosson”, em Brazuill Keizai Kaihatsu Chosa (em japonês).</li> <li>- Artigo “Papel do grupo japonês no desenvolvimento sócio-econômico do Brasil”, em Seminário sobre as minorias étnicas (africanas e asiáticas) na América Latina.</li> </ul>

Ano	1975	1976	1977
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>			
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Viagem ao oeste paulista para estudar os efeitos da geada sobre as comunidades rurais.</li> <li>- Pesquisa sobre a transferência de tecnologia no setor agrícola.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Viagem ao norte do Paraná (Comunicação Rural).</li> <li>- Viagens para o Recife, Salvador, Manaus e Belém, e regiões do cerrado (Pato de Minas e São Gotardo, em Minas Gerais).</li> <li>- Bolsa do Ministério de Relações Exteriores do Japão para participar de eventos no Japão.</li> <li>- Assessoria à estruturação de um Centro de Estudos Latino-americanos na Universidade Tsukuba, no Japão (até 1977).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Participa do Seminário de Estudos Brasileiros da Universidade Nacional do Tsukuba (Japão).</li> </ul>
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro Brazil ni Kurasu (em japonês).</li> <li>- Artigo “Cotia Seinen no 20-nen”, em Revista da Associação de Cotia Seinen (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Kyoiku to Shakai Hendo”, em Gendai Brazil no Shakai Hendo (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Brazil ni okeru Nippon no shinshutsu kigyo”, em Kobe Shoko Dayori (em japonês).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro Brazil ni Seiji (em japonês).</li> <li>- Artigo “Comportamento e estratégias dos empresários japoneses”, em Tendência.</li> <li>- Artigo “Ju-zoku kara yoko no kyo-cho kankei-e”, em Chidyo (em japonês).</li> <li>- Artigo “Brazil saikin no shakai mondai”, em Latin America Jiho (em japonês).</li> <li>- Artigo “Brazil no okeru nipponjun no doka ni tsuite”, em Iju Kenkyu (em japonês).</li> <li>- Artigo “The integration and participation of the Japanese and the descendants in Brazilian society”, em International Migration.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro A integração e a participação de japoneses e descendentes na sociedade brasileira.</li> <li>- Artigo “Brazil no nikkeijin: tokuni shakai-e no teki wo nitsuite”, em Fukuoka UNESCO (em japonês).</li> <li>- Artigo “Brazil-jin no kishitsu”, em Minzoku Bunka (em japonês).</li> <li>- Artigo “Nikkeijin to Brazil nogyo”, em XXI-seiki no Shokuro Kichi Brazil (em japonês).</li> </ul>

Ano	1978	1979	1980
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>			
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Janeiro: viagem à Universidade de Kyoto e Okinawa.</li> <li>- Dezembro: participação no evento Instituições culturais e científicas do Japão.</li> <li>- Participa da criação do Museu de Imigração Japonesa, de onde foi um dos organizadores da sua criação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Visita aos núcleos coloniais do Alto Paraná (Encarnación) e Iguazú, no Paraguai.</li> <li>- Contato com instituições de ensino e pesquisa como assessor do professor Dr. Antônio Guimarães Ferri.</li> <li>- Foi ao Peru para ser assessor do projeto de construção do Museu de Imigração Japonesa, a pedido da embaixada do Japão em Lima.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Criação da Associação Nipo-Brasileira de Intercambio de Jovens.</li> <li>- Viagem ao Japão para firmar convênio entre ECA-USP e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Osaka.</li> <li>- Viagens para Florianópolis, Blumenau, Curitiba (SC), Mogi das Cruzes, Registro, Londrina e Joinville.</li> </ul>
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro Brazil Shakai to Nippon (em japonês).</li> <li>- Livro Gaikokujin ni natta Nipponjin (em japonês).</li> <li>- Livro Latin America Genda-shi I (em japonês).</li> <li>- Artigo “Imin shiryō-kan no imi wo kangaeu”, em Kenkyū Report (em japonês).</li> <li>- Capítulo “With Seiichi Izumi: Amazon no nikkei tati”, em Gendai no Espirit: Imin (em japonês).</li> <li>- Publica “Brazil to Nippon: Tsukuba Daigaku Brazil Seminar Hokoku-sho” (em japonês).</li> <li>- Publica “Sengo no Nippon: Kokusai Symposium” (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Nipponjin to Braziljin tokuni Brazil shakei ni okeru teki wo megutte”, em Brazil nyu-mon Seminar (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Test sareru nippon no kokusai-sei”, em Simpósio sobre intercâmbio nipo-brasileiro (em japonês).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capítulo “Brazil iju ni iji to sharai”, em Symposium: Kaigai liyu no lji wo motomete – Brazil 70-nen kinen (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Nipponjin to kokusai communication: Brazil no baai”, em Toward more effective and improved international communication (em japonês).</li> <li>- Capítulo “Doka mondai no kangae kata”, em Brazil no Nikkeijin (em japonês).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro A presença japonesa no Brasil.</li> <li>- Livro Brasil Nippon Imin 70 nem Shi 1808-1978 (em japonês).</li> <li>- Artigo “Amazon no nikkeijin”, em Kenkyū Report (em japonês).</li> <li>- Artigo “Brazil no nikkeijin: sono gengo to tendo”, em Ibero-America Kenkyū (em japonês).</li> <li>- Artigo “Latin America no okeru shakai hendo”, em Gendai Shakai Ron (em japonês).</li> <li>- Artigo “Shin tairiku no nikkei hakubutsukan”, em Minpaku (em japonês).</li> </ul>

Ano	1981	1983	1984
<b>Marcos da Imigração Japonesa nos trabalhos de Hiroshi Saito</b>			
<b>Vida de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Viagem para Belém, Parinteno (PA) e Manaus.</li> <li>- Viagem para Pirapora (MG) para o estudo de observação do programa de irrigação nas terras do cerrado.</li> <li>- Viagem para Vitória (ES) para o estudo de mudanças no quadro urbanístico de comunicação.</li> <li>- Viagem para o Japão como participante do Congresso Reunião de Estudos em Osaka.</li> <li>- Exame e análise de “joint study” equipe ECA-Osaka e contato com a Universidade Sofia, Tóquio, Ministério da Educação.</li> <li>- Viagem à Seul, na Coréia do Sul, para visitar museus.</li> </ul>	- 31 de outubro: morre Hiroshi Saito.	
<b>Publicações de Hiroshi Saito</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capítulo “Relação entre a cultura e os padrões de tecnologia de um lado, e a ciência e tecnologia de outro”, em A cultura japonesa e sua influência na atividade empresarial.</li> <li>- Artigo “Shin tairiku no nikkei hakubutsukan”, em Habutsu-kan to Bidjutsu-kan (em japonês).</li> </ul>	- Livro Denki Senichi Hachiya (em japonês).	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro Atarashii Brasil (em japonês).</li> <li>- Livro Brazil to Nipponjin (em japonês).</li> </ul>

## Anexo 2 – Foto de Hiroshi Saito

Figura 1 - Seminário de Antropologia e Sociologia da Pós-Graduação. Aula do Professor Muller, na qual Hiroshi Saito (à direita) falou sobre a Amazônia.



Fonte: Acervo da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (AFESPSP).